

**LICEU ALLAN KARDEC**  
**BURI-SP**

***CENTRO ESPÍRITA SINHANINHA***

***ESCOLA DE ESPIRITISMO***

***J. HERCULANO PIRES***

**SEGUNDO ANO**



***QQQ - QUEIROZ***

**LIVRARIA, EDITORA E DISTRIBUIDORA**

**Rua Inácio Xavier Luiz, n. 10 – Vila Sene**

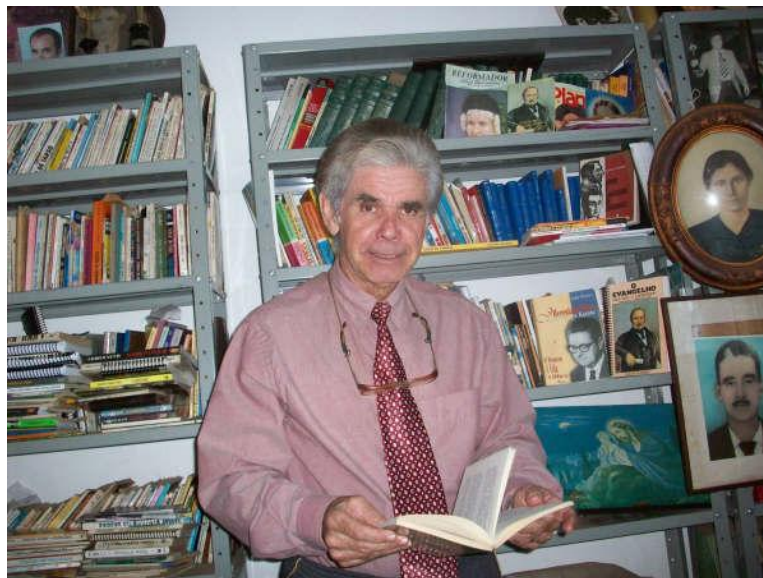
**BURI-SP. CEP 18.290.000. Fone (15) 3546-1191**

**e-mail – [jose.fleuri@itelefonica.com.br](mailto:jose.fleuri@itelefonica.com.br)**

**site: [www.qqqueiroz.com.br](http://www.qqqueiroz.com.br)**

## DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

### PRIMEIRA DOBRA DA CAPA (DIANTEIRA)



**JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941, é Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteadó (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996). Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – *scripto sensu* -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário de 1998 até 2.001, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT). É autor dos livros sobre Filosofia do Direito, pela Editora Mundo Jurídico: “A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER À Luz da Filosofia e do Direito Natural” (2003), “CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA” - Projeto Comentado (1ª. Edição/ 2006, 2ª. Edição/2010), “SUICÍDIO É OU NÃO É CRIME?” (em parceria com seu filho Dr. Allan Francisco Queiroz, 2007), MEDICINA ESPÍRITA - CIÊNCIA MÉDICA (2009), PENA DE DURAÇÃO INDETERMINADA (Filosofia do Direito e Filosofia Espírita – 2009).

## **CONTRA CAPA**

## **AGRADECIMENTOS**

## **INTRODUÇÃO E RESUMO**



# ESCOLA DE ESPIRITISMO

## SEGUNDO ANO

### ÍNDICE ANALÍTICO

#### PRIMEIRA PARTE

##### CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA

- Características fundamentais da Doutrina Espírita. Estrutura e sentido de “O Livro dos Espíritos”. As demais obras da Codificação e suas relações com “O Livro dos Espíritos”. (11).
- Função e Significação da “Revista Espírita” de Allan Kardec. (24)
- Exame Geral da Estrutura da Codificação. A Doutrina Tríplice. (32). O Homem Trino. (34). Pluralismo e Monismo. (35). Triângulo de Forças. (37).
- A Ciência Admirável. (39). Os Caminhos da Ciência. (39). Dualidade na Unidade. (40). Espírito e Matéria. (42). Sementes de Fogo. (44).
- Cosmovisão Espírita. (46). Mundo de Regeneração. (46). Humanidade Cósmica. (46). Destinação da Terra. (47). Ordem Moral. (49). Império da Justiça. (52).
- Revolução Cósmica. (55). Cosmossociologia Espírita.(60). Parassociologia. (63). Cosmossociologia. (63).
- Conquista de Marte. (66). Desenvolve-se a ciência positiva nos rumos da concepção espiritual. (66).
- Revista Espírita. 1858. Marte e Júpiter (69). Júpiter e outros mundos. (70). Descrição de Júpiter. (75). Estado físico do Globo. (76). Estado físico dos habitantes. (76). Os Animais. (78). Estado Moral dos Habitantes. (78). A propósito dos desenhos de Júpiter. (80). Habitações de Júpiter. (81).
- Revista Espírita. Outubro de 1860: Marte. (89). Júpiter. (90). Perguntas e problemas diversos. Fevereiro de 1861. (91).
- Revista Espírita. Janeiro de 1863. Bibliografia de Camille Flammarion. (92).

#### SEGUNDA PARTE

##### CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

- Deus como necessidade lógica e exigência intrínseca da consciência humana na Relação Deus-Universo. A trindade universal ou estrutura tríplice do Universo. (97). A experiência de Deus. (97). Experiência (de Deus) no Tempo. (102). Deus, Espírito e Matéria. (106).
- Elementos Gerais do Universo: Espírito e Matéria. (110).
- Dualismo absoluto e dualismo relativo. (115). O monismo espírita. (115). As Filosofias Atuais em face dessas posições espíritas.(115). Dualidade na Unidade. (115). Espírito e Matéria. (117). Pluralismo e Monismo. (118). Epistemologia Espírita. (120). Colaboração Intereexistencial. (126). O Existencialismo Perante a Parapsicologia. (130).

#### TERCEIRA PARTE



## **CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA**

- As provas científico-espíritas da sobrevivência. (135). Confirmações da sobrevivência pela pesquisa psíquica e metapsíquica. (135). Posição atual do problema na Parapsicologia. (135). Conceito Atual da Morte. (135). Os Vivos e os Mortos. (140). Os Mortos Ressuscitam. (144).

- Parapsicologia Hoje e Amanhã: O que é o homem? (149). O que é Parapsicologia? (152). Mec.- Mergulho no Passado. (155). GI – Gravação do Inaudível. (162). A Física Descobre a Fonte do Paranormal. (164). Parapsicologia Amanhã: Palingenesia – Síntese Dialética. (168). O processo palingenésico. (170). Imanência e Transcendência. (172). Razão da dialética palingenésica. (174). Carington e a Parassociologia. (177). Implicações Sociológicas. (179). PSI e as transformações sociais. (181). PSI e o Realismo. (183).

- A Mediunidade como faculdade humana normal: mediunidade generalizada e mediunidades específicas. (186). Confirmações da teoria mediúnica pelas pesquisas metapsíquicas e parapsicológicas: Questões Iniciais. (186). Conceito de Mediunidade. (189). Mediunidade Estática. (193). Mediunidade Dinâmica. (197). O Livro dos Médiuns: Contradições e Mistificações. (201). Das Contradições. (201). Das Mistificações. (206). Charlatanismo e Prestidigitação. (208). Médiuns Interesseiros. (208). Fraudes Espíritas. (211). Papel dos Médiuns nas Comunicações. (215). Influência do Espírito do Médium. (215). Sistema dos Médiuns Inertes. (215). Aptidão de certos médiuns para línguas, música, desenho, etc. (215). Dissertação de um Espírito sobre o Papel dos Médiuns. (215).

- O Problema das Mistificações. (225). Como combater o Espiritismo. (234).

## **QUARTA PARTE**

### **CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA**

- O problema da legitimidade e do valor dos textos bíblicos e evangélicos. (241). Bíblia e Evangelho. (241). O Livro dos Espíritos como seqüência natural da Bíblia. (245). A Bíblia e o Espiritismo. (248).

- O Livro dos Espíritos. Considerações e Concordâncias Bíblicas Referentes à Criação. (256).

- A Gênese. Gênese Mosaica. (259). Introdução. (272). A Primeira Edição Publicada em Janeiro de 1868. (272). A Gênese e o Evangelho Segundo o Espiritismo. (275). Caráter da Revelação Espírita. (275).

- O Evangelho Segundo o Espiritismo: Explicação. (298). Prefácio. (299). Objetivo desta Obra. (299). Autoridade da Doutrina Espírita. (301). Controle Universal do Ensino dos Espíritos. (301). Não Vim Destruir a Lei. (306). Moisés. (306). Cristo. (307). O Espiritismo. (307) Aliança da Ciência com a Religião. (308). A Nova Era. (309).

- Os Três Caminhos de Hécate (livro de J. Herculano Pires). Moral e Religião. (312). Sincretismo Religioso. (313). Mediunidade Bíblica. (315). Fanatismo Sectário. (316). Religião Espiritual. (318).

## **BIBLIOGRAFIA**

**ESCOLAS DE ESPIRITISMO**

**J. HERCULANO PIRES**

**SEGUNDO ANO**

**PRIMEIRA PARTE**

***“CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA”***

## SEGUNDO ANO

### PRIMEIRA PARTE

#### *CADEIRA DE DOCTRINA ESPÍRITA*

**Características fundamentais da Doutrina Espírita. Estrutura e sentido de *O Livro dos Espíritos*. As demais obras da Codificação e suas relações com *O Livro dos Espíritos*.**

##### *a) Introdução ao Livro dos Espíritos - por Herculano Pires*

***NOTA: Esta introdução foi redigida pelo tradutor por ocasião da edição especial da LAKE, comemorativa do centenário do "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", em 18 de abril de 1957.***

Com este livro, a 18 de abril de 1857, raiou para o mundo a era espírita. Nele se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Paráclito ou Espírito da Verdade. Dizer isso equivale a afirmar que "O Livro dos Espíritos", é o código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história do pensamento. Este não é um livro comum, que se pode ler de um dia para o outro e depois esquecer num canto da estante. Nosso dever é estudá-lo e meditá-lo, lendo-o e relendo-o constantemente.

Sobre este livro se ergue todo um edifício: o da Doutrina Espírita. Ele é a pedra fundamental do Espiritismo, o seu marco inicial. O Espiritismo surgiu com ele e com ele se propagou, com ele se impôs e consolidou no mundo. Antes deste livro não havia Espiritismo, e nem mesmo esta palavra existia. Falava-se em Espiritualismo e Neo-Espiritualismo, de maneira geral, vaga e nebulosa. Os fatos espíritas, que sempre existiram, eram interpretados das mais diversas maneiras. Mas, depois que Allan Kardec o lançou à publicidade, "contendo os princípios da Doutrina Espírita", uma nova luz brilhou nos horizontes mentais do mundo.

Há uma seqüência histórica que não podemos esquecer, ao tomar este livro nas mãos. Quando o mundo se preparava para sair do caos das civilizações primitivas, apareceu Moisés, como o condutor de um povo destinado a traçar as linhas de um novo mundo: e de suas mãos surgiu a Bíblia. Não foi Moisés quem a escreveu, mas foi ele o motivo central dessa primeira codificação do novo ciclo de revelações: o cristão. Mais tarde, quando a influência bíblica já havia modelado um povo, e quando este povo já se dispersava por todo o mundo gentio, espalhando a nova lei, apareceu Jesus: e das suas palavras, recolhidas pelos discípulos, surgiu o Evangelho.

A Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o código hebraico em que se fundiram os princípios sagrados e as grandes lendas religiosas dos povos antigos. A grande síntese dos esforços da Antigüidade em direção ao espírito. Não é de admirar que se apresente, muitas vezes, assustadora e contraditória.

ria, para o homem moderno. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã, a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na figura do Cristo, o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária. Mas, assim como, na Bíblia, já se anunciava o Evangelho, também neste aparecia a predição de um novo código, o do Espírito da Verdade, como se vê em João, XVI. E o novo código surgiu pelas mãos de Allan Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, no momento exato em que o mundo se preparava para entrar numa fase superior do seu desenvolvimento.

Hegel, em suas lições de estética, mostra-nos as criações monstruosas da arte oriental, - figuras gigantescas, de duas cabeças e muitos braços e pernas, e outras formas diversas, - como a primeira tentativa do Belo para dominar a matéria e conseguir exprimir-se através dela. A matéria grosseira resiste à força do ideal, desfigurando-o nas suas representações. Mas acaba sendo dominada, e então aparecem no mundo as formas equilibradas e harmoniosas da arte clássica. Atingido, porém, o máximo de equilíbrio possível, o Belo mesmo rompe esse equilíbrio, nas formas românticas e modernas da arte, procurando superar o seu instrumento material, para melhor e mais livremente se exprimir. Essa grandiosa teoria hegeliana nos parece perfeitamente aplicável ao processo das revelações cristãs: das formas incongruentes e aterradoras da Bíblia, passamos ao equilíbrio clássico do Evangelho, e deste à libertação espiritual de "O Livro dos Espíritos".

Cada fase da evolução humana se encerra com uma síntese conceptual de todas as suas realizações. A Bíblia é a síntese da Antigüidade, como o Evangelho é a síntese do mundo greco-romano-judáico, e o "O Livro dos Espíritos" a do mundo moderno. Mas, cada síntese não traz em si tão somente os resultados da evolução realizada, porque encerra também os germens do futuro. E na síntese evangélica temos de considerar, sobretudo, a presença do Messias, como uma intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno. É graças a essa intervenção que os princípios evangélicos passam diretamente, sem necessidade de readaptações ou modificações, em sua pureza primitiva, para as páginas deste livro, como as vigas mestras da edificação da nova era.

#### A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

"O Livro dos Espíritos" não é, porém, a pedra fundamental ou o marco inicial da nova codificação. Porque é o seu próprio delineamento, o seu núcleo central e ao mesmo tempo o arcabouço geral da doutrina. Examinando-o, em relação às demais obras de Kardec, que completam a codificação, verificamos que todas essas obras partem do seu conteúdo.

Podemos definir as várias zonas do texto correspondentes a cada uma delas.

Assim como, na Bíblia, há o núcleo central do Pentateuco, e no Evangelho, o do ensino moral do Cristo, no "O Livro dos Espíritos" podemos encontrar uma parte que se refere a ele mesmo, ao seu próprio conteúdo: é o constante dos Livros I e II, até o capítulo quinto. Este núcleo representa, dentro da esquematização geral da codificação, que encontramos no livro, a parte que a ele corresponde. Quanto aos demais, verificamos o seguinte:

1.º) "O Livro dos Médiuns", seqüência natural deste livro, que trata especialmente da parte experimental da doutrina, tem a sua fonte no Livro II, a partir

do capítulo sexto, até o final. Toda a matéria contida nessa parte é reorganizada e ampliada naquele livro, principalmente a referente ao capítulo nono: "Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo".

2.º) "O Evangelho segundo o Espiritismo" é uma decorrência natural do Livro III, em que são estudadas as leis morais, tratando-se especialmente da aplicação dos princípios da moral evangélica, bem como dos problemas religiosos da adoração, da prece e da prática da caridade. Nessa parte o leitor encontrará, inclusive, as primeiras formas de "Instruções dos Espíritos", comuns aquele livro, com a transcrição de comunicações por extenso e assinadas, sobre questões evangélicas.

3.º) "O Céu e o Inferno" decorre do Livro IV, "Esperanças e Consolações, em que são estudados os problemas referentes às penas e aos gozos terrenos e futuros, inclusive com a discussão do dogma das penas eternas e a análise de outros dogmas, como o da ressurreição da carne, e os do paraíso, inferno e purgatório.

4.º) "A Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo", relaciona-se aos capítulos II, III e IV do Livro I, e capítulos IX, X e XI do Livro II, assim como a parte dos capítulos do Livro III que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da Terra. Por seu sentido amplo, que abrange, ao mesmo tempo as questões da formação e do desenvolvimento do globo terreno, e as referentes a passagens evangélicas e escriturísticas, esse livro da codificação se ramifica de maneira mais difusa que os outros, na estrutura da obra-mater.

5.º) O pequeno livro introdutório ao estudo da doutrina, "O que é o Espiritismo", que não se inclui propriamente na codificação, também ele está diretamente relacionado com "O Livro dos Espíritos", decorrendo da "Introdução" e dos "Prolegômenos".

6.º) "Obras Póstumas", que representa o testamento doutrinário de Allan Kardec. Reúne os seus derradeiros escritos e as anotações íntimas, destinadas a servir mais tarde para a elaboração da História do Espiritismo que ele não pôde realizar.

A codificação se apresenta, pois, como um todo homogêneo e conseqüente. À luz desse estudo, caem por terra as tentativas de separar de um ou outro livro do bloco da codificação, como possível expressão de uma forma diferente de pensamento. E note-se que as ligações aqui assinaladas, de maneira apenas formal, podem e devem ser esclarecidas em profundidade, por um estudo minucioso do conteúdo das diversas partes de "O Livro dos Espíritos", em confronto com os demais livros. Esse estudo exigiria, também, uma análise dos textos primitivos, como a primeira edição deste livro e a primeira de "O Livro dos Médiuns" e do "Evangelho", pois, como se sabe, todas essas obras foram ampliadas por Kardec depois de suas primeiras edições, sempre sob a assistência e orientação dos Espíritos. Num estudo mais amplo e profundo, seria possível mostrar-se o desenvolvimento de certos temas, que apenas colocados pelo "O Livro dos Espíritos" vão ter a sua solução em obras posteriores. É o que se verifica, por exemplo, com as ligações do Cristianismo e o Espiritismo, que se definem completamente em "O Evangelho", ou com o problema controvertido da origem do homem, que vai ter a sua explicação definitiva em "A Gênese", ou ainda com as questões mediúnicas, solucionadas no "O Livro dos Médiuns", e as teológicas e escriturísticas, no "O Céu e o Inferno".

Convém notar, entretanto, que o desenvolvimento de todas essas questões não representa, em nenhum caso, a modificação dos princípios firmados neste livro. Às vezes, problemas apenas aflorados em "O Livro dos Espíritos" vão ser desenvolvidos de tal maneira em outras obras, que, ao lê-las, temos a impressão de encontrar novidades. A verdade, entretanto, é que neste livro eles já foram assinalados de maneira sintética. É o que ocorre, por exemplo, com o problema da evolução geral, definida por Leon Denis naquela frase célebre: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem". Veja-se, a este respeito, a definição do item 540 deste livro, que para maior fidelidade a reproduzimos. "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto".

### A FILOSOFIA ESPÍRITA

Esta rápida apreciação da estrutura de "O Livro dos Espíritos", em suas ligações com as demais obras da codificação, parece-nos suficiente para mostrar que ele constitui, como dissemos, no início, o arcabouço filosófico do Espiritismo. Contém, segundo Kardec declarou no frontispício, "Os princípios da Doutrina Espírita". É, portanto, o seu tratado filosófico. Embora não tenha sido elaborado em linguagem técnica, e não observe os rigores da minuciosa exposição filosófica, é todo um complexo e amplo sistema de filosofia que nele se expõe.

Ao apreciá-lo, sob esse aspecto, devemos considerar que Kardec não era um filósofo, mas um educador, um especialista em pedagogia, discípulo emérito de Pestalozzi. Daí o aspecto antes didático do que propriamente de exposição filosófica que imprimiu ao livro.

Em segundo lugar, a obra não foi propriamente escrita por ele, mas elaborada com as respostas dadas pelos Espíritos às suas perguntas, nas sessões mediúnicas, com as meninas Boudin e Japhet, e mais tarde com outros médiuns.

Em terceiro lugar, o livro não se destinava a formar escola filosófica, a conquistar os meios especializados, mas apenas a divulgar os princípios da doutrina de maneira ampla, convocando os homens em geral para o estudo de uma realidade superior a todas as elucubrações do intelecto.

Em quarto lugar, o próprio Kardec teve o cuidado de advertir, nos "Prolegômenos", que evitava os prejuízos do espírito de sistema, como vemos neste trecho, em que se refere ao ensino dos Espíritos:

"Este livro é o compêndio dos seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob ditado dos Espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema".

Como se vê, "estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema", e não criar uma nova escola filosófica, o que implicaria toda uma rígida sistematização. Esse propósito vem ao encontro do pensamento dos filósofos modernos, como vemos, por exemplo, em Ernest Cassirer, que em sua "Antropologia Filosófica", referindo-se à inconveniência dos sistemas, diz: "Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido". Max Scheller, por sua vez, comenta: "Dispomos de uma antropologia científica, outra filosófica e outra teológica, que se ignoram entre si". Kardec esquivou-se preci-

samente a isso, tanto mais que o espírito de sistema seria a própria negação dos objetivos da doutrina.

Quanto ao problema da linguagem técnica, não devemos nos esquecer de que o livro se destinava ao grande público, e não apenas aos especialistas. Podemos lembrar, a propósito, o exemplo de Descartes, que escreveu o seu "Discurso do Método" em francês, quando o latim era a língua oficial da filosofia, porque desejava dar-lhe maior divulgação. Mesmo que Kardec fosse um filósofo especializado, a linguagem técnica não serviria aos seus propósitos nesta obra.

Quanto ao método didático, não seria este o primeiro livro de filosofia a dele se socorrer. Podemos lembrar, por exemplo, "A Ética", de Espinosa. Kardec inicia este livro com a definição de Deus, como Espinosa naquele, e se não segue a forma geométrica de exposição, por meio de definições, axiomas, proposições e escólios, segue entretanto a forma lógica, através de perguntas e respostas, intercaladas de comentários e explicações. Há, aliás, curiosas similaridades de estrutura, de posição, de ligações históricas e de princípios, entre esses dois livros, reclamando estudo mais aprofundado. Como as há entre o que se pode chamar a revolução cartesiana e o Espiritismo, a começar pelos famosos sonhos de Descartes e a sua convicção de haver sido inspirado pelo Espírito da Verdade.

Yvonne Castellan, num breve falho, às vezes gritantemente injusto, mas em parte simpático estudo da doutrina referindo-se ao "O Livro dos Espíritos", mostra que: "O sistema é completo, e compreende uma metafísica, inteiramente repleta de considerações físicas ou genéticas, e uma moral". Numa análise mais séria, a autora teria visto que a estrutura é mais complexa do que supôs.

O livro começa pela metafísica, passando depois à cosmologia, à psicologia, aos problemas propriamente espíritas da origem e natureza do espírito e suas ligações com o corpo, bem como aos da vida após a morte, para chegar, com as leis morais, à sociologia e à ética, e concluir, no Livro IV, com as considerações de ordem teológica sobre as penas e gozos futuros e a intervenção de Deus na vida humana. Todo um vasto sistema, sem as exigências opressoras ou os prejuízos do espírito de sistema, numa estrutura livre e dinâmica, em que os problemas são postos em debate.

Lembrando-nos dos primórdios do Cristianismo, podemos dizer que o Espiritismo tem sobre ele uma vantagem, no tocante ao problema filosófico. A simplicidade de "O Livro dos Espíritos" não chega ao ponto de nos obrigar a adaptar sistemas antigos aos nossos princípios, como aconteceu com Santo Agostinho e São Tomás, em relação a Platão e Aristóteles, para a criação da chamada filosofia cristã. O Espiritismo já tem o seu próprio sistema, na forma ideal que o futuro consagrará, e cujas vantagens vimos acima.

Por outro lado, é curioso notar que "O Livro dos Espíritos" se enquadra numa das formas clássicas e mais fecundamente livres da tradição filosófica: o diálogo. Por tudo isso, vê-se que Kardec, sem ser o que se pode chamar um filósofo profissional, tinha muita razão ao afirmar, no capítulo VI da "Conclusão", referindo-se ao Espiritismo: "Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso".

## A DIALÉTICA ESPÍRITA

Hegel definiu a estrutura e a função do diálogo, identificando as suas leis com as do próprio ser: tese, antítese e síntese. Mais tarde, Marx e Engels deslocaram o diálogo dessa concepção ontológica, para lhe dar um sentido materialista e revolucionário. Coube a Hamelin, entretanto, defini-lo em seu aspecto mais fecundo, como um processo de fusão necessária da tese e da antítese, na produção de uma nova idéia ou nova tese.

Este, a nosso ver, é o processo dialético do Espiritismo, que em vez de dar ênfase à contradição em si, à luta dos opostos, prefere dá-la à harmonia, à fusão dos contrários, para uma nova criação. E é nesse sentido que se desenvolve o diálogo no "O Livro dos Espíritos".

Nunca houve, aliás, um diálogo como este. Jamais um homem se debruçou, com toda a segurança do homem moderno, nas bordas do abismo do incognoscível, para interrogá-lo, ouvir as suas vozes misteriosas, contradizê-lo, discutir com ele, e afinal arrancar-lhe os mais íntimos segredos. E nunca, também, o abismo se mostrou tão dócil, e até mesmo desejoso de se revelar ao homem em todos os seus aspectos.

Sócrates ouvia as vozes do seu "daimonion" e discutia com o Oráculo de Delfos. Mas Kardec não se limitou a isso: foi mais longe, dialogando com todo o mundo invisível, analisando rigorosamente as suas vozes, ouvindo inferiores e superiores, para descobrir as leis desse mundo, as formas de vida nele existentes, o mecanismo das suas relações com o nosso.

O método dialético é o processo natural do desenvolvimento, tanto do pensamento como de todas as coisas. Emmanuel, certa vez, comparou o Velho Testamento a um apelo dos homens a Deus, e o Novo Testamento, à resposta de Deus. Aceitando essa imagem, podemos dizer que "O Livro dos Espíritos" é a síntese desse diálogo, é o momento em que segundo a definição de Hamelin, o apelo e a resposta se fundem na compreensão espiritual, abrindo caminho a uma nova fase da vida terrena.

#### A LEGITIMIDADE DO LIVRO

Ao publicar "A Gênese", em 1868, Kardec pode acentuar que "O Livro dos Espíritos", lançado dez anos antes, continuava tão sólido como então. Nenhum dos seus princípios fundamentais havia sido abalado pela experiência, todos permaneciam em pé. Hoje, cem anos depois, se ainda vivesse entre nós, o codificador poderia dizer o mesmo.

E isso num século em que o mundo se transformou de maneira vertiginosa, em que a chamada ciência positiva foi revirada de ponta a ponta, em que as concepções filosóficas sofreram tremendos impactos. Há conceitos que, à primeira vista, parecem desmentidos, ou pelo menos postos em dúvida pela ciência. É o caso do fluido universal, mas somente quando o confundimos com o conceito científico do éter espacial.

Na verdade, o desenvolvimento da ciência se processa exatamente na direção dos princípios espíritas. A desintegração da matéria pela física nuclear, a concepção da matéria como concentração de energia, a percepção cada vez mais clara de uma estrutura matemática do universo, a conclusão a que alguns cientistas são forçados a chegar, de que, por trás da energia parece haver outra coisa, que seria o pensamento, - tudo isso nos mostra que Kardec tinha razão ao proclamar que nem Deus, nem a religião verdadeira, nem portanto o Espiritismo, ti-



nham nada a perder com o avanço da ciência. Pelo contrário, só tem a ganhar, como os fatos demonstram, dia-a-dia.

Essa segurança dos princípios espíritas decorre da legitimidade da fonte espiritual deste livro, da pureza dos seus meios de transmissão mediúnica, da precisão do método kardeciano. A fonte, como se vê pela revelação espontânea e inesperada do Espírito da Verdade a Kardec, segundo as anotações autobiográficas de "Obras Póstumas", e pela confirmação posterior de tantos outros Espíritos, ou como se pode constatar, lógica e historicamente, pelo processo de restabelecimento do Cristianismo, que o Espiritismo realiza, é a mesma de que precedeu aquele. Não é Kardec, nem este ou aquele Espírito em particular, nem um grupo de homens, mas toda a falange do Espírito da Verdade, enviada à Terra em cumprimento da promessa de Jesus - a fonte espiritual de "O Livro dos Espíritos".

Quanto aos meios mediúnicos de transmissão, correspondiam à pureza da fonte. As médiuns que serviram a esse trabalho foram duas meninas, Caroline e Julie Boudin, de 16 e 14 anos respectivamente, a que mais tarde se juntaria outra menina, a srta. Japhet, no processo de revisão do livro. As reuniões se realizavam na casa da família Boudin, na intimidade do lar, entre pessoas amigas, e as respostas dos Espíritos eram transmitidas por meio da cesta de bico, a que se adaptava um lápis. As meninas punham as mãos sobre a cesta e esta se movimentava, escrevendo as mensagens, com absoluta impossibilidade de ação dos médiuns na escrita. Mais tarde, seguindo instruções dos próprios Espíritos, Kardec submete o livro ao controle de outros médiuns, mas todos escolhidos criteriosamente. Além disso, as respostas dos Espíritos eram confrontadas com as comunicações obtidas em outros grupos, em obediência ao princípio da universalidade das revelações, que veremos a seguir.

O método de Kardec transformou-se no método da própria doutrina, e tem, na sua própria simplicidade, a garantia da sua eficiência. Podemos resumilo assim:

- 1.º) Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral, quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual;
- 2.º) Análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como do seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser logicamente justificado;
- 3.º) Controle dos Espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem;
- 4.º) Consenso universal, ou seja, concordância de várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

Armado desses princípios, escudado rigorosamente nesse critério, Kardec pode realizar a difícil tarefa de reunir a série de informações que lhe permitiram organizar este livro. Interessante lembrar que esse mesmo critério, em parte, havia sido ensinado por João, em sua primeira epístola (IV: 1) bem como pelo apóstolo Paulo, em sua primeira epístola aos coríntios. As raízes do método kardeciano estão no Novo Testamento.

Não se pode confundir, porém, o método doutrinário com os métodos de investigação científica dos fenômenos espíritas. No trato mediúnico, a premissa da existência do Espírito e da possibilidade da comunicação já está firmada. O que importa é o controle da legitimidade da comunicação. Na pesquisa científica, tudo ainda está para ser descoberto e provado. As investigações científicas podem variar infinitamente de processos e métodos, de acordo com os investigadores. As sessões mediúnicas não podem fugir ao método kardeciano, que se comprovou na prática, há um século, o único realmente eficiente, e que procede, como vimos, das reuniões mediúnicas da era apostólica.

Problemas secundários, como o da assinatura de certas comunicações por nomes célebres, são explicados por Kardec na "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita", capítulos XI e XII, para os quais remetemos o leitor interessado. Algumas pessoas perguntam por que motivo Kardec não ocultou os nomes que subscrevem os "Prolegômenos", publicando apenas a mensagem, como fez com a maioria das respostas deste livro.

Essas assinaturas, segundo dizem, afastam da obra muitos leitores, que a consideram mistificação grosseira.

A explicação está na sinceridade de Kardec e na sua fidelidade aos Espíritos que lhe revelaram a doutrina. Ocultar-lhes os nomes seria deixar uma possibilidade de lhe atribuírem a obra, e ele sempre fez questão de precisar que não passava de um colaborador dos autores espirituais. Além disso, suas explicações a respeito são absolutamente claras, para todos os que estão aptos a compreender o fenômeno espírita em sua plenitude.

### O PROBLEMA CIENTÍFICO

Kardec examina o problema científico do Espiritismo no capítulo VII da "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita". Vejamos um trecho bastante esclarecedor, que o leitor encontrará no lugar próprio desta edição: "A ciência propriamente dita, como ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria".

Não obstante, Kardec insiste no caráter científico da doutrina. Caráter próprio, como ele explica nos capítulos citados, pois se trata de uma ciência que deve ter os seus próprios métodos, uma vez que o seu objeto não é a matéria, mas o espírito.

Por que essa insistência no caráter científico? Porque "O Livro dos Espíritos" vem abrir uma nova era no estudo dos problemas espirituais. Até a sua publicação, esses problemas eram tratados de maneira empírica ou apenas imaginosa. As religiões, com seus intrincados sistemas teológicos, ou as ordens ocultas, as corporações místicas e teosóficas, deslocavam os problemas do espírito para o terreno do mistério. O conhecimento humano se dividia, para nos servir das expressões de Santo Agostinho, na "iluminação divina" e na "experiência".

O Espiritismo veio modificar essa ordem de coisas, mostrando a possibilidade de encararmos os problemas espirituais através da experiência agostiniana, ou seja, através da mesma razão que aplicamos aos problemas materiais. Nesse sentido, "O Livro dos Espíritos" se apresenta como um divisor de águas. Tudo aquilo que, antes dele, constitui o espiritualismo, pode ser chamado "espi-

ritualismo utópico", e tudo o que vem com ele e depois dele, seguindo a sua linha doutrinária, "espiritualismo científico", como fazem os marxistas com o socialismo de antes e depois de Marx.

Esta a posição especial de "O Livro dos Espíritos", no plano da cultura espiritual. Com ele, o espírito e os seus problemas saíram do terreno da abstração, para se tornarem acessíveis à investigação racional, e até mesmo à pesquisa experimental. O sobrenatural tornou-se natural. Tudo se reduziu a uma questão de conhecimento das leis que regem o universo.

A tese espinosiana da impossibilidade do milagre, como violação da ordem natural, veio comprovar-se nas suas demonstrações. E as leis dessa ordem, como vemos no capítulo primeiro do Livro III, são todas naturais, quer digam respeito às relações materiais, quer às espirituais e morais. Não existe o sobrenatural, senão para a ignorância humana das leis naturais, uma vez que o universo é um sistema único, e todas as suas partes se entrosam na grande estrutura.

### O PROBLEMA RELIGIOSO

A natureza religiosa de "O Livro dos Espíritos" ressalta desde as suas primeiras páginas. Como já vimos, Kardec o inicia pela definição de Deus. Mas o Deus espírita não é antropomórfico, não é um ser constituído à imagem e semelhança do homem, como o das religiões. A definição espírita é incisiva: "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas".

Assim como, para Espinosa, Deus é a substância infinita, para Kardec é a inteligência infinita. Mas assim como erraram os que confundiram a substância espinosiana com o Universo, assim também se enganaram os que confundem a inteligência infinita com o homem finito, e a religião espírita com os formalismos religiosos.

Os atributos de Deus não se confundem com os precários atributos humanos: Ele é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Deus não se confunde com o Universo, pois é o criador e o mantenedor do Universo. Entretanto, ao tratar da justiça de Deus, vemos Kardec empregar uma terminologia antropomórfica, falando em castigos e recompensas, o que tem dado motivo a afirmar-se que o Deus espírita é semelhante ao das religiões.

A explicação desse fato, que à primeira vista parece contraditório, está na questão décima: "O homem pode compreender a natureza íntima de Deus? - Não. Falta-lhe, para tanto, um sentido". E logo a seguir vem a explicação de Kardec a respeito. Mais adiante, no item treze, encontramos a resposta de que os atributos de Deus, a que nos referimos acima, são apenas uma interpretação humana, aquilo que o homem pode conceber a respeito de Deus, no seu estágio atual de evolução. Kardec, portanto, emprega a linguagem que podemos empregar, de maneira compreensiva, para tratar de Deus. Não humaniza a Deus, mas apenas o coloca ao alcance da compreensão humana.

Não obstante, a natureza suprema de Deus, como inteligência infinita e causa primária, é sempre resguardada. Vemos isso em todo o primeiro capítulo e em muitas outras passagens do livro. No capítulo sobre o Panteísmo, qualquer confusão entre o Criador e a Criação foi afastada. O Deus espírita não é antropomórfico, mas também não é panteísta. Por outro lado, "O Livro dos Espíritos"

veda imediatamente o caminho às especulações ilusórias e imaginosas sobre a natureza de Deus.

Uma vez que falta ao homem o meio de compreendê-lo, inútil será tentar a sua definição através de suposições ingênuas ou atrevidas. É o que vemos no item 14º do primeiro capítulo, no estabelecimento de um princípio que define de maneira absoluta a posição do Espiritismo em face do problema, separando-o decisivamente de todas as escolas de teologia especulativa ou de ocultismo de qualquer espécie. Vejamos esse trecho fundamental, podendo o leitor encontrá-lo no lugar próprio deste volume: “Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial. Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto, de onde não podereis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado, todos esses sistemas; tendes que vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isto vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável”.

Deus, como inteligência infinita ou suprema, é o que é. Não comporta especulações ociosas, definições imaginosas. O homem deve conter-se nos limites de si mesmo, cuidar das suas imperfeições, melhorar-se. Basta-lhe saber que Deus existe, e que é justo e bom. Disso ele não pode duvidar, porque "pela obra se reconhece o obreiro", a própria natureza atesta a existência de Deus, sua própria consciência lhe diz que ele existe, e a lei geral da evolução comprova a sua justiça e a sua bondade. Descartes dizia que Deus está na consciência do homem, como a marca do obreiro, na sua obra. Os Espíritos confirmam esse princípio, mas vão além, mostrando que a marca do obreiro está em todas as coisas, na natureza inteira. A negação de Deus é, para o Espiritismo, como a negação do sol. O ateu, o descrente, não é um condenado, um pecador irremissível, mas um cego, cujos olhos podem ser abertos, e realmente o serão. Porque Deus é necessariamente existente, segundo o princípio cartesiano. Nada se pode entender sem Deus. Ele é o centro e a razão de ser de tudo quanto existe. Tirar Deus do universo é como tirar o sol do nosso sistema. Simples absurdo.

Mas, pelo fato de não ter a forma humana, de não se assemelhar ao homem, no tocante à constituição física deste, não se segue que Deus esteja distante do homem e indiferente a ele. O Deus espírita se assemelha ao aristotélico, pelo seu poder de atração, mas se afasta dele, quanto à indiferença em relação ao cosmos. Porque Deus é providência, Deus é amor, é o criador e o pai de tudo e de todos.

O universo se define por uma tríade, semelhante às tríades druídicas: Deus, espírito e matéria. Vemos isso no item 27, quando Kardec pergunta se existem dois elementos gerais, o espírito e a matéria, e os Espíritos respondem: "Sim, e acima de ambos, Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal". A matéria, porém, não é só o elemento palpável, pois há nela o fluido universal, o seu lado fluídico, que desempenha o papel de intermediário entre o plano espiritual e o propriamente material.

Diante dessa concepção, surge um problema de ordem teológica e escriturística. Se Deus não se assemelha ao homem, como entender-se a passagem bíblica segundo a qual ele criou o homem à sua imagem e semelhança? A explicação vem no item 88, quando Kardec pergunta pela forma do Espírito, não da-

quele que ainda está revestido do corpo espiritual ou perispírito, mas do espírito puro.

Vejamos a pergunta e a resposta no original: "Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante? - Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. Eles são, se o quiserdes, uma flama, um clarão ou uma centelha etérea". Como se vê, o homem, na sua essência, - naquilo unicamente em que ele pode assemelhar-se a Deus: - não é um animal de carne e osso, nem mesmo uma forma humana em corpo espiritual, mas uma centelha etérea. Foi assim que Deus o fez à sua imagem e semelhança.

Colocando o problema fundamental de Deus e da Criação, "O Livro dos Espíritos" entra pelo controvertido terreno da destinação humana. Sua concepção deísta do Universo é necessariamente teológica. Tudo avança para Deus, do átomo ao arcanjo, como vimos no item 540, e à frente dessa marcha, no plano terreno, encontra-se o homem. Vêmo-lo numa escala evolutiva, na terra como no espaço: do imbecil ao sábio, do criminoso ao santo.

A "escala espírita", que começa no item 100, nos oferece uma visão esquemática dessa escada de Jacó, que vai da terra ao céu. O estudo da "progressão dos espíritos", que começa no item 114, nos mostra a necessidade do esforço próprio para que o Espírito se realize a si mesmo, revelando-nos ao mesmo tempo o papel da Providência, sempre amorosamente voltada para as criaturas. No estudo sobre "anjos e demônios", que se inicia no item 128, defrontando-nos com um debate teórico sobre passagens evangélicas. O problema da justiça de Deus é equacionado à luz dos ensinamentos de Cristo, no seu verdadeiro sentido.

A seguir, "O Livro dos Espíritos" trata da encarnação dos Espíritos e da finalidade da vida terrena. Combate o materialismo, mostrando a sua inconsistência. Não são os estudos que levam o homem a ele, não é o desenvolvimento do conhecimento que o torna materialista, mas apenas a sua vaidade. É o que vemos no item 148: "Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. É o homem que deles tira uma falsa consequência, pois ele pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas".

Kardec corrobora a tese dos Espíritos: o materialismo é uma aberração da inteligência. É o que nos diz no início do seu comentário: "Por uma aberração da inteligência, há pessoas que não vêem nos seres orgânicos nada mais que a ação da matéria, e a esta atribuem todos os nossos atos".

E assim prossegue o livro, todo ele impulsionado pelo sopro do espírito, impregnado pelo sentimento religioso, e mais particularmente, pelo sentido cristão desse sentimento. Quando, no item 625, Kardec pergunta qual o tipo humano mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo, a resposta é incisiva: "Vede Jesus". E Kardec comenta: "Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra".

A religião espírita se traduz em espírito e verdade. O que interessa a Deus não é a precária exterioridade dos ritos e do culto convencional, quase sempre vazio: é o pensamento e o sentimento do homem. A adoração da divindade é uma lei natural, tanto quanto a lei de gravidade. O homem gravita para

Deus, como a pedra gravita para a Terra e esta para o Sol. Mas as manifestações exteriores da adoração não são necessárias.

No item 653, vemos a clara resposta dos Espíritos a respeito: "A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que um Senhor vos observa". A vida contemplativa é condenada, porque inútil, assim também a monacal (ascetismo da vida dos monges), pois Deus não quer o cultivo egoísta do sentimento religioso, mas a prática da caridade, a experiência viva e constante do amor, através das relações humanas.

"O Livro dos Espíritos" não deixa de lado o problema do culto religioso, que necessita manifestar a sua religiosidade:

Essa manifestação se verifica nas formas naturais de adoração, uma das quais é a prece. Pela prece, o homem pensa em Deus, aproxima-se dele, põe-se em comunhão com ele. É o que vemos a partir do item 658. Pela prece, o homem pode evoluir mais depressa, elevar-se mais rapidamente sobre si mesmo. Mas a prece também não pode ser apenas formal. Por ela, podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer a Deus, mas desde que o façamos com o coração, e não apenas com os lábios.

Temos assim a religião espírita, que mais tarde se definirá de maneira mais objetiva ou direta em "O Evangelho, Segundo o Espiritismo". Uma religião psíquica, como a chamou Conan Doyle, equivalente à "religião dinâmica" de Bergson. No capítulo V da "Conclusão", Kardec afirma: "O Espiritismo é forte porque se apóia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, e porque, sobretudo, mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão". Enfim: religião positiva, baseada nas leis naturais, destituída de aparatos misteriosos e de teologia imaginosa.

Para completar o quadro religioso de "O Livro dos Espíritos" temos ainda o capítulo XII do Livro III e todo o Livro IV. No capítulo referido Kardec trata do aperfeiçoamento moral do homem, encara os problemas referentes às virtudes e aos vícios, às paixões, ao egoísmo, define por fim o caráter do homem de bem e conclui com uma mensagem de Santo Agostinho sobre a maneira de conhecermos a nós mesmos. No Livro IV temos um capítulo sobre as penas e gozos terrenos, que é um código da vida moral na terra, verdadeiro catecismo da conduta espírita, e um capítulo sobre as penas e gozos futuros, sobre as conseqüências espirituais do nosso comportamento terreno.

#### ESTUDOS FUTUROS

Este, em linhas gerais, o livro que a 18 de abril deste ano (1.957) completou cem anos, e cujo primeiro centenário foi celebrado em todo o mundo civilizado, pelos adeptos do Espiritismo. Sua estrutura, como se vê, o coloca entre os tratados filosóficos, e seu conteúdo se relaciona com todos os aspectos fundamentais do conhecimento. Sua simplicidade aparente é tão ilusória como a da superfície tranqüila de um grande rio.

Como no "Discurso do Método", de Descartes, a clareza do texto pode enganar o leitor desprevenido. As coisas mais profundas e complexas aparecem na linguagem mais direta e simples, e a compreensão geral do livro só pode ser

alcançada por aquele que for capaz de apreender todos os nexos entre os diversos assuntos nele tratados.

Até hoje, cem anos depois de sua publicação, "O Livro dos Espíritos" vem sendo lido e meditado, no mundo inteiro, mas pouco se tem cuidado de analisá-lo em suas múltiplas implicações e em sua mais profunda significação. Acreditamos que o segundo século do Espiritismo, que se iniciou neste ano, será assinalado por uma atitude mais consciente dos próprios espíritas em face deste livro, e que estudos futuros virão revelar, cada vez de maneira mais clara, o seu verdadeiro papel na história do conhecimento.

Para concluir, lembremos que sir Oliver Lodge, o grande físico inglês, uma das mais altas expressões de cultura científica do nosso tempo, considerou o Espiritismo, no seu livro sobre "A imortalidade pessoal", como "uma nova revolução copérnica". E Leon Denis, o sucessor de Kardec, legítima expressão da cultura francesa, proclamou no Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, e no seu livro "Le Genie Celtique et le Monde Invisible", de 1927, que o Espiritismo tende a reunir e a fundir, numa síntese grandiosa, todas as formas do pensamento e da ciência.

**JOSÉ HERCULANO PIRES**

<b>Função e Significação da Revista Espírita de Allan Kardec</b>
--

*ALLAN KARDEC*

**I - REVISTA ESPÍRITA**

**ANO DE 1858**

**Jornal de Estudos Psicológicos**

**(Edicel – Editora Cultural Espírita Ltda., SP, Tradução  
de Julio Abreu Filho)**

**APRESENTAÇÃO – (Págs. V-IX)**

A coleção da Revista Espírita é a mais prodigiosa fonte de informações sobre o Espiritismo e de instruções doutrinárias. Allan Kardec a indica, no capítulo 3º. de O Livro dos Médiuns, como obra indispensável para o estudo da Doutrina. Aconselha mesmo a seguinte ordem para esse estudo: 1º.) O que é o Espiritismo; 2º.) O Livro dos Espíritos; 3º.) O Livro dos Médiuns; e 4º.) a Revista Espírita. Considera o primeiro livro indicado como de simples introdução, os dois seguintes como fundamentais e a Revista como obra complementar, no sentido exato da palavra, ou seja, destinada a completar o ensino básico de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns.

Eis como ele se refere à Revista Espírita, no trecho referido: “Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos destacados que completam a exposição das duas obras precedentes, e que representa de alguma maneira a sua aplicação. Sua leitura pode ser feita ao mesmo tempo que a daquelas obras, mas será mais proveitosa e sobretudo mais compreensível após a leitura do Livro dos Espíritos”.

Esta expressão de Kardec: “e que representa de alguma maneira a sua aplicação” dá à Revista Espírita uma posição excepcional no conjunto da Codificação, a de verdadeiro documentário, com um sentido ainda mais significativo e valioso que é o relatório científico e histórico. Aliás, o próprio Kardec escreveria mais tarde, como se pode ler em Obras Póstumas, no Capítulo X da Constituição do Espiritismo: “... A Revista foi até agora, e não podia deixar de ser, uma obra pessoal, visto que fazia parte de nossas obras doutrinárias, constituindo os Anais do Espiritismo. Por seu intermédio é que todos os princípios novos foram elaborados e entregues ao estudo. Era pois necessário conservar o seu caráter individual, para que se estabelecesse a unidade”.

O Codificador, portanto, é o primeiro a mostrar a importância da Revista Espírita no conjunto da Codificação. Até agora, entretanto, essa obra era simples raridade bibliográfica, reservada ao conhecimento de alguns privilegiados que a possuíam no original francês. E é inacreditável que no Brasil, onde o Espiritismo encontrou por assim dizer o clima espiritual mais apropriado ao seu desenvolvimento, só agora a Revista Espírita seja colocada ao alcance do público, em tradução para a nossa língua. Kardec revela, como vimos, que a Revista foi o seu mais importante instrumento de pesquisa, verdadeira sonda para a captação das reações do público, ao mesmo tempo que instrumento de divulgação e defesa da Doutrina. Mais do que isso, porém, constitui-se numa espécie de laboratório com que as manifestações mediúnicas, colhidas por todo o mundo, eram e



xaminadas à luz dos princípios de O Livro dos Espíritos e controladas pelas experiências da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e pelas novas manifestações espirituais recebidas.

É nas suas páginas que os atuais estudiosos da fenomenologia espírita encontrarão os elementos necessários à ampliação dos seus conhecimentos e à conseqüente formação de uma sólida cultura doutrinária. Todas as atuais questões surgidas no meio espírita, a respeito de aspectos e pontos da Doutrina, serão elucidadas pelo estudo atencioso do gigantesco acervo desta coleção. Ocorrências que hoje parecem novas e aturdem alguns praticantes e estudiosos do Espiritismo têm aqui os seus precedentes registrados, com as soluções já então oferecidas pelo admirável bom senso de Kardec, aliado às instruções constantes que recebia de seus guias espirituais. Por isso podemos afirmar que a publicação desta coleção marca uma nova era do Espiritismo no Brasil e em todo o continente. Já não é possível a um espírita estudioso prescindir da leitura e do exame dos doze volumes desta coleção.

Allan Kardec, durante onze anos e quatro meses de trabalho intensivo, ofereceu-nos, ao vivo, toda a História do Espiritismo, no processo de seu desenvolvimento e sua propagação no século dezenove. Podemos acompanhar nestas páginas, passo a passo, o esforço ao mesmo tempo grandioso e minucioso de Kardec na construção metódica da Doutrina e na estruturação do movimento espírita. A História do Espiritismo se nos apresenta, assim, como uma forma de vivência que se autofixou na escrita. Podemos senti-la e revivê-la no registro preciso das reuniões, das pesquisas, das comunicações espirituais e dos trabalhos vários da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dos grupos familiares e dos Centros Espíritas, bem como das Sociedades estrangeiras a ela ligadas. Nada se oculta ao leitor. Os problemas, as preocupações de Kardec, suas lutas dentro e fora do meio espírita, suas vitórias tranqüilas, sua resistência à calúnia, à mentira, à difamação, sua fé inabalável, tudo isso palpita nestas páginas e nos dá a impressão de vivermos ao lado do Codificador, na sua época.

Numerosas questões apenas afloradas nos livros da Codificação, que não podiam abranger tudo nem tudo esmiuçar, são amplamente tratadas na Revista, com todos os seus pormenores, e exaustivamente analisadas. Problemas como os referentes à mediunidade curadora em seus vários aspectos; aos casos de obsessão e possessão; ao desenvolvimento mediúnico; aos métodos de trabalho prático e teórico; à legitimidade das comunicações e à prevenção das mistificações (que não são um problema espírita, mas humano, pois a mistificação está presente em todos os campos das atividades humanas na Terra); das vidas sucessivas e das formas de reencarnação consciente e inconsciente, neste e em outros mundos; da existência de espíritos não-humanos (que tem servido de arma para ataques de espiritualistas diversos contra o Espiritismo, simplesmente por desconhecem a posição doutrinária no assunto) são todos esclarecidos de maneira viva na Revista, ou seja, através de exemplos e comunicações a respeito, além das análises de Kardec. Veja-se, no tocante a esse último problema, as comunicações de Espíritos que se apresentam como Gênio das Flores, Anjo das Crianças, os chamados elementares da Teosofia e do Ocultismo.

Capítulo dos mais importantes e estreitamente ligado às pesquisas parapsicológicas atuais é o das manifestações de pessoas vivas. Esse capítulo se estende por toda a coleção através dos relatos de fatos espontâneos e principalmente dos relatórios de pesquisas. Além dos relatórios há o registro ao vivo das

sessões da Sociedade em que se faziam evocações experimentais nesse campo. Registros minuciosos, com todas as perguntas e respostas ao diálogo entre Kardec e o Espírito manifestante e com todas as informações necessárias ao esclarecimento do assunto. A questão do animismo, sempre levantada contra o Espiritismo, apesar das refutações magistras e clássicas de Bozzano e Aksakof, foi assim resolvida em definitivo por Kardec, muito antes do trabalho desses cientistas, e resolvida de maneira científica, através de trabalhos experimentais. É assim que não só o animismo, mas também os problemas do inconsciente, do automatismo psíquico, da escrita automática, das 'funções psi' em todas as suas modalidades atuais e em outras ainda nem a floradas, do magnetismo e do hipnotismo, das relações psicossomáticas e outras mais, todos esses problemas são enfrentados de maneira científica nestas páginas e levados à devida solução.

Os adversários honestos do Espiritismo encontram nesta coleção a possibilidade de conhecer amplamente a questão espírita e temos a certeza de que muitos deles, após a leitura atenta destes volumes, poderão chegar às conclusões finais de Cesare Lombroso e Charles Richet, rendendo homenagem ao bom senso e ao critério científico de Kardec. Quanto aos adversários sistemáticos, sectários ou de má fé nada podemos esperar, senão a tentativa de desmerecer a grandeza da obra e a sua verdadeira significação na História do Conhecimento. A propósito, a Revista nos oferece ainda o exemplo das respostas de Kardec aos agressores do Espiritismo. Já naquela época a situação era a mesma: os adversários ignoravam o assunto. Kardec lhes mostra com bom senso e firmeza a fragilidade dos seus argumentos, repele os seus gracejos e as suas ironias em nome da seriedade dos problemas em causa, convida-os a estudar a Doutrina ou a se aprofundarem mais nas próprias questões que levantaram, usando às vezes de energia, porém jamais esquecido da caridade, que foi a bússola constante de sua vida e de todas as suas atividades.

Há ainda um capítulo importante de Psicologia, que se desenvolve nestes volumes: o da natureza dos animais e de suas relações com os homens. As pesquisas psicológicas nesse campo foram bastante intensificadas nos princípios de nosso século e hoje vão sendo enriquecidas com a contribuição das investigações parapsicológicas. Nos Estados Unidos e na Rússia, particularmente, os parapsicólogos se interessam pela verificação das 'funções psi' nos animais. O Espiritismo cuidou desse problema desde o início, como o atestam os trabalhos e as comunicações espirituais a respeito, publicados na Revista. As comunicações do espírito George, discutidas por Kardec, analisadas em seus diversos aspectos e submetidas a debates na Sociedade, e vários fatos referentes à mediunidade nos animais constituem um dos mais curiosos e bem atualizados capítulos desta coleção, revelando ainda uma vez quanto o Espiritismo se antecipou aos problemas científicos dos nossos dias.

A era espacial é outra prova dessa atualidade. Kardec a iniciou não só no plano conceptual, firmando em O Livro dos Espíritos o princípio da pluralidade dos mundos habitados, que Camille Flammarion posteriormente desenvolveu, com sua autoridade de astrônomo, num livro com esse título, mas também deu início às pesquisas a respeito. Não se servia de telescópios, mas de médiuns. Suas sondas espaciais eram as próprias almas humanas e os Espíritos comunicantes. Veja-se o magnífico desenho da casa de Mozart em Júpiter, incluído neste primeiro volume da Revista e leia-se a análise sensata de Kardec. Quem recebeu o desenho foi o famoso autor teatral Victorien Sardou, médium, que entretanto

não sabia desenhar. Mas as comunicações espíritas sobre os mundos habitados, publicadas na seção Palestras Familiares de Além-Túmulo, são documentos ainda mais impressionantes. Até a pouco podia-se rir de tudo isso. Hoje, porém, que os mais céticos já admitem, tanto no mundo capitalista quanto no socialista, tanto entre espiritualistas quanto entre materialistas, a teoria espírita da diversidade das formas de vida nos diferentes planetas, e que as próprias religiões mais contrárias a ela também começam a aceitá-la, é evidente que as observações de Kardec a respeito assumem novo aspecto. Assinale-se ainda que, no campo das pesquisas parapsicológicas, renovam-se em nossos dias as tentativas de comunicação interplanetária por meio do mesmo instrumento usado por Kardec: o médium, pois as provas científicas da possibilidade de telepatia a distâncias imprevisíveis vieram reforçar a posição espírita nesse campo.

A História do Espiritismo, ainda não escrita de maneira sistemática, apesar de algumas contribuições pioneiras como a de Conan Doyle, revela-nos aspectos novos nesta coleção. Kardec estabelece as duplas ligações do Espiritismo com o Cristianismo, de um lado, e com o Druidismo, de outro, e prova que antes das ocorrências espíritas de Hydesville, nos Estados Unidos, com as irmãs Fox, já se realizavam sessões espíritas na França, como as de Charles Renard em Rambouillet, que o levaram a considerar: “É de nosso conhecimento que muitas pessoas ocupavam-se de comunicações espíritas muito antes do aparecimento das mesas-girantes, do que temos provas, com datas certas”. Além disso, Kardec estabelece as relações profundas entre as religiões primitivas, a Mitologia, as chamadas religiões positivas e o Espiritismo, num encadeamento histórico que é também um dos capítulos mais fecundos da Antropologia Cultural, abrindo possibilidades, agora reforçadas pela Parapsicologia, para a elaboração da Antropologia Mediúnica. E há ainda a contribuição espírita para o esclarecimento dos problemas históricos, não só através das curiosas comunicações de personagens famosos, como da interpretação palingenésica que o Espiritismo oferece, renovando as perspectivas da História e da Filosofia da História.

Por tudo isso, e por muito mais ainda, que o leitor e o estudante descobrirão por si mesmos, a coleção da Revista Espírita se apresenta como obra indispensável aos homens de cultura de nosso tempo, sejam ou não espíritas. Mas particularmente os espíritas, e em especial os que têm responsabilidade de orientação no movimento doutrinário, não podem olvidar o seu dever de ler e estudar esta obra com atenção e com amor. E foi por isso que a escolhemos para iniciar a publicação, pela primeira vez no mundo, das Obras Completas de Allan Kardec, que agora apresentamos.

\*

### INTRODUÇÃO – (Págs. 1-5)

A rapidez com que em todas as partes do mundo se propagaram os estranhos fenômenos das manifestações espíritas é uma prova do interesse que despertam. A princípio simples objeto de curiosidade, não tardaram em chamar a atenção de homens sérios que, desde o início, entreviram a inevitável influência que viriam a ter sobre o estado moral da sociedade. Cada dia se tornam mais populares as idéias novas que deles surgem; e nada lhes barrará o progresso, pela simples razão de que estes fenômenos estão ao alcance de todos, ou de quase todos, e nenhum poder humano lhes impedirá a manifestação. Se os abafam aqui, aparecem em cem outros lugares. Aqueles, pois, que neles descobrissem um in-

conveniente qualquer, seriam constrangidos, pela mesma força dos fatos, a lhes sofrer as conseqüências, como acontece às indústrias novas que, de começo, fere interesses particulares mas, ao final das contas, todos se acomodam, porque não poderia ser de outro modo.

O que não foi feito e dito contra o magnetismo! Entretanto, todos os raios lançados contra ele, todas as armas com que foi ferido, inclusive o ridículo, esbarraram ante a realidade e apenas serviram para colocá-lo em maior evidência. É que o magnetismo é uma força natural; e ante as forças naturais o homem é um pigmeu, semelhante a esses cachorrinhos que ladram inutilmente contra tudo quanto lhes mete medo.

Dá-se com as manifestações espíritas o mesmo que com o sonambulismo: se elas não se produzem à plena luz e publicamente, ninguém impedirá que ocorram na intimidade, pois cada família pode descobrir um médium entre os seus membros, desde as crianças até os velhos, bem como pode encontrar um sonâmbulo. Assim, quem poderá impedir que o primeiro que encontramos seja médium e sonâmbulo? Sem dúvida, os que o combatem não pensaram nisto. Insistimos: quando uma força está na Natureza, pode ser paralisada por um instante – mas nunca aniquilada! Apenas poder-se-á desviar o seu curso. Ora, a força que se revela no fenômeno das manifestações, seja qual for a sua causa, está na Natureza, assim como o magnetismo; e não será aniquilada, como o não será a força elétrica. O que é preciso é que seja observada e estudada em todas as suas fases, a fim de se deduzirem as leis que a regem. Se for um erro e uma ilusão, o tempo fará justiça; se for a verdade, esta é como o vapor: quanto mais comprimido, maior será a sua força de expansão.

Admiram-se de que, enquanto, na América, só os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados ao assunto, sem contar um sem número de escritos não periódicos, a França, o país da Europa onde mais rapidamente as idéias se aclimataram, não possua nenhum. Seria desnecessário contestar a utilidade de um órgão especial, que ponha o público a par do progresso desta nova Ciência e o premuna contra os exageros da credulidade, tanto quanto do ceticismo. É uma tal lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta Revista, com o fito de oferecer um meio de comunicação a todos quantos se interessam por estas questões e de ligar, por um laço comum, os que compreendem a doutrina espírita sob seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos.

Se se tratasse apenas de uma coleta de fatos, fácil seria a tarefa; eles se multiplicam em toda parte com tal rapidez que não faltaria matéria; mas os fatos, por si sós, tornam-se monótonos pela repetição e, principalmente, pela similitude. O que é necessário ao homem que pensa é algo que lhe fale à inteligência. Faz poucos anos que se manifestaram os primeiros fenômenos e já estamos longe das mesas girantes e falantes, que representavam sua infância. Hoje é uma Ciência que descobre todo um mundo de mistérios, que patenteia as verdades eternas, apenas pressentidas por nosso espírito; é uma doutrina sublime que mostra ao homem o caminho do dever e descobre o mais vasto campo jamais apresentado à observação do filósofo. Nossa obra seria, pois, incompleta e estéril se nos mantivéssemos nos estreitos limites de uma revista anedótica, cujo interesse em breve teria passado.

Talvez nos contestem a denominação de *Ciência*, que damos ao Espiritismo. Ele não teria, sem dúvida e *em nenhum caso*, as características de uma Ciência exata e precisamente nisso está o erro dos que o pretendem julgar e experimentar como uma análise química ou um problema de Matemática; já é bastante que seja uma *CIÊNCIA FILOSÓFICA*. Toda Ciência deve basear-se em fatos; mas estes, por si sós, não constituem a Ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. Chegou o Espiritismo ao estado de Ciência? Se se trata de uma Ciência acabada, sem dúvida será prematuro responder afirmativamente; mas as observações já são hoje bastante numerosas para permitirem pelo menos deduzir os princípios gerais, onde começa a Ciência.

O exame raciocinado dos fatos e das conseqüências deles decorrentes é, pois, um complemento, sem o qual nossa publicação seria de medíocre utilidade e apenas ofereceria um interesse secundário a quem reflete e quer dar-se conta do que vê. Contudo, como nosso objetivo é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas e, tanto quanto o permitir o estado dos conhecimentos adquiridos, procuraremos resolver as dúvidas e esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa Revista será, assim, uma tribuna, na qual, entretanto, a discussão jamais deverá afastar-se das normas das mais estritas conveniências. Numa palavra, discutiremos, mas não *disputaremos*. As inconveniências de linguagem jamais foram boas razões aos olhos da gente sensata: é a arma daqueles que não possuem algo melhor, e que se volta contra quem a maneja.

Embora os fenômenos de que nos ocupamos se tenham produzido, nos últimos tempos, de maneira mais geral, tudo prova que têm ocorrido desde as eras mais remotas. Não há fenômenos naturais nas invenções que acompanham o progresso do espírito humano; assim, pois, desde que estão na ordem das coisas, sua causa é tão antiga quanto o mundo e os seus efeitos devem ter-se produzido em todas as épocas. Portanto, o que hoje testemunhamos não é uma descoberta moderna: é o despertar da Antigüidade, mas da Antigüidade desembaraçada do envoltório místico que gerou as superstições, da Antigüidade esclarecida pela civilização e pelo progresso no campo das coisas positivas.

A conseqüência capital que se destaca desses fenômenos é a comunicação que os homens podem estabelecer com os seres do mundo incorpóreo e, dentro de certos limites, o conhecimento que podem adquirir de seu estado futuro. O fato das comunicações com o mundo invisível acha-se, em termos inequívocos, nos livros bíblicos. Mas de um lado, para alguns céticos, a Bíblia não é autoridade suficiente; do outro, para os crentes, são fatos sobrenaturais, suscitados por um favor especial da Divindade. Não representariam, então, para todo o mundo, uma prova da generalidade dessas manifestações, se as não encontrássemos em mil outras fontes diversas. A existência dos Espíritos e sua intervenção no mundo corpóreo é atestada e demonstrada – não como um fato excepcional – mas como um princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São João Crisóstomo e São Gregório Nazianzeno e muitos outros Pais da Igreja. Esta crença firma, além disso, a base de todos os sistemas religiosos. Os mais sábios filósofos da Antigüidade a admitiam: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros. Encontramo-la no mistério e nos oráculos entre os gregos, os egípcios, os hindus, os caldeus, os romanos, os persas, os chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições e desafiar as revoluções físicas e morais da humanidade. Mais

tarde a encontramos entre os adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Wíllis e nas Valquírias dos escandinavos, nos Elfos dos teutões, nos Leschios e nos Domeschnios Doughi dos eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Tensarpoulicts dos bretões, nos Cemis dos caraíbas, numa palavra, em toda a falange de ninfas, gênios bons e maus, silfos, gnomos, fadas e duendes com os quais todas as nações encheram o espaço. Encontramos a prática das evocações nos povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os índios da América do Norte, ou os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e até entre os estúpidos selvagens da Nova Holanda. Não será por alguns absurdos de que essa crença se cercou ou se revestiu em vários tempos e lugares que se há de desconhecer que parte de um mesmo princípio, mais ou menos desfigurado. Ora, uma doutrina não se torna universal, não sobrevive a milhares de gerações, não se implanta de um pólo a outro, entre os povos mais diversificados e em todos os graus da escala social, se não estiver fundada em algo de positivo.

O que será esse algo? É o que no-lo demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações possivelmente existentes entre estas manifestações e todas essas crenças é buscar a verdade. A história da doutrina espírita é, de certo modo, a história do espírito humano. Teremos que estudá-la em todas as fontes, que nos facultarão um veio inesgotável de observações, tão instrutivas quão interessantes, sobre os fatos geralmente pouco conhecidos. Esta parte nos dará oportunidade de explicar a origem de uma porção de lendas e de crenças populares que participam da verdade, da alegoria e da superstição.

No que concerne às manifestações atuais, relataremos todos os fenômenos patentes que testemunharmos ou que chegarem ao nosso conhecimento, sempre que nos parecerem merecedores da atenção dos nossos leitores. Do mesmo modo o faremos em relação aos efeitos espontâneos, por vezes produzidos entre pessoas alheias às práticas espíritas, que ora revelam um poder oculto, ora a independência da alma. Tais são as visões, as aparições, a dupla vista, os pressentimentos, os avisos íntimos, as vozes secretas, etc. Ao relato dos fatos juntaremos a explicação, tal qual ressalta do conjunto dos princípios. A este respeito faremos notar que esses princípios são decorrentes do mesmo ensino dado pelos Espíritos, e que faremos sempre abstração de nossas próprias idéias. Não se trata, pois, de uma teoria pessoal, mas da que nos foi comunicada e da qual seremos simples intérpretes.

Largo espaço será reservado às comunicações escritas ou verbais dos Espíritos, desde que tenham um fim útil, assim como às evocações de personagens antigas ou atuais, conhecidas ou obscuras, sem desprezar as evocações íntimas que, muitas vezes, nem por isso são menos instrutivas. Numa palavra: abarcaremos todas as fases das manifestações materiais e inteligentes do mundo incorpóreo.

A doutrina espírita oferece-nos enfim a solução possível e racional de uma porção de fenômenos morais e antropológicos, que testemunhamos diariamente, e cuja explicação inutilmente buscaremos em todas as doutrinas conhecidas. Nesta categoria colocaremos, por exemplo, a simultaneidade de pensamentos, as anomalias de certos caracteres, as simpatias e antipatias, os conhecimentos intuitivos, as aptidões, as propensões, os destinos que parecem marcas da fatalidade e, num quadro mais geral, o caráter distintivo dos povos, seu progresso ou sua degenerescência, etc. A citação dos fatos juntaremos a pesquisa das causas que os poderiam ter produzido. Da apreciação dos fatos brotarão, natural-

mente, ensinamentos úteis, quanto à linha de conduta mais conforme à sã moral. Em suas instruções os Espíritos superiores têm sempre o objetivo de despertar nos homens o amor do bem pela prática dos preceitos evangélicos: por isso mesmo traçam-nos o pensamento que deve presidir à redação dessa coletânea.

Como se vê, nosso quadro compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem. Estudá-la-emos no seu estado presente e no futuro, pois estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, pois que este um dia participará do mundo dos Espíritos. Eis por que adicionamos ao título principal, o subtítulo *jornal de estudos psicológicos*, a fim de dar a compreender toda a sua importância.

\*

<b>Exame Geral da Estrutura da Codificação</b>
--

**Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires**

**Edicel. 7ª edição.**

**III PARTE - DOCTRINA ESPÍRITA**

***CAPÍTULO I - O TRIÂNGULO DE EMMANUEL***

1. DOCTRINA TRÍPLICE — A compreensão do Universo e da Vida não pode ser simples, pois o objeto dessa compreensão é extremamente complexo. Encará-lo através das ciências equivale a vê-lo apenas em sua aparência exterior: a realidade física. Reduzi-lo a um sistema filosófico é submetê-lo aos caprichos da nossa interpretação: a realidade representativa mental. Senti-lo através de uma síntese estética, conceptual-emotiva, de ordem mística e, portanto religiosa, sem as necessárias relações anteriores, é cair no fideísmo-dogmático.

As funções da consciência são consideradas, desde Kant, como tríplices: temos primeiramente as funções teóricas, que nos permitem elaborar, com os dados sensíveis, uma concepção do real; depois, as funções práticas, que estabelecem as nossas relações com o objeto, permitindo-nos interpretar a realidade concebida e estabelecer as nossas normas de ação e de conduta; e, por fim, as funções estéticas, que permitem a simbiose sujeito-objeto, a fusão afetiva-racional do homem com o duplo objeto Mundo-Vida.

O Relativismo-Crítico, com Octave Hamelin e René Hubert, abriu em nossos dias as perspectivas dessa compreensão dialética da consciência. Nessa fecunda corrente neokantiana do pensamento francês atual, de que Hubert se fez o corifeu no plano da filosofia pedagógica, podemos encontrar a explicação filosófica da natureza tríplice do Espiritismo. Assim como o homem individual, para atingir a plenitude do seu desenvolvimento consciencial, deve realizar a síntese estética das funções teóricas e práticas da consciência, — atingindo a concepção religiosa do objeto Mundo-Vida assim a coletividade humana, no seu desenvolvimento cultural, terá de atingir a síntese da sociedade de consciências.

Por mais que procuremos negar essa dialética da consciência, ou dar-lhe uma interpretação diversa, nunca poderemos fugir à realidade dos fatos, que nos mostra o homem, na História, tomando conhecimento do mundo pela experiência, agindo sobre ele através de uma concepção ou representação, e procurando dominá-lo através de uma síntese afetiva, moral ou religiosa. Aqueles, portanto, que não compreendem a natureza tríplice do Espiritismo, ou tentam reduzi-la apenas a um dos seus aspectos, praticam uma violência contra a doutrina. Os que, fora do Espiritismo, condenam o que costumam chamar de duplicidade científico-religiosa, ou lhe negam a natureza filosófica, estão agindo de má fé, muitas vezes na defesa de interesses próprios, sectários ou profissionais, ou revelam ignorar o processo do conhecimento, sua diversidade dialética no plano da análise ou da razão, e sua unidade sintética no momento vital da fusão afetiva.

Tomando para exemplo uma expressão kantiana, podemos esclarecer melhor o assunto ao dizer que o homem precisa: primeiro, conhecer, para depois agir. O selvagem que derruba uma árvore e faz uma canoa, antes de mais nada tomou conhecimento do meio físico em que vive, conheceu a árvore e sua natureza, conheceu o rio e sua natureza, conheceu a sua própria natureza de homem,



o que lhe permitiu agir. Mas, no momento mesmo da ação, ao abater o tronco e trabalhá-lo, o selvagem estabelece uma relação profunda e afetiva entre ele e o objeto que modela. É essa a reciprocidade dialética vista por Hegel e sistematizada por Marx em sua teoria do valor. Modificando o mundo, o homem se modifica; aperfeiçoando o mundo, ele próprio se aperfeiçoa. O momento exato da modificação, do aperfeiçoamento, é também o da síntese afetiva, o da religião. Por isso, as religiões primitivas se caracterizam pelo "fazer", se representam pelo "feito", pelo fetiche. E ainda por isso o relativismo-crítico entende que a síntese afetiva ou religiosa é de natureza estética, é uma síntese estética.

Embora desenvolvendo-se "livre do espírito de sistema", como queria Kardec, a Filosofia Espírita se enquadra necessariamente nas exigências fundamentais da consciência e procede na linha dessas exigências. Seu fundamento, portanto, constitui-se dos dados da experiência, elaborados numa representação teórica. Sua estrutura resulta dos dados da ação, elaborados na representação prática das normas de conduta e atividade, dos princípios que levam, como acentua Kardec, às conseqüências morais. Sua realização, porém, encontra-se na fusão do saber e da ação, nesse momento vital em que o Espiritismo exige todo o ser do adepto e o absorve numa síntese afetiva, emocional, em que razão e sentimento, mente e coração, alma e corpo, consciência e mundo, se unificam, numa expressão de religião cósmica, universal, e por isso mesmo, de religião "em espírito e verdade".

Eis aqui uma das razões porque o Espiritismo, segundo a afirmação de Kardec em "A Gênese", não podia constituir-se em doutrina antes do desenvolvimento das ciências. Não podia surgir, aparecer no mundo, oferecer-se à compreensão dos homens. Os dados da Ciência — com "c" maiúsculo, como entidade que abrange a variedade dos campos e objetos científicos — eram indispensáveis ao conhecimento do mundo e da vida, e portanto à elaboração de uma representação teórica capaz de fundir-se com a representação prática da experiência vital. Porque o homem vive antes de conhecer e compreender, e por isso mesmo a sua experiência vital, desenvolvendo-se, criou uma distância e um desajuste entre a razão e o sentimento. O materialismo representa esse desajuste no plano da razão, e o religiosismo o representa no plano da ação. Somente o avanço das ciências permitiu vencer-se a distância e restabelecer-se o equilíbrio, reajustar-se a razão e o sentimento.

Não obstante, esse reajustamento não se efetua mecanicamente, mas dialeticamente, através da dinâmica das oposições. Daí a luta entre espiritualismo e materialismo, a oposição do materialista ao espiritualista. É claro que a razão está com o espiritualista, no tocante ao fundamental, mas no tocante ao momentâneo, ao imediato, ao "agora" existencial, ela está com o materialista. O Espiritismo surge como o mediador, o instrumento teórico-prático, e, portanto, estético, do reajustamento necessário. Não somente a sua elaboração mas a sua própria compreensão pelos homens dependia da evolução espiritual da humanidade. E a prova aí está, bem clara, na incompreensão da natureza tríplice do Espiritismo, revelada não somente pelos seus adversários, mas também por muitos dos seus adeptos, inclusive intelectuais. O primeiro passo a darmos, portanto, na compreensão da Doutrina Espírita, após o estudo histórico dos seus antecedentes e da sua elaboração, é no sentido dessa visão global, que no-la apresenta como doutrina tríplice.

2. O HOMEM TRINO — As investigações e os estudos psicológicos nos mostram o desenvolvimento do homem como um processo psicogenético. Os dados da Psicologia da Criança e da Psicologia da Adolescência, partindo da indiferenciação psíquica das primeiras fases da infância, levam-nos à definição do "eu" e à elaboração da personalidade, como afirmação da consciência, em sua plenitude, no "agora" existencial. Mas todos esses dados, ao contrário do que pretendem as correntes de pensamento materialista ou positivista, comprovam o pressuposto religioso e filosófico da existência do espírito. A própria ontologia fenomenológica do existencialismo sartreano não pode fugir a essa realidade, ao colocar o problema do ser na existência como um desenvolvimento dialético do "em si" hegeliano.

A fase infantil de indiferenciação psíquica é exatamente aquela em que o ser, na sua forma apriorística, como "em si", e portanto na sua anterioridade espiritual, luta para se integrar na existência. Essa luta se resolve na progressiva definição do "eu", isto é, no domínio progressivo do instrumento físico da manifestação, pelo espírito que nele se manifesta. A elaboração da personalidade atual, muito longe de ser um processo improvisado e imediato, revela a presença de uma herança psíquica, e portanto de elementos anteriores. que em vão o materialismo científico pretende reduzir às leis da hereditariedade biológica. Essa herança é, antes de tudo, como afirma René Hubert, "uma realidade subjetiva individual e irreduzível", portanto uma consciência, um espírito, que não se elabora no presente, mas apenas reelabora os instrumentos da sua manifestação atual.

O Espiritismo esclarece o que podemos chamar "a mecânica dessa manifestação", através de uma concepção trinária do homem. O elemento fundamental da evolução psicogenética é o espírito, o próprio ser que se projeta na existência. Nele está o poder que aglutina os demais elementos, que os coordena e os põe em desenvolvimento. Em segundo lugar aparece o perispírito ou corpo espiritual, duplicata energética do corpo físico, ou o modelo energético deste, como queria Claude Bernard. E em terceiro lugar, o próprio corpo físico, resultante de um verdadeiro processo dialético, síntese orgânica do espírito e do perispírito, que permite a presença do ser na existência. Essa concepção não foi decalcada de nenhuma outra, mas resultou das experiências e dos diálogos de Kardec com os Espíritos, numa época e num país em que as concepções místicas orientais não encontravam clima para florescer. Convém ressaltar, ainda, que as experiências mediúnicas de Kardec foram confirmadas por experimentações científicas, realizadas por cientistas não-espíritas.

O homem se apresenta, assim, como a conjugação de três entidades distintas, numa única manifestação. E isso levanta a ponta do véu que encobre o mistério da trindade divina, revelando mais profundamente a natureza antropomórfica do velho dogma, presente em todas as grandes religiões antigas. Por outro lado, essa concepção nos faz compreender a existência, no plano coletivo, de uma fase de misticismo indiferenciado, ou de indiferenciação mística, em que a realidade espiritual, confundida com a material, assemelha-se à indiferenciação psíquica das fases infantis, no plano individual. O dogmatismo então se explica, da mesma maneira, como a necessidade de elaboração racional da realidade, que se exprime através do apriorismo absolutista da intuição. O dogma de fé das religiões equivale ao "quero" irracional das crianças, que querem e exigem, mesmo sem saberem por quê.

As três funções da consciência — a teórica, a prática e a estética — têm suas raízes, portanto, na própria estrutura tríplice do homem. Se definirmos a primeira dessas funções como sendo a razão, o esquema de representações teóricas da realidade objetiva, compreenderemos que o homem, antes de conhecer e compreender, vive e experimenta. Essa vivência, que lhe dá a experiência vital, da qual decorrem as categorias da razão, pelo fato mesmo de se desenvolver num processo, de se desdobrar, separa a razão do sentimento, estabelece dois planos distintos na consciência. O que estava fundido na indiferenciação psíquica separa-se, ao diferenciar-se. A seguir, o desenvolvimento da razão, absorvendo o interesse do homem pelo conhecimento do mundo, provoca a alienação do espírito. É assim que o materialismo aparece, na História, como uma flor de estufa, um produto artificial da razão, elaborado pelas elites intelectuais, sem jamais penetrar as camadas profundas da vida social. É por isso que nunca houve, e jamais haverá, um povo materialista e ateu. As fases racionais de descrença nada mais são do que momentos de desequilíbrio, que acabam reconduzindo os homens ao espiritualismo, através da síntese estética.

A concepção espírita do homem, como unidade trina, tanto se opõe ao dualismo religioso, quanto ao monismo materialista e ao pluralismo ocultista. Não obstante, como essa concepção é uma síntese estética, nela encontramos os elementos opostos, reduzidos ao equilíbrio da fusão. Assim, quando Kardec define a alma como sendo o espírito-encarnado, temos a dualidade alma-corpo; quando define o corpo como produção ou projeção do próprio espírito, temos o monismo; e quando define o espírito como entidade independente, possuindo as diversas funções da consciência e capaz de projetá-las por várias maneiras, no plano espiritual e no plano material, temos o pluralismo. Os vários corpos da concepção septenária do ocultismo apresentam-se como simples peças do mecanismo de manifestação do espírito.

As pessoas que consideram simplista a concepção trinária do homem, e preferem a septenária, tendem para o pluralismo afetivo. As que, ao contrário, a consideram complexa, e preferem a concepção monista, de tipo heckeliano ou marxista, tendem para o monismo materialista. O homem trino é, portanto, uma concepção típica do Espiritismo, resultante da síntese dialética que se processou no desenvolvimento histórico da humanidade. Uma concepção que assinala a maturidade espiritual do homem, pois representa a superação das fases de sincretismo afetivo e de egocentrismo racional, tanto existentes no indivíduo, quanto na espécie.

**3. PLURALISMO E MONISMO** — O homem trino, constituído de espírito, perispírito e corpo, segundo a concepção espírita, não é entretanto uma entidade dualista ou pluralista. Pelo contrário, sua natureza é monista, no sentido unitário, original, da expressão. O homem trino é essencialmente uno, porque é espírito, e só este o define como ser. O perispírito e o corpo físico não são mais do que os instrumentos da sua manifestação. No fenômeno da morte, temos o aniquilamento do corpo físico, seguido da sobrevivência pelo perispírito. Este também pode ser aniquilado, e a ele sobreviverá o espírito, que o reconstruirá quando necessário, como também reconstruirá o corpo físico.

Há duas espécies de objeção filosófica, que os pensadores modernos, apoiados na concepção científica, opõem a essa concepção espírita do homem. A primeira, é a do dualismo. Entendem que o homem do Espiritismo é o mesmo das religiões dualistas, implicando a dicotomia alma-corpo. A segunda, é a do

pluralismo, decorrente da sua constituição tríplice. A essas duas espécies de objeção a resposta se encontra na própria doutrina. O Espiritismo é uma concepção monista do universo, pois apresenta como fundamento de toda a pluralidade existencial a realidade única do espírito.

Não há dúvida que as dicotomias alma-corpo e Deus-mundo aparecem nessa concepção. E a afirmação da sua natureza monista se torna mais complexa e difícil, quando, saindo do plano individual, para o universal, encontramos a negação do panteísmo. Kardec afirma, no primeiro capítulo de "O Livro dos Espíritos", comentando a concepção de Deus formulada pelos espíritos: "A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou." A distinção é precisa. Deus é o obreiro, o universo é a sua obra. Mas não devemos esquecer que a analogia é apenas uma forma de esclarecimento, uma ilustração de processos que não podem ser descritos com precisão. Se o pudessem, a analogia seria dispensável.

Podemos dizer que Deus está para o universo assim como o espírito está para o corpo. De qualquer maneira, o corpo é uma projeção do espírito na matéria, é obra do espírito. Por isso mesmo, não é o espírito. Não obstante, só existe e só vive em função do espírito, penetrado por ele, submetido às suas leis. Na vida física, identificamos o espírito pelo corpo. E mesmo depois que este perece, é ainda através da sua forma que identificamos o espírito, nos fenômenos de vidência, de aparição e de materialização. Na própria vida espiritual, nas regiões próximas da densidade física, é a forma perispiritual do corpo que serve para identificação do espírito. Esta sintonia perfeita, esta união que se resolve em identidade, ou esta unidade substancial, para falarmos com Aristóteles, tanto existe no plano individual, quanto no universal. Dela decorre a confusão entre a alma e o corpo, de que tratou Descartes, e a confusão entre Deus e o Universo, que atingiu em Espinosa sua mais refinada expressão.

Entendem alguns críticos do Espiritismo que essas dicotomias são resíduos da formação religiosa de Kardec. Outros entendem que a separação entre Deus e o Universo decorre da impossibilidade de uma definição de Deus, como Alma-do-Mundo, sem lhe ferir a perfectibilidade. Nem uma, nem outra coisa. Kardec interrogou os espíritos, que sustentaram, como vemos nas perguntas e respostas de "O Livro dos Espíritos", a independência de Deus em relação ao Universo. Kardec debateu o problema com os seus instrutores ou informantes espirituais, e só depois disso chegou à formulação do princípio doutrinário que estabelece a aparente dicotomia, por ter concluído pela impossibilidade lógica de tomarmos o efeito pela causa. Além disso, o próprio exame da questão, no plano empírico, nos mostra uma seqüência indisfarçável de ação e reação. Assim como a árvore nasce da semente, cujo impulso vital específico é um mistério para a ciência humana, e assim como o homem, em sua forma corpórea procede do embrião, todas as coisas materiais se originam de impulsos ocultos, movidos por intenções claramente determinadas. Há, pois, uma zona de intenção, subjacente no mundo material, que por si mesma determina a diferença entre os dois planos: o visível e o invisível.

Apesar disso, ou por isso mesmo, o dualismo e o pluralismo não são mais do que aparência, uma vez que espírito e matéria se confundem na exigência de sua própria reciprocidade. Assim, o homem é ao mesmo tempo espírito e corpo, pois o corpo nada mais é que a manifestação do espírito. Kardec leva

mais longe a definição monista do universo, chegando a declarar, no primeiro capítulo da segunda parte de "O Livro dos Espíritos": "Dizemos que os espíritos são imateriais, porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos." Os próprios espíritos lhe declararam que não é bem certo chamar o espírito de imaterial, acentuando: "Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo, seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o espírito deve ser alguma coisa."

Como vemos, o dualismo e o pluralismo estão refutados pela própria doutrina, que se apresenta de maneira tríplice, fundada numa concepção tríplice do universo e do homem, mas tendo a sua triplicidade como simples estrutura funcional de um todo, que é único, do qual tudo procede e ao qual tudo reverte. Não é outra a concepção monista do materialismo científico, com a única diferença de encarar a unidade pelo lado de fora, que é o dos efeitos, ou da manifestação. O Espiritismo encara essa unidade do lado de dentro, ou a partir das causas, que afinal se resumem numa causa única. O homem trino é uno, como o universo trino é uno, e uma é a doutrina tríplice que os explica.

4. TRIANGULO DE FORÇAS — A constituição tríplice do Universo, nos seus aspectos fundamentais, revelados em "O Livro dos Espíritos", na seguinte trindade universal: Deus, Espírito e Matéria, reflete-se naturalmente na constituição tríplice do Homem, como espírito, perispírito e corpo.

Correspondendo a essa natureza trina, a consciência humana apresenta as suas três funções estruturais: a teórica, a prática e a estética. A essas funções, e portanto à própria constituição do Homem, e do Universo em que vivemos, terá de corresponder, inevitavelmente, a síntese do conhecimento, que representa uma exigência do espírito, uma aspiração do ser humano em seu desenvolvimento espiritual, e, por fim, uma necessidade da evolução.

Na busca incessante dessa síntese, a inteligência se inclina, como já vimos, ora para um, ora para outro dos aspectos fundamentais da consciência. Somente com a realização da síntese nela própria, quando ela mesma atingir a unidade necessária, com a fusão da consciência teórica e da consciência prática na consciência estética, se torna possível a síntese universal, ou o conhecimento global, que abrange ao mesmo tempo as funções internas e externas da consciência: a afetividade, a volição e a inteligência. Esse conhecimento global apresenta, necessariamente, uma forma tríplice, na sua manifestação, mas repousa, internamente, sobre a unidade do ser. Esta unidade, por sua vez, tem a sua representação externa, que podemos chamar de Sabedoria, ou mesmo de Conhecimento, ou ainda de Doutrina.

Ao longo da História, e em relação com os graus de evolução de cada momento histórico, essa unidade tomou os mais diversos nomes, desde a Magia dos tempos primitivos até os Mistérios orientais, a Filosofia grega e a Ciência moderna. Hoje, porém, o nome que a define, para todos aqueles que compreenderam o processo do seu desenvolvimento, é apenas este: Doutrina Espírita. Porque entre todas as formas de saber, entre todas as formulações teórico-práticas da realidade universal, somente ela, a Doutrina Espírita, apresenta essa estrutura, ao mesmo tempo una e trina, que corresponde à estrutura da consciência e do universo. Somente no Espiritismo, portanto, — no sentido que Kardec deu ao termo, por ele criado e posto em circulação — encontramos essa unidade tríplice do saber, em que ciência, filosofia e religião, embora mantendo cada

qual a sua autonomia, se fundem num todo dinâmico, em que livremente se processa a simbiose, necessária à produção da síntese.

Mas como é possível essa harmonia do "todo dinâmico", num mundo em que cada uma das formas do conhecimento revela a tendência de absorver as demais? Nenhuma explicação nos parece mais feliz, mais precisa e mais didática, do que a formulada pelo espírito de Emmanuel, no livro "O Consolador", recebido mediunicamente por Francisco Cândido Xavier. Interpelado a respeito do aspecto tríplice da doutrina, o espírito respondeu nestes termos: "Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à terra essa figura simbólica, porém, a religião é o ângulo divino, que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual."

Voltamos, assim, um século depois, a ouvir dos Espíritos, como ouvira Kardec, a afirmação da natureza tríplice do Espiritismo. E a harmonia do "todo dinâmico" se revela não somente possível, porque, antes de mais nada, necessário. De um lado, as investigações científicas da fenomenologia espírita e a sua interpretação filosófica, dão ao homem a segurança do conhecimento positivo da espiritualidade. De outro lado, a prática moral, decorrente dos princípios de uma religião racional, apoiada na ciência e na filosofia, assegura-lhe o futuro espiritual, ao mesmo tempo que lhe garante a tranquilidade no presente material, ou no "agora" existencial. O homem se encontra a si mesmo, no triângulo de forças da concepção espírita. A pesquisa científica demonstra-lhe a realidade espiritual da vida, rompendo o véu das aparências físicas; a cogitação filosófica desvendam-lhe as perspectivas da vida espiritual, em seu processo dialético, através do tempo e do espaço; a fé raciocinada, consciente, da religião em espírito e verdade, abre-lhe as vias de comunicação com os poderes conscientes que o auxiliam na ascensão evolutiva.

Assentado na terra, o triângulo de forças do Espiritismo pode parecer uma construção puramente terrena. Daí as acusações de materialismo, que lhe fazem as religiões de estilo antigo, de estrutura lógico-aristotélica, e portanto de natureza dedutiva. Pelo contrário, a estrutura lógica do Espiritismo é baconiana, e sua natureza é indutiva. Pela indução científica, o homem parte de um ângulo terreno da doutrina para outro, também terreno, que é o da cogitação filosófica. Mas desses dois ângulos, em que se exercita o poder de cognição do espírito encarnado, este se arremete em direção ao infinito, pelo ângulo celeste da fé, através da religião em espírito e verdade. A religião dedutiva faz Deus baixar à terra e materializar-se em ritos e objetos; a religião indutiva faz o homem subir ao céu e desmaterializar-se, em razão e amor, para encontrar a Deus.

Mas há outro aspecto, ainda no plano das comparações lógicas, que desmente a acusação de materialismo: é que o processo indutivo, como sempre, é antecedido pela dedução, que ele verifica, para aprovar ou rejeitar a sua validade. No caso espírita, a dedução é a mesma das religiões antigas, mas submetida à verificação indutiva. A verdade suprema, que baixa do céu, confere com a verdade humana, que sobe da terra. Esse o aspecto mais elevado da simbiose

doutrinária, que permite a síntese do conhecimento. E é por isso que a fé raciocinada do Espiritismo substitui a fé dogmática ou cega das religiões dedutivas.

\*

## *CAPÍTULO II - A CIÊNCIA ADMIRÁVEL*

1. OS CAMINHOS DA CIÊNCIA — Assim como a religião pode ser de natureza dedutiva ou indutiva, também a ciência pode seguir um desses caminhos. As ciências da Antigüidade podem ser consideradas de natureza dedutiva. Partiam de princípios gerais, de ensinamentos tradicionais, para aplicações dedutivas a casos particulares. O exemplo mais esclarecedor deste tipo de ciência é o que nos oferece o princípio teológico da "ciência infusa", que é recebida sem aprendizagem. Adão, o "primeiro homem", a teria recebido, e também Jesus Cristo, como homem, a possuía sem ter estudado. Ciência revelada, que vem do Alto, inspiração divina, que o homem recebe e aplica às coisas da terra.

A tradição escolástica medieval é o exemplo clássico da ciência dedutiva, aristotélica, contra a qual se processou a revolução indutiva de Francis Bacon e a revolução racionalista de René Descartes. A experiência baconiana e a razão cartesiana representam as duas reações contra a autoridade da Mística e da Tradição, despertando o homem para a necessidade de verificar a exatidão e a segurança de seus pretensos conhecimentos. Dois poderes foram postos em choque, de maneira definitiva, por essas duas formas de reação: o poder da Mística Oriental, que se apresentava como revelação divina, e o poder da Tradição Aristotélica, que se definia como sujeição da razão humana àquela revelação.

A partir daquilo que podemos chamar "a revolução metódica", ou ainda "a revolução do método" — pois tanto Bacon quanto Descartes partiram da necessidade de um método para a conquista do conhecimento verdadeiro — os caminhos da ciência foram modificados. Já não bastavam a sanção das antigas escrituras sagradas, dos livros de Aristóteles ou da tradição cultural, para que a ciência se impusesse e pudesse ser transmitida como verdade. Cabia ao homem equacionar de novo os velhos problemas, para encontrar as soluções mais seguras. Já vimos o que isso representa, no processo geral da evolução humana. Mas o que agora nos importa é colocar nesse quadro o problema da ciência espírita.

Tomemos para exemplo a classificação das ciências, de Augusto Comte, que data da época de Kardec. Vemos que ela se constitui de seis ciências, correspondentes às fases da evolução fixadas na lei dos três estados. São as seguintes: 1.a) a Matemática, de tipo dedutivo, a mais antiga e a mais simples, ao mesmo tempo que a mais abstrata; 2.a) a Astronomia, que não poderia aparecer sem o desenvolvimento da matemática; 3.a) a Física, que decorre da existência das duas anteriores, e que embora tendo por objeto o concreto, depende dos conceitos abstratos da matemática; 4.a) a Química, que não poderia existir sem o aparecimento das anteriores; 5.a) a Biologia, que parece nascer diretamente das duas últimas; 6.a) a Sociologia, que é ao mesmo tempo uma física, uma química e uma biologia social, e por isso mesmo a mais complexa e a mais recente das ciências.

Para Comte, não existia a Psicologia, uma vez que a alma se explicava como simples consequência do dinamismo orgânico. A Sociologia, rainha das ciências, representava o acabamento do edifício do saber. Não obstante, no volume quarto da "Revue Spirite", de abril de 1858, Kardec publica, precedido de

breve comentário, interessante trecho dá carta que lhe dirigira um leitor, perguntando-lhe se um novo período não estava surgindo para as ciências, com a investigação dos fenômenos espíritas. Kardec concorda com o missivista, admitindo que o Espiritismo iniciou o "período psicológico". Podemos dizer que a visão comteana do desenvolvimento científico limitou-se ao plano existencial, e, portanto do concreto, do material. Da Matemática à Sociologia, tudo se passa no campo das leis físicas, materiais. Daí a razão por que Comte não admitia a Psicologia, pois esta, na verdade, nada mais era que o estudo de um epifenômeno: o conjunto de reações orgânicas da matéria.

Ao referir-se a um "período psicológico", que se iniciava com o Espiritismo, Kardec acentuou a importância moral do mesmo. O homem se destacava da matéria, libertava-se da estrutura fatalista das leis físicas, para recuperar, no próprio desenvolvimento das ciências, a sua natureza extra-física. Convém lembrarmos a "lei dos três estados", que o Espiritismo modifica para "lei dos quatro estados". Segundo o Positivismo, a evolução humana teria sido realizada através de três fases: a teológica, a metafísica e a positiva, sendo que a primeira corresponderia à mentalidade mitológica; a segunda, a do desenvolvimento do pensamento abstrato; a terceira, a do desenvolvimento das ciências. Já estudamos essas fases na seqüência dos horizontes culturais. Kardec acrescenta a fase psicológica, em que as ciências se abrem para a descoberta e a afirmação do psiquismo como fenômeno (e não mais como simples epifenômeno), reconhecendo-lhe a autonomia e a realidade positiva, verificável, susceptível de comprovação experimental.

Vemos a confirmação desse pensamento de Kardec ao longo de toda a sua obra. O Espiritismo é apresentado como ciência, porque, explica o mestre em "A Gênese", capítulo primeiro: "Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, aplicando o método experimental." E logo mais, no mesmo período, item 14: "As ciências só fizeram progressos importantes depois que basearam os seus estudos no método experimental. Até então, acreditava-se que esse método só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas." Essa posição de Kardec está hoje confirmada pelo desenvolvimento da Parapsicologia, a primeira ciência positiva, segundo afirma o Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, EE. UU., cognominado "Pai da Parapsicologia", a romper os limites da concepção física do Universo e a provar a existência do extrafísico. Como se o Espiritismo já não o tivesse feito.

Com o Espiritismo, portanto, a ciência mais complexa, a da alma, que Augusto Comte não considerava possível, abandonou também o caminho das deduções, como o fizeram as anteriores, para entrar no caminho das induções. É da observação dos fatos positivos que o Espiritismo parte para a comprovação da realidade extrafísica. Kardec ainda afirma, no mesmo período citado: "Não foram os fatos que confirmaram, a posteriori, a teoria, mas a teoria que veio, subsequente, explicar e resumir os fatos."

2. DUALIDADE NA UNIDADE — Chegamos assim a uma constatação curiosa: o desenvolvimento científico leva as próprias ciências à dicotomia que elas insistentemente rejeitam. A dualidade cartesiana, hoje considerada herética, tanto nas ciências quanto na filosofia, volta a se impor, no momento mesmo em que as ciências parecem dominar soberanamente o mundo do conhecimento. Quando a realidade extrafísica era mais fortemente repudiada, para



sustentar-se, como base única da certeza do conhecimento e da segurança do homem, apenas realidade física, eis que esta se desmorona, ao impacto das investigações parapsicológicas, que nada mais são do que o desenvolvimento, no plano material, das pesquisas espíritas e metapsíquicas.

Mas além desse impacto, outro ainda mais forte vem atingir a sólida muralha dos conceitos físicos: a própria Física, para progredir, se desfaz em Energética. O desenvolvimento da Física Nuclear nada mais é do que a negação da matéria, segundo as próprias expressões de Albert Einstein, Arthur Compton, e outros físicos eminentes. Assim, em dois sentidos diversos: nas ciências do homem e nas ciências da natureza, o Materialismo e o Positivismo se desfazem, como simples miragens científicas. E, em lugar de ambos, impõe-se a realidade da Ciência Espírita.

Kardec afirmou, há mais de cem anos, em "O Livro dos Espíritos", com a serenidade do homem que realmente sabia o que estava escrevendo: "O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, bem como as suas relações com o mundo corpóreo." Vemos isso no item 5.º do capítulo 1.º do livro citado. E logo mais, no item 8º., acentuou: "A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as do mundo moral, tendo, no entanto, umas e outras, o mesmo princípio : Deus; razão porque não podem contradizer-se."

Como ciência nova, última da escala das ciências, o Espiritismo abre uma nova era na história do conhecimento. E como todas as eras novas, esta se apresenta confusa, aparentemente cheia de contradições. A primeira e a mais forte dessas contradições, a que mais perturba os homens de ciência, é precisamente a da dicotomia a que já nos referimos. Como admitir-se, depois dos próprios esforços de Einstein para provar a unidade das leis naturais, através de sua teoria do campo unificado, a dualidade que ora se apresenta? Temos então dois campos: um físico e outro extrafísico; e conseqüentemente duas formas de ciências, as físicas e as não-físicas? Voltamos à dualidade cartesiana, ou o que parece ainda pior, à dualidade primitiva das superstições tribais ou do período metafísico?

Kardec explica, nos capítulos VII e VIII da "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita", que "a ciência propriamente dita, ou seja, as chamadas ciências positivas, têm por objeto a matéria. O Espiritismo, entretanto, tem por objeto o Espírito, ou princípio inteligente do Universo." E acrescenta: "A ciência propriamente dita, como ciência, é, portanto, incompetente para se pronunciar a respeito da questão do Espiritismo: não lhe compete ocupar-se do assunto, e o seu julgamento, qualquer que ele seja, favorável ou não, não teria nenhuma importância."

É que, enquanto o Espiritismo é uma forma de concepção geral do Universo e da Vida, as ciências não podem abranger o conjunto. Que fazem elas, senão enfrentar os problemas concernentes ao plano existencial? Quando estamos nesse plano, encarado apenas como o da realidade física, não percebemos o outro. Aliás, a própria fragmentação da Ciência, em tantas ciências quantos os campos específicos que tiveram de enfrentar, obrigou-as a buscar uma forma de reunificação no plano filosófico, com a Filosofia das Ciências. Não é esta, também, uma forma de volta à Metafísica, embora com os dados da Física? A dico-

tomia, como se vê, é um fantasma permanente, que nenhum exorcismo científico conseguiu afastar.

Os esforços do Reflexiologismo russo e do Condutismo norte-americano em Psicologia, para reduzirem o psiquismo a um simples epifenômeno, foram superados violentamente pelo desenvolvimento da Psicanálise e do que hoje denominamos Psicologia Profunda. Os esforços da Física, para dominar todo o campo das ciências, naturais e humanas, foram inúteis, quando ela mesma superou os seus próprios quadros, revelando a inexistência da matéria como tal. Mas essa mesma revelação, que para as ciências positivas parece um golpe de morte, para o Espiritismo não é mais do que a confirmação da unidade na dualidade, que ele sustentou desde o princípio. Não há dualidade, mas multiplicidade, pluralismo, uma riqueza infinita e inconcebível de planos de manifestação, mas esta manifestação é a de uma realidade única, a espiritual, princípio e fundamento de tudo. Por isso, Kardec advertiu que a Ciência e a Religião têm um mesmo princípio e não podem contradizer-se.

Compreendendo essa verdade, mas em plena era metafísica, a Escolástica medieval quis subordinar a revelação científica, então entendida como filosófica, à dogmática teológica. Não sendo possível nem admissível a contradição, a ciência humana tinha de servir à ciência divina, e a filosofia devia conservar-se na posição de serva da teologia. Basta pensarmos na divisão do conhecimento humano, feita por Santo Agostinho, em "iluminação" e "experiência", para entendermos a subordinação lógica da razão à revelação. Mas Kardec demonstra a existência de duas formas de revelação: a divina e a humana, ambas conjugadas num mesmo processo cognitivo. A raiz, aliás, se mostra no próprio plano etimológico: revelar é apenas pôr às claras o que estava oculto, e isso, tanto no referente às coisas materiais, quanto às espirituais. Ainda aqui, a dualidade na unidade.

Mas nem por isso podemos deixar de respeitar a dualidade, como uma realidade que se impõe à condição humana. E assim como, nas próprias ciências positivas, encontramos a multiplicidade de objetos e métodos, — não apenas dualidade, mas multiplicidade — assim também, no tocante ao Espiritismo, como ciência do espiritual, e às ciências positivas, como ciência do material, temos de considerar a necessidade de métodos diferentes, para objetos diversos. É o problema da moderna ontologia do objeto. Da mesma maneira por que os métodos da experimentação física não serviram à pesquisa psicológica ou sociológica, os métodos científicos positivos são insuficientes para a investigação espírita. A ciência espírita tem os seus próprios métodos. E tanto isso é necessário e cientificamente válido, que, atualmente, a Física se desdobra em Física Nuclear ou Para-Física, e a Psicologia em Parapsicologia.

3. ESPÍRITO E MATÉRIA — A ciência espírita não procede por exclusão, mas procura a síntese. As ciências positivas, até agora, procederam por exclusão. Não podendo admitir a existência do espírito, deixaram-no à margem das suas cogitações, e acabaram por tentar excluí-lo definitivamente da realidade universal. Apesar disso, tiveram sempre de admiti-lo, na forma de um epifenômeno. Não era possível negar a evidência do espírito, tanto no processo individual da manifestação humana, quanto no processo coletivo, da vida social. Daí o aparecimento da Psicologia, que os mais renitentes materialistas procuraram reduzir à Fisiologia, e o aparecimento da Sociologia, que acabou exigindo a formulação de uma Para-Sociologia, com a Psicologia Social.

Espírito e matéria, como sustenta a ciência espírita, são duas constantes da realidade universal. Por isso, Kardec declara no item 16 do capítulo primeiro de "A Gênese": "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente. A Ciência, sem o Espiritismo, não pode explicar certos fenômenos, somente pelas leis da matéria. O Espiritismo, sem a Ciência, careceria de apoio e confirmação." Ao fazer essa declaração, Kardec teve em mira o pensamento positivo e a possibilidade de comprovar-se a existência do espírito através dos fenômenos físicos.

Seria possível essa comprovação? Tanto o Espiritismo, como a Ciência Psíquica inglesa e a Metapsíquica de Richet já o demonstraram, no século passado. Hoje, coube à Parapsicologia reafirmar aquelas demonstrações e procurar aprofundá-las, dentro das próprias exigências metodológicas das ciências positivas. Que estas exigências não se adaptam à natureza diversa do objeto, como dizia Kardec, também se comprova. As investigações parapsicológicas apenas arranham o litoral do imenso continente do espírito, e a todo momento se emaranham em dúvidas e controvérsias. Mas o espírito se afirma, independentemente das interpretações diversas, como uma realidade fenomênica.

Parece haver uma contradição nessa curiosa posição da fenomenologia paranormal. Mas a contradição decorre apenas da posição mental dos pesquisadores. Porque, se a realidade se constitui de espírito e matéria, e se o espírito se manifesta no existencial através da matéria, a própria realidade nada mais é do que uma manifestação paranormal. Tudo quanto existe é fenômeno, mas o é em função do númeno kantiano, da essência espiritual que se manifesta na existência. Dizer, pois, que o Espiritismo, em vez de espiritualizar os homens, materializa espíritos, é simplesmente sofismar. Não se pode espiritualizar os homens sem lhes dar a consciência de sua natureza espiritual, não através de uma imposição dogmática, hoje inadequada e perigosa, — que leva a maioria das pessoas à dúvida ou ao ceticismo — mas através da prova científica.

Como ciência do espírito, e portanto do elemento espiritual constitutivo do Universo, o Espiritismo procede de maneira analítica, no plano fenomênico. Mas, ao se elevar às conclusões indutivas, atinge, natural e fatalmente, o plano da síntese. É esse o motivo porque Richet considerou Kardec excessivamente crente, ingênuo, precipitado. Para o fisiologista que era Richet, a síntese das verificações fenomênicas não poderia jamais superar o plano da realidade fisiológica. Teria de ser uma síntese parcial, uma conclusão tirada apenas dos dados positivos, que no caso seriam os dados materiais da investigação. Para o espírita Kardec, dava-se exatamente o contrário. A síntese tinha de ser completa, uma vez que os dados materiais revelavam a presença do espiritual, a sua manifestação.

Impõe-se, neste caso, a observação de Descartes, de que é mais fácil conhecermos o nosso espírito do que o nosso corpo. A realidade espiritual nos é mais acessível, porque é a da nossa própria natureza. A realidade material é-nos estranha e quase inacessível. Quando o cientista da matéria observa os fenômenos, procurando explicações no plano dos seus conceitos habituais, acaba emaranhando-se nas dúvidas e perplexidades que aturdiram tantos investigadores. Quando, porém, como no caso de William Crookes ou Alfred Russell Wallace, o cientista da matéria não se esquece da sua natureza espiritual, a realidade transparece nos dados materiais da investigação.

Nosso conhecimento das coisas materiais é extremamente mutável, em virtude da própria natureza mutável dessas coisas. Mas o nosso conhecimento de nós mesmos, ou das coisas espirituais, é estável, e podemos mesmo considerá-lo imutável. Porque esse conhecimento nos é dado por intuição direta, por uma percepção que coincide com a própria natureza do percipiente. Sujeito e objeto se confundem no processo da relação cognitiva. Tocamos de novo o problema que dividiu os filósofos jônicos e eleatas, na Grécia clássica: a realidade móvel de Heráclito e a estável de Zenon. O que nos mostra, mais uma vez, a acuidade intuitiva dos gregos, pois os dois aspectos universais continuam a aturdir-nos.

Certas pessoas querem negar a natureza científica do Espiritismo, por considerarem a "crença" espiritual uma simples superstição. Alegam que desde as eras mais remotas os homens acreditaram em espíritos. Mas não é o fato de sempre haverem acreditado o que importa, e sim o fato das próprias investigações científicas modernas confirmarem essa crença. Enquanto, por exemplo, a concepção geocêntrica do Universo, tão arraigada, teve de modificar-se, diante da evidência científica, a concepção espiritual do homem, pelo contrário, mostra-se irredutível. A ciência espírita só tem motivos para firmar-se nos seus conceitos, e não para ceder aos conceitos mutáveis das ciências materiais.

4. SEMENTES DE FOGO — Podemos dizer, diante da validade dos princípios espirituais, afirmados e reafirmados através do tempo, como dizia Descartes: "temos em nós sementes de ciências, como o sílex tem sementes de fogo". Kardec citou, na Introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Sócrates e Platão como precursores da Doutrina. Essa citação não nos impede, pelo contrário nos estimula, a verificar a existência de outros precursores no campo da ciência e da filosofia, antigas e modernas. Entre eles, não há dúvida que devemos colocar René Descartes, na própria França em que surgiria mais tarde o Consolador.

Na noite de 10 para 11 de novembro de 1619, Descartes, então jovem soldado acampado em Ulm; na Alemanha, sentiu-se tomado por intensas agitações. Seu amigo, biógrafo e correspondente, o Abade Baillet, diria mais tarde que ele: "entregou-se a uma espécie de entusiasmo, dispondo de tal maneira do seu espírito já cansado, que o pôs em estado de receber as impressões dos sonhos e das visões". De fato, Descartes, que se preocupava demasiado com a incerteza dos conhecimentos humanos, transmitidos tradicionalmente, deitou-se para dormir e teve nada menos de três sonhos, que considerou bastante significativos. O mais curioso é que esses sonhos já lhe haviam sido preditos pelo Demônio, que à maneira do que se verificava com Sócrates, o advertia de coisas por acontecer.

A importância desses sonhos, como sempre acontece quando se trata de ocorrências paranormais, não foi até hoje apreciada pelos historiadores e pelos intérpretes do filósofo. Mas Descartes declarou que eles lhe haviam revelado "os fundamentos da ciência admirável", uma espécie de conhecimento universal, válido para todos os homens e em todos os tempos. Essa ciência não seria elaborada apenas por ele, pois tratava-se de "uma obra imensa, que não poderia ser feita por um só". Comentando o episódio, acentua Gilbert Mury: "Esse homem voluntarioso e frio tem qualquer coisa de um profeta. Anuncia a Boa Nova. Escolheu a rota da sabedoria, e nela permanecerá."

Descartes sentiu-se de tal maneira empolgado pelos sonhos que acreditou haver sido inspirado pelo Espírito da Verdade. O Abade Baillet registra esse fato em sua biografia do filósofo. Foi tal a clareza da intuição recebida, em forma onírica, que Descartes se considerou capaz de pulverizar a velha e falsa ciência escolástica, que lhe haviam impingido desde criança. Pediu a Deus que o amparasse, que lhe desse forças para realizar a tarefa que lhe cabia, na grande obra a ser desenvolvida. Rogou a Deus que o confirmasse no propósito de elaborar um método seguro para a boa direção do espírito humano. E desse episódio originou-se toda a sua obra, que abriu os caminhos da ciência moderna.

Não tinha Descartes, nessa ocasião, mais do que 23 anos. Julgou-se, por isso mesmo, demasiado jovem para tão grande e perigosa empreitada. Não obstante, como um verdadeiro vidente, empenhou, dali por diante, todos os seus esforços, no sentido de adquirir conhecimentos e condições para o trabalho entrevisto. E dezoito anos depois lançou o "Discurso do Método", que rasgaria os novos caminhos da ciência. Cauteloso, diante dos perigos que ameaçavam os pensadores livres da época, Descartes não deixou, entretanto, de cumprir o seu trabalho, que Espinosa prosseguiria mais tarde, e que mais tarde ainda se completaria com a dedicação de Kardec.

A epopéia do "cogito", realizada no silêncio da meditação, é uma indicação de rumos à nova ciência. Descartes mergulhou em si mesmo, negando toda a realidade material, inclusive a do próprio corpo, na procura de alguma realidade positiva, que se afirmasse por si mesma, de maneira indubitável. Foi então que descobriu a realidade inegável do espírito, proclamando, no limiar da nova era: "Cogito, ergo sum", ou seja: "Penso, logo existo." E no mesmo instante em que reconheceu essa verdade, julgou-se isolado do universo, perdido em si mesmo. Só podia afirmar a sua própria existência. Nada mais sabia, nem podia saber.

A maneira por que Descartes retoma contato com a realidade exterior é outra indicação de rumos. Descobre no fundo do "cogito", no seu próprio pensamento, a realidade suprema de Deus. Essa descoberta lhe devolve o Universo perdido. O filósofo da negação se converte no cientista da afirmação. Deus existe e o Universo é real. Espinosa escreverá a "Ética", mais tarde, sua obra máxima, a partir de uma premissa fixada por Descartes: a existência de Deus. É fácil compreendermos que a ciência admirável tinha um fundamento sólido, poderoso e amplo, que a ciência materialista rejeitou posteriormente. Mas, depois disso, quando a ciência admirável conseguiu, apesar da repulsa dos homens, novamente firmar-se em França, o fez de braços abertos para todos os fragmentos em que se partira a ciência da matéria.

Este é um tema que os estudiosos do Espiritismo precisam desenvolver. Num curso de introdução doutrinária, é bom que o coloquemos, a título de orientação para os estudantes e de sugestão para as suas futuras investigações. A chamada revolução cartesiana foi precursora da revolução espírita. A ciência admirável de Descartes é a mesma ciência espiritual de Kardec, ainda em desenvolvimento, por muito tempo, em nosso planeta.

<b>Cosmovisão Espírita</b>
----------------------------

**CAPÍTULO V - MUNDO DE REGENERAÇÃO****Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires****Editora Edicel. 7ª. edição**

1. HUMANIDADE CÓSMICA — Aquilo que há cem anos parecia uma simples utopia, ou a alucinação de um visionário, hoje já se tornou admitido até mesmo pelos mais fortes redutos da tradição terrena. A evolução acelerou-se de tal forma, no transcorrer deste século, a partir da publicação de "O Livro dos Espíritos", que o sonho de uma humanidade cósmica parece prestes a mostrar-nos a sua face real, através das conquistas da ciência. Nossos primeiros vôos nas vastidões espaciais alargaram as perspectivas da vida humana, ao mesmo tempo que as investigações do cosmos modificaram a posição dos cientistas e dos próprios setores religiosos mais tradicionais. Admite-se a existência de mundos habitados, em nosso sistema e fora dele, e a possibilidade do estabelecimento de um próximo intercâmbio entre as esferas celestes.

"O Livro dos Espíritos" já afirmava, desde meados do século dezenove, que o cosmos está povoado de humanidades. E Kardec inaugurou as relações interplanetárias conscientes, através das comunicações mediúnicas, obtendo informações da vida em outros globos do nosso próprio sistema solar. Na secção "Palestras Familiares de Além-Túmulo", da *Revue Spirite*", Kardec publicou numerosas conversações com habitantes de outros planetas, alguns deles, como Mozart e Pallissy, emigrados da Terra para mundos melhores. Todo o capítulo terceiro da primeira parte de "O Livro dos Espíritos" refere-se ao problema da criação e da formação dos mundos, contendo, do item 55 ao 58, os períodos anunciadores da "Pluralidade dos Mundos".

Os Espíritos afirmaram a Kardec que todos os mundos são habitados. A audácia da tese parece temerária, e está ainda muito longe de ser admitida. Mas é evidente que em parte já está sendo aceita por todo o mundo civilizado. Por outro lado, a condição fundamental para a sua aceitação já foi também admitida: a de que as formas de vida variam ao infinito, de mundo para mundo, uma vez que a constituição dos próprios globos é também a mais variada possível. Hoje, nos países cientificamente mais adiantados, como os Estados Unidos e a Rússia, fazem-se experiências de laboratório para o estudo da astrobiologia. As sondas espaciais, por sua vez, demonstraram a existência de vida microscópica nas mais distantes regiões do espaço, e o exame de aerólitos vem demonstrando que as pedras estelares trazem para a terra restos de fósseis desconhecidos.

Concomitantemente com esses progressos, na própria Terra as investigações científicas se ampliaram, revelando através da Física, da Biologia e da Psicologia, novas dimensões da vida. A Física Nuclear, a Biônica, a Cibernética e a Parapsicologia modificam a nossa posição diante dos problemas do mundo e da vida. Os parapsicólogos demonstram a existência de um substrato extrafísico na mente humana, e portanto na constituição do homem, ao mesmo tempo que os físicos nucleares revelam a natureza energética da matéria. Nossas concepções vão sendo impulsionadas irresistivelmente além do domínio físico, em todos os

sentidos. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais uma utopia ou uma simples alucinação.

No item 55 de "O Livro dos Espíritos" encontramos esta afirmação, em resposta à pergunta de Kardec sobre a habitabilidade de todos os mundos: "Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles." No item 56 vemos esta antecipação: a constituição dos diferentes mundos não se assemelha. E no item 57, a explicação de que os mundos mais distantes do sol têm outras fontes de luz e calor, que ainda não conhecemos.

A tese da pluralidade dos mundos habitados leva-nos imediatamente ao conceito de solidariedade cósmica. No item 176 encontramos a afirmação de que: "todos os mundos são solidários". Esta solidariedade se traduz pelo intercâmbio reencarnatório. Os espíritos mudam de globos, de acordo com as necessidades ou conveniências de seu processo evolutivo. Essas migrações, entretanto, não são feitas ao acaso, mas segundo as leis universais da evolução. Cada mundo se encontra num determinado grau de aperfeiçoamento. Suas portas serão franqueadas aos espíritos, na proporção em que estes vão, por sua vez, atingindo graus superiores em sua evolução pessoal. Como os homens, nas relações internacionais, espíritos superiores podem reencarnar-se em mundos inferiores, cumprindo missões civilizadoras. Da mesma maneira, espíritos de mundos inferiores podem estagiar em mundos superiores se estiverem em condições para isso, e voltar aos seus globos, para ajudá-los a melhorar.

A humanidade cósmica é solidária, e a civilização cósmica é infinitamente superior ao nosso pobre estágio terreno, de que tanto nos vangloriamos. Há mundos de densidade física fora do alcance dos nossos sentidos, habitados por humanidades que nos pareceriam fluídicas, e que não obstante são, no plano em que se encontram, concretas e definidas. Humanidades felizes, que se utilizam de corpos leves e habitam regiões paradisíacas, numa estrutura social em que prevalecem o bem, o amor e a paz, o perfeito entendimento entre as criaturas. Humanidades livres da escravidão dos instintos animais e dos corrosivos morais do egoísmo e do orgulho, que infelicitam os mundos inferiores.

"A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea", ensina Kardec, no comentário que faz ao item 191 de "O Livro dos Espíritos". Os espíritos passam gradativamente "do estado de embrião ao de infância, para chegarem, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea". Assim, as concepções geocêntricas de céu e inferno, como prêmio ou castigo eternos de uma curta existência num pequeno mundo inferior, são substituídas pela compreensão copérmica da vida universal e do progresso infinito para todas as criaturas. Bastaria esta rápida visão da humanidade cósmica para nos mostrar como ainda estamos, infelizmente, distantes de uma assimilação perfeita da Doutrina Espírita. Quando conseguirmos compreender integralmente esta cosmo-sociologia e suas imensas conseqüências, estaremos à altura do Espiritismo.

2. DESTINAÇÃO DA TERRA — Os Espíritos explicam, no capítulo terceiro da primeira parte de "O Evangelho Segundo o Espiritismo: "A qualifi-

cação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa que absoluta. Um mundo é inferior ou superior em relação aos que estão abaixo ou acima dele, na escala progressiva." A medida cósmica é a evolução. "Embaixo" e "em cima" são expressões graduais, e não locais. A Terra já foi um mundo inferior, quando habitado pela humanidade primitiva que nela se desenvolveu. O seu progresso foi ainda incentivado por migrações de espíritos, realizadas em massa, no momento em que um mundo distante conseguiu subir na escala dos mundos. Seus "resíduos evolutivos" foram então transferidos para o nosso planeta. Criaturas superiores aos habitantes terrenos, exilados na Terra, deram-lhe extraordinário impulso evolutivo. Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.

Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está prestes a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração. Vejamos, porém, como explicar o nosso estágio atual. Ensina "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no capítulo citado: "A superioridade da inteligência de um grande número de habitantes indica que ele não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles revelam são a prova de que já viveram, e de que realizaram algum progresso. Mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o índice de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou numa terra ingrata, para aí expiarem as suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que mereçam passar para um mundo mais feliz."

Ao mesmo tempo, Espíritos ainda na infância evolutiva, e Espíritos de um grau intermediário, mesclam-se às coletividades em expiação. Representamos uma mistura de exilados e população aborígine. Os antigos habitantes do mundo primitivo convivem com os imigrantes civilizadores. Mas estes mesmos civilizadores ainda são bastante imperfeitos, e realizam sua missão expiando as faltas cometidas em outros mundos. A explicação prossegue: "A Terra nos oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, de que as variações são infinitas, mas que têm por caráter comum o de servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo com a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho, que desenvolve simultaneamente as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, transforma o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito."

Esta bela comunicação é assinada por Santo Agostinho, que usa o título de santo para fins de identificação. A seguir, com a mesma assinatura, temos uma mensagem sobre a condição do mundo em que o nosso planeta se transformará: o mundo de regeneração. Estes mundos, explica o Espírito: "servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes". São, portanto, simples escalas de aperfeiçoamento, na cadeia universal dos mundos. Prossegue a informação espiritual: "Nesses mundos, sem dúvida o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas livre das paixões desordenadas que vos escravizam." Estas frases traduzem uma bem-aventurança com que há muito sonhamos: "A palavra amor está gravada em todas as frentes; uma perfeita equidade regula as relações sociais."

Não estamos diante de uma humanidade perfeita, mas apenas de um grau de evolução superior ao nosso. O homem ainda é falível, sujeito a se deixar le-



var por resíduos do passado, arriscando-se a cair de novo em mundos expiatórios para enfrentar provas terríveis. Quem não verifica o realismo desta descrição, comparando o nosso desenvolvimento atual com o nosso passado, e verificando as diretrizes do progresso terreno? Os Espíritos não anunciam uma transição miraculosa, mas uma transformação progressiva do mundo, que já está em plena realização. Nosso mundo de regeneração será mais ou menos feliz, segundo a nossa capacidade de construí-lo. O homem terreno atingiu o grau evolutivo que lhe permite responder plenamente pelas suas ações. Deus respeita o seu livre-arbítrio, para que ele possa aumentar a sua responsabilidade.

No mesmo capítulo citado, e com a mesma assinatura espiritual encontramos ainda estes esclarecimentos. "Acompanhando o progresso moral dos seres vivos, os mundos por eles habitados progridem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles mesmos avançam na via do progresso. Assim marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e das habitações, porque nada é estacionário na natureza. Quanto esta idéia é grande e digna do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder, a que concentra a sua solicitude e a sua providência sobre o imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!"

Esta concepção cósmica não é grandiosa apenas no seu aspecto exterior, mas também e principalmente no seu sentido subjetivo, e, portanto, profundo. O que mais se afirma, em toda a sua extensão, é o princípio de liberdade e de responsabilidade humanas. Os Espíritos, que são as criaturas humanas, encarnadas ou não, aparecem como os artífices do seu próprio destino pessoal e coletivo, e como os demiurgos platônicos que modelam os mundos. Deus lhes oferece a matéria-prima das construções, mas são eles os que constroem, com inteira liberdade — dentro das limitações naturais das condições de vida em cada plano — cometendo crimes ou praticando atos de justiça, bondade e heroísmo, para colherem os resultados de suas próprias ações.

O sentido ético dessa concepção é revolucionário. Deus não está, diante dela, em nenhuma das duas posições clássicas do pensamento filosófico e religioso: nem como o Ato Puro de Aristóteles, indiferente ao Mundo, nem como o Jeová humaníssimo da Bíblia, comandando exércitos e dirigindo as ações humanas. Só mesmo a síntese cristã do Deus Pai, velando paternalmente pelos filhos, corresponde à sua grandeza. E é justamente essa síntese que se corporifica na idéia de Deus da concepção espírita. Mas, como até hoje, o Deus Pai do Cristianismo não se efetivou entre os homens, o Espiritismo o apresenta em novas dimensões, promovendo a sua revolução ética no mundo em transição.

3. ORDEM MORAL — É precisamente a revolução ética do Espiritismo que estabelecerá a ordem moral do mundo de regeneração. Aquilo que hoje chamamos ordem social, porque baseada nas relações de sociedades que implicam transações utilitárias, será de tal maneira modificada, que poderemos mudar a sua designação. A humanidade regenerada, embora ainda não tenha atingido a perfeição relativa dos mundos felizes, viverá numa estrutura de relações de tipo moral. Os valores pragmáticos serão substituídos naturalmente pelos valores morais, porque o homem não mais valerá pelo que possui, em dinheiro, proprie-

dades ou poder político, mas pelo que revela em capacidade intelectual e aprimoramento espiritual.

A dinâmica social da caridade, que o Espiritismo hoje desenvolve ativamente, em nosso mundo de provas e expiações, tem por finalidade romper o egocentrismo social dos indivíduos atuais, para em seu lugar fazer desabrochar o altruísmo moral, que caracterizará o cidadão do futuro. Mesmo no meio espírita, muitas pessoas não compreendem o sentido da filantropia espírita, entendendo que ela se confunde com os remendos de consciência das esmolos dos ricos. A verdade, porém, é que a caridade é o único antídoto eficaz do egoísmo, esse corrosivo psíquico, que envenena os espíritos e toda a sociedade. A prática da caridade é o aprendizado necessário do altruísmo, é o treinamento moral das criaturas em expiação e prova, com vistas ao mundo de regeneração.

Vemos no item 913 de "O Livro dos Espíritos" essa colocação precisa do problema: "Estudai todos os vícios, e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não chegareis a extirpá-los, enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades."

Mas a prática da caridade não pode limitar-se à criação de serviços de assistência. A caridade espírita não é paternalista, mas fraterna. Não pode traduzir-se em protecionismo, mas em ajuda mútua: a mão que distribui não socorre apenas, porque também recebe. Só há uma paternidade: a de Deus. Sob ela, desenvolve-se a fraternidade humana, com deveres e direitos recíprocos. No capítulo XV de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", item 5, encontramos esta exposição do problema: "Caridade e humildade são as únicas vias de salvação; egoísmo e orgulho, as de perdição. Este princípio é formulado em termos precisos nas seguintes frases: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo: toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos." E para que não houvesse equívoco na interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta-se: "E eis o segundo mandamento, semelhante ao primeiro." Quer dizer que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus, de maneira que tudo o que se faz contra o próximo, contra Deus se faz. Não se podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação."

"O Livro dos Espíritos", em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: "De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão al-

to que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo."

O amor do próximo não pode existir sem o amor de Deus, e vice-versa, porque o apego ao mundo, aos bens materiais, aos valores transitórios da terra, aguça o egoísmo. A "importância da personalidade", por sua vez, é incentivada pela ordem social utilitária, baseada no jogo de interesses imediatistas. A compreensão espírita do mundo e do destino do homem modificará a ordem social. A certeza da sobrevivência e o conhecimento da lei de evolução arrancarão o homem das garras do imediatismo: ele pensará no futuro. Assim fazendo, verá as coisas de mais alto e aprenderá que o valor supremo e o supremo bem estão nas leis de Deus, que são a justiça, o amor e a caridade. Compreender isso é amar a Deus, amar a Deus é praticar as suas leis. Sem o amor de Deus, o homem alimenta o amor de si mesmo, o egoísmo, que o liga estreitamente ao mundo e aos seus bens transitórios e falsos.

A referência às instituições egocêntricas, à legislação humana, contrária às leis de Deus, à organização social e injusta e à educação deformante, mostram-nos o que acima acentuamos, ou seja, que a caridade não se limita à assistência. De que vale amparar apenas os pobres, os necessitados, e entregar à loucura e à embriaguez do dinheiro e do poder os ricos do mundo? Espiritualmente os dois são necessitados, pois o rico voltará na pobreza, a fim de corrigir-se pela reencarnação. Cumpra, por isso mesmo, lutar pela transformação social, pela modificação da ordem egoísta que incentiva e perpetua o egoísmo, no círculo das reencarnações dolorosas.

Qual, porém, a maneira de lutarmos por essa transformação? O item 914 o aponta: a educação. E Kardec, no comentário final sobre o item 917, o reafirma: "A cura poderá ser prolongada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-ão endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas." As respostas dadas a Kardec eram de Fénelon, um educador. O próprio Kardec, pedagogo, estava à altura de compreender, e prontamente endossou a opinião do Espírito.

As pessoas pouco afeitas ao estudo dos problemas políticos e sociais estranharão o caminho indicado. Não obstante, se foi Platão o primeiro a tentar a reforma do mundo pela educação, com a sua "República", foi Rousseau o primeiro a obter resultados positivos nesse sentido. Ambos eram utópicos, mas exerceram poderosa influência no mundo. E depois deles, compreendeu-se, principalmente a partir da Revolução Francesa, que nenhuma transformação podia efetuar-se e manter-se, sem apoiar-se na educação. As próprias formas de transformação violenta, como a Revolução Comunista e as Revoluções Nazista e Fascista, na Alemanha e na Itália, apoiaram-se imediatamente na educação. Porque a educação é a orientação das novas gerações, e a transmissão às mesmas de todo o acervo cultural da civilização: é a criação do futuro, a sua elaboração.

Educar, entretanto, não é apenas lecionar, ensinar nas escolas. A educação abrange todos os setores das atividades humanas e todas as idades e condições do homem. Daí a conclusão de Kardec, no mesmo comentário citado: "O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as vir-

tudes. Destruir um e desenvolver a outra, deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro." A educação espírita deve ser feita em todos os sentidos, através da palavra e do exemplo, numa luta incessante contra o egoísmo e em favor da caridade.

Nos capítulos sobre a lei de igualdade e a lei de justiça, amor e caridade, Kardec e os Espíritos apontam os rumos dessa batalha pela transformação do mundo. O próprio Espiritismo é um gigantesco esforço de educação do mundo, para que a humanidade regenerada de amanhã possa substituir o quanto antes a humanidade expiatória de hoje. Mas é necessário que os espíritas se eduquem no conhecimento e na prática da doutrina, para que possam educar o mundo nos princípios de renovação, que receberam do Consolador.

4. IMPÉRIO DA JUSTIÇA — A ordem moral será o império da justiça. O mundo de regeneração não poderá efetivar-se, portanto, enquanto não criarmos na Terra uma estrutura social baseada na justiça. Já vimos que a tarefa é nossa, pois o mundo nos foi dado como campo de experiência. Submetidos a expiações e provas aprendemos que o egoísmo é nefasto e que devemos lutar pelo altruísmo, a começar de nós mesmos. Mas como fazê-lo? Qual o critério a seguir, para que a educação espírita do mundo se converta em realidade, produzindo os frutos necessários?

Kardec nos explica; ao comentar o item 876: "O critério da verdadeira justiça é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria para si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, pois isso não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal como norma de partida, podemos estar certos de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o homem procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo."

O critério apontado, como vemos, é o da caridade. O império da justiça começará pelo reconhecimento recíproco dos direitos do próximo. A lei de igualdade regerá esse processo. Kardec declara ao comentar o item 803: "Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu, portanto, a nenhum homem, superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte. Todos são iguais diante dele."

Liberdade, igualdade e fraternidade, são os rumos da civilização. Em "Obras Póstumas" aparece um trabalho de Kardec sobre esses três princípios, tantas vezes deturpados, mas que deverão predominar no mundo de justiça. Escreveu o codificador: "Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação." A seguir, Kardec coloca a fraternidade como princípio básico, apontando a igualdade e a fraternidade como seus corolários.

A igualdade absoluta não é possível, dizem os contraditores dos ideais igualitários, alguns mesmo alegando que a desigualdade é lei da natureza. Citam, em favor dessa tese, o fenômeno da individualização, bem como a diversidade de aptidões. Lembram que os próprios minerais, vegetais e animais se diversificam ao infinito. Mas esquecem-se de que a lei natural não é a desigualdade.

de, mas a igualdade na diversidade. Vimos como Kardec define a igualdade dos homens perante Deus. Vejamos também a sua explicação das desigualdades no plano social, que é precisamente o plano material da fragmentação e da especificação.

Escreveu Kardec, no comentário ao item 805: "Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado, como Espírito. Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir, e também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei da caridade, que os deve unir!"

Nada existe como absoluto em nosso mundo, que é naturalmente relativo. A fraternidade, a igualdade e a liberdade são conceitos relativos, que tendem, porém, para a efetivação absoluta, através da evolução. No mundo de regeneração esses conceitos encontrarão maiores possibilidades de se efetivarem, porque a evolução moral terá levado os homens a se aproximarem dos arquétipos ideais. O Espiritismo nos convida à superação do relativismo material, para a compreensão dos planos superiores a que nos destinamos, como indivíduos e como coletividade. Nossa marcha evolutiva está precisamente traçada entre o relativo e o absoluto.

O império da justiça, no mundo de regeneração, marcará o início da libertação dos Espíritos que permanecerem na Terra. Mas esse mesmo fato representará a continuidade da escravidão, para os que forem obrigados a retirar-se para mundos inferiores. A desigualdade se manifesta na separação das duas coletividades espirituais, mas apenas como uma condição temporária da evolução, determinada pelas próprias exigências da igualdade fundamental das criaturas. Essa igualdade fundamental, que se define como de origem, natureza e essência, — origem, pela criação divina, comum a todos os espíritos; natureza, pela mesma qualidade, que é a individualização do princípio inteligente; e essência, pela mesma constituição espiritual e potencialidade consciencial; — desenvolve-se através da existência, nas fases sucessivas da evolução, que constituem as formas temporárias de desigualdade, para voltar à igualdade no plano superior da perfeição. Trata-se de um processo dialético de desenvolvimento do ser. Podemos figurá-lo assim: os espíritos partem da igualdade originária, passam pelas desigualdades existenciais, e atingem finalmente a igualdade essencial.

A justiça de Deus é absoluta, e por isso mesmo escapa às nossas mentes relativas. Mas na proporção em que formos evoluindo, alargaremos as nossas perspectivas mentais, para atingir a compreensão das coisas que hoje nos escapam. O Espiritismo é doutrina do futuro, que age no presente como impulso, levando-nos em direção aos planos superiores. É natural que muitos adeptos não o compreendam imediatamente, na inteireza de seus princípios e de seus objetivos. Mas é dever de todos procurar compreendê-lo, pelo estudo atento e humilde, pois sem a humildade necessária, arriscamo-nos à incompreensão orgulhosa e arrogante.

À maneira do Reino do Céu, pregado pelo Cristo, e das leis do Reino, que ele ensinou aos seus discípulos, o Espiritismo prepara o império da justiça na Terra. Não pode fazê-lo senão pela prática imediata da justiça através dos

princípios que nos oferece, convidando-nos à aplicação pessoal dos mesmos em nossas vidas individuais, e sua natural extensão, pelo ensino e o exemplo, ao meio em que vivemos. A transformação espírita do mundo começa no coração de cada criatura que a deseja. Por isso ensinava o Cristo que o Reino de Deus está dentro de nós, e que não começa por sinais exteriores.

\*

## CAPÍTULO XIII - REVOLUÇÃO CÓSMICA

**Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires. Ed. Paidéia. 3ª edição 1989.**

Em meados do Século XIX ocorreu uma abertura cósmica para o homem em todos os sentidos. Três séculos após a Revolução Copérnica, que começara a demolir o geocentrismo de Ptolomeu, Kardec rompia o organocentrismo da concepção científica do homem, que tinha em seu apoio a tradição religiosa judeu-cristã. Nicolau Copérnico escrevera em latim o seu tratado *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (Das Revoluções das Orbes Celestes) que só foi publicado em 1543, após a sua morte, e condenado pelo Papa Paulo V. Kardec publicou "*O Livro dos Espíritos*", em 1857, que também não escapou à dupla condenação da Igreja e da Ciência.

A concepção da vida como inerente às estruturas orgânicas foi o último refúgio do geocentrismo. Já que a Terra não era o centro do Universo, o homem sustentava a sua vaidade e o seu orgulho considerando-se o centro da vida. Isso é evidente ainda hoje, transparecendo na luta desesperada das religiões contra a concepção espírita do homem e na desesperada resistência das Ciências à evidência resultante de suas próprias conquistas. Na América e na Europa de hoje as declarações positivas de Rhine, Soal, Carington e outros sobre a existência de um conteúdo extrafísico nos seres humanos e de sua sobrevivência à morte orgânica são combatidas ferozmente e classificadas como ridículas. É um curioso espetáculo na arena intelectual, em que vemos o homem lutando, por orgulho, para sustentar que não é mais do que pó e cinza.

Podem os clérigos argumentar que nas religiões não se passa o mesmo, pois os princípios religiosos sustentam a concepção metafísica do homem. Entretanto, pode-se aplicar às religiões a advertência de Descartes quanto ao perigo de fazer-se confusão entre alma e corpo. Enquanto para o Espiritismo a alma é o espírito que anima o corpo, havendo nítida distinção entre um e outro, as religiões admitem a unidade substancial de alma e corpo, de tal maneira que a ressurreição se verifica no próprio corpo. A complexa teoria de *matéria e forma*, de Aristóteles, deu muito pano para manga na teologia medieval, resultando na doutrina *da forma substancial*, em que forma é substância e substância é forma. Em conseqüência, matéria e forma se misturam e não se sabe como explicar o homem sem a sua estrutura orgânica de matéria, pois chega-se mesmo a sustentar que o homem é pó e em pó se reverterá na morte.

Opondo-se a essa posição restritiva, que reduz o homem á condição de *bicho da terra*, segundo a expressão camoneana, o Espiritismo o reintegra na dignidade de sua natureza espiritual e reajusta a sua imagem no panorama cósmico. A manifestação dos mortos, demonstrando que continuam vivos e atuantes noutra dimensão da vida, e que continuam a ser o que eram, apesar de não mais possuírem o corpo material, não deixa nenhuma possibilidade de dúvida sobre a diferença entre conteúdo e continente, entre espírito e corpo. A confusão de forma e substância resolve-se com a demonstração da estrutura tríplice do homem: o espírito é a substância, a essência necessária, *o ser do primado ôntico* de Heidegger; o perispírito (*corpo espiritual ou bioplásmico*) é a *forma* da hipótese aristotélica, o padrão estrutural dos biólogos soviéticos; o corpo é a *matéria* que nos dá o ser existencial. Essa é a tese espírita dos dois seres do homem: o ser do espírito e o ser do corpo.

E o *não-ser*, como queria Hegel, não é um ente específico e autônomo, oposto ao ser, mas inerente ao *ser de relação* ou *existencial*, ligado a ele na existência como contrafação, determinado pela oposição da existência ao ser. É o que vemos no problema da relação Deus-Diabo, em que a figura do Diabo só é tomada em sentido mitológico, nunca real, como personificação das forças do passado, que pesam sobre o *ser existencial*, embaraçando-lhe o desenvolvimento. O *não-ser* é o que não quer ser, não quer *atualizar-se* na existência, mas permanecer o que era, apegado aos resíduos das fases anteriores ao ser. Uma das funções do ser é absorver o *não-ser* para levá-lo a ser, segundo a tese da passagem do inconsciente ao consciente, de Gustave Geley.

É assim que o homem se reintegra, pela concepção espírita, na realidade cósmica. Não é mais um ser isolado na Criação, privilegiado pela inteligência e amesquinhado pela morte, não é mais aquela *paixão inútil* de Sartre que o tempo consome e reduz a nada. O homem é a síntese superior produzida pela dialética da evolução criadora de Bergson nos reinos inferiores da Natureza, a partir das entranhas da Terra. No seu curso de milhões e milhões de anos, a partir da mônada oculta na matéria cósmica, impulsionado na ascensão filogenética das coisas e dos seres, passando pelas metamorfoses de uma ontogenia assombrosa, ele atingiu a consciência e descobriu a marca de Deus em si mesmo. Herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, segundo a expressão do Apóstolo Paulo, o homem não está condenado à frustração da morte, mas destinado à vida em abundância na plenitude do espírito.

Não é fácil à mentalidade necrófila desenvolvida pelas religiões da morte, sob o peso esmagador da escatologia judaica e da tragédia grega, compreender essa visão nova do homem como um ser cósmico. Por isso acusa-se o Espiritismo de reativar antigas superstições e voltar à concepção da metempsicose egípcia elaborada pelo gênio de Pitágoras. Não percebe essa mentalidade que a teoria pitagórica da metempsicose impunha-se ao sistema do filósofo por uma intuição do seu próprio gênio e pela necessidade lógica. O homem pitagórico antecipou o homem do Espiritismo na medida possível das grandes antecipações históricas. Era um homem cósmico por antevisão, tão integrado e entranhado na realidade universal que não podia escapar do círculo vicioso das formas se não despertasse em seu íntimo os poderes secretos da mônada. O conceito do homem em Pitágoras é infinitamente superior ao das religiões atuais e ao das filosofias do desespero e da morte em nosso século.

Quando Pitágoras falava da música das esferas não se embrenhava nas superstições, mas abria a mente de seus discípulos para a visão real do Cosmos, que só em nosso tempo se tornaria acessível a todos. Mais tarde, Jesus também anunciaria as muitas moradas do Infinito e ensinaria o princípio da ressurreição e das vidas sucessivas, estarrecendo um mestre em Israel que não sabia dessas coisas. Já numa fase mais avançada da evolução terrena, Jesus não se referia à metempsicose, mas à palingenesia do pensamento grego, à transformação constante dos seres e das coisas no desenvolvimento do plano divino. Nesse mesmo tempo, nas antigas Gálias, os celtas, que para Aristóteles eram um povo de filósofos, divulgavam esses mesmos princípios pela voz dos seus bardos, poetas-cantores das tríades sagradas. E entre eles, como um druida, Kardec se preparava para a sua missão futura na França do Século XIX.

Vemos assim duas linhas paralelas na filogênese humana: de um lado temos a evolução do *princípio inteligente* a partir dos reinos inferiores da Natu-



reza, onde a mônada, a semente espiritual lançada pelo pensamento divino, desenvolve as suas potencialidades numa seqüência natural em que podemos perceber as seguintes etapas: o poder estruturador no reino mineral, a sensibilidade no vegetal, motilidade do animal, o pensamento produtivo no homem. A este esquema linear temos de juntar a idéia do desenvolvimento simultâneo de todas essas potencialidades, num crescendo incessante, num processo dialético de dinamismo tão intenso e complexo que mal podemos imaginar. Foi isso que levou Gustave Geley, o grande sucessor de Richet, a considerar a existência em todas as coisas de um *dinamismo-psíquico-inconsciente* que rege toda a evolução. Que abismo entre essa concepção da gênese universal que o Espiritismo oferece e a gênese alegórica das religiões! E mesmo em relação à gênese científica podemos notar a superioridade da concepção espírita, que não se restringe à idéia de um processo dinâmico de forças desencadeadas no plano superficial da matéria, mas penetra nas entranhas do fenômeno para descobrir *o nûmeno*, a essência determinante do processo e os objetivos graduais e conscientes que são acessíveis à nossa percepção e compreensão. A criação do homem, a sua natureza e o seu destino tornam-se inteligíveis. Édipo decifra os mistérios da Esfinge.

Apesar disso, há criaturas que acusam o Espiritismo de doutrina simplória, de simples abecê da Espiritualidade, curso primário de iniciação nos conhecimentos superiores da realidade universal. Enganam-se com a linguagem simples das obras de Kardec, através da qual o mestre francês colocou ao alcance de todos, graças a um processo didático difícilimo de se atingir e aplicar, os mais graves problemas que os sábios do futuro teriam de enfrentar, como estão enfrentando neste momento. A simplicidade de Kardec é tão enganosa como a de Descartes. À maneira do *Discurso do Método*, "*O Livro dos Espíritos*" é um desafio permanente à argúcia e ao bom-senso dos sábios do mundo. Esses dois livros nos lembram a simplicidade enganosa dos ensinamentos de Jesus, que os teólogos enredaram em proposições confusas, não compreendendo o seu sentido profundo e impedindo os simples de compreendê-lo.

Mas voltemos às duas linhas paralelas da filogênese humana, para tratar da segunda. Na primeira tivemos o processo natural de desenvolvimento das potencialidades do *princípio inteligente*, que podemos comparar ao crescimento da criança e aos primeiros cuidados com a sua educação. Temos de aguardar o desenvolvimento orgânico da criança para que as suas possibilidades mentais se revelem. E temos então de orientar as suas disposições naturais para o aprendizado escolar. O que vimos na primeira paralela foi exatamente esse processo. Quando as potências da mônada atingiram o desenvolvimento necessário à sua individualização definitiva, como criatura humana, e a consciência mostrou-se estruturada, começou então o processo da sua maturação e do seu aprendizado. O clã, a tribo, a horda, a família e as formas sucessivas de civilização representam as etapas da segunda linha paralela, em que se verifica o desenvolvimento cultural. A inteligência, já formada, vai ser cultivada ao longo do tempo, nas gerações sucessivas. As diferenciações monádicas intuídas por Leibniz, como as diferenciações na constituição atômica verificadas pela Física atual, respondem pelas características diversas e diversificadoras das criaturas humanas em substância e forma. Essas diferenciações não são apenas individuais, mas também grupais, determinando por afinidade os grupos familiares e raciais. Os elementos da natureza, do meio físico, e as miscigenações, as misturas raciais e culturais, contribuirão para acentuar as diversificações no decorrer do tempo. Nota-se a

existência de um dispositivo protetor das raças e culturas em desenvolvimento, nas primeiras fases do processo, com o isolamento dos grupos afins nos continentes. Mas esse dispositivo não é artificial, entrosa-se naturalmente no processo evolutivo, em que todas as condições necessárias decorrem das variantes evolutivas. São inerentes ao processo.

Quando os vários grupos amadureceram suficientemente e conquistaram um grau relativamente elevado de civilização, inicia-se a fase das conquistas, da dominação dos grupos mais poderosos sobre os mais fracos, numa longa e penosa elaboração de novas condições de vida e cultura. Kerchensteiner coloca o problema da cultura subjetiva e da cultura objetiva, a primeira correspondendo ao plano das idéias, da elaboração intelectual, a segunda ao plano da prática, do fazer, das realizações materiais.

E Ernst Cassirer mostra como a cultura objetiva conserva em suas obras materiais, gravadas nos objetos, as conquistas subjetivas de uma civilização morta. A Renascença, por exemplo, revela como as conquistas espirituais do mundo clássico greco-romano foram arrancadas das ruínas e dos arquivos aparentemente perdidos e reelaboradas pelo mundo moderno. Dewey, por sua vez, acentua a importância da *reelaboração da experiência nas gerações sucessivas*.

Mas quando chegamos ao ponto em que hoje estamos, prontos para um salto cultural de natureza qualitativa, ainda não podemos considerar-nos como obra concluída. Como observou Oliver Lodge, o homem ainda não está acabado, mas em fase talvez de acabamento. Sim, talvez porque o nosso otimismo e a nossa vaidade podem enganar-nos a respeito do nosso estágio atual de realização. A própria situação da Terra, isolada no espaço e só agora tentando a expansão cósmica, deve advertir-nos de que ainda não estamos preparados para ingressar na comunidade dos mundos superiores. Somos ainda um obscuro e grosseiro subúrbio da Cidade de Deus e só à distância podemos vislumbrar o esplendor da luminária celeste na imensidade cósmica. Nossos próprios meios de penetração no espaço sideral são demasiado rudimentares e precários, Nossos corpos animais não nos permitem viver em condições superiores às da Terra. O desenvolvimento de nossos poderes psíquicos está ainda começando e nossa capacidade mental, condicionada por um cérebro de origem animal, não vai muito além dos processos indutivos e dedutivos mal arranhando o litoral esquivo do mundo da intuição. Como assinala Remy Chauvin, nem mesmo conseguimos atingir uma organização social superior, permanecendo ainda num plano de barbárie, estruturado em princípios ilógicos decorrentes da selva, com o predomínio da força sobre o direito.

Não obstante, estamos avançando mais rapidamente do que nunca. E se a nossa vaidade e o nosso egoísmo não nos cegarem por completo, se formos capazes de reconhecer no Espiritismo a doutrina que encerra o esquema do futuro, a plataforma espiritual, política e social do novo mundo que temos de construir no planeta - não mais a ferro, fogo e sangue - mas a golpes de inteligência, compreensão e fraternidade, então poderemos atingir a maturidade humana. Caso contrário retornaremos à selva, recomeçaremos de novo o nosso aprendizado desde o principio, reiniciaremos o curso desperdiçado das instruções superiores. E não teremos mais em nossa companhia os que souberam vencer, pois cabe-lhes o direito de se transferirem para os cursos universitários da Cidade de Deus, em que o Pai certamente os matriculará. A escolha nos pertence, *a decisão é nossa*. Deus nos concedeu, com a consciência, o direito e o dever das opções.

Kardec sabia o que fazia, quando evitava a confusão do Espiritismo com as religiões dogmáticas e formalistas, sem entretanto negar ao Espiritismo o seu aspecto religioso. Teve mesmo o cuidado de não cortar em excesso as ligações da doutrina com a tradição religiosa, pois sabia que a evolução não pode sofrer, sem graves perigos de solução de continuidade. O princípio espírita do encadernamento de todas as coisas no Universo estava presente em sua mente. Poucas obras revelam uma compreensão tão clara e profunda da natureza orgânica do Universo, como a Codificação. É por isso, e não por sectarismo ou *fanatismo*, que não podemos fazer concessões ao passado no campo das atividades doutrinárias. Avançamos para um novo mundo que só o Espiritismo pode modelar, pois só ele revela condições para isso em sua estrutura doutrinária. Mas se não procurarmos compreendê-lo em toda a sua grandeza, é certo que o reduziremos a uma seita fanática de crentes obscurantistas. Evitemos essa queda no passado, para nós mesmos e para o mundo. Tenhamos a coragem de avançar sem muletas e sem temor para a Civilização do Espírito.

\*

## VII — COSMOSSOCIOLOGIA ESPÍRITA

**Livro: Introdução à Filosofia Espírita. J. Herculano Pires. Ed. FE-ESP. 2ª Edição. 1993.**

A Filosofia Espírita foi a primeira a apresentar uma concepção cosmo-sociológica de ordem científica. Emile Durkheim trataria mais tarde de um tipo de cosmo-sociologia anímica ao referir-se às cidades gregas do período arcaico, em que deuses e homens conviviam em estreita comunhão com a Natureza (L'Evolution Pédagogique en France, v.I, págs. 138-9), e René Hubert esclarece: "As cidades gregas. estão ainda muito próximas de suas origens culturais para haverem rompido o complexo de interações que ligam a vida social e a vida cósmica, bem como a vida psíquica individual e a vida social; o indivíduo forma corpo com a cidade e esta com o meio que a envolve; as divindades politeístas simbolizam ao mesmo tempo as grandes forças da Natureza (*Traité de Pédagogie Générale*) págs. 24 e 25). Mas é no Espiritismo que a Cosmo-sociologia se define como uma realidade nova, marcando um avanço decisivo no processo do Conhecimento. Não se trata apenas da relação simbólica da fase mitológica, mas de uma relação positiva que se afirma em termos concretos e se confirma na investigação científica.

Os críticos e adversários do Espiritismo, que em geral o desconhecem, não vacilariam em contestar essa afirmação, recusando às pesquisas espíritas o caráter científico. Mas já agora teriam de enfrentar também as conclusões da Ciência em outros campos, como o da Física, onde os conceitos evoluíram para uma verdadeira Parafísica; da Astronomia, onde a teoria da pluralidade dos mundos habitados entrou para o domínio das possibilidades incontestáveis; da Biologia, onde o problema da vida rompeu a estreiteza da concepção organocêntrica; da própria Teologia, que passou a admitir, sob a influência científica, além da existência dos seres invisíveis a possibilidade de outras humanidades planetárias; e particularmente da Psicologia, que através das pesquisas parapsicológicas acabou provando cientificamente as relações humanas pela percepção extrasensorial e admitindo a existência de entidades extrafísicas em relação com o nosso plano. Assim, as investigações espíritas e as provas que apresentam no tocante às possibilidades cosmo-sociológicas estão hoje referendadas pelo desenvolvimento das Ciências. Negá-las e contestá-las com apoio em conceitos científicos superados é simplesmente recusar-se a aceitar as novas dimensões culturais do nosso tempo.

Mas, para uma exposição metodológica do problema, devemos partir de um exame geral da Cosmologia Espírita. E a primeira verificação que temos a fazer é a da existência de uma Cosmogonia Espírita, uma teoria genética do Cosmos que se enraíza na concepção bíblica. Os três primeiros capítulos de "*O Livro dos Espíritos*" nos apresentam essa parte cosmogônica de tipo religioso, que nem por isso, entretanto, se afasta do campo filosófico. Pelo contrário, enquadra-se perfeitamente na tradição filosófica e nas fases históricas mais recentes da Filosofia. Encontramos a afirmação de que o Universo foi criado por Deus no item 37 do cap. III. A seguir, nos itens 38 e 39, os esclarecimentos possíveis dessa criação, que resumimos no seguinte: *Deus criou o Universo pela sua vontade e os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no Espaço.*

Temos assim mais uma prova da natureza sintética do Espiritismo, no sentido de síntese histórica segundo a teoria de Arnold Toynbee a que já nos referimos. Toda a cosmogonia bíblica se encerra nesta simples afirmação: *Deus criou o Universo pela sua vontade*. E, logo mais passamos à Cosmologia científica, que começa por esse esclarecimento, hoje confirmado pela própria Física nuclear: *os Mundos se formam pela condensação de matéria*. Daí por diante, a Cosmologia Espírita se desenvolve na linha puramente científica, apresentando os seis dias da Criação como seis períodos geológicos, a formação dos seres vivos como um processo evolutivo, a figura bíblica de Adão e Eva como simples alegoria, o aparecimento do homem em diversos pontos da Terra (o que determinou a variedade das raças), e o Universo como um sistema de mundos habitados de acordo com as condições específicas de cada um. Tudo isso hoje admitido no campo das teorias científicas. O cap. III se encerra com a explicação do dilúvio bíblico como uma catástrofe parcial e local, o que foi posteriormente confirmado pelas pesquisas arqueológicas de Sir Charles Leonard Woolley no delta do Tigre e do Eufrates.

O cap. IV, que encerra a primeira parte de, "*O Livro dos Espíritos*", é dedicado aos problemas ontológicos que já estudamos. A segunda parte ou Livro II se inicia com os problemas da origem e desenvolvimento espiritual do Homem, passando logo a seguir ao campo da Sociologia Espírita que começa no plano espiritual. Isso porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o verdadeiro, "normal e primitivo", do qual deriva o Mundo Corporal. É assim que passamos insensivelmente da Cosmogonia à Cosmologia e desta à Sociologia. A *escala espírita*, simples esquema de classificação tipológica dos Espíritos, em seu processo evolutivo, que começa no item 100 de "*O Livro dos Espíritos*" é ao mesmo tempo um elemento da Ontologia, da Psicologia, da Caracteriologia e da Sociologia Espíritas. Podemos aplicá-las tanto aos Espíritos em sua vida espiritual quanto aos homens ou Espíritos encarnados no Mundo Corporal.

Abrem-se no cap. II do Livro II as perspectivas da Sociologia Espírita em toda a sua amplitude. Compreendemos então a razão de Emmanuel haver declarado, em "O Consolador", que "O Espiritismo é o iniciador da Sociologia". Realmente, aquilo que podemos chamar de Sociologia num sentido lato só apareceu até agora nas páginas de "*O Livro dos Espíritos*". Porque somente esse livro nos propõe toda a extensão e complexidade do *fato social* e ao mesmo tempo nos mostra que esse *objeto* (como queria Durkheim que ele fosse encarado) é um objeto cósmico e não apenas terreno. A Sociedade Humana se projeta no infinito e se desdobra em sucessivas estruturas espirituais, angélicas, arcangélicas etc., rompendo até mesmo o conceito esferocêntrico ainda dominante em nossos dias (o da possibilidade de vida apenas em esferas planetárias) como resíduo do velho geocentrismo. Porque os Espíritos vivem não somente nas existências planetárias, como a nossa, mas no Espaço, ou seja, nas amplidões do Infinito, em hipóstases do Universo que não podemos sequer chamar de regiões, pois na verdade não sabemos como são, que aspecto apresentam.

Assim, a Sociologia Espírita entranha-se na própria ordem cósmica. Um fato social terreno está ligado ao Universo, determinado por leis universais. É, portanto, um *fato cósmico*. Há duas ordens de fenômenos que nos permitem verificar esse entrosamento no próprio mundo sensorial: a *palingenesia* e a *mediunidade*. A primeira (que não é apenas reencarnação, pois não se aplica somente à

vida orgânica) mostra-nos aquilo que "*O Livro dos Espíritos*" afirma constantemente: *tudo se encadeia no Universo*. Verificamos através dela que tudo desaparece e reaparece, ou seja, que *tudo se faz, se desfaz e se refaz, no eterno suceder das coisas e dos seres*, como Heráclito já havia intuído, mas não em forma cíclica, em inútil e constante repetição, mas num processo de desenvolvimento regido pela lei de evolução. É o que vemos nesta admirável frase do fim do item 540 do L. E: "Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o Arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo."

A segunda ordem fenomênica acima referida, a *mediúnica*, mostra-nos a unidade fundamental do Universo e a sua diversidade instrumental. O fato social terreno é de ordem instrumental, ocorre no campo das relações corporais (os corpos como instrumentos do Espírito). Mas esse fato é produzido pelos Espíritos e regido pela *lei da mediunidade*, lei básica das relações espírito-matéria em todo o Universo. Além disso, as leis universais de afinidade, justiça e amor estão implicadas nele e o determinam. Uma consulta ao Livro III de "*O Livro dos Espíritos*" dedicado ao estudo das Leis Morais, poderia ajudar-nos a esclarecer a natureza cósmica dos mais diversos *atos sociais* terrenos. A lei física de causa e efeito aplica-se no plano moral como lei de ação e reação, a lei cármica das religiões indianas. A lei universal da migração de Espíritos, da transferência de Espíritos de um mundo para outro, segundo a necessidade, projeta os antecedentes do *fato social* a distâncias inimagináveis.

Os fins da vida social são os mesmos, no Mundo Espiritual e no mundo Corporal: o desenvolvimento das potencialidades do Espírito, a sua realização moral. A palingenesia tem verso e reverso: nascemos e renascemos nos dois planos. As existências sucessivas são portanto intercaladas: a cada existência corporal sucede uma espiritual. E nessas duas existências as relações sociais constituem formas necessárias da evolução espiritual: na existência corporal as relações sociais são objetivas e condicionadas ao processo de exteriorização do Espírito; na existência espiritual as relações são subjetivas e sua interiorização condiciona o aproveitamento da experiência corporal. Exemplo: na existência corporal a exteriorização do Espírito determina a sua ligação com outros e estabelece os laços de família, que resumem os elementos de aglutinação da sociedade, os liames sociais (itens 773 a 775 do L.E.). A família se constitui em célula básica da sociedade. Mas os antecedentes da ligação familiar continuam a determinar ações e reações em cadeia, que se manifestam nos interesses objetivos: os interesses psicológicos estudados pela Psicologia comum. Na existência espiritual a interiorização do Espírito determina o confronto do seu comportamento existencial terreno com os fins da vida social, que na sua consciência estão marcados em forma de exigências morais. Esse confronto irá determinar o seu destino, as suas condições existenciais em nova encarnação.

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L.E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e portanto egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação, mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão porque a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o homem se abre

para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo. No plano sociológico podemos esquematizar esse processo da seguinte maneira:

O selvagem isolado é o Narciso da lenda que ama a si mesmo. Esse amor (Adão gozando, sozinho, o Paraíso), entretanto não lhe basta. A sua insatisfação o leva à procura de um objeto exterior que é arrancado por Deus do seu próprio Ser (Eva tirada da sua costela durante o sono, um sonho que se concretiza, uma potencialidade que se atualiza). Surge assim a primeira família e dela o primeiro clã. As ligações sociais se ampliam na tribo, na raça, na nação. Forma-se o primeiro organismo gregário e o egoísmo se transforma em sócio-centrismo. Mas desenvolve-se a Civilização: com ela, o gregarismo se transforma em sociabilidade. O indivíduo gregário se torna um ser social e as relações sociais o levam à expansão e atualização de suas potencialidades morais. O ser social atinge pouco a pouco a plenitude do ser moral. Mais um pouco e ele se liberta da roda palingénica dos renascimentos, tornando-se um Ser Espiritual. Toda essa seqüência pode ser observada na Escala Espírita.

A Sociologia Espírita, abrangendo todo esse processo de desenvolvimento ontológico, pode ser dividida em duas partes: a Parassociologia e a Cosmossociologia. Trata-se de uma divisão puramente metodológica que tentaremos explicar da seguinte maneira:

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interestaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

O "*Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

O "*Evangelho Segundo o Espiritismo*" é o código moral da vida espírita e, portanto, o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", itens 55 a 58, sob o título de "Pluralidade dos Mundos". O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 "*O Livro dos Espíritos*" coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E.: "Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos". A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: "Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons." Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: "Todos os mundos são solidários".

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superamos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os



países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

\*

## **Livro: O Mistério do Bem e do Mal.**

**J. Herculano Pires. Ed. Correio Fraternal. 2ª edição. 1992.**

### **Conquista de Marte**

O problema da conquista de outros planetas, pelo homem, depende da nossa maneira de encarar o Universo. Se pensarmos que os “corpos celestes” são divinos, como pensavam os antigos, tudo se complica. Mas se pensarmos, segundo ensina o Espiritismo, que a Terra é um corpo celeste como qualquer outro, a questão se reduz às possibilidades materiais de aproximação e pouso de nossos instrumentos nos outros planetas. Não há limites para o homem no Universo, a não ser os determinados pelo seu grau de evolução. O homem da Terra, nas condições físicas do nosso planeta, só pode atingir outro mundo que esteja no mesmo plano material do nosso.

O Espiritismo ensina que há diferentes graus de densidade física na constituição dos mundos. Os Espíritos disseram a Kardec que o planeta Júpiter, por exemplo, apesar de pertencer ao nosso plano material, tem uma constituição mais sutil que a nossa. As investigações astronômicas atuais parecem confirmar, de certa maneira, essa indicação. Se assim for, é evidente que uma nave espacial terrena terá dificuldades ou estará impossibilitada de pousar em Júpiter. Estamos diante de um limite para as nossas ambições, mas esse limite poderá ser superado pela nossa evolução no futuro.

A teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados é bastante coerente e concorda com as teorias científicas sobre a diversidade dos “estados” da matéria no Cosmos. Nenhum cientista, jamais, tentaria enviar criaturas humanas para um mundo em estado gasoso ou de ignição. Marte é considerado de constituição física semelhante à da Terra, como Vênus. Mas Vênus se torna inacessível, em virtude de suas condições atmosféricas e de suas extremas variações de calor. O homem pode atingir Vênus e pousar no planeta, mas não suportaria o seu “clima”. Em Marte, ao que parece, as coisas podem ser diferentes.

No tocante à condição evolutiva de Marte, se é inferior ou superior à da Terra, é questão que o Espiritismo não resolve doutrinariamente. Kardec refere-se a teorias transmitidas por certos espíritos e que ele considerava lógicas, aceitáveis. Mas sempre acentuou que não passavam de teorias e acrescentou que o Espiritismo não deve ir além dos seus objetivos, que são espirituais e não materiais. Basta ler com atenção os textos a respeito para que o assunto se esclareça. Aliás, Kardec advertiu que não devemos tratar com os espíritos de assuntos que estejam fora dos objetivos conceituais e moralizadores do Espiritismo.

### **Desenvolve-se a ciência positiva nos rumos da concepção espiritual**

*Explicação da atitude materialista - A teimosia teológica da Idade Média e a teimosia científica de hoje - O espírito é a meta natural do desenvolvimento científico.*

“A comprovação científica dos fenômenos espíritos parece cada vez mais difícil, pois a ciência moderna tende cada vez mais a encarar esses fenômenos

como de origem puramente material. Sempre que tenho a oportunidade de conversar sobre Espiritismo com uma pessoa dotada de cultura científica, sinto-me desolado com a série de argumentos de que essas pessoas se utilizam, para negar a possibilidade da sobrevivência. Não sei como o Sr. pode alimentar tanta esperança na espiritualização da ciência”.

De fato, a obstinação materialista dos nossos meios culturais é qualquer coisa de espantar. Não passa, entretanto, de uma teimosia facilmente explicável por uma lei descoberta pela própria ciência moderna: a lei da inércia. Ao findar-se a Idade Média, ocorria fenômeno semelhante, mas em sentido contrário. Os homens avançados, que defendiam a experiência científica contra o dogmatismo eclesiástico, sentiam-se poucos e fracos, diante da avalanche de crentes e fanáticos dos meios culturais. Foi dificilmente que a mentalidade científica se impôs, vencendo a teimosia teológica.

O que hoje se verifica, não é mais do que a resistência da teimosia científica. Tendo se acostumado a pensar de maneira “positiva”, os homens não conseguem afastar-se dessa maneira, senão a muito custo. Poderíamos dizer, sem intuito ofensivo, mas apenas para maior exemplificação: “empacaram”. Para tirá-los dessa nova posição é necessário que empreguemos o fogo e a paciência, como fazem os tropeiros. O fogo está aceso: as labaredas da evidência brilham por toda a parte, nos fatos inexplicáveis.

Quanto à paciência, é o que precisamos ter. A reviravolta não será tão difícil, apesar de tudo. Assim como a mentalidade teológica, cultivada durante um milênio, cedeu aos golpes racionais da Renascença, assim também a mentalidade materialista cederá, queira ou não queira, aos golpes de evidência dos fatos espíritas e aos raios de luz da doutrina espírita. Por mais poderosa que seja uma fortaleza, quando arrombamos suas portas, ela está prestes a cair. Por mais sólida que se apresente uma muralha, se lhe minamos o alicerce, ela fatalmente virá abaixo. E, no caso da mentalidade materialista dominante na ciência, o curioso é que ela mesma já abriu suas portas à realidade espiritual, ela mesma se incumbiu de minar os próprios alicerces.

Por mais que os materialistas argumentem de “maneira científica”, há sempre um fundo movediço nessa argumentação. Para começar, a ciência mais positiva se baseia numa crença, numa fé.

E esta fé é tão indemonstrável, do ponto de vista científico, como a fé religiosa. Todo o edifício da ciência repousa no dogma da ordem universal, equivalente “positivo” do dogma metafísico da existência de Deus. Por outro lado, a negação do espírito é sempre uma fuga à realidade, alegando os materialistas que a ciência explicará, mais tarde, o que hoje não pode explicar. Atitude semelhante ao do comerciante que diz: “Fiado, só amanhã”.

Basta analisar estas coisas, para compreendermos que a espiritualização da ciência é tão inevitável quanto o seu próprio desenvolvimento.

É graças a esse desenvolvimento que ela chegará ao espírito, porque sendo o espírito a realidade última, é a meta natural do progresso científico. Os Espíritos disseram isso a Kardec há um século. E a previsão dos Espíritos vem se cumprindo de maneira inegável em nosso século, quando vemos a ciência obrigada a recorrer a um conceito energético do cosmos, diante da desagregação da

matéria, que se desfaz nas mãos dos cientistas como um floco de neve. Que farão eles, daqui a pouco?

\*

**REVISTA ESPÍRITA – 1.858****MARTE E JÚPITER****A pluralidade dos mundos****Revista Espírita, março de 1858**

Quem não teria perguntado, considerando a Lua e os outros astros, se esses globos são habitados? Antes que a ciência nos tivesse iniciado quanto à natureza desses astros, disso se podia duvidar; hoje, no estado atual dos nossos conhecimentos, há, pelo menos, probabilidades; mas fizeram-se a essa idéia, verdadeiramente sedutora, objeções tiradas da própria ciência. A Lua, diz-se, parece não ter mais atmosfera, e, talvez, água. Em Mercúrio, tendo em vista a sua proximidade do Sol, a temperatura média deve ser a do chumbo fundido, de sorte que, se houver chumbo, deverá correr como a água dos nossos rios. Em Saturno, é tudo o oposto; não temos termo de comparação para o frio que nele deve reinar; a luz do Sol, ali, deve ser muito fraca, apesar do reflexo das suas sete luas e do seu anel, porque, a essa distância, o Sol não deve parecer senão como uma estrela de primeira grandeza. Em tais condições, pergunta-se se seria possível viver.

Não se concebe que, uma semelhante objeção possa ser feita por homens sérios. Se a atmosfera da Lua não pôde ser percebida, é racional que disso se infere que não exista? Não pode estar formada de elementos desconhecidos ou muito rarefeitos para não produzir refração sensível? Diremos a mesma coisa da água ou dos líquidos que nela existam. Com relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino crendo impossível uma organização diferente da que nós conhecemos, quando, sob os nossos olhos, a providência da Natureza se estende com uma solicitude tão admirável até o menor dos insetos, e dá, a todos os seres, órgãos apropriados ao meio ao qual devem habitar, seja sob a água, o ar ou a terra, seja mergulhados na obscuridade ou expostos ao clarão do Sol? Se não tivéssemos jamais visto os peixes, não poderíamos conceber seres vivos na água; não faríamos uma idéia da sua estrutura. Quem poderia crer, ainda há pouco tempo, que um animal pudesse viver um tempo indefinido no seio de uma pedra! Mas, sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o fogo da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? E, todavia, há, nesses gelos, seres organizados para esse clima rigoroso e que não poderiam suportar o ardor de um sol vertical. Por que, pois, não admitiríamos que seres possam estar constituídos de modo a viverem sobre outros globos e num meio todo diferente do nosso? Seguramente, sem conhecer a fundo a constituição física da Lua, dela sabemos o bastante para estarmos certos de que, tais como somos, ali não poderíamos viver, tanto como não o podemos no seio do Oceano, em companhia dos peixes. Pela mesma razão, os habitantes da Lua, se pudessem vir à Terra, constituídos para viverem sem ar, ou num ar muito rarefeito, talvez muito diferente do nosso, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera, como o somos quando caímos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e visual da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir, cujo organismo seja apropriado a um meio ou a um clima qualquer. O simples bom senso nos diz, ao contrário, que assim deve ser, porque repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não são senão massas inertes e improdutivas. A observação nos mostra, deles, superfícies acidentadas por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; por que, pois, não haveriam se-

res orgânicos? Seja, dir-se-á; que haja plantas, mesmo animais, isso pode ser; mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, isso será possível?

Seguramente, nada prova, matematicamente, que os seres que habitam os outros mundos sejam homens como nós, moralmente falando; mas, quando os selvagens da América viram desembarcar os Espanhóis, não duvidaram mais que, além dos mares, existia um outro mundo cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A terra é salpicada de uma inumerável quantidade de ilhas, pequenas ou grandes, e tudo o que é habitável está habitado; não surge um rochedo no mar que o homem não plante, no instante, sua bandeira. Que diríamos se os habitantes de uma das menores dessas ilhas, conhecendo perfeitamente a existência das outras ilhas e continentes, mas, jamais havendo tido relações com aqueles que os habitam, se cressem os únicos seres vivos do globo? Nós lhes diríamos: Como podeis crer que Deus haja feito o mundo só para vós? Por qual estranha bizzarria vossa pequena ilha, perdida num canto do Oceano, teria o privilégio de ser a única habitada? Podemos dizer outro tanto de nós com respeito às outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que não se distingue dos outros planetas nem pela sua posição, nem pelo seu volume, nem pela sua estrutura, porque não é nem a menor nem a maior, nem está no centro e nem na extremidade, por que, digo, seria, entre tantas outras, a única residência de seres racionais e pensantes? Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros, que brilham sobre as nossas cabeças, tenham sido feitos para recrear a nossa visão? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos imperceptíveis a olho nu, e que não servem nem mesmo para nos clarear? Não haveria, ao mesmo tempo, orgulho e impiedade em pensar que assim deve ser? Àqueles que a impiedade pouco toca, diremos que é ilógico.

Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio se encontra confirmado pela revelação dos Espíritos. Eles nos ensinam, com efeito, que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada globo; que, entre os habitantes desses mundos, uns são mais, outros são menos, avançados do que nós do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais, hoje, sabemos que podemos entrar em relação com eles, e deles obter notícias sobre o seu estado; sabemos, ainda, que não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que o espaço está povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte: sobre os globos sólidos, no ar, nas entranhas da terra, e até nas profundezas etéreas. Haverá, nessa doutrina, alguma coisa que repugne à razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva pela nossa própria pequenez, diferentemente desse pensamento egoísta e mesquinho que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus.

\*

**REVISTA ESPÍRITA – 1858**

**Março de 1858**

**Júpiter e alguns outros mundos**

Antes de entrarmos nos detalhes das revelações que os Espíritos nos fizeram, sobre o estado dos diferentes mundos, vejamos a quais conseqüências lógicas poderemos chegar, por nós mesmos e unicamente pelo raciocínio. Reportando-se à escala espírita que demos no precedente número, pedimos às pessoas desejosas de aprofundarem seriamente essa ciência nova, estudarem com cuidado esse quadro e dele se compenetrarem; nele encontrarão a chave de mais de um mistério.

O mundo dos Espíritos se compõe de almas de todos os humanos desta Terra e de outras esferas, desligadas dos laços corporais; do mesmo modo, todos os humanos são animados por Espíritos neles encarnados. Há, pois, solidariedade entre os dois mundos: os homens terão as qualidades e as imperfeições dos Espíritos com os quais estão unidos; os Espíritos serão mais ou menos bons ou maus, segundo os progressos que tiverem feito durante a sua existência corporal. Essas poucas palavras resumem toda a doutrina. Como os atos dos homens são o produto do seu livre arbítrio, levam a marca da perfeição ou da imperfeição do Espírito que os provocam. Ser-nos-á, pois, muito fácil fazermos uma idéia do estado moral de um mundo qualquer, segundo a natureza dos Espíritos que o habitem; poderemos, de algum modo, descrever a sua legislação, traçar o quadro dos seus costumes, dos seus usos, das suas relações sociais. Suponhamos, pois, um globo habitado, exclusivamente, por Espíritos da nona classe, por Espíritos impuros, e a ele nos transportemos pelo pensamento. Nele veremos todas as paixões desencadeadas e sem freio; o estado moral no último grau de embrutecimento; a vida animal em toda a sua brutalidade; nada de laços sociais, porque cada um não vive e não age senão para si e para satisfazer os seus apetites grosseiros; o egoísmo nele reina com soberania absoluta, e arrasta consigo o ódio, a inveja, o ciúme, a cupidez, a morte.

Passemos, agora, para uma outra esfera, onde se encontrem Espíritos de todas as classes da terceira ordem: Espíritos impuros, Espíritos levianos, Espíritos pseudo-sábios, Espíritos neutros. Sabemos que, em todas as classes dessa ordem, o mal domina; mas, sem terem o pensamento do bem, o do mal decresce à medida que se afastam da última classe. O egoísmo é sempre o móvel principal das ações, mas os costumes são mais brandos, a inteligência mais desenvolvida; o mal, aí, estará um pouco disfarçado, enfeitado e dissimulado. Essas próprias qualidades engendram um outro defeito, que é o orgulho; porque as classes mais elevadas são bastante esclarecidas para terem consciência da sua superioridade, mas não o bastante para compreenderem o que lhes falta; daí a sua tendência à escravização das classes inferiores, e de raças mais fracas, que tenham sob o seu jugo. Não tendo o sentimento do bem, não têm senão o instinto do *eu* e acionam a sua inteligência para satisfazerem as suas paixões. Numa tal sociedade, se o elemento impuro domina, esmagará o outro; no caso contrário, os menos maus procurarão destruir os seus adversários; em todos os casos, haverá luta, luta sangrenta, luta de extermínio, porque são dois elementos que têm interesses opostos. Para proteger os bens e as pessoas, serão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; o forte as fará, em detrimento do fraco.

Suponhamos, agora, um mundo onde, entre os elementos maus que acabamos de ver, se encontrem alguns dos de segunda ordem; então, em meio da perversidade, veremos aparecer algumas virtudes. Se os bons estiverem em minoria, serão vítimas dos maus; mas, à medida que aumente a sua preponderân-

cia, a legislação será mais humana, mais eqüitativa, e a caridade cristã não será, para todos, uma letra morta. Desse próprio bem, vai nascer um outro vício. Malgrado a guerra que os maus declarem, sem cessar, aos bons, não poderão impedir de os estimar em seu foro íntimo; vendo a ascendência da virtude sobre o vício, e não tendo nem a força e nem a vontade de praticá-la, procurarão parodiá-la; tomam-lhe a máscara; daí os hipócritas, tão numerosos em toda sociedade onde a civilização é imperfeita.

Continuemos nossa rota através dos mundos, e detenhamo-nos neste, que nos vai repousar um pouco do triste espetáculo que acabamos de ver. Não é habitado senão por Espíritos da segunda ordem. Que diferença! O grau de depuração que alcançaram exclui, entre eles, todo pensamento do mal, e só essa palavra nos dá a idéia do estado moral dessa feliz região. A legislação, aí, é bem simples, porque os, homens não têm do que se defenderem, uns contra os outros; ninguém quer o mal para o seu próximo, ninguém se apropria do que não lhe pertence, ninguém procura viver em detrimento do seu vizinho. Tudo respira a benevolência e o amor; os homens não procuram se prejudicar; não há ódio; o egoísmo é desconhecido e a hipocrisia não teria finalidade. Aí, todavia, não reina a igualdade absoluta, porque a igualdade absoluta supõe uma identidade perfeita no desenvolvimento intelectual e moral; ora, veremos, pela escala espiritual, que a segunda ordem compreende vários graus de desenvolvimento; haverá, pois, nesse mundo, desigualdades, porque uns serão mais avançados do que outros; mas, como entre eles não há senão o pensamento do bem, os mais elevados não conceberão nada de orgulho, e os outros nada de ciúme. O inferior compreende a ascendência do superior e se submete, porque essa ascendência é puramente moral e ninguém dela se serve para oprimir.

As conseqüências que tiramos, desses quadros, embora apresentadas de um modo hipotético, não deixam de ser perfeitamente racionais, e, cada um pode deduzir o estado social de um mundo qualquer, segundo a proporção dos elementos morais dos quais se o supõe composto. Vimos que, abstração feita da revelação dos Espíritos, todas as probabilidades são para a pluralidade dos mundos; ora, não é menos racional pensar que todos não estão num mesmo grau de perfeição, e que, por isso mesmo, nossas suposições podem muito bem ser realidades. Não os conhecemos, senão o nosso, de um modo positivo.

Que categoria ele ocupa nessa hierarquia? Ah! Basta considerar o que aqui se passa para ver que está longe de merecer a primeira categoria, e estamos convencidos de que, lendo estas linhas, já se lhe terá marcado seu lugar. Quando os Espíritos nos dizem que estão, senão na última, pelo menos nas últimas, o simples bom senso nos diz, infelizmente, que não se enganam; temos muito a fazer para elevá-lo à categoria daquele que escrevemos em último lugar, e temos muita necessidade que o Cristo venha nos mostrar o caminho.

Quanto à aplicação, que podemos fazer, do nosso raciocínio, aos diferentes globos do nosso turbilhão planetário, não temos senão os ensinamentos dos Espíritos; ora, para quem não admite senão provas palpáveis, é positivo que sua asserção, a esse respeito, não tenha a certeza da experimentação direta. No entanto, não aceitamos, todos os dias com confiança as descrições, que os viajantes nos fazem, de países que jamais vimos? Se nós não devêssemos crer senão por nossos olhos, não creríamos em grande coisa. O que dá aqui, um certo peso ao dizer dos Espíritos, é a correlação que existe entre eles, pelo menos nos pontos principais.



Para nós, que fomos cem vezes testemunhas dessas comunicações, que pudemos apreciá-las em seus menores detalhes, que nelas escrutamos o forte e o fraco, observamos as semelhanças e as contradições, encontramos todos os caracteres da probabilidade; todavia, não lhes damos senão sob benefício de inventário, a título de notícias, aos quais cada um está livre para ligar a importância que julga adequada. Segundo os Espíritos, o planeta Marte seria ainda menos avançado do que a Terra; os Espíritos que nele estão encarnados parecem pertencer, quase exclusivamente, à nona classe, a dos Espíritos impuros, de sorte que o primeiro quadro, que demos acima, seria a imagem desse mundo. Vários outros pequenos globos estão, com algumas nuances, na mesma categoria. A Terra viria em seguida; a maioria de seus habitantes pertence, incontestavelmente, a todas as classes da terceira ordem, e a parte menor às últimas classes da segunda ordem. Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classe, nela cumprem, algumas vezes, uma missão de civilização e progresso, e são exceções. *Mercúrio* e *Saturno* vêm depois da Terra. A superioridade numérica de bons Espíritos lhes dá a preponderância sobre os Espíritos inferiores, do que resulta uma ordem social mais perfeita, relações menos egoístas, e, por consequência, uma condição de existência mais feliz. A *Lua* e *Vênus* estão quase no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais avançados do que *Mercúrio* e *Saturno*. *Juno* (*Juno* é o nome de uma divindade itálica. Deve ter ocorrido um lapso do autor, uma vez que não há, no nosso sistema solar, nenhum planeta com este nome. N. do T.) e *Urano* seriam ainda superiores a esses últimos. Pode-se supor que os elementos morais, desses dois planetas, são formados das primeiras classes da terceira ordem e, na grande maioria, de Espíritos da segunda ordem. Os homens, neles, são infinitamente mais felizes do que sobre a Terra, pela razão de que não têm nem as mesmas lutas a sustentar, nem as mesmas tribulações a suportar, e não estão expostos às mesmas vicissitudes físicas e morais.

De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é *Júpiter*. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons Espíritos. Pode-se fazer uma idéia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de *Júpiter* não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é mais ou menos a mesma que aqui, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o habitante de *Júpiter* se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a

Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; vêem-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia, porque essa não parece com nada do que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação. O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro, mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso.

Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Várias vezes perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem aqui, é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respon-

demos segundo as nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre desconfiando. Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. Pode-se disso ter a certeza? NÃO. Pode-se para lá ir porque há, sobre a Terra, embora em pequeno número, Espíritos bastante bons e bastante desmaterializados para não se sentirem deslocados num mundo onde o mal não tem acesso.

Não há a certeza disso, porque pode-se se iludir sobre o mérito pessoal, e pode-se, aliás, ter uma outra missão a cumprir. Aqueles que podem esperar esse favor, não são, seguramente, nem os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais, nem nenhum daqueles que estão dominados pelo amor aos bens terrestres; a estes, talvez, seja preciso, ainda, longas e rudes provas. Isso depende de sua vontade.

\*

## REVISTA ESPÍRITA

ABRIL DE 1858

### DESCRIÇÃO DE JÚPITER

**Bernard Pallissy (9 de março de 1858).**

Nota. - Sabíamos, por evocações anteriores, que Bernard Palissy, o célebre oleiro do sexto século, habita Júpiter. As respostas seguintes confirmam, em todos os pontos, o que nos foi dito, sobre esse planeta, em diversas épocas, por outros Espíritos, e por intermédio de diferentes médiuns. Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. A identidade que elas apresentam com as descrições anteriores, é um fato notável que é, pelo menos, uma presunção de exatidão.

1. Onde te encontraste, deixando a Terra? - R. Nela ainda habitei.
2. Em que condições estavas? - R. Sob os traços de uma mulher, amorosa e devotada; não era senão uma missão.
3. Essa missão durou muito tempo? - R. Trinta anos.
4. Lembras do nome dessa mulher? - R. É obscuro.
5. A estima que se tem por tuas obras, te satisfaz, e isso compensa os sofrimentos que suportaste? - R. Que me importam as obras materiais de minhas mãos! *O que me importa é o sofrimento que me elevou.*
6. Com qual objetivo traçaste, pela mão do senhor Victorien Sardou, os admiráveis desenhos que nos deste sobre o planeta Júpiter, que tu habitas? - R. Com o objetivo de inspirar o desejo de vos tornardes melhores.
7. Uma vez que voltas sempre sobre a nossa Terra, que habitaste diversas vezes, deves conhecer bastante o seu estado físico e moral para estabelecer uma comparação entre ela e Júpiter; rogamos, pois, consentir em nos esclarecer sobre diversos pontos. - R. Sobre vosso globo, não venho senão em Espírito; o Espírito não tem mais sensações materiais.

## **ESTADO FÍSICO DO GLOBO**

8. Pode-se comparar a temperatura de Júpiter com a de uma de nossas latitudes? - R. Não; ela é branda e temperada; sempre igual, e a vossa varia. Lembrai-vos os campos Elysées que vos foi descrito.

9. O quadro que os Antigos nos deram dos campos Elysées seria o resultado do conhecimento intuitivo que tinham de um mundo superior, tal qual Júpiter, por exemplo? - R. Do conhecimento positivo; a evocação permaneceu nas mãos dos sacerdotes.

10. A temperatura varia segundo as latitudes, como aqui? - R. Não.

11. Segundo os nossos cálculos, o Sol deve aparecer aos habitantes de Júpiter sob um ângulo muito pequeno, e dar-lhe, por conseqüência, pouca luz. Podes nos dizer se a intensidade da luz é igual a da Terra, ou se é menos forte? - R. Júpiter está cercado de uma espécie de luz espiritual, em relação com a essência dos seus habitantes. A luz grosseira do vosso Sol não foi feita para eles.

12. Há uma atmosfera? - R. Sim.

13. A atmosfera é formada dos mesmos elementos da atmosfera terrestre? - R. Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades mudaram.

14. Há água e mares? - R. Sim.

15. A água é formada dos mesmos elementos da nossa? - R. Mais etéreos.

16. Há vulcões? - R. Não; nosso globo não é atormentado como o vosso; a natureza não teve suas grandes crises; é uma morada de bem-aventurados. Nele, a matéria quase não existe.

17. As plantas têm analogia com as nossas? - R. Sim, porém mais belas.

## **ESTADO FÍSICO DOS HABITANTES**

18. A conformação do corpo dos habitantes tem relação com a nossa? - R. Sim, é a mesma.

19. Podes nos dar uma idéia do seu talhe, comparado ao dos habitantes da Terra? - R. Grandes e bem proporcionados. Maiores do que os maiores dos vossos homens. O corpo do homem é como a marca do seu espírito: belo onde ele é bom; o envoltório é digno dele; não é mais uma prisão.

20. Os corpos ali são opacos, diáfanos ou translúcidos? - R. Há de uns e de outros. Uns têm tal propriedade, os outros tal outra, segundo sua destinação.

21. Concebemos isso para os corpos inertes, mas nossa questão é relativa aos corpos humanos. - R. O corpo envolve o Espírito sem escondê-lo, como um véu leve lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores, o envoltório grosseiro oculta o Espírito aos seus semelhantes; mas os bons nada têm a esconder: podem ler no coração uns dos outros. Que seria isso se fosse assim nesse mundo!

22. Há sexos diferentes? - R. Sim; há por toda parte onde a matéria exista; é uma lei da matéria.

23. Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui? - R. Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais.

24. Foi-nos dito que haurem uma parte da sua alimentação no meio ambiente, do qual aspiram as emanções; isso é exato? - R. Sim.

25. A duração da vida, comparada à nossa, é mais longa ou mais curta? - R. Mais longa.

26. De quanto tempo é a vida média? - R. Como medir o tempo?

27. Não podes tomar um dos nossos séculos por termo de comparação? - R. Creio que em torno de cinco séculos.

28. O desenvolvimento da infância é proporcionalmente mais rápido do que entre nós? - R. O homem conserva a sua superioridade; a infância não comprime a sua inteligência, a velhice não a extingue.

29. Os homens estão sujeitos a doenças? - R. Não estão sujeitos aos vossos males.

30. A vida se divide entre a vigília e o sono? - R. Entre a ação e o repouso.

31. Poderias nos dar uma idéia das diversas ocupações dos homens? - R. Seria preciso dizer muito. Sua principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho. Não tendo infortúnio a aliviar entre eles, vão procurar onde se sofre; são os bons Espíritos que vos sustentam e vos atraem ao bom caminho.

32. Ali se cultivam certas artes? - R. São inúteis. Vossas artes são futilidades que distraem vossas dores.

33. A densidade específica do corpo do homem lhe permite transportar-se, de um lugar ao outro, sem permanecer, como aqui, atado ao solo? - R. Sim.

34. Experimenta-se o dissabor e o desgosto da vida? - R. Não; o desgosto da vida não vem senão do desprezo de si mesmo.

35. Sendo os corpos dos habitantes de Júpiter menos densos do que os nossos, são formado de matéria compactada e condensada ou vaporosa? - R. Compacta para nós; mas para vós ela não o seria; é menos condensada.

36. O corpo, considerado como forma de matéria, é impenetrável? - R. Sim.

37. Os habitantes têm uma linguagem articulada como nós? -R. Não; há, entre eles, comunicação de pensamentos.

38. A segunda vista é, como se nos disse, uma faculdade normal e permanente entre vós? -R. Sim; o Espírito não tem mais entraves; nada está oculto para ele.

39. Se nada está oculto para o Espírito, conhece, pois, o futuro? (queremos falar dos Espíritos encarnados em Júpiter) - R. O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espírito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; é-nos mesmo necessário, até um certo ponto, para o cumprimento de missões que temos a cumprir; mas dizer que conhecemos o futuro sem restrições, seria nos colocar na mesma posição que Deus.

40. Podeis revelar tudo o que sabeis do futuro? - R. Não; esperai até que tenhais merecido sabê-lo.

41. Comunicai-vos mais facilmente do que nós com os outros Espíritos? - R. Sim! Sempre: a matéria não está mais entre eles e nós.

42. A morte inspira o horror e o pavor que causa entre nós? - R. Por que seria ela apavorante? O mal não existe mais entre nós. Só o mau vê o seu último momento com pavor; ele teme seu juiz.

43. Em que se transformam os habitantes de Júpiter depois da morte? - R. Crescem sempre em perfeição sem mais suportar provas.

44. Não há, em Júpiter, Espíritos que se submetem a provas para cumprirem uma missão? - R. Sim, mas isso não é mais uma prova; só o amor ao bem leva-os a sofrer.

45. Podem falir em sua missão? - R. Não, uma vez que são bons; não há fraqueza senão onde há defeito.

46. Poderias nomear-nos alguns Espíritos, habitantes de Júpiter, que cumpriram uma grande missão na Terra? - R. São Luís.

47. Poderias nomear-nos outros? - R. Que vos importa! Há missões desconhecidas que não têm por objetivo senão a felicidade de um só; estas são, por vezes, maiores: são as mais dolorosas.

#### OS ANIMAIS

48. Os corpos dos animais são mais materiais do que os dos homens? - R. Sim; o homem é o rei, o deus planetário.

49. Entre os animais há os carneiros? - R. Os animais não se despedaçam entre si; todos vivem submissos ao homem, amando-se mutuamente.

50. Mas há animais que escapam à ação do homem, como os insetos, os peixes, os pássaros? - R. Não; todos lhe são úteis.

51. Foi-nos dito que os animais são os servidores e operários que executam os trabalhos materiais, construindo as casas, etc.; isso é verdade? - R. Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.

52. Os animais servidores são ligados a uma pessoa ou a uma família, ou são tomados e trocados à vontade, como aqui? -R. Todos são ligados a uma família particular; vós mudais a procura do melhor.

53. Os animais servidores, ali, estão num estado de escravidão ou de liberdade; são uma propriedade, ou podem mudar de senhor à vontade? - R. Estão no estado de submissão.

54. Os animais trabalhadores recebem uma remuneração qualquer por seus esforços? - R. Não.

55. Desenvolvem-se as faculdades dos animais por uma espécie de educação? - R. Eles se desenvolvem por si mesmos.

56. Os animais têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada do que a dos animais terrestres? - R. Certamente.

#### ESTADO MORAL DOS HABITANTES

57. As casas, das quais nos deste uma amostra por seus desenhos, estão reunidas em cidades, como aqui? - R. Sim; os que se amam se reúnem; só as

paixões fazem solidão ao redor do homem. Se o homem, ainda que mau, procura seu semelhante, que não é para ele senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão?

58. Os Espíritos são iguais ou de diferentes graus? - R. De diferentes graus, mas de uma mesma ordem.

59. Rogamos consentir reportar-te à escala espírita que demos no segundo número da *Revista*, e nos dizer a qual ordem pertencem os Espíritos encarnados em Júpiter? - R. Todos bons, todos superiores; o bem desce, algumas vezes, no mal; mas o mal jamais se mistura ao bem.

60. Os habitantes formam diferentes povos, como na Terra? -R. Sim; mas todos unidos entre si por laços de amor.

61. Assim sendo, as guerras ali são desconhecidas? - R. Pergunta inútil.

62. O homem poderia chegar, na Terra, a um tal grau de perfeição, para abster se de guerras? - R. Seguramente chegará; a guerra desaparece com o egoísmo dos povos e à medida que compreendem melhor a fraternidade.

63. Os povos são governados por chefes? - R. Sim.

64. Em que consiste a autoridade dos chefes? - R. No seu grau superior de perfeição.

65. Em que consistem a superioridade e a inferioridade dos Espíritos em Júpiter, uma vez que são todos bons? - R. Têm maior ou menor soma de conhecimentos e de experiência; depuram-se à medida que se esclarecem.

66. Há, como na Terra, povos mais avançados do que os outros? - R. Não; mas nos povos há diferentes graus.

67. Se o povo mais avançado da Terra se visse transportado para Júpiter, que categoria nele ocuparia? - R. A classe dos macacos entre vós.

68. Os povos são governados por leis? - R. Sim.

69. Há leis penais? - R. Não há mais crimes.

70. Quem faz as leis? - R. Deus as fez.

71. Há ricos e pobres, quer dizer, homens que têm abundância e o supérfluo, e outros a quem falta o necessário? - R. Não; todos são irmãos; se um tiver mais do que outro, ele repartiria; não seria feliz quando seu irmão fosse necessitado.

72. Segundo isso, as fortunas ali seriam iguais para todos? - R. Eu não disse que todos eram ricos no mesmo grau; perguntastes se há os que têm o supérfluo e outros a quem falta o necessário.

73. Essas duas respostas nos parecem contraditórias; rogamos concordá-las. - R. A ninguém falta o necessário; ninguém tem o supérfluo, quer dizer que a fortuna de cada um está em relação com a sua condição. Estais satisfeitos?

74. Compreendemos agora; mas perguntaremos, ainda, se aquele que tem o menos não é infeliz relativamente àquele que tem o mais? - R. Não pode ser infeliz, desde que não é nem invejoso, nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes do que a miséria.

75. Em que consiste a riqueza em Júpiter? - R. Que vos importa!

76. Há desigualdades de posições sociais? - R. Sim.

77. Em que são fundadas? - R. Nas leis da sociedade. Uns são mais ou menos avançados na perfeição. Aqueles que são superiores têm, sobre os outros, uma espécie de autoridade, como um pai sobre os filhos.

78. Desenvolvem-se as faculdades do homem pela educação? - R. Sim.

79. O homem pode adquirir bastante perfeição na Terra, para merecer passar imediatamente para Júpiter? - R. Sim, mas o homem, na Terra, está submetido a imperfeições para que esteja em relação com seus semelhantes.

80. Quando um Espírito que deixa a Terra deve ser reencarnado em Júpiter, fica errante durante algum tempo antes de ter achado o corpo ao qual deve se unir? - R. Fica errante durante um certo tempo, até que esteja liberto de suas imperfeições terrenas.

81. Há várias religiões? - R. Não; todos professam o bem, e todos adoram um único Deus.

82. Há templos e um culto? - R. Por templo há o coração do homem; por culto o bem que ele faz.

\*

## **A PROPÓSITO DOS DESENHOS DE JÚPITER**

**Revista Espírita, agosto de 1858**

Damos, com este número de nossa Revista, assim como anunciamos, um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor Victorien Sardou, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu nos dar sobre o assunto. Qualquer que possa ser, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião daqueles que poderiam nos acusar de nos ocuparmos com o que se passa nos mundos desconhecidos, ao passo que há tanto a fazer na Terra, pedimos aos nossos leitores não perderem de vista que nosso objetivo, assim como o anuncia nosso título, é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que nesse ponto de vista nada deve ser negligenciado. Ora, como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em nove horas. Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção, e, a esse título, cabe à nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência espírita. Estar-se-ia em erro crendo que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da Doutrina; isso não será sempre, para nós, senão um acessório, mas um acessório que cremos útil como complemento de estudo; o principal será sempre, para nós, o ensinamento moral, e, nas comunicações de além-túmulo, procuramos sobretudo o que pode esclarecer a Humanidade e conduzi-la para o bem, único meio de assegurar sua felicidade neste mundo e no outro. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos que, eles também, sondam os espaços e se perguntar em que pode ser ú-



til, para o bem da Humanidade, saber calcular com uma precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Todas as ciências não têm, pois, um interesse eminentemente prático, e todavia não vem ao pensamento de ninguém tratá-las com desdém, porque tudo o que alarga o círculo das idéias contribui para o progresso. Ocorre o mesmo com as comunicações espíritas, mesmo quando saem do círculo estreito da nossa personalidade.

\*

## HABITAÇÕES EM JÚPITER

**Revista Espírita, agosto de 1858**

**(pelo senhor Victorien Sardou)**

Um grande motivo de espanto para certas pessoas, convencidas, aliás, da existência dos Espíritos (não vou aqui me ocupar das outras), é que tenham, os Espíritos, como nós, suas habitações e suas cidades. Não me pouparam as críticas: "Casas de Espíritos em Júpiter!... Que piada!..." – Piada – Que assim o seja, se o deseja; nada tenho com isso. Se o leitor não encontra aqui, na verossimilhança de explicações, uma prova suficiente de sua verdade; se não está surpreso, como nós, quanto ao perfeito acordo dessas revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; se não vê, numa palavra, senão uma hábil mistificação nos detalhes que seguem e nos desenhos que os acompanham, convido-o a se explicar com os Espíritos, dos quais não sou senão um instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart ou um outro habitante dessa morada bem-aventurada, que o interrogue, que controle minhas afirmações pelas suas, enfim, que discuta com ele: porque, por mim, não faço senão apresentar aqui o que me foi dado, senão repetir o que me foi dito; e para esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura como também do elogio.

Feita essa ressalva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, se se aceitar como verdadeira a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação dos mortos nos revelou até hoje, quer dizer, a migração das almas de planetas em planetas, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não terão mais motivo para nos espantar. Desde o momento em que um Espírito se encarna em um mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, quer dizer, à alternativa de dias e de noites e ao retorno periódico das estações, desde que o Espírito possui um corpo, esse envoltório material, por mais frágil que seja, não pede senão uma alimentação e roupas, mas também um abrigo ou, pelo menos, um lugar de repouso, conseqüentemente uma habitação.

Com efeito, é bem o que nos foi dito. Como nós, e melhor do que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmônicos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de sê-lo na luta: daí as habitações tão espaçosas, as quais se pode aplicar, com justiça, o nome de *palácios*. Ainda como nós, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas: daí certos edifícios especialmente destinados a esses usos. É preciso prever, enfim, encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade ativa e laboriosa, como a nossa, submetida como nós às suas leis, às suas necessidades, aos seus deveres; mas com essa diferença de que o progresso, rebelde aos nossos

esforços, torna-se uma conquista fácil para os Espíritos desligados, como eles o são, de nossos vícios terrestres.

Não deveria me ocupar aqui senão da arquitetura das suas habitações, mas para a boa compreensão dos detalhes que vão seguir, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter não é abordável senão pelos bons Espíritos, não se segue que seus habitantes sejam todos excelentes no mesmo grau: entre a bondade do simples e a do homem de gênio, é permitido contar muitas nuances. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre essas variedades de inteligências e de aptidões; e, em razão de leis harmoniosas, que seria muito longo explicar aqui, aos Espíritos mais elevados, os mais depurados, é que pertence a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí; ela se estende até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por suas influências, favorecem e ativam sem cessar o progresso religioso, gerador de todos os outros. É necessário acrescentar que, para esses Espíritos depurados, não poderia ser questão senão de trabalho de inteligência, que suas atividades se exercem apenas no campo do pensamento e eles já adquiriram bastante domínio sobre a matéria para não serem, senão fracamente, entravados por ela no livre exercício de suas vontades. O corpo de todos esses Espíritos, e, aliás, de todos os Espíritos que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que não se pode lhe encontrar termo de comparação senão nos fluidos imponderáveis; um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, porém mais pura e mais bela, se nos oferece sob a aparência de um vapor (emprego com pesar essa palavra que designa uma substância ainda muito grosseira), de um vapor, digo, imperceptível e luminoso, luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça; porque aqui a inteligência e a vida irradiam como um foco ardente; e é bem esse clarão magnético entrevisto pelos visionários cristãos e que nossos pintores traduziram pelo nimbo e pela auréola dos santos.

Concebe-se que um tal corpo não dificulte, senão fracamente, as comunicações extramundanas desses Espíritos, e que lhes permite mesmo, em seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele escapa tão facilmente à atração planetária e sua densidade difere tão pouco da atmosfera, que pode aí se mover, ir e vir, descer ou subir, ao capricho do Espírito e sem outro esforço que o da sua vontade. Tanto que algumas personagens que Palissy consentiu me fazer desenhar, estão representadas ao rasante do solo, ou à flor da água, ou muito elevadas no ar, com toda liberdade de ação e de movimentos que emprestamos aos nossos anjos. Essa locomoção é tanto mais fácil para o Espírito quanto mais esteja depurado, e isso se concebe sem dificuldade; também nada é mais fácil, aos habitantes do planeta, que estimar, à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura do seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como por toda parte, aqueles que voam mais alto são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, em virtude como em poder, mas naturalmente livres para igualá-los, um dia, em se aperfeiçoando. Escalonados e classificados segundo seus méritos, estes são votados mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, e não exercem, sobre os mundos inferiores, a autoridade todo-poderosa dos primeiros. Eles respondem, é verdade, a uma evocação, com palavras sábias e boas, mas à pressa que tem em nos deixar, ao laconismo de suas palavras, é fácil de compreender que têm muito a fazer alhures, e que não estão ainda bastante liber-

tos para irradiarem, ao mesmo tempo, sobre dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, depois dos menos perfeitos desses Espíritos, mas separados deles por um abismo, vêm os animais que, como os únicos serviçais e os únicos obreiros do planeta, merecem uma menção toda especial.

Se designamos sob esse nome de *animais* os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, são Espíritos votados à animalidade, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados do que Júpiter, mas, qualquer que seja o seu futuro, não há com que se enganar quanto ao seu passado. Esses Espíritos, antes de irem para lá, emigraram sucessivamente em nossos baixos mundos, do corpo de um animal para o de um outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento dos nossos animais terrestres, seus costumes, seus caracteres individuais, sua ferocidade longe do homem, e sua domesticação lenta mas sempre possível, tudo isso atesta suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Assim, para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa única lei: o *progresso* por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral; progresso puramente material no início, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, e mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que a individualidade tende a se libertar da massa, a se afirmar, a se conhecer. - Pensamento elevado e consolador, como jamais o houve; porque prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso alcançado; por exemplo, que o devotamento do cão que morre por seu senhor não será estéril para o seu Espírito, porque terá seu justo salário além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda. A lei é mais admirável ainda: ela faz tão bem do seu devotamento ao homem a primeira condição para a sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar para si todo animal que, em uma das suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias que formam, no Mais Alto, famílias de Espíritos, agrupam também, ao redor das famílias, todo um cortejo de animais devotados. Por conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos para abrandá-lo e humanizá-lo, tudo isso tem a sua razão de ser, tudo isso será pago: é um bom servidor que formamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será também um operário; porque aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: fardo ou alvenaria, sementeira ou colheita. E, para tudo isso, a Suprema Inteligência proveu por um corpo que participa, ao mesmo tempo, das vantagens do animal e das do homem. Isso podemos julgar por um esboço de Palissy, que representa alguns desses animais muito atentos a jogarem bolas. Eu não poderia melhor compará-los senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo ligeiramente peludo é, todavia apumado como o nosso; as patas desapareceram em alguns para darem lugar a certas pernas que lembram ainda a forma primitiva, os dois braços robustos, singularmente ligados e terminados por duas verdadeiras mãos, se nelas considerarmos a oposição dos

polegares. Coisa bizarra, a cabeça, ao contrário, não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Assim, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, mas o maxilar e, sobretudo, a orelha, nada têm que diferem sensivelmente do animal terrestre; fácil é, pois, distingui-los entre si: este é um cão, aquele um leão. Propriamente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, só lhes falta a palavra para lembrarem, de muito perto, certos homens deste mundo; mas, eis precisamente o que lhes falta e aquilo eles não poderiam fazer.

Hábeis para se compreenderem entre si por uma linguagem que nada tem da nossa, não se enganam mais sobre as intenções dos Espíritos que os comandam; um olhar, um gesto bastam. A certos impulsos magnéticos, dos quais nossos domadores de animais já têm o segredo, o animal adivinha e obedece sem murmurar, e o que é mais, *de bom grado*, porque está sob o encanto. Assim é que se lhe impõe toda grande tarefa, e que com a sua ajuda tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa, delibera, o Espírito inferior aplica com a sua própria iniciativa, o animal executa. Assim a concepção, a execução e o fato se unem numa mesma harmonia, e conduzem todas as coisas para seu fim mais próprio, pelos meios mais simples e mais seguros.

Peço desculpas por esta digressão: era indispensável ao meu objetivo, que agora posso abordar.

À espera dos mapas prometidos, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazermos uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que concordam em designar sob o nome, estranhamente latino, de *Julnius*.

"No maior de nossos continentes", disse Palissy, "em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico descendo das montanhas do norte, e aumentado por uma multidão de torrentes e de ribeirões, forma, em seu percurso, sete a oito lagos, dos quais o menor mereceria, entre vós, o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior desses lagos, batizado por nós com o nome de *a Pérola*, que nossos ancestrais lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e conservada como uma preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da nossa. Explicar-te-ei tudo isso a seu tempo: saiba apenas que a cidade moderna está a uns cem metros mais abaixo da antiga. O lago, encaixado nas altas montanhas, se derrama no vale por oito cataratas enormes, que formam igualmente correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com a ajuda dessas correntes, nós mesmos cavamos, na planície, uma multidão de riachos, de canais e de tanques, não reservando a terra firme senão para nossas casas e nossos jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza, e da qual não se poderia dizer, à primeira vista, se está edificada sobre a terra ou sobre a água. Não te digo nada hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas, de sorte que a água jorra em abundância de seus pórticos: aí estão obras que vos pareceriam inacreditáveis pela grandeza e audácia.

"É a cidade *terrestre* que descrevo aqui, a cidade de alguma sorte material, a das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, a *Cidade baixa*. Ela tem suas ruas, ou antes, seus caminhos, traçados para o serviço interno; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre os canais para a pas-

sagem dos servidores. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, enfim, não é no solo que é preciso procurá-la, é no ar.

"Ao corpo material de nossos animais, incapazes de voarem, (É preciso, todavia, deles excetuar certos animais munidos de asas e reservados para o serviço aéreo, e para os trabalhos que exigiriam, entre nós, o emprego de madeiramentos. São uma transformação da ave, como os animais descritos mais acima são uma transformação dos quadrúpedes.), é preciso a terra firme; mas o que nosso corpo fluídico e luminoso exige, é uma residência aérea como ele, quase impalpável e móvel ao gosto de nosso capricho. Nossa habilidade resolveu esse problema, com a ajuda do tempo e das condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia dado. Compreenda bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia é de cinco horas, e nossa noite de cinco horas igualmente; mas tudo é relativo, e para seres prontos para pensarem e agirem como nós o somos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem se comunicar, magneticamente, à distância, nosso dia de cinco horas igualaria já em atividade uma de vossas semanas. Era ainda muito pouco, na nossa opinião; e a imobilidade da morada, o ponto fixo da sede era um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento fácil dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de transportar, nós e os outros, em tal lugar do planeta e tal hora do dia que nos aprazasse, nossa existência é pelo menos dobrada, e com ela tudo o que pode criar de útil e de grande.

"Em certas épocas do ano", acrescentou o Espírito, "em certas festas, por exemplo, verias aqui o céu obscurecido pelo enxame de habitações que vêm de todos os pontos do horizonte. É um curioso conjunto de casas esbeltas, graciosas e leves, de toda forma, de toda cor, balançando em toda altura, e continuamente a caminho da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: Alguns dias depois o vazio se faz pouco a pouco e todos esses pássaros somem".

Nada falta a essas moradias flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Falo de uma vegetação sem exemplo entre vós, de plantas, de arbustos mesmo destinados, pela natureza de seus órgãos, a respirar, a se alimentar, a viver, a se reproduzir no ar.

"Nós temos", disse o mesmo Espírito, "dessas moitas de flores enormes, das quais não poderíeis imaginar nem as formas nem as nuances, e de uma leveza de tecido que as torna quase transparentes. Balançando no ar, onde longas folhas as sustentam, e armadas de gavinhas semelhantes às da videira, se reúnem em nuvens de mil tintas ou se dispersam ao sabor do vento, e preparam encantador espetáculo aos passeadores da *cidade baixa*... imagine a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que duram, às vezes, toda uma estação! Longas fiadas de cipó de ramos floridos se destacam dessas alturas e pendem até o solo, pencas enormes se agitam sacudindo seus perfumes e suas pétalas que se desfolham... Os Espíritos que atravessam o ar aí se detêm na passagem: é um lugar de repouso e de reencontro, e, querendo-se, um meio de transporte para rematar a viagem sem fadiga e em companhia."

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que eu o evoquei. Disse-me ele:

"Nesse momento", disse-me ele, "é noite em Julnius, estou sentado à distância sobre uma dessas flores do ar que não desabrocham aqui senão à clarida-

de de nossas luas. Sob meus pés toda *cidade baixa* dorme; mas sobre minha cabeça e ao meu redor, a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma é muito despreendida para que as necessidades do corpo sejam tirânicas; e a noite é antes feita para nossos servidores do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, de passeios solitários, dos devaneios, da música. Não vejo senão moradas aéreas resplandecentes de luzes ou jangadas de folhas e de flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas ruas clareia toda a *cidade baixa*: é uma doce luz comparável a de vosso luar; mas, do lado do lago, a segunda se eleva, e esta tem reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um grande gramado..."

"É sobre a margem direita desse rio, cuja água", disse o Espírito, "te oferecerá a consistência de um leve vapor (A densidade de Júpiter sendo de 0,23, quer dizer, um pouco menos de um quarto da Terra, o Espírito nada disse aqui senão de muito verossímil. Concebe-se que tudo é relativo, e que sobre esse globo etéreo tudo seja etéreo como ele.)" que está construída a casa de Mozart, que Palissy consentiu fazer-me desenhar sobre cobre. Não dou aqui senão a fachada sul. A grande entrada está à esquerda, sobre a planície; à direita está o rio; ao norte e ao sul estão os jardins. Perguntei a Mozart quem eram os seus vizinhos. – "Do lado de cima e do de baixo, há dois Espíritos que não conheces; mas à esquerda, não estou separado senão por uma grande campina do jardim de Cervantes."

A casa tem, pois, quatro faces como as nossas, do que seria errado, todavia, fazer uma regra geral. Ela está construída com uma certa pedra que os animais tiram das pedreiras do norte, é das quais o Espírito compara a cor a esses tons esverdeados que toma, freqüentemente, o azul do céu no momento em que o sol se deita. Quanto à sua duração pode-se dela fazer uma idéia por esta observação de Palissy, "que ela derreteria sob nossos dedos humanos tão rápida quanto um floco de neve: ainda está aí uma das matérias mais resistentes do planeta! Sobre essa parede os Espíritos esculpiram ou incrustaram os estranhos arabescos que nosso desenho procura reproduzir. São ou ornamentos escavados nas pedras e coloridos em seguida, ou incrustações limitadas à solidez da pedra verde, por um procedimento que está muito em voga agora, e que conserva nos vegetais toda a graça de seus contornos, toda a finura de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido. "Uma descoberta", acrescentou o Espírito, "que fareis algum dia e que mudará entre vós muitas coisas."

A grande janela da direita apresenta um exemplo de gênero de ornamentação, uma de suas bordas não é outra coisa senão um caniço enorme do qual se conservaram as folhas. Ocorre o mesmo com o coroamento da janela principal, que apresenta a forma de claves de sol: são plantas sarmentosas enlaçadas e petrificadas. É por esse procedimento que eles obtêm a maioria dos coroamentos de edifícios, de grades, de balaústres, etc. Freqüentemente mesmo, a planta é colocada na parede, com suas raízes, em condições de crescer livremente. Ela cresce, se desenvolve; suas folhas desabrocham ao acaso, e o artista não a congela no lugar senão quando adquiriu todo o desenvolvimento desejado para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é quase inteiramente decorada desse modo.

Inicialmente destinados só aos móveis, depois às molduras de portas e de janelas, esse gênero de ornamento se aperfeiçoou pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não são apenas a flor e o arbusto que se petrifi-

cam no estado, mas a própria árvore da raiz ao topo; e os palácios, como os edifícios sagrados praticamente não têm outras colunas.

Uma petrificação da mesma natureza serve também para a decoração das janelas. De flores ou de folhas muito amplas, são habilmente despojadas de sua parte carnuda: não resta mais do que uma rede de fibras, tão fina quanto a mais fina musselina. E cristalizada, e dessas folhas unidas com arte, constrói-se toda uma janela, que não deixa filtrar, para o interior, senão uma luz muito doce: ou bem as reveste com uma espécie de vidro líquido e colorido com todas as nuances, que se endurece no ar e que transforma a folha em uma espécie de vidraça. Do conjunto dessas folhas resultam, para janelas, encantadores bosquezinhos transparentes e luminosos.

Quanto às dimensões dessas aberturas, e a mil outros detalhes que podem surpreender ao primeiro contato, sou forçado a adiar-lhes a explicação: a história da arquitetura em Júpiter exigiria um volume inteiro. Renuncio igualmente a falar do mobiliário, para não me ater aqui senão à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, depois de tudo o que precede, que a casa do continente não deve ser, para o Espírito senão uma espécie de pequena casa de passagem. A *cidade baixa* não é quase freqüentada senão por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários, da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem a manter entre os servidores. Também todas as casas que repousam sobre o solo, geralmente, não têm senão um térreo e um andar: um destinado aos Espíritos que agem sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado só ao Espírito, que nele não mora senão ocasionalmente. É isso que explica por que vemos, nas várias casas de Júpiter, nesta por exemplo, e na de Zoroastro, uma escada e mesmo uma rampa. Aquele que rasa a água como uma andorinha, e que pode correr sobre as hastes de trigo sem curvá-las, dispensa muito bem escada e rampa para entrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil: não se elevam senão aos solavancos, e a rampa não lhes é sempre inútil. Enfim, a escadaria é absoluta necessidade para os animais serviçais, que não caminham senão como nós. Estes últimos têm também seus compartimentos, muito elegantes, de resto, que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é preciso facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, que, pela base, assemelham-se ainda aos nossos edifícios terrestres, e que deles diferem inteiramente na parte superior.

Esta se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos incapazes de imitar. É uma espécie de flecha aérea que se balança sobre o alto do edifício, acima da grande janela de seu original coroamento. Esta gávea delicada, fácil de deslocar, e todavia destinada, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe foi assinalado, porque sem repousar em nada sobre o cume, completa-lhe, no entanto, a decoração, e lamento que a dimensão da prancha não haja permitido que nela encontrasse lugar. Quanto à morada de Mozart não tenho aqui senão que constatar-lhe a existência: os limites desse artigo não me permitem estender-me sobre esse assunto.

Não terminaria, todavia, sem me explicar, de passagem, sobre o gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para a sua moradia. É fácil neles reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de *sol* ai está freqüentemente repetida, e, coisa original, jamais a clave de *fá*! Na decoração do térreo

encontramos um arco de violino, uma espécie de grande alaúde ou de bandolim, uma lira e toda uma pauta musical. Mais alto, é uma grande janela que lembra, vagamente, a forma de um órgão; os outros têm aparência de grandes notas, e notas mais pequenas são abundantes por sobre toda a fachada.

Seria erro disso concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se conta pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre ela de modo a não deixar dúvidas a esse respeito; mas os Espíritos lembram, de bom grado, na decoração de suas casas, a missão terrestre que lhes mereceu a encarnação em Júpiter e que resume melhor o caráter de sua inteligência. Assim, na casa de Zo-roastro são os astros e a chama que fazem todos os detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Todos esses ornamentos não estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam em nos fazer compreender, pelo menos até este dia, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos empregaram também o simbolismo na decoração de suas catedrais; e a torre de Saint-Jacques não é nada menos que um poema hermético, se se crê na tradição. Nada há, pois, para nos espantar na estranheza e na decoração arquitetônica em Júpiter; se ela contradiz nossas idéias quanto à arte humana, é que há, com efeito, todo um abismo entre uma arquitetura que vive e que fala e uma alvenaria, como a nossa, que nada prova. Nisso, como em toda outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo que quer tudo conduzir às proporções e aos hábitos do homem terrestre. Se os habitantes de Júpiter estivessem alojados como nós, se comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande proveito em subir para lá. É bem porque seu planeta difere absolutamente do nosso que desejamos conhecê-lo, e sonhá-lo como nossa futura morada!

De minha parte, não perderia o meu tempo e estaria bem feliz por terem os Espíritos me escolhido para seu intérprete, se seus desenhos e suas descrições inspirarem, a um único crente, o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para isso conseguir.

VICTORIEN SARDOU.

O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos* que não temem confessar francamente suas crenças, e se coloca acima da crítica de pessoas que não crêem em nada daquilo que sai do círculo de suas idéias. Ligar seu nome a uma doutrina nova, desafiando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todo mundo, e felicitamos o senhor V. Sardou por tê-la. Seu trabalho revela o escritor distinto que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura, e une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e os ignorantes. Fazemos votos para que o senhor Sardou complete, o mais rápido possível, seu trabalho tão felizmente começado. Se os astrônomos nos revelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, os Espíritos, por suas revelações, nos fazem conhecer o seu estado moral e isso, como eles dizem, com o objetivo de nos estimular ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor.

Allan Kardec.



**REVISTA ESPÍRITA****OUTUBRO/1860****MARTE****(Médium, senhora Costel.)**

Marte é um planeta inferior à Terra, da qual é um esboço grosseiro; não é necessário habitá-lo. Marte é a primeira encarnação dos demônios mais grosseiros; os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem sem o enobrecimento da bondade.

Entregues às necessidades materiais, eles bebem, comem, lutam, acasalam-se. Mas como Deus não abandona nenhuma de suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz, latente, o vago conhecimento de si mesmo, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros, e preparar a sua eclosão para uma vida mais completa. A sua é curta, como a dos insetos efêmeros. Os homens, que não são senão matéria, desaparecem depois de uma curta duração. Deus tem horror ao mal, e não o tolera senão como servindo de princípio ao bem; abrevia o seu reino e a ressurreição triunfa dele.

Neste planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria que a primavera não rejuvenesce; um dia igual e cinzento; o sol, apenas aparente, nunca prodigaliza as suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das estações novas; não há inverno, não há verão. O dia, mais curto, não se mede do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústrias, sem invenções, os habitantes de Marte gastam sua vida para conquista de seu alimento. Suas moradias grosseiras, baixas como covil de feras, são repelentes pela incuria e pela desordem que aí reinam. As mulheres penam mais que os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não são senão suas fêmeas. Elas têm apenas o sentimento maternal; dão à luz com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam suas crianças junto delas até o completo desenvolvimento de suas forças, e as repelem sem remorso, sem saudade.

Eles não são canibais; suas contínuas batalhas não têm por objetivo senão a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam em planícies intermináveis. Inquietos e móveis como os seres desprovidos de inteligência, se deslocam sem cessar. A igualdade de sua estação, por toda a parte a mesma, comporta por consequência as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um hemisfério a outro.

A morte não tem para eles nem terror nem mistério; consideram somente como a podridão do corpo que queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, ele é logo abandonado e sozinho, estendido, pensa pela primeira vez; um vago instinto se apodera dele; como a andorinha advertida de sua próxima migração, ele sente que tudo não está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Ele não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mas calcula às pressas suas vitórias e derrotas; pensa num número de animais que abateu, e se regozija ou se aflige segundo os resultados obtidos. Sua mulher (eles não têm mais que uma cada vez, mas podem mudar tanto quanto lhes sejam conveniente) agacha-se sobre o limiar da porta, lança pedras no ar; quando formam um pequeno montículo, ela julga que chegou a hora e se arrisca a olhar para dentro; se suas previsões se tiverem realizadas, se o homem está

morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o das peles de animais que o envolve, e vai friamente advertir seus vizinhos que carreguem o corpo e o queimem, apenas resfriado.

Os animais, que suportam por toda parte o reflexo humano, são mais selvagens, mais cruéis do que em qualquer outro lugar. O cão e o lobo não são senão uma mesma espécie, e sem cessarem em luta com o homem, se entregam a combates encarniçados. Aliás, menos numerosos, menos variados sobre a Terra, os animais são a miniatura deles mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento rug e curva as árvores até o solo. As águas submergem as terras ingratas que não fecundam. O terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o fogo não o aquece; os vulcões são ali desconhecidos; as montanhas, apenas elevadas, não oferecem nenhuma beleza; elas cansam o olhar e desencorajam a exploração; por toda aparte, enfim, monotonia e violência; por toda a parte, a flor sem cor e sem perfume, por toda a parte homens sem previdência, matando para viver.

Georges.

*Nota.* Por servir de transição entre o quadro de Marte e de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Em observando-a, é fácil reconhecer que mais se aproxima de Marte do que de Júpiter, pois que no seio mesmo da civilização se encontram ainda seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos e de humanidade, que vivem no mais absoluto embrutecimento, não pensam senão nas necessidades materiais, sem nunca terem voltado seus olhos para o céu, e que parecem virem de Marte em linha direta.

## Júpiter

(Médium, senhora Costel.)

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam é a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as conseqüências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.

Júpiter é dividido, como a Terra, em um grande número de regiões variadas de aspecto, mas não de clima. As diferenças de condições ali são estabelecidas unicamente pela superioridade moral e inteligente; não há nem senhores nem escravos; os graus mais elevados não são marcados senão pelas comunicações mais diretas e mais freqüentes com os Espíritos puros, e pelas funções mais importantes que nos são confiadas. Vossas habitações não podem vos dar nenhuma idéia das nossas, uma vez que não temos as mesmas necessidades. Culti-

vamos artes chegadas a um grau de perfeição desconhecido entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes, entre os quais o que admiramos mais à medida que o compreendemos melhor, é a inesgotável variedade da Criação, variedades harmoniosas que têm o mesmo ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos aumentados e purificados, o desejo incessante que temos de chegar à classe dos puros Espíritos não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele a nos aperfeiçoarmos. Estudamos incessantemente, com amor, para sermos elevados até eles, o que fazem também os seres inferiores para chegarem a nos igualar. Os vossos pequenos ódios, os vossos mesquinhos ciúmes nos são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. No vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da enfermidade para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a eterna calma da alma nos enche de uma eterna alegria. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade de compreender; foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde representar as alegrias do céu, e por que isto? Porque sendo inferior, não suportou senão penas e misérias, e não entreviu as claridades celestes; não pode vos falar daquilo que não conhece, como o viajante descreve os países que percorreu. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se ilumina e ele compreende o bem que tem diante de si, como compreendeu o mal que ficou atrás dele.

Outros Espíritos já procuraram vos fazer compreender, tanto quanto a vossa natureza o permite, o estado de mundos felizes, a fim de vos estimular a seguir o único caminho que pode a eles conduzir. Mas há entre vós os que são de tal modo ligados à matéria que preferem ainda as alegrias materiais da Terra, às alegrias puras que esperam o homem que sabe delas desprender-se. Que aí gozem, pois, enquanto aí estão! Porque um triste revés os espera, talvez mesmo desde esta vida. Aqueles que escolhemos por nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz; infelizes deles, sobretudo, se não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porque a sua justiça pesará sobre eles!

GEORGES.

\*

### **Perguntas e problemas diversos**

#### **Revista Espírita, fevereiro de 1861**

1. Num mundo superior, como Júpiter ou outro, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, bem como a do estado errante? - R. Não; do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.

- Entretanto, o envoltório material em Júpiter é muito pouco denso, e, por essa razão, o Espírito não é mais livre? - R. Sim, mas ele é suficientemente denso para extinguir, no Espírito, a lembrança do passado.

- Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco se encontravam, naqueles momentos, num estado de sono? - R. Certamente. Naquele mundo, o Espírito sendo muito mais elevado compreende bem melhor Deus e o Universo; mas o seu passado se apaga por enquanto, do contrário, tudo

isso obscureceria a sua inteligência; e ele mesmo não se compreenderia mais a si mesmo. Seria o homem da África, o da Europa o da América? O da Terra, de Marte ou de Vênus? Não se recordando mais, é ele mesmo, o homem de Júpiter, inteligente, superior, compreendendo Deus, eis tudo.

*Nota.* Se o esquecimento do passado é necessário num mundo avançado, como o é Júpiter, com mais forte razão deve sê-lo no nosso mundo material. É evidente que a lembrança das nossas existências precedentes traria uma deplorável confusão nas nossas idéias, sem falar de todos os outros inconvenientes que foram assinalados a esse respeito. Tudo o que Deus faz traz a marca da sua sabedoria e da sua bondade; não nos cabe criticá-lo, ainda mesmo quando não compreendamos o objetivo.

2. A senhorita Eugénie, um dos médiuns da Sociedade, oferece uma particularidade notável e de certo modo excepcional, é a prodigiosa volubilidade com a qual escreve, e a prontidão incrível com que os Espíritos, os mais diversos, se comunicam por seu intermédio. Há poucos médiuns com uma tão grande flexibilidade; a que se deve isto? - R. Essa causa se deve antes ao médium do que ao Espírito; este escreveria por um outro médium que iria menos depressa, pela razão de que a natureza de um instrumento não seria mais a mesma. Assim, há médiuns desenhistas, outros que são mais aptos à medicina, etc.; segundo a mediunidade, o Espírito age; é, pois, uma causa física antes do que uma causa moral. Os Espíritos se comunicam tanto mais facilmente por um médium, que tenha neste último uma combinação mais rápida de seu próprio fluido com o do Espírito; presta-se, mais do que outros, à rapidez do pensamento, e o Espírito disso se aproveita como aproveitais de uma viatura rápida quando estais apressados; esta vivacidade de um médium é toda física: seu próprio Espírito nisto não está por nada.

- As qualidades morais de um médium não têm influência? - R. Elas têm uma grande influência nas simpatias dos Espíritos, porque é necessário que saibais que alguns têm uma tal antipatia por certos médiuns, que só vencendo grande repugnância, que se comunicam por eles.

São Luís.

\*

## REVISTA ESPÍRITA

1863/JANEIRO

### BIBLIOGRAFIA. CAMILLE FLAMMARION

#### *A pluralidade dos mundos habitados.*

Estudo em que são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da astronomia e da fisiologia; por CAMILLE FLAMMARION, calculador no Observatório imperial de Paris, ligado ao Bureau des longitudes, etc. (1-1) Brochura grande in-8. Preço: 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 10; casa Bachellier, impressora-livraria do Observatoire, 55 cais dos Grands-Augustins.)

Embora não seja relativa ao Espiritismo, nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da Doutrina, e nossos leitores nos agradecerão por o termos chamado à sua atenção, persuadidos antecipadamente do poderoso interesse que darão a essa leitura duplamente atraente, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela ciência,

uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos. O Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium em notáveis dissertações assinadas por Galileu, e que publicamos, em setembro último, sob o título de *Estudos Uranográficos*. A esse duplo título estamos felizes de lhe dar uma menção especial, que será ratificada, disso não temos nenhuma dúvida.

O autor dedicou-se a recolher todos os elementos da natureza e apoiar a opinião da pluralidade dos mundos habitados, ao mesmo tempo que combate a opinião contrária. Depois de o haver lido, pergunta-se como é possível colocar em dúvida essa questão. Acrescentemos que as considerações de ordem científica mais elevadas não excluem nem a graça nem a poesia do estilo. Pode-se julgá-lo pela passagem seguinte, onde fala da intuição que a maioria dos homens, em contemplação diante da abóbada celeste, tem da habitabilidade dos mundos:

"... Mas a admiração que nos excita a cena mais emocionante do espetáculo da Natureza se transforma logo em um sentimento indescritível de tristeza, porque somos estranhos a esses mundos onde reina uma solidão aparente, e que não podem fazer nascer a impressão imediata pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos a necessidade de povoar esses globos em aparência esquecidos pela vida, e sobre essas regiões eternamente desertas e silenciosas procuramos olhares que respondam aos nossos. Tal como um ousado navegador explorou por muito tempo em sonhos, os desertos do Oceano, procurando a terra que lhe foi revelada, atravessando com seus olhares de águia as mais vastas distâncias, e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para se perder enfim nas imensas planícies onde o Novo Mundo estava assentado desde períodos seculares. Seu sonho se realizou. Que o nosso se liberte do mistério que o envolve ainda, e sobre a nave do pensamento, subiremos aos céus para procurar outras terras."

A obra está dividida em três partes; na primeira, intitulada *Estudos Históricos*, o autor passa em revista a inumerável série de sábios e filósofos antigos e modernos, religiosos e profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

"A maioria das seitas gregas", disse ele, a ensinaram, seja abertamente a todos os seus discípulos, seja em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são bem dele, ele pode ser contado como o primeiro que tenha ensinado a pluralidade dos mundos. Está implicitamente encerrada nos versos órficos, onde está dito que cada estrela é um mundo, e notadamente nestas palavras conservadas por Proclus: "Deus edificou uma terra imensa que os imortais chamaram Selene, e que os homens chamam Lua, na qual se elevam um grande número de habitações, de montanhas e de cidades."

"O primeiro dos gregos que levou o nome de filósofo, Pitágoras, ensinava em público a imobilidade da Terra e o movimento dos astros ao redor dela como centro único da criação, ao passo que declarava aos adeptos avançados de sua doutrina a crença no movimento da Terra como planeta e na pluralidade dos mundos. Mais tarde, Demócrito, Heráclito, Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a da maioria dos pitagóricos, e da maioria dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclito foram os mais ardentes defensores dessa crença; este úl-

timo ia mesmo até pretender que cada estrela é um mundo que tem, como o nosso, uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria etérea."

Mais adiante acrescenta:

"A ação benfazeja do Sol", disse Laplace, "faz nascerem os animais e plantas que cobrem a terra; e a analogia nos leva a crer que ela produz efeitos semelhantes sobre os outros planetas; porque não é natural pensar que a matéria da qual vemos a fecundidade se desenvolver de tantos modos, seja estéril sobre um tão grande planeta como Júpiter que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos, e sobre o qual as observações indicam as mudanças que supõem forças muito ativas. O homem, feito para a temperatura que suporta na Terra, não poderia, segundo toda aparência, viver em outros planetas. Mas não deve ali haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos e dos climas cria tantas variedades nas produções terrestres, quanto mais devem diferenciar as dos planetas e dos satélites!"

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, segundo os dados mais positivos da ciência, e do qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que ela se compõe, numa situação excepcional que haja podido lhe valer o privilégio de ser habitada com a exclusão de tantos outros mundos mais favorecidos em vários aspectos. A primeira parte é de erudição, a segunda é de ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista da *fisiologia*. As observações astronômicas, fazendo conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera, e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, disso resulta que a Terra está numa das condições menos vantajosas, um daqueles cujos habitantes devem sentir mais vicissitudes, e onde a vida deve ser mais penosa; de onde o autor conclui que não é racional admitir que Deus haja reservado, para a habitação do homem, um dos mundos menos favorecidos, ao passo que aqueles que são os melhores dotados estariam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto está estabelecido, não sobre uma idéia sistemática, mas sobre os dados positivos para os quais todas as ciências foram postas em contribuição: astronomia, física, química, meteorologia, geologia, zoologia, fisiologia, mecânica, etc.

"Mas", acrescenta ele, "de todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais do que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos fracos habitantes da Terra, fazendo-os entrever os quadros pomposos de uma longa e doce existência.

"Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não nos é dado romper, vemos se extinguirem sucessivamente nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os dividem, com suas estações disparatadas, cujo antagonismo se perpetua na desigualdade contínua do dia e da noite, e na inconstância da temperatura."

Depois de um eloqüente quadro das lutas que o homem tem a sustentar contra a Natureza para prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que transformam a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: "Em con-

seqüência de tais considerações, pode-se pretender ainda que esse globo seja, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possíveis, e que muitos outros corpos celestes não possam lhe ser infinitamente superiores, e reunir melhor do que ele as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?"

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, fá-lo ver um panorama de tal imensidade, que não se pode impedi-lo de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos milhares, nosso pequeno globo, desconhecido até de uma grande parte do nosso sistema planetário, seja a única terra habitada, e nos identificarmos com o pensamento do autor quando disse, ao terminar:

"Ah! se nossa visão fosse bastante penetrante para descobrir, lá onde não distinguimos senão pontos brilhantes sobre o fundo escuro do céu, os sóis resplandecentes que gravitam na extensão, e os mundos habitados que os seguem em seus cursos; se nos fosse dado abarcar sob o golpe de um olhar geral essas miríades de sistemas solidários, e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos, durante séculos de séculos, esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar nenhum fim para essa imensidade prodigiosa onde Deus faz germinar os mundos e os seres, retornando nossos olhares para trás, mas não sabendo mais em que ponto do infinito encontrar esse grão de pó que se chama Terra, nos deteríamos fascinados e confundidos por um tal espetáculo, e unindo nossa voz ao concerto da natureza universal, diríamos do fundo de nossa alma: Deus poderoso! Como éramos insensatos em crer que não havia nada além da Terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilégio de refletir a tua grandeza e o teu poder!"

Terminaremos, de nossa parte, com uma observação: é que vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, admira-se que um homem jovem, de uma idade onde outros estão ainda nos bancos da escola, tenha tido tempo de se apropriar delas e, com mais forte razão, as aprofundar. É para nós a prova evidente de que seu Espírito não se acha no início e que, mau grado seu, é assistido por um outro Espírito.

**SEGUNDA PARTE**

**SEGUNDO ANO**

**CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA**



## SEGUNDA PARTE

### SEGUNDO ANO

#### CADEIRA DE FILOSOFIA ESPÍRITA

**Deus como necessidade lógica e exigência intrínseca da consciência humana. Relação Deus-Universo: a trindade universal ou estrutura tríplice do Universo.**

**Livro: Agonia das Religiões: J. Herculano Pires (Cap. III)**

#### A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Sacerdotes e pastores, homens de fé, sinceros e bons procuraram demonstrar-me que as religiões não estão em crise. Sustentaram que a crise é do homem e não das instituições religiosas. As religiões continuam vivas e atuantes no coração dos crentes - disseram - mas os homens mundanos, que se entregam à loucura do século, conturbam a paisagem terrena. É necessário que os homens busquem a Deus, que tenham a experiência de Deus. E essa experiência só é possível quando o homem se desliga do mundo para ligar-se a Deus através da oração e da meditação. Falaram de milhares de pessoas que, no torvelinho da vida contemporânea, procuram todos os dias, a horas certas, o refúgio dos templos ou de um quarto solitário para tentar um encontro pessoal com Deus. Muitas dessas pessoas já conseguiram a audiência secreta com o Todo Poderoso. São criaturas felizes, iluminadas pela graça divina, que sustentam com sua fé inabalável a continuidade das religiões e garantem a sua expansão.

É bom que existam pessoas assim, dedicadas vestais que zelam pelo fogo sagrado. São os últimos abencerrages do formalismo religioso, flores de estufa cultivadas na penumbra das naves sagradas. Cuidam da fé como jardineiros especializados que cultivam uma espécie vegetal extremamente delicada. Acreditam que os seus canteiros floridos darão sementes para sementeiras ilimitadas por toda a superfície da Terra. Não percebem essas almas eleitas que cultivam exclusivamente a si mesmas, ocultam na aparência piedosa seus conflitos profundos e nada mais fazem do que fugir da realidade escaldante da vida. Não escondem a cabeça na areia, pois mergulham de corpo inteiro no sonho egoísta da salvação pessoal.

As práticas místicas do passado provaram mal a sua eficácia. Do Oriente ao Ocidente, multidões de gerações de crentes desfilaram sem cessar, através dos milênios, pelos templos de todas as religiões, convictas de haverem alcançado a salvação pessoal, enquanto hordas ferozes e exércitos em guerras de extermínio brutal cobriam o mundo de ruínas, cadáveres inocentes, sangue e lágrimas. Os que ouviram Deus em audiência particular não se recusaram a pegar em armas para estraçalhar seus irmãos considerados como réprobos e infiéis. Santos Bispos e Padres, pastores calvinistas, crentes populares, fidelíssimos e humildes, não acenderam suas lâmpadas votivas para iluminar as noites trevosas. Preferiram acender fogueiras inquisitórias e, quando o sol raiava, submeter piedosamente os hereges à morte redentora do garrote-vil, réplica religiosa à guilhotina profana.

Lembro-me do episódio histórico de Jerônimo de Praga. Depois de haver assistido, pelas grades da prisão, seu mestre João Huss ser queimado vivo em praça pública, foi também glorificado com a graça especial de uma fogueira semelhante. No momento em que as chamas começavam a iluminar a sua figura estranha, caridosamente amarrada ao palanque do suplício (para salvação de sua alma rebelde) viu uma pobre velhinha aproximar-se da fogueira com uma acha de lenha e atirá-la ao fogo. Era a sua contribuição piedosa para a salvação do ímpio. Jerônimo exclamou apenas: "Santa simplicidade." Pouco depois estava reduzido a cinzas, para glória de Deus, e suas cinzas foram lançadas ritualmente nas águas do Reno.

Todas as formas de culto, todos os ritos, todos os sacramentos, todas as cerimônias religiosas, todos os cilícios foram empregados nos milênios sombrios do fanatismo religioso, para a salvação da Humanidade. E eis que agora chegamos a um tempo de descrença generalizada, de materialismo e ateísmo oficializados, de hipocrisia pragmática erigida em sustentáculo das religiões fracassadas. Deus falava diretamente com seu servo Moisés no deserto, falava-lhe cara a cara, ordenando matanças coletivas, genocídios tenebrosos, destruição total dos povos que impediam o acesso dos hebreus à terra dos cananeus, que seria tomada a fio de espada. Deus continua falando em particular a seus servos em nossos dias, para a sustentação das igrejas, enquanto o Diabo não perde tempo e alicia milhões de almas perdidas para as práticas do terrorismo, para a matança de crianças e criaturas inocentes, para assaltos e estupros em toda a face da Terra.

A experiência de Deus sustenta os crentes privilegiados e sustenta suas igrejas salvacionistas. E enquanto não chega a salvação, católicos e protestantes matam-se gloriosamente nas lutas fratricidas da Irlanda, em plena era das mais brilhantes conquistas da inteligência humana. Que estranha experiência é essa, que não revela os seus frutos, que não prova a sua eficácia? Deus estaria, acaso, demasiado velho para não perceber a inutilidade dos seus métodos de salvação pessoal em audiências privadas? E os seus servidores, os clérigos investidos de autoridade divina para implantar na Terra o Reino do Céu, porque não avisam o velho monarca da inutilidade milenarmente provada de sua técnica de contagotas?

Não seria mais certo tentarmos a revisão dos conceitos religiosos que nos deram a herança de tantos fracassos e tão espantosa expansão do materialismo e do ateísmo no mundo? Todas as grandes religiões afirmam a onipresença de Deus no Universo. Não obstante, todas consideram o mundo (criado por Deus) como profano, região em que as trevas dominam e o Diabo faz a incessante caçada das almas de Deus. É curioso lembrar que nos tempos mitológicos o mundo era considerado sagrado, a vida uma bênção, os prazeres naturais e as leis da procriação eram graças concedidas pelos deuses aos homens. O monoteísmo judaico, desenvolvido pelo Cristianismo, impregnou o mundo com a onipresença de Deus e o mundo tornou-se profano. Se Deus está presente num grão de areia, numa folha de relva, num fio dos nossos cabelos e numa pena das asas de um pássaro, como, apesar dessa impregnação divina, o homem se defronta com a impureza do mundo? Por que estranho motivo necessitamos de ritos especiais para purificar a inocência de uma criança, se Deus está presente no seu olhar puro e límpido, no seu choro, na meiguice do seu rostinho ainda não marcado pelo fogo das paixões terrenas? E porque precisa o cadáver de recomendação, com aspersão de água benta, se a ressurreição dos mortos se faz, como ensina o A-

póstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios e como Jesus exemplificou na sua própria morte, no corpo espiritual e não no corpo material?

São esses e outros muitos problemas acumulados nos erros milenares dos teólogos que levam o homem contemporâneo à descrença e ao materialismo, ao ateísmo e ao niilismo. São todos esses erros que colocam as religiões em crise e as levarão à morte sem ressurreição. Considerando-se, porém, esse estranho panorama religioso da Terra numa perspectiva histórica, à luz da razão, compreende-se facilmente que os erros de ontem, até hoje sustentados pelas religiões, foram úteis e necessários nos tempos de ignorância, em que os problemas espirituais não podiam ser colocados em termos racionais. Há justificativas válidas para o passado religioso, mas não justificativas possíveis para o seu presente contraditório e absurdo. A tese, mais do que absurda, do Cristianismo Ateu, com que teólogos rebeldes procuram hoje remendar as vestes esfarrapadas das igrejas, só vem acrescentar maior confusão ao momento de agonia das religiões envelhecidas.

O problema da experiência de Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus está em nós, e por isso somos deuses em potência, segundo a própria expressão evangélica, porque necessitamos de uma busca artificial de Deus para termos a experiência da sua realidade? Se fomos criados por Deus e se Deus pôs em nós a sua marca, como afirmou Descartes - a idéia de Deus em nós, que é inata - já não trazemos, ao nascer, a experiência de Deus? E e, no desenvolver da vida humana, o homem nada mais faz do que cumprir um desígnio de Deus, assistido pelos Anjos Guardiães, porque tem ele de buscar a Deus através de uma prática artificial e egoísta, procurando preservar-se sozinho num mundo em que a maioria se perde irremediavelmente? Moisés supunha ter ouvido o próprio Deus no Sinai, mas o Apóstolo Paulo explicou que Deus lhe falara através de mensageiros, que são anjos. As pessoas que buscam hoje a experiência de Deus em audiência privada serão mais dignas do que Moisés, não estarão sujeitas a ouvir a voz de um anjo, que tanto pode ser bom quanto mau, pois as próprias igrejas admitem que os anjos decaídos andam à solta pela Terra procurando roubar para o *Inferno* as almas de Deus? Quem estará livre, na sua piedosa tarefa de salvar-se a si mesmo, de ser tentado pelo Diabo, que tentou o próprio Jesus nas suas meditações solitárias no Deserto?

As práticas místicas do passado não servem para a era da razão, em que nos encontramos na antevéspera da era do espírito. Orar e meditar é evidentemente um exercício religioso respeitável e necessário em todos os tempos. A oração nos liga aos planos superiores do espírito e a meditação sobre questões elevadas desenvolve a nossa capacidade de compreensão espiritual. Mas o dogma da experiência de Deus através de um pretensioso colóquio direto e pessoal com a Divindade é uma proposição egoísta e vaidosa. Se Deus é o Absoluto e nós somos relativos, a humildade não nos aconselha a ter mais cautela em nossas relações pessoais com a Divindade? São muitos os casos de perturbações mentais, de obsessões perigosas, de lamentáveis desequilíbrios psíquicos decorrentes de exageradas pretensões das criaturas humanas no campo das práticas religiosas. A História das Religiões é marcada por terríveis experiências nesse sentido. Basta lembrarmos os casos de perturbações coletivas em conventos e mosteiros da Idade Média, onde os excessos de misticismo transformaram criaturas piedosas em vítimas de si mesmas, sujeitando-as não raro à própria condenação da igreja a que pertenciam e a que procuravam servir.

Os dogmas de fé, que formam a estrutura conceptual das igrejas, são as pedras de tropeço do seu caminho evolutivo. Partindo do princípio de que a Revelação Divina é a própria palavra de Deus dirigida aos homens, as igrejas se anquilosaram em seus dogmas intocáveis, pois a exegese humana não poderia alterar as ordenações ao próprio Deus. Na verdade, a alteração se verificou em vários casos, apesar disso, mas decisões conciliares puseram a última pá de cimento nos erros cometidos. As estruturas eclesiais tornaram-se rígidas e as igrejas confirmaram, no seu espírito, a ossatura de pedra de suas catedrais. Van-gloriam-se ainda hoje da sua imutabilidade, num mundo em que tudo evolui sem cessar. Os resultados dessa atitude ilusória e pretensiosa só poderiam ser nefastos, como vemos atualmente no lento e doloroso processo de agonia das religiões. Incidiram assim no pecado do apego, contra o qual os Evangelhos advertiram os homens. Apegaram-se de tal maneira à própria vida, que perderam a vida em abundância que Jesus prometeu aos que se desapegassem. As liberalidades atuais chegaram demasiado tarde.

A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Nas Escrituras religiosas aparece algumas vezes com o sentido de édito ou decreto de autoridades judaicas ou romanas. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religioso é de fé, princípio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da Revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada. O sentido religioso superou os demais por motivo das conseqüências muitas vezes desastrosas da sua rigidez e imutabilidade. Se falarmos, por exemplo, em dogmática, esse termo é geralmente entendido como designando a estrutura dos dogmas fundamentais de uma religião. Por isso, a adjetivação de dogmática, que implica também o masculino, como nas expressões: pessoa dogmática, posição dogmática ou homem dogmático, significa intransigência de opiniões. O mesmo acontece com o substantivo dogmatismo, que designa um sistema de opiniões intransigentes.

Estas influências religiosas na semântica revelam a intensidade da rigidez a que as igrejas se entregaram, através dos séculos e dos milênios, na defesa da suposta eternidade de seus princípios básicos. Temos, portanto, no dogma de fé, um dos motivos fundamentais da crise das religiões em nossos dias. No Espiritismo, como em todas as doutrinas filosóficas, existem dogmas de razão, como o da existência de Deus, o da reencarnação, o da comunicabilidade dos espíritos após a morte. Muitos adeptos estranham a presença dessa palavra nos textos de uma doutrina que se afirma antidogmática, aberta ao livre exame de todos os seus princípios. São pessoas ainda apegadas ao sentido religioso da palavra. Não há nenhuma razão para essa estranheza, como já vimos, do ponto de vista cultural.

O problema da religião no Espiritismo tem provocado discussões e controvérsias infundáveis, porque essa doutrina não se apresenta como religião no sentido comum do termo. Allan Kardec, discípulo de Pestalozzi, adotava a posição de seu mestre no tocante à classificação das religiões. Pestalozzi admitia a existência de três tipos de religião: a animal ou primitiva, a social e a espiritual. Mas recusava-se a chamar esta última de religião, dando-lhe a designação de moralidade. Isso porque a religião superior ou espiritual, segundo ele, só era professada individualmente pela criatura que superava o *ser social* e desenvolvia

em si o *ser moral*. Kardec recusou-se a falar em Religião Espírita, sustentando que o Espiritismo é doutrina científica e filosófica, de conseqüências morais. Mas deu a essas conseqüências enorme importância ao considerar o Espiritismo como desenvolvimento histórico do Cristianismo, destinado a restabelecer a verdade dos princípios cristãos, deformados pelo processo natural de sincretismo-religioso que originou as igrejas cristãs.

Essa posição espírita manteve a doutrina e o movimento doutrinário em posição marginal no campo religioso. Para os espíritas, entretanto, a posição da doutrina não é marginal, mas superior, pois o Espiritismo representaria o cumprimento da profecia evangélica da Religião em espírito e verdade, que se desenvolveria sob a égide do próprio Cristo. A religião espírita não se organizou em forma de igreja, não admite sacramentos nem admitiu nenhuma forma de autoridade religiosa de tipo sacerdotal. Não há batismo, nem casamento religioso no Espiritismo, nem confissões ou indulgências. Todos esses formalismos são considerados como de origem pagã e judaica. Entende-se o batismo como rito de iniciação, que Jesus substituiu pelo *batismo do espírito*, sendo este considerado como a iniciação no conhecimento doutrinário, feita naturalmente pelo estudo da doutrina, sem nenhum ato ritual. Admite-se também que o *batismo do espírito*, segundo o texto do *Livro de Atos dos Apóstolos* sobre a visita de Pedro à casa do centurião Cornélius, no porto de Jope, pode completar-se, nos médiuns, quando se verifica espontaneamente, com o desenvolvimento da mediunidade.

Essa posição espírita no campo religioso causou numerosas dificuldades aos espíritas no tocante às relações de instituições doutrinárias com os poderes oficiais, particularmente para a declaração de religião em documentos oficiais, para o resguardo dos direitos escolares em face do ensino religioso, para a declaração de religião nos recenseamentos da população, até que medidas oficiais reconheceram esses direitos. Em compensação, o Espiritismo ficou livre das conseqüências da crise religiosa, que não o atingiram. Demonstrarei nos capítulos seguintes a posição da Religião Espírita em face dessa crise, que é evidentemente uma posição de vanguarda. Sua contribuição para a racionalização dos princípios religiosos, para a reintegração da Religião no plano cultural, particularmente no tocante aos problemas científicos da atualidade, é realmente substancial. No campo filosófico a posição espírita é também vanguardeira, pois desde o século passado sua filosofia se apresenta como *livre dos prejuízos do espírito de sistema*, conservando-se aberta a todas as renovações que decorrem de descobertas cientificamente comprovadas. Livre da dogmática religiosa e da sistemática filosófica, apoiada inteiramente na pesquisa científica, a doutrina está de fato a cavaleiro nas crises da atualidade.

\*

**Livro: Agonia das Religiões J. Herculano Pires (Cap.IV)****EXPERIÊNCIA (DE DEUS) NO TEMPO**

O homem realiza a experiência de Deus no tempo, ao longo de sua evolução natural. Não se pode ter uma experiência artificial de Deus em alguns minutos ou algumas horas de meditação. Essa experiência é natural - e de natureza vital - faz parte integrante da vida e da existência humana. Podemos lembrar a expressão de Descartes: *A idéia de Deus no homem é a marca do obreiro na sua obra*. Descartes foi o precursor de Kardec, como João Batista o foi do Cristo. Temos, assim, uma curiosa correlação histórica entre o advento do Cristianismo e o advento do Espiritismo, que se completa em numerosos outros aspectos.

Lembrando a teoria da reminiscência em Platão, em que as almas nascem na Terra marcadas pela recordação do mundo das idéias, compreenderemos mais facilmente a existência da idéia inata de Deus no homem. Essa idéia inata não é apenas marca, mas também o marco inicial e o pivô em torno do qual se processa todo o desenvolvimento espiritual da criatura humana. Podemos acompanhar esse processo desde a adoração dos elementos naturais pelo homem Primitivo (a partir da litolatria, adoração da pedra e de outras formações minerais) até à eclosão do monoteísmo, com a idéia do Deus Único, que Kant considerou o mais elevado conceito formulado pela mente humana. E vemos então que a idéia de Deus representa, histórica e antropológicamente, uma espécie de marca-passo de toda a evolução do homem.

No episódio do *Cogito*, da cogitação de Descartes sobre a realidade ou não da existência, temos o momento em que ele descobre, no mais profundo de si mesmo, uma idéia estranha, que é a da existência de um Ser Absoluto e portanto absolutamente perfeito. Essa idéia não podia ter sido originada pelas suas experiências de ser relativo e imperfeito. Descartes a considerou estranha porque só poderia vir de fora dele, da existência real desse Ser Absoluto. Descobria assim que tivera uma experiência de Deus, inteiramente independente de todas as suas experiências terrenas.

A importância desses fatos históricos e culturais foi negligenciada pela cultura leiga que se desenvolveu na Renascença e deu forma ao mundo moderno. O predomínio crescente das conquistas materiais da Civilização Ocidental asfixiou essas conquistas do espírito. O homem se esqueceu do significado desses fatos, desses episódios culminantes da cultura humana, e as religiões dogmáticas transformaram a idéia de Deus em simples crença desprovida de raízes experimentais. Coube ao Espiritismo restabelecer a verdade e colocar a *experiência de Deus* no seu devido lugar, no vasto panorama da evolução da Humanidade. Trata-se da mais importante e profunda experiência do homem, uma experiência vital que deverá levá-lo à compreensão da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro destino. Impossível reduzi-la a uma conquista particular e eventual de algumas criaturas que hoje se entregam a práticas de meditação.

Claro que com isso não pretendo negar nem diminuir o valor da meditação como disciplina mental e como recurso de elevação espiritual. Sustento apenas que a meditação é o produto e não a produtora da *experiência de Deus*, pois essa experiência já marcava o homem muito antes que ele houvesse adquirido o poder do pensamento abstrato e pudesse meditar. A vivência religiosa, pelo sim-

ples fato de ser vivência e não reflexão, é inerente ao homem desde o seu aparecimento no planeta. Essa é uma questão que hoje se coloca de maneira evidente.

A concepção espírita vai mais longe e mais fundo, negando ao homem atual o direito de isolar-se do mundo para buscar a Deus, e portanto de buscar a Deus ou aos poderes espirituais através de processos artificiais. O meio natural de evolução, para o homem e para todas as coisas e todos os seres, é a *relação*. Se nos afastamos do relacionamento social e cultural para nos elevarmos, estamos nos colocando em posição errada e tomando um caminho ilusório. A busca solitária de Deus é um ato egocêntrico e preferencial. O místico vulgar não mergulha em si mesmo para encontrar em Deus a relação com o mundo, como o fez Descartes, mas, pelo contrário, para desligar-se do mundo e ligar-se isoladamente a Deus. Não é guiado pelo amor à Humanidade, mas pelo amor a si mesmo. Prefere elevar-se acima dos outros para encontrar em Deus o refúgio e a fortaleza em que poderá construir e usufruir sozinho a sua felicidade particular. Prefere a fuga ao mundo, em termos de superioridade pessoal e portanto egoísta, anti-religiosa, à ligação com o mundo e com Deus para a realização da unidade global que é o objetivo da religião.

A diferença absoluta entre a posição do Cristo e a posição do Buda e das chamadas religiões orientais é precisamente essa. Enquanto o Buda abandona o mundo para buscar a Deus na solidão, o Cristo mergulha no mundo para religar os homens a Deus. A ação do Buda é subjetiva e contrária à experiência do mundo, enquanto a ação do Cristo é objetiva, considerando a experiência do mundo como necessária ao desenvolvimento da experiência de Deus no homem. Meio milhão de pessoas entregues à meditação para tentar a ligação pessoal de cada uma delas com Deus não representa um esforço coletivo de unidade - uma ação religiosa - mas a simples coincidência de esforços particulares e isoladas, como vemos na busca do ouro nas regiões auríferas. Não se trata, pois, de uma ação coletiva e sim de milhares de ações individuais e egoístas.

Não quero de maneira alguma negar o valor espiritual do Buda, cuja posição correspondia à necessidade de orientação de uma comunidade de almas estranhas à Terra, exiladas em nosso planeta, que tinham por objetivo a volta aos seus mundos de origem. Nesse caso, a negação individual do mundo (do nosso mundo) tornava-se coletiva em virtude do objetivo comum do retorno ao paraíso perdido. A teoria espírita da migração entre os mundos - apoiada na teoria cristã das *muitas moradas da Casa do Pai* - é a chave indispensável à compreensão desse problema.

A evolução de cada mundo atinge o momento em que a sua população se divide em dois campos bem diferenciados, como vemos hoje na Terra. Um deles evoluiu o suficiente para integrar uma humanidade planetária superior, o outro continua em estado inferior. A população desse campo inferior precisa ser transferida para outro mundo que esteja no seu nível evolutivo, a fim de que as criaturas refaçam ali o tempo perdido. Quando essa população atingir ali, no outro planeta o nível de evolução necessário, voltará ao seu mundo de origem. Nessa situação, a vivência isolada nas práticas solitárias da meditação constitui uma recapitulação de aprendizado. Era a essas almas emigradas que o Buda dirigia a sua mensagem superior, como outros haviam feito antes dele.

Em nossa humanidade terrena somente a ação do Cristo - vencendo o mundo, segundo suas próprias palavras - impulsionou-nos ao aceleração evo-

lutivo que vem transformando a Terra não só nas áreas cristãs, mas em toda a sua extensão. O Cristianismo institucional, igrejeiro, absorvendo os elementos espirituais das religiões orientais, que se opunham aos princípios de *entrega ao mundo* das religiões mitológicas, mergulhou no ascetismo das ordens monásticas do Oriente e no isolacionismo da concepção sócio-cêntrica de Israel. As seitas cristãs fecharam-se em si mesmas, desde a comunidade apostólica do *Livro de Atos dos Apóstolos*, estabelecendo uma divisão arbitrária entre os escolhidos de Deus e os abandonados por Ele. A prática do *batismo do espírito*, do tempo de Jesus, que dava à criatura a experiência direta da realidade espiritual, converteu-se nas formas de evocação ritual e privilegiada do Espírito Santo, que dá ao crente a ilusão de uma separatividade conferida pela *graça*. As igrejas cristãs transformaram-se em ilhas de santidade e pureza em meio à impureza do mundo, como a Israel antiga no mundo mitológico. A *experiência de Deus*, pessoal e intransferível, substituiu a experiência de Deus no mundo, a vivência universal do ensino e do exemplo de Jesus. É por isso que os cristãos de hoje se formalizam em grupos sócio-cêntricos fechados.

Ao contrário disso, a revelação espírita considera a *graça* simplesmente como a *força que Deus concede ao homem de boa-vontade para vencer as suas imperfeições*, seja ele desta ou daquela religião ou de nenhuma delas. O batismo exclusivista e sectário é substituído pelo antigo batismo do espírito, acessível a todos, não segundo o critério eclesiástico mas segundo o critério de Deus. Nada exemplifica melhor essa questão do que o episódio de *Atos* em que o Apóstolo Pedro, em Jope, se recusa a atender o centurião Cornélio, mas advertido pelo mundo espiritual o atende e descobre o sentido universal do batismo do espírito. Pedro, ainda imbuído dos princípios isolacionistas do Judaísmo, não podia entender que lhe fosse permitido socorrer uma família de romanos impuros em que a mediunidade eclodia. Foi necessário que o Espírito advertisse - a ele que seguisse e ouvira o Cristo até o momento da prisão - de que Deus nada fizera de impuro, para que a sua consciência se abrisse à verdadeira compreensão da mensagem cristã.

O egocentrismo humano, essa centralização do homem em si mesmo, que gera e alimenta o orgulho, é uma decorrência natural das fases de formação da consciência, de formação do indivíduo como uma unidade espiritual específica, oposta à pluralidade e confusão do mundo. Mas esse egocentrismo, que deve abrir-se em altruísmo na proporção em que o homem amadurece, é alimentado pelo anseio de privilégios que as igrejas satisfazem com as suas concessões ilusórias aos fiéis. Tudo tem a sua utilidade em seu tempo, mas depois se torna inútil e até mesmo prejudicial. No próprio meio espírita essa tendência a conservar posições do passado ainda subsiste, particularmente no plano institucional, onde os postos de comando reacendem no espírito a chama de velhas e desvairadas ambições. O homem, espírito encarnado - envolto na neblina da carne, como ensina Emmanuel - está sempre e inevitavelmente propenso a reincidir em seus erros do passado. A volta às condições da vida material o coloca de novo ante a possibilidade de desfrutar as oportunidades que lhe foram úteis ou agradáveis no passado. As ilusões renascem no seu coração humano. As perspectivas espirituais se perdem no nevoeiro. Nas religiões formalistas esse apelo do passado adquire muito mais força.

A luta contra os resíduos do passado exige oração e vigilância, como Jesus ensinou. Não obstante a idealização do Diabo, como personificação mitoló-



gica do Mal, todas as grandes religiões reconhecem que a tentação está dentro de nós mesmos. Muito mais que a influência dos espíritos inferiores, o que nos arrasta de volta aos velhos caminhos do erro são as próprias tendências que trazemos em nosso íntimo. A oração consciente, feita com sinceridade e fé, areja o nosso íntimo, lança a sua luz sobre as escuras paisagens interiores da alma, fazendo-nos discernir o contorno real das coisas. Nada se modifica em nós, mas iluminamo-nos por dentro. E se mantivermos a nossa vigilância na intenção verdadeira de acertar, facilmente veremos o que nos convém e o que não nos convém. Poderemos então repetir com Paulo: *Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém*. E, seguindo assim o caminho que a prudência esclarecida nos indica, tudo modificaremos para melhor em nós mesmos, tornando-nos aptos a auxiliar os outros a se melhorarem.

Temos a cada instante, a cada minuto, diariamente em nossa vida a *experiência de Deus*. Porque a própria vida é, em si mesma, essa experiência. Desde o momento em que nascemos até o instante final da nossa existência estamos em relação permanente com Deus, não o Deus particular desta ou daquela igreja, mas o Deus em espírito e matéria que se manifesta numa haste de relva, na beleza gratuita de uma flor, no brilho de uma estrela, num perfume, numa voz, numa nota musical isolada, num aperto de mão e principalmente numa idéia, num sentimento, numa aspiração que brota do anseio de transcendência da nossa alma. O que nos falta é estar mais atentos, mais despertos para a percepção consciente desses múltiplos e infindáveis milagres da vida cotidiana. O homem sem Deus é somente aquele que se nega a aceitar a presença de Deus em si e em seu redor. Para esse homem, a meditação é um ensaio no campo da frustração, um mergulho no mundo opaco do sem-sentido.

\*

## DEUS, ESPIRITO E MATÉRIA

### Livro: Agonia das Religiões. J. Herculano Pires (Capítulo V)

Para melhor entender-se a expressão *Deus, em espírito e matéria*, que usei no capítulo anterior, - e melhor entender-se também o problema *da experiência de Deus no tempo* - julgo necessário tratar dos princípios da cosmogonia espírita, na qual se integra a teoria da gênese e formação do espírito. O contra-senso da afirmação bíblica de que Deus criou o mundo do nada, que tanto trabalho deu aos teólogos, é explicado na revelação espírita pela teoria da Trindade Universal. Deus, o Ser Absoluto, é a fonte de toda a Criação. Existindo essa fonte solitária, é logicamente necessário admitir-se um meio em que ela existia. Esse meio, que seria o espaço vazio, foi considerado o nada. Para tratar do Absoluto num plano relativo, como o nosso, é preciso usar expressões relativas.

A concepção espírita do mundo não admite a existência do nada. O Universo é pleno - é uma plenitude - não havendo nele nenhuma possibilidade de vácuo. Essa teoria espírita da plenitude está hoje sendo confirmada pela pesquisa científica do Cosmos. As regiões siderais que poderíamos julgar vazias mostram-se como campos de forças, carregadas de energias que escapam aos nossos sentidos. Esse pré-universo energético seria o que Buda definiu como o mundo sempre existente, que nunca foi criado. Pitágoras, em sua filosofia matemática, considerou Deus como o número 1 que desencadeou a década. O UM, número primeiro, existia imóvel e solitário no Inefável (naquilo que para nós seria o nada) e nesse caso o nada seria a imobilidade absoluta. Houve em certo momento cósmico, não se pode saber como nem porquê, um estremecimento do número 1, que assim produziu o 2 e a seguir os demais números até o 10. Completando-se a década, tivemos o Todo, a Criação se fizera por si mesma, o Universo surgira e com ele o tempo. E claro que não dispomos de recursos para investigar as origens primeiras, e essas teorias não passam de tentativas de explicações lógicas, destinadas a nos proporcionar uma base alegórica ou hipotética para uma possível concepção do mistério da Criação.

O Espiritismo sustenta a possibilidade de conhecermos a verdade a respeito, quando houvermos desenvolvido as potencialidades espirituais que nos elevarão acima da condição humana. Enquanto não chegarmos lá, essas hipóteses devem servir para mostrar-nos que dispomos de capacidade para ir além dos limites do pensamento dialético, além do conhecimento indutivo baseado no jogo dos contrastes.

Assim sendo, não podemos aceitar a alegoria bíblica da Criação ao pé da letra, como *verdade revelada*, nem contestá-la orgulhosamente com a arrogância do materialismo. Na posição do crente temos a ingenuidade e na posição do materialista temos a arrogância do homem, esse pedacinho de fermento pensante, como dizia o Lobo do Mar de Jack London. O espiritualismo simplório e o materialismo atrevido são os dois pólos da estupidez humana. O bom-senso, que é a regra de ouro do Espiritismo, nos livra da estupidez e nos oferece a possibilidade de chegarmos à sabedoria sem muito barulho e disputas inúteis.

Partindo do pressuposto de que o mundo deve ter uma origem e aceitando a idéia de que foi criado por Deus - pois assim o afirmam todos os Espíritos Superiores que se referem ao assunto e que revelam uma sabedoria superior à nossa - o Espiritismo admite que a fonte inicial é uma inteligência cósmica. Mas

porque uma inteligência e não apenas um centro de forças casualmente aglutinadas no caos primitivo? Porque o Universo se mostra organizado inteligentemente em todas as suas dimensões, até onde podemos observá-lo. Seria ilógico, absurdo, supormos que essa inteligência da estrutura universal, que se manifesta em minúcias ainda inacessíveis à pesquisa científica, desde as partículas atômicas até aos genes biológicos e seus códigos admiráveis, seja o resultado de um simples acaso. Nenhuma cabeça bem-pensante poderia admitir isso. A teoria espírita - teoria e não hipótese, pois esta já provou a sua validade através de todas as pesquisas possíveis - pode ser resumida neste axioma doutrinário: *Não há efeito inteligente sem causa inteligente, e a grandeza do efeito corresponde à grandeza da causa.*

Colocando assim o problema, sua equação se torna clara. O Espiritismo a elabora em termos dialéticos: a fonte inicial, Deus, existindo num meio ao inefável, constituído de matéria dispersa no espaço, emite o seu pensamento criador que aglutina e estrutura a matéria. Temos assim a Trindade Universal que as religiões apresentam de maneira antropomórfica. Essa trindade não é formada de pessoas, mas de substâncias regidas por uma possível Inteligência, constituindo-se assim: *Deus, Espírito e Matéria.*

O espírito que a constitui não é uma entidade definida, mas o pensamento de Deus que se expande no Cosmos em forma de substância. Essa substância espiritual penetra o oceano de matéria rarefeita, dispersa, e aglutina suas partículas, estruturando-as para a formação das coisas e dos seres. Da tese espiritual e da antítese material resulta a síntese do real, do mundo criado por um poder inteligente.

Qual a razão de ser, o objetivo, a finalidade e o sentido dessa Criação? O Espiritismo admite que não podemos conhecer tudo isso em nosso estágio de desenvolvimento, mas podemos, através da nossa inteligência humana, indagar, perquirir, pesquisar e chegar a resultados logicamente possíveis. Os dados científicos da Geologia, por exemplo, nos mostram a Terra como o resultado de um longo processo de formação, no qual é evidente a intenção de atingir um tipo de perfeição em todas as coisas e todos os seres. As formas imprecisas e grotescas das primeiras idades do planeta vão se aprimorando ao longo do tempo, numa sucessão nítida de fases de elaboração caprichosa. Os dados da Antropologia nos revelam o aprimoramento do homem nas civilizações sucessivas, a partir das selvas. Os dados da Psicologia nos desvendam os anseios da alma humana, na busca incessante de transcendência, de superação do seu condicionamento orgânico-material. Os dados da Estética revelam-nos o anseio de beleza, perfeição e equilíbrio que rege o desenvolvimento individual e coletivo, o indivíduo e a espécie.

Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, propõe-nos uma visão dialética do mundo em que as coisas se transformam em seres e estes avançam em direção à consciência. É a mesma visão da teoria dialética de Hegel. Oliver Lodge considera o homem atual como um processo em desenvolvimento. O Existencialismo, em suas várias escolas, encara o homem como um *pro-jecto*, um vetor que se lança na existência em busca da transcendência. Para Sartre, o homem se frustra nessa busca e se nadifica na morte, se reduz a nada. Para Heidegger, o homem se realiza no trajeto existencial e se completa na morte. Para Jaspers, o homem consegue transcender-se em dois sentidos: o horizontal, na relação social, e o vertical, na busca de Deus. Para Léon Denis, todo o

processo de transformação se explica por esta frase genial: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Para Kardec, a transcendência humana nos leva ao plano da angelitude, pois os anjos nada mais são do que espíritos que superaram as condições inferiores da humanidade.

Temos assim o Universo, com a multiplicidade de seus mundos rolantes no espaço sideral, de seus sóis e suas galáxias, como um fluxo permanente de forças em transformação incessante, objetivando a formação dos seres e a elevação destes a condições divinas. Só a hipótese de Sartre admite a inutilidade como finalidade universal.

Os Espíritos Superiores, em suas comunicações, desmentem e rejeitam essa hipótese negativa, sustentando a natureza teleológica do Universo. Consideram a Criação como um gigantesco processo que só pode ser definido como o fiat em sua fase inicial, quando a Mente Suprema emite o seu pensamento para unir essa emanção do seu espírito à matéria dispersa. Depois desse instante criador desencadeia-se o tempo e é nele que o processo criador vai desenvolver-se lentamente através dos milênios. E a superioridade desses Espíritos não é avaliada por medidas ou métodos místicos, mas por verificações racionais. Os Espíritos Superiores não ensinam apenas através de idéias, mas também de fatos. Provam, através da produção de fenômenos paranormais, que possuem uma ciência muito superior à nossa, um conhecimento do espírito e da matéria que estamos longe de atingir e uma compreensão de Deus que supera de muita as nossas interpretações antropomórficas da Inteligência Criadora. Além disso, as suas previsões se confirmam de maneira rigorosa, demonstrando que possuem recursos de futurologia muito mais avançados e seguros que os nossos. Suas proposições são ainda relacionadas com os nossos conhecimentos, completando-se na medida em que o nosso adiantamento permite que nos falemos a respeito sem provocar dúvidas ou confusões em nossa mente.

A relação de Deus com o Universo não é apresentada em termos de mistério, mas de realidade verificável. Na Terra, o homem representa o ponto culminante do processo evolutivo. A criação do homem à imagem e semelhança de Deus explica-se em termos espirituais. Porque o homem é o único ser terreno que possui mente criadora, pensamento produtivo e contínuo, psiquismo refinado e complexo, capacidade de percepção e de intuição que lhe permitem penetrar na essência das coisas, ultrapassando a aparência ilusória. Feito assim, como um reflexo da divindade, o homem se liga a Deus não apenas pelos laços do ato criador, mas também por afinidade psíquica e espiritual. É um herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo, como escreveu Paulo, que se prepara para entrar na herança do futuro.

A relação de Deus com o homem começa, portanto, muito antes que ele se defina como criatura humana. Desde o momento em que o pensamento de Deus se une à matéria para modelá-la, e nas fases subsequentes, em que espírito e matéria se fundem nas *formas substanciais* de que tratou Aristóteles, a relação de Deus com o homem se desenvolve em progressão constante. Quando se estrutura a consciência humana no ser em evolução, a marca de Deus ali está presente, na lei de adoração que é o sentimento inato de sua filiação divina e se manifestará no sentimento religioso, base de todas as experiências religiosas da Humanidade. Temos de dividir o conceito da *experiência de Deus*, em que tanto se apóiam as religiões formalistas, em dois tipos bem definidos de experiência: a de Deus, que começa no fiat, como elemento ontogenético (elemento constitui-

vo da própria gênese do homem) e a religiosa, que corresponde às tentativas de uma tomada de consciência de Deus através de formulações religiosas por meio de rituais, instituição de igrejas, sistemática litúrgica e sacramental, organização clerical, ordenações e elaboração dogmática. Confundir a experiência genética de Deus com a experiência formal da vivência religiosa é característica do pensamento superficial, que facilmente se acomoda no jogo aparential das instituições humanas. Deus, espírito e matéria formam o triângulo fundamental de toda a realidade. A onipresença de Deus não implica o mistério de uma pessoa sobrenatural que se dispersa nas coisas, mas a participação do pensamento criador de Deus em tudo, desde a formação do átomo até a formação da consciência. Compreendendo que espírito e matéria são os dois elementos estruturais da realidade, compreendemos que Deus esteja presente em todas as partículas do Universo, como o poder criador, onisciente, controlador e mantenedor de todo o equilíbrio universal. Deus penetra o mundo e está nele, como a seiva no vegetal, mas não se reduz a ele, pois permanece inalterável como a fonte de que tudo emanou.

A Ciência atual está chegando rapidamente a essa constatação. Dizia o físico nuclear Arthur Compton, em seu ensaio sobre o lugar do homem no Universo, que descobrimos a energia por trás da matéria, mas já começamos a perceber que por trás da energia existe algo mais, que parece ser pensamento. A unidade, a coerência, a perfeição dessa concepção espírita do mundo e do homem passam despercebidos no tumultuar das teorias absurdas que, como escreveu Charles Richet, atravancam o caminho da nossa Ciência. Mas parece já próximo o momento em que o caminho se tornará livre.

Não há lugar, nessa concepção admirável, para o equívoco da contradição *Espiritualismo-Materialismo* em que até agora nos debatemos. Espírito e matéria aparecem sempre unidos, interligados e interatuantes, na dialética da Criação. E a negação de Deus, como observou Descartes, é tão absurda como pretendermos tirar o Sol do Sistema Solar.

\*

## Elementos gerais do Universo:

### Espírito e Matéria

Material colhido da Internet (não é de J. Herculano Pires)

Apresentamos nesta edição o tema nº 60 do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, que está sendo aqui apresentado semanalmente, de acordo com programa elaborado pela Federação Espírita Brasileira, estruturado em seis módulos e 147 temas.

Se o leitor utilizar este programa para estudo em grupo, sugerimos que as questões propostas sejam debatidas livremente antes da leitura do texto que a elas se segue.

Se destinado somente a uso por parte do leitor, pedimos que o interessado tente inicialmente responder às questões e só depois leia o texto referido. As respostas correspondentes às questões apresentadas encontram-se no final do texto abaixo.

Questões para debate

1. Que é que hoje a Ciência entende por matéria?
2. Como o Espiritismo define a matéria?
3. Há quantos elementos gerais no Universo?
4. Que informações o Espiritismo nos dá com relação ao fluido universal?
5. Com relação à matéria, que é que nos ensina a Doutrina Espírita?

Texto para leitura:

A matéria existe em estados que o homem ignora.

1. Além da Ciência, que é a fonte dos conhecimentos que o homem pode adquirir com o próprio esforço, aplicando a inteligência, a lógica dos raciocínios e o método experimental, tem ele na revelação outra importante fonte de aquisição de conhecimentos. Deus permite que a revelação lhe seja feita por intermédio de Espíritos Superiores, no domínio exclusivo da ciência pura, isto é, sem quaisquer objetivos utilitaristas, aplicação prática ou tecnológica.

2. A Ciência terrena limitou-se até hoje a considerar como únicas realidades existentes a matéria e a energia. Aprofundando-se, no entanto, no estudo desses dois elementos, o homem chegou à conclusão de que estão eles de tal modo e tão estreitamente relacionados que representam, em verdade, duas expressões de uma só e mesma realidade, não sendo a matéria mais do que energia condensada ou concentrada, limitada em sua força e dinamismo próprios, verdadeiramente escravizada, encerrada, em âmbitos restritos para formar as massas densas dos corpos materiais.

3. Inversamente, em determinadas condições, é a matéria atingida em sua massa, desconcentrando-se, descondensando-se, desintegrando-se e libertando energia em radiações diversas de natureza corpuscular. Há, assim, sempre, lado a lado no Universo, matéria densa e energia livre em interações recíprocas, que

condicionam os dois processos inversos de condensação e de libertação de energia. Enorme já é o acervo de conhecimentos que sobre esse aspecto do Universo a Ciência e a tecnologia permitiram ao homem acumular, mas que, evidentemente, escapa aos objetivos deste resumo.

4. É importante, no entanto, assinalar que a Ciência não considera, na constituição do Universo, senão o elemento material, quer em seu estado denso, quer em suas manifestações energéticas. A revelação não procedeu assim e foi além, ao ensinar que existem fundamentalmente dois elementos gerais no Universo: o elemento material e o elemento espiritual. E mais: o elemento material não abrange somente as formas densas, visíveis e tangíveis, dotadas de massa e ponderabilidade, extensão e impenetrabilidade, mas também estados sutis, inacessíveis aos nossos sentidos, em que desaparecem a tangibilidade e a ponderabilidade e surge a característica penetrabilidade, com relação à massa densa.

5. Ao tratar do assunto, em resposta a pergunta formulada por Kardec, os Espíritos Superiores esclareceram que a matéria existe em estados que o homem ignora e pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão causa aos sentidos. Definindo-a, eles disseram: “A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação”. (L.E., item 22).

#### **Matéria e espírito são os elementos gerais do Universo**

6. Conforme o ensinamento que os Espíritos transmitiram naquela oportunidade, dois seriam os elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito, e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem, portanto, o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas - lembram os imortais - ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.

7. Embora seja lícito classificá-lo como elemento material, o fluido universal dele se distingue por propriedades especiais. Ele está colocado entre o espírito e a matéria. É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, por suas inumeráveis combinações com a matéria, de produzir sob a ação do espírito a infinita variedade das coisas de que somente conhecemos uma parte mínima. O fluido universal, também chamado de fluido cósmico, primitivo ou elementar, é não só o agente de que o espírito se utiliza, mas também o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e não adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

8. Tudo no Universo, como vemos, procede de Deus, que criou o fluido universal que enche o espaço infinito e é, verdadeiramente, o elemento primitivo a partir do qual se forma o que no Universo é material, como os planetas e os seres. Mas Deus criou também o espírito, elemento inteligente, que é submetido a longa elaboração através dos diversos reinos da Natureza. No contato com minerais, vegetais e animais, o princípio inteligente recebe impressões que, pela repetição, vão-se fixando, dando origem a automatismos, reflexos, memória, instintos e hábitos que acabam por integrar-se em individualidades conscientes, dotadas de razão e vontade, livre-arbítrio e responsabilidade destinada a progredir até que adquiram pureza e perfeição que as aproximam da Inteligência Suprema.

9. A idéia criadora procede, portanto, de Deus e pode surgir no espírito, do que se conclui que só o espírito pode conceber idéias; a matéria, não. A idéia toma forma pela ação da vontade divina ou do espírito sobre o fluido universal que, pela sua natureza intermediária entre o espírito e a matéria, está apto a receber influência daquele, transmitindo-a a esta.

### **O fluido universal é o princípio elementar de todas as coisas**

10. Em síntese, Kardec consigna em sua obra os seguintes ensinamentos acerca do fluido universal: 1º. O fluido universal é uma criação divina, não uma emanção do Criador. 2º. Elemento universal, é ele o princípio elementar de todas as coisas. 3º. Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, é preciso ascender aos Espíritos puros, porque em nosso mundo ele está mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que nos cerca. 4º. É ele o elemento do fluido elétrico, mas o estado que mais se aproxima de sua simplicidade absoluta é o que chamamos fluido magnético animal. 5º. O fluido universal é imponderável.

11. Com relação à matéria, ensina o Espiritismo: 1º. A matéria é formada de um só elemento primitivo; os corpos considerados simples são, em verdade, transformações da matéria primitiva. 2º. As propriedades da matéria decorrem das modificações que as moléculas elementares sofrem, em certas circunstâncias, por efeito da sua união. 3º. A matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades. 4º. É acertada a opinião dos que dizem que há na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento. As demais propriedades não passam de efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força, a direção do movimento e a disposição das moléculas. 5º. As moléculas têm forma, que é constante nas moléculas elementares primitivas e variável nas moléculas secundárias, que nada mais são que aglomerações das primeiras. 6º. O que chamamos molécula está, no entanto, muito longe da molécula elementar.

12. Os ensinamentos espíritas com relação à matéria constituem admirável antecipação das verdades sobre a descontinuidade da matéria e a sua unicidade. A primeira já foi provada experimentalmente pela Ciência; a segunda é admitida hoje como inteiramente provável.

13. Com efeito, embora se considerem atualmente, na base da constituição da matéria, além das moléculas e dos átomos, numerosas outras partículas, como os hádrons <sup>(1)</sup> e os léptons <sup>(2)</sup>, ao tempo de Kardec as partículas consideradas como as menores porções das substâncias chamavam-se moléculas. Kardec não podia, portanto, empregar em sua época outro termo senão moléculas para designar essas partículas, tanto as que representam a matéria densa como os estados sutis da matéria derivados diretamente do fluido universal. A idéia é, porém, a mesma, ou seja, a matéria é una e, apesar de sua aparente diversidade, todas as modalidades de substâncias nada mais são que modificações da matéria cósmica ou substância elementar primitiva, da qual deriva tudo o que é material no Universo.

### **Respostas às questões propostas:**

1. Que é que hoje a Ciência entende por matéria? R.: Matéria não é senão energia condensada ou concentrada, limitada em sua força e dinamismo pró-



prios, verdadeiramente escravizada, encerrada, em âmbitos restritos para formar as massas densas dos corpos materiais.

2. Como o Espiritismo define a matéria? R.: Segundo a Doutrina Espírita, a matéria existe em estados que o homem ignora e pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão causa aos sentidos. Definindo-a, diz o Espiritismo: “A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação” (O Livro dos Espíritos, item 22).

3. Há quantos elementos gerais no Universo? R.: Dois são, segundo o Espiritismo, os elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito, e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Mas - lembram os imortais - ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.

4. Que informações o Espiritismo nos dá com relação ao fluido universal? R.: Embora seja lícito classificá-lo como elemento material, o fluido universal se distingue por propriedades especiais. Ele está colocado entre o espírito e a matéria. É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, por suas inumeráveis combinações com a matéria, de produzir sob a ação do espírito a infinita variedade das coisas de que somente conhecemos uma parte mínima. O fluido universal, também chamado de fluido cósmico, primitivo ou elementar, é não só o agente de que o espírito se utiliza, mas também o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e não adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá. Em síntese, ensina o Espiritismo acerca desse tema: 1º. O fluido universal é uma criação divina, não uma emanção do Criador. 2º. Elemento universal, é ele o princípio elementar de todas as coisas. 3º. Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, é preciso ascender aos Espíritos puros, porque em nosso mundo ele está mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que nos cerca. 4º. É ele o elemento do fluido elétrico, mas o estado que mais se aproxima de sua simplicidade absoluta é o que chamamos fluido magnético animal. 5º. O fluido universal é imponderável.

5. Com relação à matéria, que é que nos ensina a Doutrina Espírita? R.: Com relação à matéria, ensina o Espiritismo: 1º. A matéria é formada de um só elemento primitivo; os corpos considerados simples são, em verdade, transformações da matéria primitiva. 2º. As propriedades da matéria decorrem das modificações que as moléculas elementares sofrem, em certas circunstâncias, por efeito da sua união. 3º. A matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades. 4º. É acertada a opinião dos que dizem que há na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento. As demais propriedades não passam de efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força, a direção do movimento e a disposição das moléculas. 5º. As moléculas têm forma, que é constante nas moléculas elementares primitivas e variável nas moléculas secundárias, que nada mais são que aglomerações das primeiras. 6º. O que chamamos molécula está, no entanto, muito longe da molécula elementar.

Bibliografia:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, itens 17 a 34.

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, item 74.

Ciências Físicas e Biológicas, de José Coimbra Duarte, 26<sup>a</sup>. edição, págs. 17 a 19.

[1] Hádron: designação genérica de partículas que sofrem interações fortes, e da qual se conhecem dois tipos: os bárions, formados por três quarks, e os mésons, formados por um quark e um antiquark.

[2] Lépton: Férmion que não sofre interação forte e interage com outras partículas através de interações fracas, eletromagnéticas ou gravitacionais. São léptons: o elétron, o múon, o tau, e os neutrinos associados a cada uma dessas partículas. O número de léptons se conserva nas interações entre partículas. Para cada lépton existe uma antipartícula equivalente.

\*

**Dualismo absoluto e dualismo relativo. O monismo espírita. As Filosofias atuais em face dessas posições espíritas.**

**Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires**

2. DUALIDADE NA UNIDADE — Chegamos assim a uma constatação curiosa: o desenvolvimento científico leva as próprias ciências à dicotomia que elas insistentemente rejeitam. A dualidade cartesiana, hoje considerada herética, tanto nas ciências quanto na filosofia, volta a se impor, no momento mesmo em que as ciências parecem dominar soberanamente o mundo do conhecimento. Quando a realidade extrafísica era mais fortemente repudiada, para sustentar-se, como base única da certeza do conhecimento e da segurança do homem, apenas realidade física, eis que esta se desmorona, ao impacto das investigações parapsicológicas, que nada mais são do que o desenvolvimento, no plano material, das pesquisas espíritas e metapsíquicas.

Mas além desse impacto, outro ainda mais forte vem atingir a sólida muralha dos conceitos físicos: a própria Física, para progredir, se desfaz em Energética. O desenvolvimento da Física Nuclear nada mais é do que a negação da matéria, segundo as próprias expressões de Albert Einstein, Arthur Compton, e outros físicos eminentes. Assim, em dois sentidos diversos: nas ciências do homem e nas ciências da natureza, o Materialismo e o Positivismo se desfazem, como simples miragens científicas. E, em lugar de ambos, impõe-se a realidade da Ciência Espírita.

Kardec afirmou, há mais de cem anos, em "O Livro dos Espíritos", com a serenidade do homem que realmente sabia o que estava escrevendo: "O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, bem como as suas relações com o mundo corpóreo." Vemos isso no item 5.º do capítulo 1.º do livro citado. E logo mais, no item 8.º, acentuou: "A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as do mundo moral, tendo, no entanto, umas e outras, o mesmo princípio : Deus; razão porque não podem contradizer-se."

Como ciência nova, última da escala das ciências, o Espiritismo abre uma nova era na história do conhecimento. E como todas as eras novas, esta se apresenta confusa, aparentemente cheia de contradições. A primeira e a mais forte dessas contradições, a que mais perturba os homens de ciência, é precisamente a da dicotomia a que já nos referimos. Como admitir-se, depois dos próprios esforços de Einstein para provar a unidade das leis naturais, através de sua teoria do campo unificado, a dualidade que ora se apresenta? Temos então dois campos: um físico e outro extrafísico; e conseqüentemente duas formas de ciências, as físicas e as não-físicas? Voltamos à dualidade cartesiana, ou o que parece ainda pior, à dualidade primitiva das superstições tribais ou do período meta-físico?

Kardec explica, nos capítulos VII e VIII da "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita", que "a ciência propriamente dita, ou seja, as chamadas ciências positivas, têm por objeto a matéria. O Espiritismo, entretanto, tem por objeto o Espírito, ou princípio inteligente do Universo." E acrescenta: "A ciência propriamente dita, como ciência, é, portanto, incompetente para se pronunciar a respeito da questão do Espiritismo: não lhe compete ocupar-se do assunto, e o

seu julgamento, qualquer que ele seja, favorável ou não, não teria nenhuma importância."

É que, enquanto o Espiritismo é uma forma de concepção geral do Universo e da Vida, as ciências não podem abranger o conjunto. Que fazem elas, senão enfrentar os problemas concernentes ao plano existencial? Quando estamos nesse plano, encarado apenas como o da realidade física, não percebemos o outro. Aliás, a própria fragmentação da Ciência, em tantas ciências quantos os campos específicos que tiveram de enfrentar, obrigou-as a buscar uma forma de reunificação no plano filosófico, com a Filosofia das Ciências. Não é esta, também, uma forma de volta à Metafísica, embora com os dados da Física? A dicotomia, como se vê, é um fantasma permanente, que nenhum exorcismo científico conseguiu afastar.

Os esforços do Reflexiologismo russo e do Condutismo norte-americano em Psicologia, para reduzirem o psiquismo a um simples epifenômeno, foram superados violentamente pelo desenvolvimento da Psicanálise e do que hoje denominamos Psicologia Profunda. Os esforços da Física, para dominar todo o campo das ciências, naturais e humanas, foram inúteis, quando ela mesma superou os seus próprios quadros, revelando a inexistência da matéria como tal. Mas essa mesma revelação, que para as ciências positivas parece um golpe de morte, para o Espiritismo não é mais do que a confirmação da unidade na dualidade, que ele sustentou desde o princípio. Não há dualidade, mas multiplicidade, pluralismo, uma riqueza infinita e inconcebível de planos de manifestação, mas esta manifestação é a de uma realidade única, a espiritual, princípio e fundamento de tudo. Por isso, Kardec advertiu que a Ciência e a Religião têm um mesmo princípio e não podem contradizer-se.

Compreendendo essa verdade, mas em plena era metafísica, a Escolástica medieval quis subordinar a revelação científica, então entendida como filosófica, à dogmática teológica. Não sendo possível nem admissível a contradição, a ciência humana tinha de servir à ciência divina, e a filosofia devia conservar-se na posição de serva da teologia. Basta pensarmos na divisão do conhecimento humano, feita por Santo Agostinho, em "iluminação" e "experiência", para entendermos a subordinação lógica da razão à revelação. Mas Kardec demonstra a existência de duas formas de revelação: a divina e a humana, ambas conjugadas num mesmo processo cognitivo. A raiz, aliás, se mostra no próprio plano etimológico: revelar é apenas pôr às claras o que estava oculto, e isso, tanto no referente às coisas materiais, quanto às espirituais. Ainda aqui, a dualidade na unidade.

Mas nem por isso podemos deixar de respeitar a dualidade, como uma realidade que se impõe à condição humana. E assim como, nas próprias ciências positivas, encontramos a multiplicidade de objetos e métodos, — não apenas dualidade, mas multiplicidade — assim também, no tocante ao Espiritismo, como ciência do espiritual, e às ciências positivas, como ciência do material, temos de considerar a necessidade de métodos diferentes, para objetos diversos. É o problema da moderna ontologia do objeto. Da mesma maneira por que os métodos da experimentação física não serviram à pesquisa psicológica ou sociológica, os métodos científicos positivos são insuficientes para a investigação espírita. A ciência espírita tem os seus próprios métodos. E tanto isso é necessário e cientificamente válido, que, atualmente, a Física se desdobra em Física Nuclear ou Para-Física, e a Psicologia em Parapsicologia.

3. ESPÍRITO E MATÉRIA — A ciência espírita não procede por exclusão, mas procura a síntese. As ciências positivas, até agora, procederam por exclusão. Não podendo admitir a existência do espírito, deixaram-no à margem das suas cogitações, e acabaram por tentar excluí-lo definitivamente da realidade universal. Apesar disso, tiveram sempre de admiti-lo, na forma de um epifenômeno. Não era possível negar a evidência do espírito, tanto no processo individual da manifestação humana, quanto no processo coletivo, da vida social. Daí o aparecimento da Psicologia, que os mais renitentes materialistas procuraram reduzir à Fisiologia, e o aparecimento da Sociologia, que acabou exigindo a formulação de uma Para-Sociologia, com a Psicologia Social.

Espírito e matéria, como sustenta a ciência espírita, são duas constantes da realidade universal. Por isso, Kardec declara no item 16 do capítulo primeiro de "A Gênese": "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente. A Ciência, sem o Espiritismo, não pode explicar certos fenômenos, somente pelas leis da matéria. O Espiritismo, sem a Ciência, careceria de apoio e confirmação." Ao fazer essa declaração, Kardec teve em mira o pensamento positivo e a possibilidade de comprovar-se a existência do espírito através dos fenômenos físicos.

Seria possível essa comprovação? Tanto o Espiritismo, como a Ciência Psíquica inglesa e a Metapsíquica de Richet já o demonstraram, no século passado. Hoje, coube à Parapsicologia reafirmar aquelas demonstrações e procurar aprofundá-las, dentro das próprias exigências metodológicas das ciências positivas. Que estas exigências não se adaptam à natureza diversa do objeto, como dizia Kardec, também se comprova. As investigações parapsicológicas apenas arranham o litoral do imenso continente do espírito, e a todo momento se emaranham em dúvidas e controvérsias. Mas o espírito se afirma, independentemente das interpretações diversas, como uma realidade fenomênica.

Parece haver uma contradição nessa curiosa posição da fenomenologia paranormal. Mas a contradição decorre apenas da posição mental dos pesquisadores. Porque, se a realidade se constitui de espírito e matéria, e se o espírito se manifesta no existencial através da matéria, a própria realidade nada mais é do que uma manifestação paranormal. Tudo quanto existe é fenômeno, mas o é em função do númeno kantiano, da essência espiritual que se manifesta na existência. Dizer, pois, que o Espiritismo, em vez de espiritualizar os homens, materializa espíritos, é simplesmente sofismar. Não se pode espiritualizar os homens sem lhes dar a consciência de sua natureza espiritual, não através de uma imposição dogmática, hoje inadequada e perigosa, — que leva a maioria das pessoas à dúvida ou ao ceticismo — mas através da prova científica.

Como ciência do espírito, e portanto do elemento espiritual constitutivo do Universo, o Espiritismo procede de maneira analítica, no plano fenomênico. Mas, ao se elevar às conclusões indutivas, atinge, natural e fatalmente, o plano da síntese. É esse o motivo porque Richet considerou Kardec excessivamente crente, ingênuo, precipitado. Para o fisiologista que era Richet, a síntese das verificações fenomênicas não poderia jamais superar o plano da realidade fisiológica. Teria de ser uma síntese parcial, uma conclusão tirada apenas dos dados positivos, que no caso seriam os dados materiais da investigação. Para o espírita Kardec, dava-se exatamente o contrário. A síntese tinha de ser completa, uma vez que os dados materiais revelavam a presença do espiritual, a sua manifestação.

Impõe-se, neste caso, a observação de Descartes, de que é mais fácil conhecermos o nosso espírito do que o nosso corpo. A realidade espiritual nos é mais acessível, porque é a da nossa própria natureza. A realidade material é-nos estranha e quase inacessível. Quando o cientista da matéria observa os fenômenos, procurando explicações no plano dos seus conceitos habituais, acaba emaranhando-se nas dúvidas e perplexidades que aturdiram tantos investigadores. Quando, porém, como no caso de William Crookes ou Alfred Russell Wallace, o cientista da matéria não se esquece da sua natureza espiritual, a realidade transparece nos dados materiais da investigação.

Nosso conhecimento das coisas materiais é extremamente mutável, em virtude da própria natureza mutável dessas coisas. Mas o nosso conhecimento de nós mesmos, ou das coisas espirituais, é estável, e podemos mesmo considerá-lo imutável. Porque esse conhecimento nos é dado por intuição direta, por uma percepção que coincide com a própria natureza do percipiente. Sujeito e objeto se confundem no processo da relação cognitiva. Tocamos de novo o problema que dividiu os filósofos jônicos e eleatas, na Grécia clássica: a realidade móvel de Heráclito e a estável de Zenon. O que nos mostra, mais uma vez, a acuidade intuitiva dos gregos, pois os dois aspectos universais continuam a aturdir-nos.

Certas pessoas querem negar a natureza científica do Espiritismo, por considerarem a "crença" espiritual uma simples superstição. Alegam que desde as eras mais remotas os homens acreditaram em espíritos. Mas não é o fato de sempre haverem acreditado o que importa, e sim o fato das próprias investigações científicas modernas confirmarem essa crença. Enquanto, por exemplo, a concepção geocêntrica do Universo, tão arraigada, teve de modificar-se, diante da evidência científica, a concepção espiritual do homem, pelo contrário, mostra-se irreduzível. A ciência espírita só tem motivos para firmar-se nos seus conceitos, e não para ceder aos conceitos mutáveis das ciências materiais.

\*

## PLURALISMO E MONISMO

### Livro: O Espírito e o Tempo. J. Herculano Pires

3. PLURALISMO E MONISMO — O homem trino, constituído de espírito, perispírito e corpo, segundo a concepção espírita, não é entretanto uma entidade dualista ou pluralista. Pelo contrário, sua natureza é monista, no sentido unitário, original, da expressão. O homem trino é essencialmente uno, porque é espírito, e só este o define como ser. O perispírito e o corpo físico não são mais do que os instrumentos da sua manifestação. No fenômeno da morte, temos o aniquilamento do corpo físico, seguido da sobrevivência pelo perispírito. Este também pode ser aniquilado, e a ele sobreviverá o espírito, que o reconstruirá quando necessário, como também reconstruirá o corpo físico.

Há duas espécies de objeção filosófica, que os pensadores modernos, apoiados na concepção científica, opõem a essa concepção espírita do homem. A primeira, é a do dualismo. Entendem que o homem do Espiritismo é o mesmo das religiões dualistas, implicando a dicotomia alma-corpo. A segunda, é a do pluralismo, decorrente da sua constituição tríplice. A essas duas espécies de objeção a resposta se encontra na própria doutrina. O Espiritismo é uma concepção monista do universo, pois apresenta como fundamento de toda a pluralidade existencial a realidade única do espírito.

Não há dúvida que as dicotomias alma-corpo e Deus-mundo aparecem nessa concepção. E a afirmação da sua natureza monista se torna mais complexa e difícil, quando, saindo do plano individual, para o universal, encontramos a negação do panteísmo. Kardec afirma, no primeiro capítulo de "O Livro dos Espíritos", comentando a concepção de Deus formulada pelos espíritos: "A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a de um pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou." A distinção é precisa. Deus é o obreiro, o universo é a sua obra. Mas não devemos esquecer que a analogia é apenas uma forma de esclarecimento, uma ilustração de processos que não podem ser descritos com precisão. Se o pudessem, a analogia seria dispensável.

Podemos dizer que Deus está para o universo assim como o espírito está para o corpo. De qualquer maneira, o corpo é uma projeção do espírito na matéria, é obra do espírito. Por isso mesmo, não é o espírito. Não obstante, só existe e só vive em função do espírito, penetrado por ele, submetido às suas leis. Na vida física, identificamos o espírito pelo corpo. E mesmo depois que este perece, é ainda através da sua forma que identificamos o espírito, nos fenômenos de vidência, de aparição e de materialização. Na própria vida espiritual, nas regiões próximas da densidade física, é a forma perispiritual do corpo que serve para identificação do espírito. Esta sintonia perfeita, esta união que se resolve em identidade, ou esta unidade substancial, para falarmos com Aristóteles, tanto existe no plano individual, quanto no universal. Dela decorre a confusão entre a alma e o corpo, de que tratou Descartes, e a confusão entre Deus e o Universo, que atingiu em Espinosa sua mais refinada expressão.

Entendem alguns críticos do Espiritismo que essas dicotomias são resíduos da formação religiosa de Kardec. Outros entendem que a separação entre Deus e o Universo decorre da impossibilidade de uma definição de Deus, como Alma-do-Mundo, sem lhe ferir a perfectibilidade. Nem uma, nem outra coisa. Kardec interrogou os espíritos, que sustentaram, como vemos nas perguntas e respostas de "O Livro dos Espíritos", a independência de Deus em relação ao Universo. Kardec debateu o problema com os seus instrutores ou informantes espirituais, e só depois disso chegou à formulação do princípio doutrinário que estabelece a aparente dicotomia, por ter concluído pela impossibilidade lógica de tomarmos o efeito pela causa. Além disso, o próprio exame da questão, no plano empírico, nos mostra uma seqüência indisfarçável de ação e reação. Assim como a árvore nasce da semente, cujo impulso vital específico é um mistério para a ciência humana, e assim como o homem, em sua forma corpórea procede do embrião, todas as coisas materiais se originam de impulsos ocultos, movidos por intenções claramente determinadas. Há, pois, uma zona de intenção, subjacente no mundo material, que por si mesma determina a diferença entre os dois planos: o visível e o invisível.

Apesar disso, ou por isso mesmo, o dualismo e o pluralismo não são mais do que aparência, uma vez que espírito e matéria se confundem na exigência de sua própria reciprocidade. Assim, o homem é ao mesmo tempo espírito e corpo, pois o corpo nada mais é que a manifestação do espírito. Kardec leva mais longe a definição monista do universo, chegando a declarar, no primeiro capítulo da segunda parte de "O Livro dos Espíritos": "Dizemos que os espíritos são imateriais, porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos." Os próprios espíritos lhe declararam que não é bem certo chamar o espírito de imateri-

al, acentuando: "Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo, seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o espírito deve ser alguma coisa."

Como vemos, o dualismo e o pluralismo estão refutados pela própria doutrina, que se apresenta de maneira tríplice, fundada numa concepção tríplice do universo e do homem, mas tendo a sua triplicidade como simples estrutura funcional de um todo, que é único, do qual tudo procede e ao qual tudo reverte. Não é outra a concepção monista do materialismo científico, com a única diferença de encarar a unidade pelo lado de fora, que é o dos efeitos, ou da manifestação. O Espiritismo encara essa unidade do lado de dentro, ou a partir das causas, que afinal se resumem numa causa única. O homem trino é uno, como o universo trino é uno, e uma é a doutrina tríplice que os explica.

\*

<b>As Filosofias atuais em face dessas posições espíritas</b>
---

**Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. J. Herculano Pires**

**Editora Paidéia. 1ª. Edição. 1979**

**EPISTEMOLOGIA ESPÍRITA**

Na aparente simplicidade da sua forma escrita o Espiritismo abrange todos os campos do Conhecimento. Não o faz de maneira sistemática, mas espontânea, numa espécie de improvisação determinada pelas exigências do borbulhar dos fatos e da escassez do tempo. Kardec já estava com 50 anos de idade e não dispunha de recursos financeiros e meios técnicos, nem de auxiliares preparados para a execução da obra imensa e urgente que o desafiava. Estava só diante daquela erupção de fenômenos que tinha de controlar na formulação de uma doutrina que os tornassem acessíveis a todos. Dispunha apenas dos seus conhecimentos científicos, da visão pedagógica herdada de Rousseau e Pestalozzi, dos instrumentos humanos de pesquisa que eram as meninas Boudin, de 14 e 16 anos e dos recursos da sua didática, desenvolvidos nos Institutos que fundara e dirigira, nas obras que publicara e nos serviços prestados à Universidade de França como diretor de estudos. Valeu-lhe o seu temperamento calmo, ponderado, que lhe permitiu dominar as circunstâncias e organizar uma nova ciência apoiada em pesquisas dotada de métodos próprios, entrosada nas exigências científicas da época, amparada numa instituição científica por ele mesmo fundada e pelos meios de divulgação, pesquisa de opinião e possibilidade de debates em plano mundial, que criou com suas obras e a fundação e manutenção da *Revista Espírita*. Uma epopéia cultural silenciosa, que não obstante expandiu-se em todas as direções culturais, abalando o mundo.

Essa façanha homérica não dispensou o auxílio clássico dos deuses – aqueles mesmos que Tales de Mileto dizia encherem o mundo em todas as suas dimensões – os Espíritos. Esses deuses, que ele humanizou ao invés de divinizar, enfunaram as velas do seu barco e o levaram, solitário, à conquista de mares e terras desconhecidas e envoltos nos mistérios de todas as mitologias e magias religiosas. Teve de enfrentar, como Ulisses, os báratros e os monstros do mar e os guerreiros entrincheirados nas muralhas das tróias culturais da Terra.



A Epistemologia Espírita, estudo e crítica do Conhecimento Científico à luz do Espiritismo, não é sequer mencionada na obra de Kardec, mas está nela integrada, é um dos problemas fundamentais da doutrina, indispensável à sua compreensão. Na Antigüidade, com algumas exceções do mundo clássico grego-romano (por exemplo: as observações empíricas dos filólogos - aqueles que estudam uma língua através de seus textos - gregos e posteriormente de Aristóteles), todo o Conhecimento Humano decorria das tradições religiosas e se processava por dedução. Com ou sem o esquema lógico aristotélico, os sábios serviam-se de um único instrumento de pesquisa, que era o silogismo. Só nos princípios do Século XIV surgiram na Itália as primeiras tentativas de *interrogar a Natureza* para se conhecer a realidade. Daí por diante a Ciência desenvolveu-se, através de penosos episódios históricos como os de Galileu e Giordano Bruno, pois qualquer descoberta que contrariasse a Bíblia era logo motivo de perseguições e condenações por heresia. Para se dar o passo lógico da dedução para a indução foram necessários quatro séculos. Basta lembrarmos o episódio de Descartes, que em seu Tratado do Mundo teve de usar um expediente curioso. Para dizer que a Terra girava em torno do Sol, afirmou que a Terra era fixa no espaço, envolta na sua atmosfera, mas esta girava em torno do Sol. Apesar disso, Descartes acabou fugindo para a Holanda, país protestante, a fim de livrar-se das condenações da Igreja. Ele usava em seu emblema a palavra *caute*, significando a cautela que devia ter na exposição de suas idéias. Nesse ambiente opressivo a Ciência era uma erva daninha que só crescia às ocultas. No Século XVIII, chamado o Século de Ouro das Ciências, a opressão clerical se afrouxara na medida em que as invenções, mais do que as descobertas, lhes davam prestígio. No Século XIX a situação mudara bastante, mas só nos meados desse século o clima se tornara propício ao emprego atrevido do uso da indução científica, que consiste na pesquisa de vários fenômenos para deles obter-se a lei geral que os rege. Antes disso seria impossível a pesquisa espírita, que além de condenada em si mesma como profanação da morte, seria também condenada por contrariar a sabedoria infusa dos teólogos, procedente de Deus através da Bíblia e do milagre das intuições reveladoras. Apesar da liberdade já conquistada, a Inquisição Espanhola, não podendo condenar Kardec à fogueira, pois ele estava na França, condenou a sua obra e a queimou com todos os rituais da Inquisição em Barcelona. Kardec comentou o fato na *Revista Espírita*, num artigo intitulado *A Cauda da Inquisição*, aproveitando o fato para rasgar mais amplamente a pesada cortina da censura eclesiástica no mundo. A França marchava na vanguarda da libertação, enquanto a cauda da opressão ainda se arrastava, erçada de ameaças e eivada de crimes, em terras de Portugal e Espanha. Só na França seria possível, naquela fase de transição histórica e cultural, o desenvolvimento do Espiritismo. Não obstante, ali mesmo se ergueram as ondas da reação, sopradas pelos vendavais do fanatismo religioso, dos preconceitos culturais e do exclusivismo científico. Foi no estudo sereno dessa reação, em meio ao furor dos elementos desencadeados, que Kardec deu início à Epistemologia Espírita. Sozinho a princípio, eram ainda poucos os seus companheiros. Repetia-se no antigo e carismático solo das Gálias o mesmo quadro palestino de Jesus com seus poucos discípulos a enfrentar os poderes do mundo. O panorama histórico, porém, se modificara e Kardec podia usar com mais eficácia as armas da razão. O Renascimento preparara a França para aquele momento glorioso.

Kardec examina a posição epistemológica do Espiritismo na *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita* que abre *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da Doutrina. O Espiritismo é uma Ciência que se defronta com as outras ciências em pé de igualdade e não pode ser julgada pelos cientistas que não a conhecem. Os sábios são dignos de admiração e respeito, quando se pronunciam sobre o que sabem. Mas quando opinam sobre o que não sabem igualam-se ao vulgo, dando simples opiniões desprovidas de valor. O que vale na Ciência são os fatos e não as opiniões. Só é válido no campo científico o veredicto das provas. A rejeição dos fatos *a priori* não tem valor científico, por mais reputado que o seja o cientista que emitiu um julgamento. E acrescenta: “Quando a Ciência sai da observação material dos fatos para apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjecturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e o sustenta encarniçadamente. Os fatos são o verdadeiro critério dos nossos julgamentos sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.”

A posição de Kardec era assim de uma clareza e positividade absoluta. O Espiritismo nascia como Ciência, dentro dos quadros da evolução científica, e ao mesmo tempo assumia uma posição epistemológica realista, criticando os desvios individualistas à realidade objetiva. Aos que o criticaram alegando que o objeto de sua doutrina não era objetivo, Kardec lembrava que o conceito espírita de Espírito não era vago, indefinido, mas rigorosamente objetivo. “O Espírito é um ser concreto e circunscrito – afirmava – um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tacto.” A natureza objetiva do Espírito não podia ser confundida com a dos objetos lógicos, matemáticos ou mitológicos e imaginários, pois as suas manifestações permitiam a verificação científica de sua realidade objetiva e de sua capacidade de produzir efeitos materiais das mínimas às máximas proporções. Por isso o Espiritismo exigia atitude científica no seu estudo, pesquisas objetivas na comprovação das leis naturais que regem as suas relações com o mundo sensível e com os homens encarnados.

A maioria dos cientistas criticava o fato de o Espiritismo haver nascido da observação da chamada *dança das mesas*. Kardec perguntava se a movimentação espontânea de objetos materiais, rigorosamente constatada, era mais ridícula que a dança das rãs que dera a Galvani a possibilidade de descobrir a eletricidade. Negar esses fatos sem observá-los e pesquisá-los era anticientífico, revelava a persistência de preconceitos na Ciência e exigia, por isso mesmo, a pesquisa séria e metódica dos cientistas sérios. A Ciência da época se fechara sobre as suas conquistas primárias e com elas se julgava na posse do conhecimento total. Caíra num mecanicismo simplório e se alienava num solipsismo arrogante. Quando a Academia reconheceu a existência do Hipnotismo, Kardec lembrou, num artigo crítico e irônico da Revista Espírita, que o Sr. Magnetismo tentara numerosas vezes entrar na Academia pelas portas da frente, mas sempre rejeitado, até que resolveu trocar de nome e entrar pelas portas dos fundos, sendo bem recebido e adquirindo a sua desejada cidadania científica. A Ciência dava mais importância às aparências formais do que à substância. Kardec assinalava que o Espiritismo não era uma questão de forma, mas de fundo.

Sua crítica epistemológica desenvolveu-se implacável através dos anos sucessivos de pesquisa na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que ele

estruturara e dirigia como instituição científica de pesquisas. Quando os cientistas voltavam à carga contra o Espiritismo, Kardec declarava francamente a impotência da Ciência para opinar sobre questões que os cientistas simplesmente desconheciam. Respeitava os cientistas sérios e prudentes, mas não poupava os levianos e atrevidos que se julgavam, como ele dizia, monopolizadores do bom-senso e da verdade.

Charles Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia, reconheceu o seu valor e a sua capacidade de pesquisador, embora não aceitasse a Doutrina Espírita, que considerava precipitada. William Crookes aceitou a incumbência da Sociedade Dialética de Londres, de demolir o Espiritismo, e após três anos de pesquisas, com resultados assombrosos, proclamou a veracidade inegável dos fenômenos espíritas. A luta solitária de Kardec deu resultados inesperados: Os trabalhos de Friedrich Zöllner e do Barão Von Schrenk-Notzing na Alemanha, de Ernesto Bozzano e Chiaia na Itália, que dobraram a resistência férrea de Césare Lombroso, com várias materializações incontestáveis da mãe do grande antropólogo, o aparecimento da Metapsíquica, da Ciência Psíquica Inglesa, da antiga Parapsicologia Alemã, as pesquisas que levaram Friederic Myers a publicar seu tratado *A Personalidade Humana e sua Sobrevivência*, o desenvolvimento da Psicologia Experimental e por fim o aparecimento da Parapsicologia Moderna de Rhine e McDougal provaram a legitimidade da Ciência Espírita e da crítica epistemológica de Kardec. Mas como o Espiritismo não mudou de nome, conservando-se fiel à sua origem e a si mesmo, intransigente na sua clara e precisa posição epistemológica, não foi admitido na Academia nem recebeu a cidadania científica a que tinha e tem o mais absoluto e inegável direito. Kardec, que faleceu em 1869, não teve a oportunidade de ver, em vida, os lances mais importantes da sua vitória sobre o carrancismo e o radicalismo do mundo científico oficial.

Hoje, arrastada pela correnteza da evolução, a Ciência teve de mergulhar no oceano invisível dos átomos e suas partículas, da percepção extrasensorial e do poder insuspeitado do pensamento, precipitando-se na voragem das pesquisas sobre a reencarnação, ao absurdo das múltiplas dimensões da matéria, dos mundos interpenetrados, da antimatéria, da pluralidade dos mundos habitados, da assustadora problemática filosófica da concepção existencial do homem, da realidade ontológica considerada como subjetividade pura e assim por diante, negando-se a si mesma para poder sobreviver como sobrevivem os homens e todas as coisas e seres, segundo Kardec afirmava.

Kardec podia opinar com autoridade sobre a Ciência, porque era professor de Ciências. Mas por isso mesmo negava à Ciência o direito de opinar sobre o Espiritismo, que ela não conhecia e os cientistas o encaravam através de preconceitos, numa atitude anticientífica. Sua rejeição ao juízo científico da época, nesse sentido, é um veredicto: “A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo, e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria”. Essa declaração de incompetência é válida ainda hoje, quando vemos a Ciência confirmar o Espiritismo sem querer e sem o saber. A ignorância dos sábios a respeito, como dizia Kardec, não se modificou. A posição realista de Kardec prova a sua segurança absoluta no tocante à legitimidade das suas pesquisas. O Espiritismo se sustentava em suas bases experimentais e lógicas, sem

necessitar de aprovações estranhas, mesmo porque essas aprovações não provinham de quem tivesse o conhecimento suficiente para opinar a respeito.

Por outro lado, a posição epistemológica do Espiritismo não podia ser criticada. Seu objeto era inegável: a realidade psíquica do homem e os fenômenos que a demonstravam através dos tempos. Seu método de investigação era perfeito e bem integrado nas exigências científicas, adequado ao objeto; a orientação das pesquisas era feita por um mestre capacitado e reconhecido como tal; os resultados obtidos eram interpretados com critério rigorosamente científico; a divulgação das experiências, observações e pesquisas era feita através de órgão específico e especializado, com todas as informações e minúcias das ocorrências; nenhuma experiência conseguira cientificamente negar a realidade dos fenômenos ou contrariar a validade das interpretações. Se a Ciência não reconhecia a validade científica da pesquisa espírita, não era por desmentila ou pô-la em cheque com outras experiências, mas por simples atitude preconceituosa, que não podia pesar em considerações realmente científicas. Restava ainda o fato importante da comprovação dos fenômenos por cientistas eminentes da época e conhecidamente contrários ao Espiritismo.

As alegações de que o Espiritismo se apresentava à Ciência como um produto híbrido, em que problemas científicos, filosóficos e religiosos se misturavam, tornando-o indefinido, não passava de manobra, pois a seqüência natural dessas áreas, no plano do desenvolvimento cultural, corresponde exatamente ao esquema espírita. A magia primitiva corresponde ao fazer experimental, portanto à Ciência; a Filosofia era a concepção do mundo dada pela experiência em que se conjugam teoria e prática; a moral decorria do comportamento determinado pela mundividência e a religião surgia como imperativo das conquistas do saber adquirido. Toda a História do Mundo Antigo testemunhava isso. As próprias culturas teológicas fizeram esses caminhos. O Positivismo de Augusto Comte, que se apresentava como Filosofia Científica, seguiria o mesmo esquema da Teoria Geral do Conhecimento, acabando por desembocar na Religião da Humanidade. Epistemologicamente nada havia a censurar ou condenar no contexto do Espiritismo. Comentando a fatuidade humana, Kardec lembra que os homens mais sábios deixam-se embarçar por coisas insignificantes. O que impediu a expansão do Espiritismo na Europa do século passado, de maneira a poder renovar a velha criminosa concepção do mundo ainda hoje dominante, foi simplesmente o seu aspecto religioso. Como no Cristianismo Primitivo, o Espiritismo foi acolhido com ansiedade pelas camadas pobres da população, que o converteram por toda parte numa nova seita cristã. Nesse aspecto devocional as camadas superiores viam apenas o religiosismo popularesco, dotado da mesma fé ingênua de toda a religiosidade massiva. Contra essa avalanche de crentes humildes, predispostos ao beatismo, surgiram pequenos grupos de pessoas cultas, que lutaram muitas vezes com entusiasmo, mas acabaram cedendo à pressão dos preconceitos. Esses grupos se fecharam em sociedades de elite, desligados do povo, ou simplesmente desapareceram por falta de elementos dispostos ao trabalho árduo e à luta constante em defesa da doutrina. Padres e médicos aproveitaram-se disso para tentar asfixiar, acompanhados por pastores protestantes de produtivos rebanhos, o Renascimento Cristão. A palavra Cristianismo gerara um estereótipo enriquecido pelo duplo prestígio das classes dominantes e das igrejas tradicionais. As corporações científicas e as associações profissionais de médicos representavam a

reação científica e as igrejas cristãs a cólera divina, disparando os raios do Olimpo contra os renegados. Apesar desses fogos cruzados sobre as suas cabeças descobertas, os espíritas conseguiram compreender os princípios fundamentais da doutrina, a sua luta pacífica no desespero das guerras impiedosas.

Mas a atualidade nos oferece perspectivas inteiramente diversas das que predominaram até agora. Graças à sua própria ignorância do assunto, os cientistas entraram a fundo no esquema de pesquisas da Ciência Espírita e comprovaram a sua veracidade. Chegamos assim a um momento crucial. E se os homens não clamarem, como advertiu Jesus, as pedras clamarão. Na verdade já estão clamando, pois é precisamente do minério que se levanta sobre o mundo a alvorada da concepção atômica, dissipando as trevas da falsa cultura materialista, em que o espírito fora substituído pelo pó dos túmulos. O poder atômico é ao mesmo tempo ameaça e consolo. E está nas mãos dos homens para que eles decidam por si mesmos o que desejam ser. A opção do Espiritismo continua aberta para todos. Quem quiser semear bombas e destruição poderá fazê-lo, mas os que optarem pela semente da luz, da compreensão real do homem e do Universo, do verdadeiro sentido da vida e do destino superior da Humanidade, verão na concepção espírita a solução do *Grande Enigma* sobre o qual Léon Denis escreveu um dos seus livros mais profundos.

A crítica de Kardec à Ciência do seu tempo continua válida em nossos dias. A Epistemologia Espírita assemelha-se, neste momento, às profecias apocalípticas da Antiga Israel. Não é apenas uma crítica do Conhecimento e dos processos da Ciência, mas uma crítica do Homem, pois é ele quem busca o Conhecimento e quem faz a Ciência. A estrutura científica nos dá a imagem do Homem, do seu fazer e de como ele a fez. Voltado para fora de si mesmo, estimulado pelo fascínio da Natureza, o homem esqueceu a sua própria natureza – a natureza humana – e coisificou-se. Esse homem-coisa perdeu-se no orgulho das suas conquistas materiais e rejeitou os anseios espirituais. Por isso desenvolveu a Técnica e atrofiou a Religião. A eclosão espírita do Século XIX foi desencadeada pelos Espíritos para despertar os homens da sua apatia espiritual, lembrando-lhe que a euforia material o levaria à sua própria destruição. Descartes já lembrara que é mais fácil conhecermos as coisas exteriores do que a nós mesmos. Frances Bacon advertira que só atingimos o poder científico obedecendo a Deus. Mas Deus e suas leis foram considerados indignos do laboratório e jogados na sacristia, entregues à quinquilharia devocional das medalhas, escapulários, imagens para a idolatria e ameaças demoníacas.

Kardec estruturou a Ciência do Espírito e instituiu a pesquisa mediúnica, porque a mediunidade é a janela aberta no paredão dos fenômenos materiais para mostrar uma nesga do Infinito aos homens imantados ao finito. Sua crítica à Ciência é um ato de transcendência: liga-se em conflito a concepção do homem e do mundo, para que ambos recobrem a sua unidade e possam livrar-se da hipnose atômica. Mas os próprios espíritas, em geral, ao tentarem compreendê-lo, retornam às fontes mágicas do beatismo religioso, esquecidos de que religião sem ciência é superstição e ciência sem religião é loucura. Deus é a Fonte da Sabedoria e os homens a procuram na matéria. Esse engano vaidoso e fatal levou-nos à beira da destruição do planeta. O Espiritismo é um esforço para devolver-nos à condição humana, salvando-nos do robô. A Terra está sendo destruída pela técnica da voracidade sem limites. O Espiritismo nos oferece a única via de escape: a unidade do espírito em contraposição à frag-

mentação da matéria. Só a visão monista do mundo que Kardec nos oferece pode salvar-nos do caos.

\*

**Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo – idem**  
**COLABORAÇÃO INTEREXISTENCIAL**

A Filosofia atual, representativa do nosso século, é a Existencial. Dela se derivou o movimento existencialista, por uma interpretação espúria (não genuína) do pensamento de Jean-Paul Sartre. Mas o pensamento desse famoso filósofo francês nada tem a ver com as estroinices (extravagâncias de quem leva vida boêmia) da cantora Julliete Grecco, que aproveitou-se do renome de Sartre para criar no Café de Fiore, em Paris, um movimento juvenil em que se atribuiu o título de Musa do Existencialismo, dando a Sartre o título de Papa do Existencialismo. Simone de Beauvoir, discípula e companheira do filósofo, perguntou-lhe porque aceitara essa situação. Sartre deu de ombros, dizendo que nada tinha com o movimento da cantora e nem se interessava por ele. O famoso autor de *O Ser e o Nada* e da *Crítica da Razão Dialética* costumava escrever numa das mesas do Café, e ali continuou a trabalhar, indiferente aos shows da cantora. A Filosofia Existencial desfigurou-se na opinião dos leigos, mas não abalou o seu prestígio no meio intelectual. Fundada por Kierkegaard, teólogo dinamarquês, que não pretendia filosofar, a Filosofia Existencial dominou o pensamento filosófico mundial e permanece como o marco de uma profunda revolução filosófica, semelhante à de Copérnico na Astronomia. O conceito existencial do homem foi desenvolvido pelos maiores filósofos contemporâneos, como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Simone, Camus e outros. Esse conceito corresponde ao espírita, formulado por Kardec na Filosofia Espírita. O homem é um projeto, um ser que se lança na existência e a atravessa como uma flecha em direção à transcendência que é o objetivo da existência. Para Sartre, materialista, a morte é a frustração do homem. Para Heidegger, metafísico, homem se completa na morte. A Filosofia Existencial admite, em geral, que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades. Há uma diferença essencial entre Vida e Existência. Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único *existente*. Esta palavra, *existente*, designa o homem como ser na existência.

Vejamos o sentido tipicamente espírita dessa concepção do homem. Antes de ser; o homem é apenas um *vir-a-ser*, uma coisa misteriosa fechada em si mesma. Ansiando por relação, essa coisa se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que a despertam e a transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com seu livre arbítrio. Para Sartre, ao chegar à morte o homem já elaborou a sua essência na existência, mas esta não subsiste porque o homem desaparece na morte: o homem é uma frustração. Para Heidegger, o ser se desenvolve na existência e se completa na morte: é uma realização. Para Jaspers, o desenvolvimento do ser na existência se faz em duas etapas:

- 1ª) a transcendência horizontal, no plano social;

2<sup>a</sup>) a transcendência vertical, na busca de Deus.

Sartre aplica ao existente a dialética de Hegel:

- a) o homem antes da existência é o *em-si*;
- b) o homem na existência é o *para-si*;
- c) o homem na morte é o *em-si-para-si*.

Como vemos, o *em-si-para-si* é a síntese dialética em que o *em-si*, (fechado em si mesmo) e o *para-si*, (aberto na relação social), que é a transcendência, horizontal de Jaspers, resolve-se no *em-si-para-si*, que é a condição divina atingida na transcendência vertical.

O conceito filosófico de *existência* difere profundamente do conceito de vida. Enquanto a vida se define como o *elã* de Bergson, um impulso, uma força que penetra na matéria e, segundo a idéia hegeliana, modela as formas, a *existência* é subjetividade pura, o que vale dizer espírito. Assim, não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses subjetivos. Vivemos na psique e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independente das coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na interioridade de nós mesmos. Mesmo encarnados, não saímos do plano espiritual, continuamos nele, nosso *habitat* natural, como sonâmbulos. A matéria não nos absorve, apenas reflete-se em nossa sensibilidade. O dia e a noite, a vigília e o sono, como Jaspers observou, marcam o ritmo existencial da relação alma-corpo. Durante o repouso do corpo, para refazer-se, voltamos ao mundo espiritual no veículo do perispírito, e mesmo em plena vigília escapamos da matéria através das fugas psíquicas, das projeções telepáticas, das várias modalidades da percepção extra-sensorial. A hipnose prova o sentido ilusório do viver. No estado sonambúlico ou hipnótico, semidesligados do corpo, vagamos no intermúndio e aceitamos facilmente as sugestões de uma situação irreal: tocamos violino sem violino, sentimos calor e suamos sem calor, resistimos ao fogo sem queimarmos, regressamos no tempo e nos projetamos no futuro através da memória e assim por diante. A Gestalt nos mostra a ilusão da forma na percepção normal do mundo, em que as aparências pregnantas cobrem a realidade material precipitando-nos em quedas e frustrações. A evolução da Física roubou-nos o mundo sólido e opaco do passado e lançou-nos no torvelinho dos átomos e das partículas nucleares. A matéria esfarelou-se nas mãos dos físicos e obrigou-nos a reconhecermo-nos, como seres evanescentes, que vivemos num mundo mágico de estruturas imponderáveis.

Diante dessa realidade fantástica, às leis físicas às quais Bertrand Russell se apegou para não naufragar no irreal, impõe-se a realidade-real das leis psíquicas, do espírito que domina, estrutura e ordena a matéria. O que chamamos de *vida* se transforma em *existência*, e esta não é mais do que a curta medida do tempo necessário para nos libertar-nos de um condicionamento mental determinado pela ilusão dos sentidos, como Descartes já verificara e demonstrara em suas tentativas de nos dar a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade lhe revelara em sonhos. O *cogito ergo sum* do filósofo aparece-nos hoje como um traço de união entre o Cristianismo puro do Cristo e o Espiritismo, em que a verdade revelada se restabelece na sua realidade incompreendida,

como uma ponte fluídica e indestrutível que liga duas partes do real, separadas pelo abismo de quase dois milênios de loucura, de esquizofrenia religiosa. Ao descobrir que essa frase cartesiana – *penso, logo existo* – foi o *abre-te Sésamo* de um filósofo mágico que não queria ilusionar mas atingir a Verdade, compreendemos que a ponte cartesiana passou sobre um abismo onde espumou por milênios a voragem de sangue e impiedade de um pesadelo mundial. E tão hipnótica foi essa voragem que cientistas e filósofos ainda resistem ao chamado da nova concepção do homem e do mundo em que o Espírito da Verdade nos oferece. O próprio Descartes, apegado aos *ídolos* de Bacon, saiu do seu deslumbramento para uma peregrinação ao ídolo de Nossa Senhora da Saletti, no cumprimento de uma promessa. Repetiu-se nesse episódio histórico a mensagem do Mito da Caverna na República de Platão. Um escravo escapou dos grilhões e foi ver à luz do Sol a realidade que só conhecia através das silhuetas de sombras. E quando voltou e contou o que vira lá fora, os demais o consideraram perturbado. No entanto, a partir de suas obras iniciava-se no mundo a Renascença Cristã, que se completaria mais tarde numa eclosão mediúnica em que as línguas de fogo do Pentecoste se acenderiam de novo sobre a cabeça dos Apóstolos da Nova Era. O conceito de existência é o carisma do Século XX, da fase mais aguda da transição planetária para um grau superior da Escala dos Mundos. As inteligências terrenas foram convocadas para a nova batalha cristã, em que os Mártires da Verdade não sofreriam mais as penas cruentas do passado tenebroso, mas enfrentariam as angústias da incompreensão e o martírio inevitável da marginalização cultural. Os construtores da nova cultura, nascida dos princípios cristãos, iniciariam sob escárnio e calúnias a construção da Civilização do Espírito. Esse o grave problema que os espíritas precisam encarar com a maior seriedade em nosso tempo, pois somos herdeiros dessa causa e os continuadores dessa obra. Se não nos empenharmos nela com a devida consciência da sua importância, se não formos capazes de sacrifício e abnegação em favor dos novos tempos, assumiremos também a nossa parte de responsabilidade nos fracassos que poderão levar-nos a uma catástrofe planetária.

Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de *existência* dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpenetração dos mundos material e espiritual – que se evidencia na nossa própria organização psicofísica –, impõe-se naturalmente o conceito espírita da *interexistência*. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal, mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipnotismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual, mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso dos agêneres. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária a que chamamos de *intermúndio*. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no Intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos orá-



culos e das pitonisas. Eles também conheciam os agêneres, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. O conceito de interexistência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.

E no Espiritismo esses conceitos se ampliam através das pesquisas mediúnicas, revelando as leis da colaboração interexistencial a que naturalmente se entregam os espíritos e os homens em todos os tempos, desde os primitivos até ao nosso. Contamos, pois, com a colaboração constante dos nossos companheiros de humanidade na batalha cristã de elevação da Terra.

Anotemos a importância que, nesse contexto, adquirem as sessões mediúnicas de orientação e esclarecimento de espíritos sofredores ou malfeitores. A doutrinação espírita, sempre auxiliada pelos Espíritos Superiores e os Espíritos Bons que os servem, é um trabalho humilde de caridade que, no entanto, não se limita aos efeitos pessoais em favor do socorrido e das suas vítimas, pois sua contribuição maior é a da renovação consciencial ou despertar das consciências humanas para as responsabilidades do ser na existência. Pouco pode fazer uma sessão de doutrinação, diante da extensão dos desequilíbrios, a multidão de sofredores e malfeitores que nos rodeiam. Mas cada espírito que se esclarece é uma nova irradiação nas trevas conscienciais. Além disso, numa pequena sessão não temos o esclarecimento apenas das entidades comunicantes. Em geral, é maior o número de espíritos assistentes, que se beneficiam com a doutrinação dos que se encontram na sua mesma situação. Por outro lado, o ambiente espiritual da sessão irradia suas luzes muito além do recinto estreito em que se realiza. O milagre da multiplicação dos pães se repete em cada sessão de humildes servidores da causa que é de toda a Humanidade. Os resultados positivos das sessões vão muito além do que podemos perceber, espalhando seus benefícios no intermúndio, no Espaço e na Terra. Note-se ainda que essas sessões representam a colaboração humana aos trabalhos de esclarecimento e orientação que os Espíritos realizam incessantemente no plano espiritual. Essa participação dos homens nas tarefas espirituais restabelece os elos de fraternidade desfeitos pelo formalismo igrejeiro. E desfaz a fábula do ciúme dos anjos, que teriam se rebelado contra Deus pela encarnação de Jesus como homem, pela concessão aos padres do direito de perdoar pecados, que os anjos não possuem. Fábulas dessa espécie, criadas pela pretensiosa imaginação teológica, dão-nos a medida do desconhecimento dos clérigos mais ilustrados e prestigiosos sobre a realidade espiritual. Os anjos não são mais do que espíritos humanos que se sublimaram em encarnações sucessivas. O Espiritismo coloca o problema da Criação em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Nas sessões mediúnicas de caridade anjos, espíritos humanos e espíritos diabólicos participam como orientadores, doutrinadores e necessitados de doutrinação. Não sendo o Diabo mais do que uma alegoria, um mito representativo dos espíritos inferiores voltados ao mal, a presença dos impropriamente chamados espíritos diabólicos nas sessões de socorro espiritual é justa e necessária. Ninguém necessita mais do socorro humano do que essas criaturas transviadas. Quando elas não estão em condições de aproveitar a oportunidade, não lhes é facultada a comunicação mediúnica. Permanecem no ambiente como observadores, vigiados pelos espíritos guardiães, e aprendem aos poucos, como alunos ouvintes, a se prepararem para o tratamento de que necessitam. Muitas pessoas não gostam dessas sessões de comunicações desagradáveis, onde a caridade brilha no seu mais puro esplendor. São nelas que os pre-

tensos diabos deixam cair suas fantasias infelizes para vestir de novo a roupagem comum dos homens; voltando ao convívio dos que seguem a senda da evolução espiritual. Os grupos que se recusam a realizar esses trabalhos de amor acabam caindo nas mistificações de espíritos pseudo-sábios e pagam caro o seu comodismo e a sua pretensão.

A colaboração interexistencial iniciada pelo Espiritismo estabeleceu a verdadeira fraternidade espiritual na Terra. Esse fato marca um momento sublime nos rumos da transcendência humana. O planeta das sombras, cuja História é um terrível caleidoscópio de atrocidades e maldades, brutalidades e miséria moral, ganhou um ponto de luz celeste com essa reviravolta em suas precaríssimas condições religiosas. O desenvolvimento das práticas de socorro espiritual indiscriminado, oferecido a todos os tipos de necessitados, dará condições à Terra para se libertar das sombras e elevar-se aos planos de luz. O lema espírita: *Fora da Caridade não há Salvação* é o passaporte da Terra para a sua escalada aos planos superiores. Os médiuns que trabalham nessas sessões de socorro, ao invés de preferirem aquelas em que só se interessam por mensagens de Espíritos Superiores, estão mais próximos dos planos elevados e das entidades realmente superiores. Não foi para os elegantes e vaidosos rabinos do Templo que Jesus veio à Terra, mas, como ele mesmo disse, para as ovelhas transviadas de Israel. Os que pensam que só devem tratar com Espíritos Superiores provam, por essa pretensão, a incapacidade de compreender a elevação espiritual.

\*

## O EXISTENCIALISMO PERANTE A PARAPSIKOLOGIA

### Livro: Parapsicologia e Materialismo Histórico

**Humberto Mariotti. Tradução de J.L. Ovando. Supervisão de tradução de J. Herculano Pires. Ed. EDICEL. 1ª. Ed. 1983.**

### Capítulo I. A Investigação Ontológica na Parapsicologia

(...) 3) O Existencialismo perante a Parapsicologia.

O Existencialismo, ou Filosofia da Existência, encarna, neste período da evolução, o estado espiritual em que vive o homem, frente ao seu próprio ser e existir. Para o Existencialismo, o indivíduo *existente* só representa um momento do Ser, cuja meta final é a morte e o nada eternos (O autor se refere, como adiante se verá, ao Existencialismo sartreano, dominante na atualidade. Nota de J. Herculano Pires). Este estado de consciência, com efeito, não poderá ser refutado pelos antigos processos teológicos e metafísicos. Somente uma nova realidade espiritual do Ser, originada de uma autêntica experiência parapsicológica, poderá introduzir na Filosofia Existencial a idéia do Espírito. Não devemos esquecer o que H. H. Price escreveu: *“Devemos ter a coragem de estabelecer novamente a questão da estrutura da personalidade humana e das suas relações com o Universo, criando um novo quadro conceptual, que possa ajustar-se aos fatos novos. Na minha opinião, compete aos filósofos esta tarefa.”* (Revista de Parapsicologia, n. 1 – Buenos Aires, 1955.)

Não nos esqueçamos de que o Espírito é ainda uma irrealidade para as correntes mais avançadas do pensamento. Entre elas, como sabemos, encontra-se o Materialismo Histórico e Dialético, base ideológica da *concepção marxista*

da Sociedade. Lembremo-nos de que o Espírito foi fator de superstições e de promessas de além-túmulo, com as quais se justificam cruéis injustiças sociais. Além disso, sua concepção jamais correspondeu, na formulação teológica, de forma satisfatória, à desnordeante angústia do Homem. Por sua vez, a Filosofia referiu-se sempre ao Espírito, mas sem dar provas de sua realidade objetiva. Obrigou-se a aceitá-lo dogmaticamente, por imposição de mentores religiosos, que nunca levaram em conta o sentir coletivo do Mundo, base fundamental da Civilização e de todo o progresso social.

Esta concepção do Espírito foi a razão ideológica do Existencialismo, cuja pujança filosófica nenhuma Filosofia e nenhuma Teologia conseguirão deter, enquanto não se demonstrar a existência real do Ser espiritual. Acreditamos que o Existencialismo só deixará sua posição niilista quando se provar que a mente sobrepuja as circunvoluções cerebrais, e quando essa mente se mostrar como uma conseqüência da real existência do Espírito, cuja objetividade só poderá obter-se pela investigação fenomênica da Parapsicologia.

O laboratório parapsicológico deverá representar, portanto, uma forma de concretização científica da Filosofia Espírita. Se é certo que dele não poderá sair uma definição dogmática sobre a realidade espiritual do Homem, isso não impede que a escola espírita vá confirmando sua ideologia doutrinária, por meio da Parapsicologia. Seria faltar à verdade deixarmos de reconhecer que devemos o advento da investigação Psíquica, da Metapsíquica e da Parapsicologia ao resultado dos esforços realizados pela escola espírita no campo experimental, quando ela, sozinha, enfrentava as insustentáveis hipóteses sobre demônios, larvas, casões astrais e fraudes. Daí apresentar-se a Filosofia Espírita, com sobejas razões, perante a exaurida Humanidade, como campeã da Vida e do Espírito. Ela fará o homem sentir a realidade do seu Ser espiritual, por meio da Ciência e da Religião. Ela descerrará os véus do Além e iluminará com seus fachos a marcha solene da História.

Com seu gênio mediúnico, a Filosofia Espírita fez realidade e presença o que todas as religiões têm intuído subjetivamente: a alma imortal. Conseguiu estabelecer um dramático diálogo entre o mundo visível e o invisível, que os teólogos consideram sempre como irrealizável. O método científico, aplicado à pesquisa espiritual, vai dando à Filosofia Espírita a razão que lhe pertence. Daí que a Parapsicologia, ao demonstrar a realidade psíquica do Homem, não poderá desfazer a concepção espírita do Ser, se é que realmente quer refrear o Existencialismo ateu e o conceito materialista da vida.

O Existencialismo não poderá ser ultrapassado só por meio de fatos, mas também mediante sólidas reflexões ontológicas acerca do Homem. Não nos esqueçamos de que Jean-Paul Sartre disse: *“As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã, ou senhor feudal, ou proletário. O que não varia é a necessidade, para ele, de estar ali, no meio dos outros, e de ali, como eles, ser mortal.”* Cabe à Parapsicologia ensaiar, mediante seu rico fenomenismo extra-sensorial, um Humanismo do Espírito, com o fim de indicar ao Ser de onde provém, o que faz no mundo e para onde se dirige.

Segundo a Filosofia Existencialista, a razão metafísica não é suficiente para negar o sentido niilista do Homem e do Mundo. O ser humano, não obstante a exigência teológica, destina-se à morte eterna. Demonstrar o contrário seria negar a primazia que o Existencialismo confere à existência sobre a essência.

Como, porém, poderia realizar-se isto? Só mediante uma materialização da essência, que se poderá obter pela objetivação do Ser espiritual do indivíduo. E esta materialização da essência é tarefa da Parapsicologia, que, uma vez cumprida, demonstrará cabalmente que o Espírito é uma realidade e pode objetivar-se.

Será realmente assombroso constatar os efeitos espirituais que a Parapsicologia produzirá no Existencialismo. A existência material será superada pela espiritualidade da essência: ela transformará sua imagem finita, para mostrar-se resultante do Ser infinito. Porque, como o reconhecerá a Filosofia do futuro, só o método parapsicológico poderá conceder à Metafísica os reais elementos com que construir uma verdadeira *teoria do homem*.

Estas reflexões nos levam a pensar que devemos juntar à Fenomenologia de Husserl uma “segunda fenomenologia”, já que ela abrange somente uma face do ser fenomenológico, o qual necessita de transcender para um existir extratemporal. Ao contrário, uma fenomenologia parapsicológica do Ser não se limita às estruturas físicas, mas as supera, por meio de um ser *intencional*. A fenomenologia existencial detém-se na *parte morta* do Ser. Não obstante a intuição essencial que experimenta, não consegue perceber a realidade do fenômeno, para dele se libertar. Daí se conclui que a Parapsicologia, à luz da Filosofia Espírita, é uma espécie de maiêutica socrática, que dá origem a uma nova realidade psicológica.

A objetividade de um verdadeiro fato parapsicológico terá a propriedade de convencer a matemáticos-cientistas, artistas, filósofos e religiosos. Conseqüentemente a Parapsicologia será a objetivação daquilo que se julgava morto para sempre: o ideal e o espírito, os quais ressurgem graças à influência que os fenômenos psíquicos e metapsíquicos exercem sobre o pensamento humano e a marcha do conhecimento. Ela é capaz de produzir fatos que podem interessar a toda a Humanidade, já que esses fatos representam uma superação geral do conhecimento e do habitual. Além disso, ela está organizando métodos novos, para a investigação daquilo que sempre foi considerado como não experimental: a busca do Espírito.

Se a realidade espiritual clássica se mostra impotente para se opor à negação de Deus e do Espírito, existe uma *teologia experimental*, da qual falou o grande biólogo espanhol Jaime Ferrán, no seu prólogo ao *Tratado de Metapsíquica*, de Charles Richet, verdadeiro libelo contra o Existencialismo ateu. Trata-se nada menos do que da Metapsíquica Objetiva, cujos fenômenos de materialização estão revolucionando o pensamento filosófico. Ela será de grande proveito para a existência humana e animal, agora que o Existencialismo indica ao Homem, como seu único futuro, a morte e o nada. Embora seja certo que várias escolas espiritualistas se levantaram contra o Existencialismo, e como elas – que paradoxo – a própria doutrina marxista, não obstante sua concepção materialista, a verdade é que o niilismo espiritual se difunde de maneira alarmante, ao lado da Filosofia do Existencialismo.

Miguel de Unamuno não via, no fenômeno metapsíquico, nenhuma prova a favor da imortalidade. Não obstante, ao referir-se à realidade da vida de além-túmulo, chegou a escrever: “*E a esta mesma necessidade, verdadeira necessidade de formarmos uma idéia concreta do que pode ser essa outra vida, responde em grande parte a indestrutível vitalidade de doutrinas como as do Espiritismo, da Metempsicose, da transmigração das almas através dos astros,*

*e outras análogas, doutrinas que, quantas vezes declaradas vencidas e mortas, renascem em outras formas mais ou menos novas. É grande loucura querer eliminá-las, em vez de buscar-lhes a substância permanente.*” (Unamuno – “Do Sentimento Trágico da Vida.”).

Se a Ciência Psicológica está se beneficiando com as contribuições da Investigação Psíquica, da Metapsíquica e da Parapsicologia, isto se deve ao persistente trabalho do Espiritismo Científico, que, desde os seus primórdios, conseguiu atrair a atenção dos homens de ciência, interessados por sua vez á Filosofia e à Religião.

O conhecimento psicológico do Homem encontra-se numa fase a que poderíamos chamar de revolucionária. As teorias do paralelismo psicofisiológico vão sendo abandonadas, ao considerar-se o Ser como um Eu ou uma Mente, conceito este negado pelo Materialismo e pelo Existencialismo ateu.

A escola espírita, no campo do conhecimento, está preparando um novo sentido espiritual, mas agora apoiado num neo-realismo decorrente da demonstração positiva da existência da alma. Assim, o próprio Cristianismo, menosprezado pelos niilistas e por certos espiritualistas orientais, se reafirmará sobre bases verdadeiramente espirituais. A Filosofia Espírita promoveu uma nova interpretação da Antropologia, que permitirá à própria Teosofia apresentar-se ante o espírito dos tempos atuais com suas grandes intuições místicas e cósmicas.

O caráter positivo da ciência mediúnica e metapsíquica confirmará finalmente as hipóteses de muitas correntes idealistas. A intuição palingenésica da Teosofia, por exemplo, encontrará no realismo do fenômeno parapsicológico e metapsíquico a mais completa confirmação, ao lado de muitas teorias da metafísica oriental e ocidental.

Unamuno considerava as manifestações místicas e vivenciais da agonia terrena, antes de mais nada, como uma conseqüência da angústia religiosa. Era ele um tipo de existencialista cristão, semelhante a Sören Kierkegaard. Este achava que toda a sabedoria espiritual provinha da própria angústia do Ser. Não obstante, a Metapsíquica objetiva é a única força positiva que poderá contraditar e paralisar os planos filosóficos do Existencialismo. Estejamos certos de que só um fenômeno objetivo, como o ectoplásmico, se fosse tomado na devida conta, poderia mudar a mentalidade dos tempos modernos e de todas as épocas. Porque, se a objetividade do fato metafísico chegasse a comover a inteligência contemporânea, o Existencialismo perderia todo o seu valor, do ponto de vista lógico e filosófico.

Para o pensamento materialista, a Filosofia Idealista nada representa, no mundo do conhecimento. Ela está incluída entre os sistemas que serviram de base aos dogmas, mediante os quais foi possível submeter os povos econômica e socialmente. Entretanto, para a Filosofia Espírita, o idealismo é uma realidade inegável, dependente do mundo espiritual. Pelo processo chamado ESP, isto é, pela percepção extra-sensorial, poderíamos captar essa realidade, através do inconsciente. Esse processo chamado ESP (ESP – termo empregado na Parapsicologia no sentido de percepção extra-sensorial. A sigla corresponde à expressão inglesa: “extra sensory perception.”) nos permitirá apreender outro plano do Espírito, ainda distante, no qual o Homem não penetrou, mas que ele pressente, parapsicologicamente, como uma realidade.

\*

**SEGUNDO ANO**  
**TERCEIRA PARTE**  
**III – CADEIRA DE CIÊNCIA ESPÍRITA**

**As provas científico-espíritas da sobrevivência. Confirmações da sobrevivência pela pesquisa psíquica e metapsíquica. Posição atual do problema na Parapsicologia.**

**CONCEITO ATUAL DA MORTE**

**Livro: Educação para a Morte. J. Herculano Pires.**

**Editora: Correio Fraternal do ABC. SP. 5ª. Ed. 1996.**

O pó de múmia desapareceu no seu próprio desprestígio. Sua ineficácia curativa correspondia à ineficácia das múmias para eternizar os corpos perecíveis. A Cultura do Renascimento floresceu e desenvolveu-se na Terra. Em vão a Igreja condenou as pesquisas, combateu-as, amaldiçoou-as. Galileu teve de se defender perante os tribunais da Inquisição, Giordano Bruno foi queimado em fogueira criminosa e herética por sustentar que a Terra girava em torno do Sol. Descartes, o filósofo espadachim que não engoliu a falsa paciência dos padres do Colégio de La Fleche, teve de fugir para a Suécia e, num golpe de esgrima, recolocar o problema copérnico do heliocentrismo: “A Terra é fixa na sua atmosfera – escreveu – que gira em torno do Sol”. Os paquidermes da Ciência Divina não perceberam o golpe. A família de Espinosa teve de fugir de Portugal para a Holanda. Sua mãe o levava no ventre e Portugal perdeu a única chance de ter um filósofo de verdade. Espinosa nasceu na Holanda e esmagou com sua *Ética* a pobreza mental dos clérigos. Francis Bacon sofreu perseguições mas não cedeu. Nasceu o movimento de resistência lógica em todo o mundo e a Ciência humana arquivou na Terra a suposta e infusa Ciência Divina. Gritaram os retrógrados que o ateísmo dominava o mundo. Mas os resistentes não cediam e ganhavam todas as batalhas nas emboscadas da inteligência. Expulso da Sinagoga, guardiã esclerosada da Bíblia judaica, Espinosa traça os lineamentos da matemática filosófica, esfarelado em seus dedos a calúnia do ateísmo para a nova cultura. Fez do conceito de Deus o fundamento do pensamento.

Estruturou o panteísmo em termos esmagadores. Chamaram-no “ébrio de Deus”. Kant correu em socorro a Rousseau com sua crítica da razão. Voltaire feria com o sorriso da sua ironia mortal a fera encurralada do Vaticano e a chamava corajosamente: “L’infeme”. Com um pé na cova e outro na terra firme, como dizia de si mesmo, manejava com perícia suas armas terríveis.

Não temia a morte, pois já se considerava, por sua saúde periclitante, um semimorto. Nada se podia fazer contra ele, senão suportá-lo. O Século XVIII consolidara o prestígio da Ciência.

Os clérigos, batidos em todos os setores, lutavam para restabelecer o prestígio divino que eles mesmos haviam destruído. O Evolucionismo de Spencer se opunha brilhantemente à concepção estática do mundo. Darwin pesquisava o problema das origens do homem em termos puramente materiais, mas Wallace dosava o seu materialismo com a verdade espiritual. O Século XIX sofria então a invasão dos mortos, na América e na Europa. Os fantasmas contrabalancavam, com suas aparições, o desequilíbrio materialista da nova cultura, baseada na heresia das pesquisas científicas.

Foi então que Denizard Rivail, discípulo de Pestalozzi, continuador do mestre, professor universitário, filósofo, sacudiu os novos tempos com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, proclamando o restabelecimento da verdade espiritual contra o vandalismo teológico. Um homem solitário, dotado de profundo saber e lógica inabalável, despertava contra si todas as forças organizadas do novo mundo cultural. E sozinho enfrentava as iras da Igreja, da Ciência e da Filosofia. Kant, que testemunhara os fenômenos de vidência do sábio sueco Swedenborg, não arredava pé da sua posição científica, afirmando que a Ciência só era possível no plano sensorial, onde funciona a dialética. Era impedido ao homem penetrar nos problemas metafísicos. Mas Kardec respondia com os fatos, sob uma avalanche de contradições sofisticadas, despejadas sobre ele de todos os quadrantes da nova cultura. Lutou e sofreu sozinho, solitário na sua certeza. ensinava sem cessar que os fenômenos mediúnicos eram fatos, coisas palpáveis e não abstrações imaginárias.

O sábio inglês William Crookes, chamado a combatê-lo, entrou na arena das pesquisas psíquicas por três anos e confirmou a realidade da descoberta kardeciana. Friedrich Zöllner fez o mesmo na Alemanha e conseguiu resultados positivos. Ochorowicz confirmou a realidade dos fenômenos em Varsóvia. O Século XIX, como diria mais tarde Léon Denis, tinha a missão de restabelecer cientificamente a concepção espiritual do homem. O movimento neo-espiritualista empolgou a Inglaterra e os Estados Unidos. Lombroso levantava-se irado, na Itália, contra essa ressurreição ameaçadora das antigas superstições. O Prof. Chiaia, de Milão, o desafiou para assistir experiências com a famosa médium Eusábia Paladino. Lombroso aceitou o desafio e teve a ventura de receber nos braços sua própria mãe num fenômeno de materialização. Charles Richet, na França, funda a Metapsíquica. Era o maior fisiologista do século, prêmio Nobel, diretor da Faculdade de Medicina de Paris. Kardec, o solitário, já não estava mais só.

Numerosos cientistas e intelectuais o apoiavam. Conan Doyle, médico e escritor de renome, tornara-se ardoroso propagador do Espiritismo. Victor Hugo pronunciou-se a favor da nova doutrina. Estava cumprida a missão do Século XIX e Léon Denis fazia conferências em toda a Europa sobre a Missão do Século XX. Clérigos e teólogos sensibilizaram-se com os acontecimentos e surgiu numa igreja de Paris um sacerdote corajoso, Meningem, professor da Sorbonne, que pregava a favor do Espiritismo e escreveu um livro a respeito: *O Cristianismo do Cristo e o dos seus Vigários*. Foi expulso da Igreja.

Em 1935 Richet falecia em Paris, entregando aos seus discípulos a obra Monumental do Tratado de Metapsíquica. Geley e Osty deram prosseguimento à sua obra, no Instituto Internacional de Metapsíquica, em Paris. Mas a imprensa mundial trombeteou que a metapsíquica morrera e havia sido enterrada com Richet. Não sabia que, cinco anos antes, em 1930, Rhine e McDougall haviam reiniciado as pesquisas metapsíquicas na Universidade de Duke, com a denominação de Parapsicologia.

Em 1940 o Prof. Rhine anunciava a comprovação científica da telepatia, logo seguida das provas de outros fenômenos. Declarou a seguir a existência de um conteúdo extrafísico no homem, com a aprovação de pesquisadores da Universidade de Londres, de Oxford e de Cambridge. Seguindo o esquema de pesquisas de Kardec, mas agora enriquecido de novos métodos e do auxílio de aparelhagem tecnológica, fez esta proclamação, que provocou protestos dos conser-



vadores: “A mente não é física e por meios não físicos age sobre a matéria. O cérebro é simplesmente o instrumento de manifestação da mente no plano físico”. Isso equivale a dizer que o homem é espírito e não apenas um organismo biológico. Posteriormente, as comprovações da tese de Kardec seguiram-se nas experiências parapsicológicas. Um por um, os fenômenos pesquisados por Kardec foram sendo repetidos na investigação. Surgiu a pesquisa mais complexa e perigosa: a dos chamados fenômenos *Teta*, referentes às manifestações de espíritos de mortos. O Prof. Pratt assumiu a direção do grupo Teta de pesquisas e obteve resultados acentuados. Louise Rhine efetuou pesquisas de campo e verificou a realidade das aparições e comunicações de espíritos.

Só faltava agora a pesquisa de reencarnação, mais difícil ainda, pela impossibilidade de provas materiais de que uma pessoa foi realmente outra em encarnação anterior. O Prof. Ian Stevenson, da Universidade da Califórnia, incumbiu-se desse setor e publicou um volume que praticamente confirma as pesquisas de Albert De Rochas em Paris, no século passado. A Parapsicologia espalhou-se por todo mundo civilizado e conseguiu furar a cortina de ferro, penetrando a fundo na URSS, onde o Prof. Vladimir Raikov iniciou as pesquisas na Universidade de Moscou.

Cientistas soviéticos revelaram, num simpósio em Moscou, que estudavam as teorias de um racionalista francês do século passado, Allan Kardec. Da Universidade de Rajastam, na Índia, surgiram os trabalhos do Prof. Hamendras Nat Barnejee. Tanto Stevenson como Barnejee estiveram em São Paulo e fizeram conferências sobre o assunto, na Associação Paulista de Medicina e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, revelando-se convictos da existência da reencarnação. Estavam praticamente confirmadas pelas pesquisas atuais as que foram feitas por Kardec, Crookes, Richet e outros no século passado.

Ressurgiu, assim, no seio das próprias ciências, a concepção do homem como espírito e o conceito da morte como simples descondicionamento do ser, envolvido e condicionado na forma humana carnal, de origem animal. Restabelece-se também a idéia cristã da morte como libertação que reintegra o morto na sua dignidade humana, vivo e ativo. Ante a unanimidade das conclusões científicas, na confluência das provas universitárias em todo o mundo, torna-se impossível o retrocesso à antiga concepção teológica, de origem mítica, que faz do morto um condenado desprovido da sua capacidade de jurisdição própria, de vontade livre e livre arbítrio. Reconhecendo-se que o homem é essência e não forma, e que a essência determina a forma de sua adaptação à vida terrena, o princípio da identificação do homem pelo corpo torna-se insatisfatório e até mesmo absurdo.

As filosofias da Existência, por sua vez, em todas as suas correntes, chegaram à conclusão de que *a existência é subjetividade*, o que vale dizer que é espírito. As provas obtidas por Raul de Montandon na França, com fotos à luz infravermelha, mostraram que a morte de pequenos animais por éter liberava, nos que haviam morrido, uma forma semelhante ao corpo morto. Essas provas foram confirmadas pelas fotografias recentes da câmara Kirlian ajustadas a microscópios eletrônicos de grande potência, por cientistas soviéticos, na Universidade de Kirov. Ao mesmo tempo, os pesquisadores materialistas conseguiam ver e fotografar o corpo espiritual do homem, nas pesquisas com moribundos, no momento da morte. Todo esse acervo espantoso de fatos naturais e fatos pro-

vocados pela pesquisa científica dão inegável validade ao conceito atual da morte como libertação do homem para a vida transcendente espiritual.

Querer opor a todas essas provas a simples negação materialista, que serve apenas de argumentos, é uma temeridade só aceitável da parte de criaturas inscientes, desprovidas de conhecimentos e incapazes de compreender o significado das pesquisas científicas. (Consulte-se, a propósito, o livro da Dra. Lyn Schroeder e Sheila Ostrander, lançada pela Editora da universidade de Prentice Hall, nos Estados Unidos, e já traduzido para a nossa língua pela Editora Cultrix de São Paulo: “Descobertas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro”. As autoras são pesquisadoras científicas da referida Universidade e verificaram esses fatos em visita oficial à URSS.)

A Educação para a Morte não é nenhuma forma de preparação religiosa para a conquista do Céu. É um processo educacional que tende a ajustar os educandos à realidade da Vida, que não consiste apenas no viver, mas também no existir e no transcender. A vida e a morte constituem os limites da existência. Entre o primeiro grito da criança ao nascer e o último suspiro do velho ao morrer, temos a consciência do ser e do seu destino. As plantas e os animais vivem simplesmente, deixam-se levar na correnteza da vivência, entregues às forças naturais do tropismo e dos instintos. São seres em desenvolvimento, dirigidos pelo elã vital. Mas a criatura humana é um ser definido, que reflete o mundo na sua consciência e se ajusta a ele, não para nele permanecer, mas para conquistá-lo, tirar dele o suco das experiências possíveis e transcendê-lo, ou seja, passar além dele.

Graças a isso existem as civilizações, o desenvolvimento histórico da sociedade e o acúmulo de conhecimentos no processo das sucessões dos períodos históricos. O homem que vive sem tomar conhecimento desse processo não viveu, passou apenas pela vida, como diz o poeta: “Passou pela vida e não viveu”. Uma criatura assim não entrou ainda na espécie humana, não se integrou nela. A integração se faz pela educação, e por isso a Educação para a Vida é a primeira a lhe ser dada. Nessa educação o ser se amolda ao mundo, começando pela educação familiar, no lar, e passando depois pela educação social na escola e pela educação profissional ou experiencial, na qual se faz cidadão do mundo, apto a escolher o seu ofício ou o seu *que fazer* e a ele se dedicar. E também por isso Simone de Beauvoir observou, com razão, que a Humanidade não é uma espécie, mas um dever. É, podemos dizer, o fluxo da consciência na busca da sua própria realização. O negativismo de Sartre o levou a afirmar que o homem se frustra na morte, pois nela acaba a sua aventura existencial. Mas Heidegger encarou o problema com mais profundidade e concluiu: “O homem se completa na morte”.

Aquilo que para Sartre parecia o fim definitivo, para Heidegger é o rompimento da existência para lançar-se na transcendência. Isso concorda com as aspirações humanas em todos os tempos e com a afirmação de Richet: “Mors janua vitae”, ou seja, “A morte é a porta da Vida”. Temos assim definido aquilo que constitui realmente o fim da Educação, o seu objetivo único e preciso. Desde o momento da fecundação no ventre materno o ser humano avança na transcendência natural do crescimento, do qual todas as coisas e seres participam. Essa é a transcendência horizontal de Jaspers, que a define especialmente no plano social. Mas a transcendência vertical, que não provém simplesmente das leis da vida, mas das aspirações de realização consciencial, essa só pode realizar-se no plano existencial, em que o desenvolvimento da consciência o leva a buscar a

Consciência Suprema, que é Deus. Nesse plano o homem supera a fragilidade da existência e projeta-se na conquista de si mesmo, no controle integral de seus pensamentos, sentimentos e ações. Dessa maneira, a morte liberta o ser das condições da existência e nele se completa a realidade do ser.

A Educação para a Morte é, portanto, a preparação do homem durante a sua existência, para a libertação do seu condicionamento humano. Libertando-se desse condicionamento, o homem se reintegra na sua natureza espiritual, torna-se espírito, na plenitude de sua essência divina. As religiões nasceram desse anseio existencial do homem e deviam transformar-se em escolas da Educação para a Morte. Não conseguiram esse objetivo em virtude da exigência quantitativa, decorrente da febre de proselitismo. Ficaram no plano da transcendência horizontal, imantadas ao fazer existencial.

Quem viu e entendeu claramente esse fato foi Bergson, ao mostrar que a moral fechada do indivíduo, que não se prende à moral aberta da sociedade, é a única que corresponde à religião dinâmica do *homo sapiens*. Nas religiões estáticas das comunidades ficam apenas os indivíduos massivos do *homo faber*, necessariamente dependentes de estruturas sociais. Essas religiões comunitárias são sempre totalitárias, exclusivistas, baseadas num conceito de Deus que é simplesmente o reflexo do homem comum. Esse Deus pode morrer e ressuscitar, como o deus egípcio Osíris, sendo admirado e adorado pela sua façanha, mas nunca dará aos seus adoradores a menor noção da imortalidade. A medida humana não se aplica a Deus para usá-la nas coordenadas do Infinito e da Imensidade. Essas duas palavras encerram problemas que dão vertigem ao homem apegado à vida. As religiões sociais transformam-se assim nas religiões da morte. Porque a morte é uma exigência vital da comunidade, que sem a morte não se renovaria no tempo com a sucessão das gerações.

John Dewey entendeu que a Educação é uma exigência da morte para a transmissão da cultura de uma geração para outra. Foi uma interpretação benévola da morte, que ganhou foro de verdade absoluta. Mas a realidade é outra. O pragmatismo instrumental de Dewey levou-o a considerar a morte como o instrumento prático da cultura. O que determina a existência da Educação é o impulso de transcendência, o anseio biopsíquico do homem de se projetar além das suas limitações humanas, na busca do divino. Kardec chamou a isso *lei de adoração*, tratando do assunto num capítulo especial de *O Livro dos Espíritos*. Kant já havia assinalado, bem antes de Dewey, que a Educação tem por fim levar o homem ao desenvolvimento de toda a sua perfectibilidade possível. Hubert e Kerchensteiner foram mais longe, considerando a Educação como um ato de amor, pelo qual uma consciência madura procura elevar ao seu plano, amadurecer, uma consciência ainda imatura.

A própria função da morte, em todos os reinos da Natureza, e não apenas no hominal, é desenvolver as potencialidades latentes, levando-as à realização possível de si mesmas. Nossa visão da Educação amplia-se enormemente, universaliza-se, mais do que isso, pantoniza-se ao compreendermos fora das peias pragmáticas de Dewey. A educação para a Morte começa na tomada de consciência dessa realidade espantosa. O desenvolvimento da relva e o desabrochar das flores podem ser ajudadas pelo jardineiro, para que ambos os fenômenos possam atingir a sua perfectibilidade possível. Atingidos os limites dessa possibilidade, a relva e as flores murcham e morrem, para avançarem depois no ciclo dos renascimentos.

A programação do computador cósmico inclui necessariamente o homem que morre para renascer no mesmo ritmo ascensional das coisas e dos seres, mas exigindo a tomada de consciência dessa pantogênese espiritual. As religiões da morte falham nessa fase de transição, interpretando negativamente o fenômeno positivo e renovador que sustenta a juventude do mundo. Por isso Jesus ensinou que aqueles que se apegam à própria vida a perderão, e os que a perdem, na verdade, a ganharão. A vida em abundância dos Evangelhos é a integração do homem na plenitude da sua consciência divina.

\*

## OS VIVOS E OS MORTOS

**Livro: Educação para a Morte. J. Herculano Pires**

Desconhecendo a complexidade do processo da vida, o homem terreno sempre se apegou, principalmente nas civilizações ocidentais, ao conceito negativo da morte como frustração total de todas as possibilidades humanas. Não há nenhuma novidade na expressão sartreana que se propagou por toda a cultura moderna: “O homem é uma paixão inútil.” Foi sempre esse o conceito do homem na cultura ocidental, voltada exclusivamente para o imediatismo. Sartre não revela nenhuma perspicácia filosófica nesse simples endosso cultural de uma posição comum do *homo faber* ante o inevitável da morte.

Mesmo nas civilizações orientais, impregnadas de misticismo, os homens comuns nunca saíram desse plano inferior da consideração da morte como destruição pura e simples. A teoria das *almas viajoras*, de Plotino, que substituiu no Neo-Platonismo a teoria da metempsicose egípcia, não chegou a popularizar-se.

As hipóstases espirituais que essas almas franquearam, depois da morte, pareciam fantásticas, oriundas apenas da teoria platônica dos *Mundos das Idéias* e do desejo instintivo de sobrevivência que domina o homem. Mas as pesquisas científicas da natureza humana, particularmente no campo dos fenômenos paranormais, chegaram a provas incontestáveis da sobrevivência do homem após a morte. Essa sobrevivência implica naturalmente a existência de planos espirituais (as hipóstases) em que a vida humana prossegue.

O desenvolvimento da Física em nossos dias levou os cientistas à descoberta da antimatéria, das dimensões múltiplas de um Universo que considerávamos apenas tridimensional, à conquista dos antiátomos e antipartículas atômicas que podem ser elaboradas em laboratórios, como têm sido elaborados. A existência das hipóstases já não é mais uma suposição, mas uma verdade comprovada.

O corpo bioplásmico do homem, bem como o dos vegetais e dos animais, foi tecnologicamente comprovado. Os mortos não podem mais ser considerados mortos. O que morreu foi apenas o corpo carnal dessas criaturas, que Deus não criou como figuras de *guinol* para uma rápida passagem pela Terra. Seria estranho e até mesmo irônico que, num Universo em que nada se perde, tudo se transforma, o homem fosse a única exceção perecível, sujeito a desaparecer com os seus despojos.

A maior conquista da evolução na Terra é o homem, criado, segundo o consenso geral, na tradição dos povos mais adiantados, feito à imagem e seme-

lhança de Deus. Que estranha decisão teria levado o Criador a negar a esse ser a imortalidade que conferiu a todas as coisas e a todos os seres, desde os mais inferiores e aparentemente inúteis? Há uma Economia na Natureza que seria contrariada por essa medida de exceção. Hoje, a verdade se define, cada vez mais comprovada e inegável, aos nossos olhos mortais:

O homem é imortal. Ao morrer na Terra, transfere-se para os planos de matéria mais sutil e rarefeita, em que continua a viver com mais liberdade e maiores possibilidades de realizações, certamente inconcebíveis aos que ficam no plano terreno. O espírito encarnado, que, lutando no fundo de um oceano de ar pesado, consegue fazer tantas coisas, por que deixaria de agir com mais interesse e visão elevada num plano em que tudo milita a seu favor? Enganam-se os que pensam nos mortos como mortos. Eles estão mais vivos do que nós, dispõem de visão mais penetrante que a nossa, são criaturas mais definidas do que nós, e podem ver-nos, visitar-nos e comunicar-se conosco com mais facilidade e naturalidade. É preciso que não nos esqueçamos deste ponto importante: os homens são espíritos e os espíritos nada mais são do que homens libertos das injunções da matéria. Nós carregamos um fardo, eles já o alijaram de suas costas. Temos de pensar neles como criaturas vivas e atuantes, como realmente o são. Eles não gostam das nossas tristezas, mas sentem-se felizes com a nossa alegria. Não querem que pensemos neles de maneira triste porque isso os entristece.

Encontram-se num mundo em que as vibrações mentais são facilmente perceptíveis e desejam que os ajudemos com pensamentos de confiança e alegria. Não temos o direito de perturbá-los com as nossas inquietações terrenas, em geral nascidas do nosso egoísmo e do nosso apego. Milhões de manifestações de entidades superiores, de espíritos conhecidos ou não, mas sempre identificados, ocorrem no mundo continuamente, provando a sobrevivência ativa dos que passaram para o outro mundo e lá não nos esqueceram.

Desde a época das cavernas, das construções lacustres, passando pelas vinte e tantas grandes civilizações que se sucederam na História, os mortos se comunicam com os vivos e estes, não raro, procuram instruir-se com eles. O intercâmbio é normal entre os dois mundos e uma vastíssima biblioteca foi produzida pelos sábios antigos e modernos que estudaram o problema e confirmaram a sobrevivência. Mas, na proporção em que os métodos científicos se desenvolveram, na batalha das Ciências contra as superstições do passado multimilenar, a própria aceitação geral dessa verdade levantou maiores suspeitas no meio científico. As raízes amargas das religiões da morte, que viveram sempre e vivem ainda hoje vampirizando o pavor da morte em todos os quadrantes do planeta, criaram novos empecilhos para o esclarecimento do problema.

Ainda hoje, depois das provas exaustivas, milhões de vezes confirmadas pelos mais respeitáveis investigadores, a nossa cultura pretensiosamente rejeita a flagrante realidade e pesquisa da fenomenologia de todos os tempos, como se ela não passasse de suposições inverificáveis.

Qual a razão dessa atitude irracional em face de um problema tão grave, da maior importância para a Teoria do Conhecimento e particularmente para a adequação do pensamento à realidade, objetivo supremo da Filosofia? Nossa cultura sofreu até agora de uma espécie de esquizofrenia catatônica, ignorando problemas essenciais e entregando-se à agitação das atividades pragmáticas.

Como diz o brocardo popular: “Gato escaldado tem medo de água fria.” A tremenda e criminosa oposição da Igreja ao desenvolvimento livre da Ciência, com o delírio pirovássico dos tempos inquisitoriais, com suas fogueiras assassinas, deixou suas marcas de sangue e fogo no pêlo, no couro e na carne viva do gato escaldado. A cultura é um organismo conceptual vivo, nascido das experiências humanas e dotado do mesmo instinto de conservação dos organismos vivos. Os pêlos do gato escaldado se eriçam à menor aproximação de questões metafísicas. Remy Chauvin deu a esse fenômeno o nome apropriado de *alergia ao futuro*. Essa alergia, como demonstra, tem suas origens históricas no período inquisitorial. Só há um responsável por essa doença cultural: a Igreja, até hoje em atividade constante na luta contra o desenvolvimento cultural para asfixiar os movimentos que possam atentar contra a sua arcaica posição dogmática.

Por isso assistimos, ainda hoje, às vésperas da era cósmica, o doloroso espetáculo de padres irados, particularmente nos países subdesenvolvidos, de cultura incipiente, desferindo os raios de sua indignação insolente contra as conquistas parapsicológicas, mas, ao mesmo tempo, com a sagacidade instintiva dos sacerdotes de todos os tempos e de todas as latitudes da Terra, tirando as vantagens possíveis dessa atividade histriônica na cobrança, a tanto por cabeça, dos cursos de parapsicologia dados ao povo com o tempero dos sofismas e mentiras habituais.

Devemos a isso o nosso atraso brasileiro de quarenta anos no campo das investigações e do estudo universitário do paranormal. Em compensação, padres e frades entregam-se livremente à exploração de clínicas parapsicológicas, servidos por médicos iludidos ou bem integrados na luta contra o avanço da cultura em nossa terra.

Se no plano espiritual a posição assumida pelos espíritos fosse a mesma dos homens, seríamos considerados como espíritos mortos. Porque o espírito que se encarna na Terra, afastando-se da realidade viva do espírito, é praticamente sepultado na carne. Nos planos inferiores do mundo espiritual, apegados à crosta terrena, os espíritos inferiores que o habitam se consideram como mortos na carne, pois perderam as prerrogativas do espírito livre. Mas os espíritos que atingiram planos superiores compreendem essa inversão de posições e nos encararam como companheiros temporariamente afastados do seu convívio, para fins de desenvolvimento de suas potencialidades nas lutas terrenas. Dessa maneira, mortos e vivos somos todos.

Revezamo-nos na Terra e no Espaço porque a lei de evolução exige o nosso aprimoramento contínuo. Se no plano espiritual os limites de nossas possibilidades de aprendizado se esgotam, por falta de desenvolvimento dos potenciais anímicos, retornamos às duras experiências terrenas. A reencarnação é uma exigência do nosso atraso evolutivo, como a sementeura da semente na terra é a exigência básica da sua germinação e do seu crescimento.

Assim, nascimento e morte são fenômenos naturais da vida, que não devemos confundir com desgraça ou castigo. Só os homens matam para vingar-se ou cobrar dívidas afetivas. Deus não mata, cria. Ao semear as mônadas nos planetas habitáveis, não o faz para matar-nos, mas para podermos germinar e crescer como a relva dos campos. A mônada é a centelha de pensamento divino que encerra em si, como a semente do vegetal, todo o esquema da vida e da forma humana que dela nascerá no seio dos elementos vitais da carne. Os materialistas

acreditam que o esperma e o óvulo ocultam em si mesmos todas as energias criadoras do homem. Mas os progressos atuais da genética animal e da genética humana os despertaram para a compreensão da existência de um mecanismo oculto no sêmen, do qual depende a própria fecundidade deste.

Podemos dizer que Deus não trabalha com coisas, mas com leis. As pesquisas parapsicológicas revelaram que o pensamento é a energia mais poderosa de que podemos dispor. Essa energia não se desgasta no tempo e no espaço, não está sujeita às leis físicas, nem respeita as barreiras físicas. É ele a única energia conhecida que pode operar as distâncias ilimitadas do Cosmos. Se podemos verificar isso nas experiências telepáticas, de transmissão de pensamentos entre as distâncias espaciais e temporais que todas as demais energias não conseguem vencer, devemos pensar no poder infinito do pensamento criador de Deus. Mas o orgulho humano se alimenta da sua própria ignorância e prefere colocar-se acima da própria Divindade. Por isso o cientista soviético Vassiliev não aceitou a teoria de Rhine – a natureza extrafísica do pensamento – e procedeu a uma experiência na Universidade de Leningrado para demonstrar o contrário. Mas não obteve as provas que desejava e limitou-se a contestar Rhine com argumentos, declarando simplesmente que o pensamento se constitui de uma energia física desconhecida. Até agora, nem mesmo do Além, para onde a morte o transferiu, à sua revelia, não conseguiu a refutação desejada.

Esse é um episódio típico da luta dos negativistas contra a inegável realidade da natureza espiritual do homem. É inútil disputar com eles, que mesmo quando cientistas, apegam rigidamente às suas convicções, de maneira opiniática. Outro exemplo importante foi o do filósofo Bertrand Russell, que ante o avanço científico atual, declarou: “Até agora as leis físicas não foram afetadas.” Como não foram, se toda a concepção física do mundo transformou-se no contrário do que era, revelando a inconsistência da matéria, a sua permeabilidade, a existência da antimatéria e a possibilidade cientificamente provada da comunicação dos mortos? Bastaria isso para mostrar que a Física envelhecida de meio século atrás levou Einstein a exclamar: “O materialismo morreu asfixiado por falta de matéria”. Famoso físico americano, pousando o braço sobre a mesa, disse: “Meu braço sobre esta mesa é apenas uma sombra sobre outra sombra.”

Essa atitude opiniática de materialistas ilustres decorre da alergia ao futuro de que falou Remy Chauvin, diretor de laboratório do Instituto de Altos Estudos de Paris. Por outro lado, temos de considerar a influência da tradição no próprio meio científico e as posições dogmáticas das correntes opostas do religiosismo igrejeiro e das ideologias materialistas, como as do Positivismo, do Pragmatismo e particularmente do Marxismo.

A prova científica da existência do perispírito, o corpo espiritual da tradição cristã, chamado pelos investigadores soviéticos da Universidade de Kirov, a mais importante da URSS, de corpo bioplásmico, foi simplesmente asfixiada pelo poder estatal. Nos Estados Unidos não se tentou repetir a façanha de Kirov porque a descoberta do corpo bioplásmico fere os interesses teológicos das igrejas cristãs. O religiosismo fideísta das igrejas, agora reforçado com o religiosismo político e estatal do materialismo, formam hoje a dupla que, agindo em forma de pinça, impede novamente o desenvolvimento da Ciência.

Nos Estados Unidos chegou-se ao extremo da divulgação científica de um documento lançado por instituições científicas, declarando que as descober-

tas produzidas pelas câmaras Kirlian, de fotografias paranormais, não passam do conhecido *efeito corona*. (O efeito Corona ocorre quando um forte campo elétrico associado com um condutor de alta tensão ioniza o ar próximo ao condutor. O ar ionizado pode se tornar azul e se tornar audível em forma de "estalos". O efeito Corona também libera partículas de O<sub>2</sub> e produz oxigênio tri atômico - O<sub>3</sub>, ozônio - um gás corrosivo que destrói equipamentos de linhas de potência e coloca em perigo a saúde humana. E o efeito Corona gera ruído eletromagnético de largo espectro). E Rhine, o grande confirmador da Ciência Espírita, foi posto à margem dos meios científicos oficiais, apesar de seu sucesso em todas as Universidades do mundo.

\*

## OS MORTOS RESSUSCITAM

### Livro: Educação para a Morte

A ressurreição dos mortos no último dia, no fim dos tempos, é uma alegoria judaica de que Jesus se serviu, como de tantos outros elementos do Judaísmo, para ensinar o sentido verdadeiro da morte como transição ou passagem de um mundo para outro, do mundo material para o espiritual. O último dia é apenas aquele em que morremos. O fim dos tempos seria o fim do mundo, mas de que mundo? A imaginação rabínica antecedeu com vantagem à dos teólogos cristãos.

Mais integrada nas tradições proféticas do *Fértil Crescente*, a imensa região oriental descrita por John Murphy na sua *História das Religiões*, os rabinos judeus dispunham das *excitações* naturais da época em que um novo mundo estava sendo construído na Terra. A era apocalíptica judaica, de que o Apocalipse de João nos dá uma imagem alucinante, foi o mundo mágico das profecias judaicas.

Jesus, judeu nascido na Galiléia dos Gentios, em meio aos gregos da Decápolis, salvou-se da helenização (adoção de características da civilização grega por nações vencidas pelos gregos ou por nações que os tinham subjugado.) graças à humildade e pobreza da sua família. A profissão de carpinteiro que o pai lhe transmitia, segundo os costumes da época, livrou-o das influências herodianas que fizeram de Madalena uma cortesã grega típica. Educado na sinagoga, recebendo a bênção da virilidade aos treze anos, no Templo de Jerusalém, Jesus era um judeu entre judeus. Sua inteligência excepcional e a elevação natural do seu espírito lhe permitiam servir-se dos elementos da cultura judaica para transmitir aos judeus suas idéias generosas, tentando romper o terrível sociocentrismo judaico, racista e pretensioso, que até hoje perdura de maneira chocante na arrogância e na insolência do novo Estado de Israel. Esse esforço generoso de Jesus, como podemos ver hoje, não surtiu os resultados que um deus grego, por exemplo, poderia ter obtido.

Os romanos, que se casavam bem com as antivirtudes judaicas, teriam feito de Jesus o Messias esperado se a helenização herodiana o tivesse envolvido. Mas o jovem carpinteiro integrou-se de tal maneira nas aspirações grandiosas do Judaísmo, e se apegava tanto às suas idéias generosas de renovação do mundo, que seu destino só podia ser, no covil de cobras do rabinato, a condenação à morte infamante na crucificação romana.

Essa visão racional da vida de Jesus, que não nos seria possível depois do fim do Mundo Antigo, foi de tal maneira envolvida pelas alucinações proféti-



cas do Judaísmo, pelas fascinações mitológicas da era massivamente dominada pelos mitos, e logo mais pela efervescência das seitas judaicas, das influências filosóficas e míticas da cultura grega e pelas manobras habilíssimas da política imperial romana, que chegou até nós na forma-disforme e atormentada de um sincretismo cultural assustador. O jovem carpinteiro foi transformado em mito, em rei e, por fim, num deus grego que absorvia em sua natureza os poderes totais do messias, de Iavé, de Zeus e de Júpiter.

Roma rendeu-se a esse sincretismo por força das circunstâncias, mas com a condição de manter em suas mãos imperiais as rédeas da nova era. A queda do Império pela invasão dos bárbaros e a subjugação posterior de Bizâncio – aumentando o sincretismo cultural, quantitativa e qualitativamente pela turbulência e a vitalidade dos povos bárbaros, completou-se na desfiguração mitológica do Cristianismo, de maneira irremediável, no trágico totalitarismo sagrado do medievalismo.

Por isso, quando os primeiros ventos da Renascença começaram a soprar sobre a Europa orientalizada, abalando a estrutura gigantesca e toda poderosa da Igreja, a insurreição luterana desencadeou as forças adormecidas da renovação dos tempos. E quando um jovem seminarista, Ernest Renan, resolveu passar a limpo a História Cristã, só não foi queimado em praça pública porque, como assinalou Kardec, a cauda da inquisição já se arrastava em terras de Espanha.

Sem a compreensão rigorosamente histórica desse vastíssimo e trágico panorama, despido das fantasias mitológicas e aliviado das toneladas de quinquilharias sagradas com que Roma o asfixiara, não poderíamos compreender a formação do mundo moderno, de cujas entranhas nascemos para decifrar os enigmas atordoantes da Esfinge Romana. A Loba nos devoraria com a impiedade dos Césares.

Os mortos ressuscitam, não no fim dos tempos, no último dia, pois que iriam fazer com sua ressurreição no vazio, no mundo sem tempo ou no tempo sem mundo? E de que lhes serviria ressuscitar, no fim dos milênios com seus miseráveis corpos doentes e deformados, aos quais Deus, num excesso de crueldade, concederia a vida eterna com suas doenças e aleijões?

Essa idéia espantosa, que parece derivada das tragédias gregas, saiu da cabeça de teólogos iluminados pelas fogueiras medievais, ante a lição de Jesus a Tomé, que teve de tocar com os dedos as chagas da crucificação nas mãos do mestre, para acreditar que era mesmo Jesus quem ali se apresentava, no cenáculo dos apóstolos.

Apesar das muitas manifestações de mortos ressuscitados em estado de pureza e beleza etérea, que ocorriam no culto pneumático ou culto dos Espíritos, na era apostólica, os teólogos vesgos acharam que os mortos teriam de ressuscitar com suas marcas e aleijões. E como Deus lhes conferia a vida eterna, eles continuariam assim pela eternidade.

É tão obtusa essa dedução que custamos a acreditar que tantos homens de estudo, tantos mestres do passado e do presente tenham endossado e ensinado ao povo essa burrice sumária.

Untersteiner, em *A Fisiologia do Mito*, tentou esclarecer a função racional do mito no desenvolvimento da cultura. Onde colocarmos tudo isso: razão, fé e cultura, diante de um corcunda, como o da Catedral de Notre Dame de Pa-

ris, na ficção de Victor Hugo, ressuscitado com seu corpo disforme para arrastá-lo pela eternidade? E que dizer do suplício dos mortos que tiveram de sofrer a decomposição de seus corpos na terra durante milênios, à espera desse prêmio terrorista de uma recomposição divina de suas mazelas e aleijões *eternizados*?

Tudo isso não mereceria o gasto de papel e tinta que estamos fazendo, não fosse a aceitação maciça e inconsciente dessas e outras coisas semelhantes que os teólogos inventaram e os clérigos semearam no mundo. O simples fato de se tratar disso já é ridículo, mas devemos nos expor ao ridículo quando o amor à verdade e o amor ao próximo nos exige esse sacrifício. Os novos teólogos, surgidos do inferno da II Guerra Mundial, levantaram-se contra esses absurdos, mas por sua vez propuseram o absurdo maior da Morte de Deus.

O Padre Teilhard de Chardin procurou contribuir para a renovação teológica em nossos dias, mas por pouco não foi excomungado. A Igreja Eterna não abre suas janelas aos ventos renovadores. Não pode deixar de ser o que foi. As correntes de pensamento renovador não são aceitas pela Igreja.

As lições de Jesus sobre a ressurreição dos mortos abrangem os problemas da ressurreição propriamente dita e da reencarnação. Os textos evangélicos são de absoluta clareza. No caso de João Batista como reencarnação de Elias, no do cego de nascença, no diálogo límpido e indeturpável com Nicodemos e em outras passagens, mas particularmente na discussão com os apóstolos a respeito dele mesmo, Jesus não deixou dúvidas possíveis, mas os teólogos se incumbiram de criar as dúvidas que a Igreja semeia há quase dois milênios. Se Jesus não concordasse com o princípio, teria corrigido os discípulos, como o fez de maneira enérgica em tantas ocasiões. Jesus ouviu pacientemente o que diziam dele: antigo profeta que ressurgira dos mortos (reencarnação), o Cristo, Filho de Deus (encarnação messiânica), não havendo nesta, em virtude da sua missão, o problema das provas.

Depois da crucificação, as provas individuais concretas de sua ressurreição no corpo espiritual. Os teólogos, ignorando as leis desses fenômenos e imbuídos de superstições mitológicas, não perceberam que Jesus aprovara a tese reencarnacionista, confirmando porém, como certa, a da encarnação messiânica, que era o seu caso. Mais tarde tudo se esclareceria com as provas dadas aos discípulos, a começar por Madalena, de que ressuscitara em espírito, como todos ressuscitaremos.

Também não perceberam que, no caso da transfiguração no Tabor, com a prova da ressurreição de Moisés e Elias, e com a sua própria transfiguração no corpo espiritual, antecipara a demonstração prática do que teoricamente ensinava. Naquele tempo os judeus confundiam, como observa Kardec, reencarnação com ressurreição.

Compreende-se que os teólogos cristãos continuavam e continuam, até hoje, jejunos no assunto, como os judeus antigos. Convém lembrarmos, também, da afirmação de Jesus de que poderia destruir e reconstruir o seu templo em apenas três dias. Tudo isso escapou aos teólogos e aos clérigos cristãos, que até hoje, com raras exceções, nada aprenderam a respeito. A resposta de Jesus a Nicodemos, advertindo-o de que, se não o entendia quando falava das coisas da Terra (reencarnação como novo nascimento na carne e no espírito), como queria entender as coisas celestes. Essa advertência continua a pesar sobre as igrejas cristãs atuais em todo o mundo.

Coube ao Apóstolo Paulo explicar, na I Epístola aos Coríntios, que temos corpo material (animal) e corpo espiritual, e que este corpo, o espiritual, é o corpo da ressurreição. Com essa explicação, Paulo, que havia reconhecido na Estrada de Damasco o Cristo no esplendor do seu corpo espiritual, ensinava aos cristãos da igreja de Corinto que Jesus havia ressuscitado ao terceiro dia no seu corpo espiritual e não no seu corpo carnal. Se os coríntios compreenderam isso não sabemos, mas sabemos com certeza absoluta que as Igrejas Cristãs dos nossos dias ainda não perceberam nada desse grave e importante problema, que é suficiente para renovar as suas Igrejas secretas. Até agora as Igrejas faziam, na Semana Santa, a Procissão do Senhor Morto, enterrando de novo, simbolicamente, o corpo de Jesus.

A Ciência Espírita provou cientificamente que os espíritos, em suas aparições tangíveis, como agêneres, mostram-se capazes de fazer todos os atos de uma pessoa viva encarnada: comem, bebem, apertam as mãos dos amigos, conversam, partem o pão e assim por diante. Porque Jesus fez tudo isso em seu corpo espiritual, teólogos e clérigos andam pregando até hoje que ele ressuscitou na carne. Entretanto, a ressurreição de entre os mortos, na carne, nada tem a ver com as aparições tangíveis, pois é a reencarnação do morto em novo nascimento carnal.

Todos morremos, mas todos ressuscitamos. Por isso não somos mortais, mas imortais. Mortal é o corpo material de que nos servimos para – segundo as Filosofias da Existência, – nos projetarmos no plano existencial. Na Terra, só existimos quando integramos a humanidade encarnada. Os filósofos existencialistas, até o materialista Sartre, são obrigados a admitir uma anterioridade do nosso ser (onde e como?) para podermos nos projetar na existência. Sartre diz apenas que, antes de existir, somos o *em-si*, uma coisa viscosa e fechada em si mesma, que se projeta no *para-si*, a existência material, para fazer o trajeto da vida em direção à morte, buscando a síntese do *em-si-para-si*, que seria a nossa passagem para o plano divino. Mas Sartre acha que o homem é uma paixão inútil, pois não consegue atingir a divindade. Apesar de sua confusão, Sartre é mais coerente nessa tese do que os teólogos cristãos. Pois estes nos enterram e nos sacramentam para fazer-nos dormir nas catacumbas até o Fim dos Tempos, à espera do Juízo Final.

Mas a mais difícil tarefa da Educação para a Morte é precisamente a de quebrar esse condicionamento milenar, integrando os homens numa visão mais realista da vida. Os fatos são de todos os tempos e estão ao alcance de todas as criaturas dotadas de bom senso. Hoje, graças à abertura científica produzida pelo avanço acelerado das Ciências, não se pode admitir que pessoas razoavelmente cultas continuem amarradas – como acontece na própria Parapsicologia, – ao sincretismo teológico do Tomismo de Tomás de Aquino, como acontece com Robert Amadou na França ou às teorias peremptas do velho René Sudre, que volta a tocar o seu realejo enferrujado em nossos dias.

O realejo de Sudre foi desmontado por Ernesto Bozzano no século passado, e isso de maneira irremediável, com a técnica, a lógica e a precisão matemática de Bozzano. Mas o velho teimoso ainda o põe a funcionar, para delícia dos ouvidos esclerosados que não percebem o som rascante das peças carcomidas pela ferrugem.

“Morrer não é morrer, meus amigos. Morrer é mudar-se”, exclamou Victor Hugo após as experiências espíritas de seu exílio na ilha de Jersey. Lombroso, contendo a emoção, abraçou sua mãe materializada na casa do Prof. Chiaia, em Milão. Frederico Figner, judeu ortodoxo, tornou-se espírita na sessão de Belém do Pará, em que a médium Ana Prado lhe devolveu a filha morta, a menina Rachel, que voltou a abraçá-lo e à sua esposa, sentando-se no colo de ambos e advertindo à mãe de que devia tirar o luto, pois ela, Rachel, como provava naquele momento, não morreria.

Richet, o fisiologista do século, escreveu a Schutel: “A morte é a porta da vida.” Rhine, Pratt, Carington e Price, em nossos dias, comprovaram e sustentam com provas nas mãos a sobrevivência do homem à morte do corpo material. Lord Daofinng, na batalha de Londres, da II Guerra Mundial, conversou com seus aviadores mortos sobre o território alemão.

Seriam todos alucinados, teriam perdido o senso e a capacidade de discernimento para aceitar trapaças indignas? Seremos acaso mais bem-dotados do que essas grandes figuras da nossa vida cultural? De que elementos dispomos para rejeitar a nossa própria sobrevivência? Que contra-provas podemos opor ao nosso próprio direito de superar a morte – a destruição total do ser humano –, num Universo em que nada se destrói?

Notas:

1 Consulte-se, a propósito, o livro da Dr<sup>a</sup>. Lynn Schroeder e Sheila Ostrander, lançada pela Editora da Universidade de Prentice Hall, nos Estados Unidos, e já traduzido para a nossa língua pela Editora Cultrix, de São Paulo: *Descobertas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*. As autoras são pesquisadoras científicas da referida Universidade e verificaram esses fatos em visita oficial à URSS.

2 No momento em que o Autor escrevia este capítulo, não havia sido eleito o substituto de Paulo VI. (N.E.)

\*

**LIVRO: PARAPSICOLOGIA  
HOJE E AMANHÃ**

**J. Herculano Pires. Editora EDICEL. SP, 6ª. Edição. 1981.**

**O que é o homem?**

A pergunta "O que é o homem?" abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica — ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine — encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. O *homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de *se abrir* no extra-sensório, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O *homem-psi* é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem — e reagirão ainda por algum tempo — certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. O *homem-psicológico* moderno está irremediavelmente superado pelo *homem-psi* contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

Ao superar o conceito do homem-psicológico, o novo conceito de *homem-psi* não destrói aquele: apenas o amplia. É o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de *matéria* e *energia*. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de *dualismo-absoluto*, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um *dualismo-relativo*. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação psicossomática. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana.

Assim, o *homem-psi* é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida, como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção

científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a *mente*, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física, mas susceptível de investigação científica em laboratório.

Abrem-se assim novas possibilidades à própria Medicina psico-somática, bem como a todas as Ciências do Homem. Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser "do outro mundo" para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do "momento parapsicológico", segundo nos parece, são os seguintes:

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de "reencarnações sugestivas", embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhari-che sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Mölnbo, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

Essas novidades mostram uma tendência geral do "momento parapsicológico" para a aceitação da tese da sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de *ação sobre a matéria*, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as torna mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apóiam: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos — todo um vasto acervo honrado por nomes expo-nenciais das Ciências em todo o mundo.

O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso que se recusa a aceitar a possibilidade de investigações científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez *apesar* dessas dificuldades.

O conceito de *homem-psi* já está definitivamente firmado. É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências nos últimos quarenta anos pode hoje aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo "no ar". Sofrem daquela "alergia ao futuro" descoberta pelo Prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, mas a sua própria reação é um indício seguro de que o futuro se aproxima.

A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixiados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências.

Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas, dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

## O que é Parapsicologia

Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psicofisiológico. É uma disciplina científica, mas não propriamente uma ciência, pois o seu lugar científico é nos quadros da Psicologia. Os próprios fundadores da moderna Parapsicologia sustentam a sua natureza dependente, embora reconhecendo a necessidade de sua autonomia transitória. É necessário compreendermos isso para não atribuirmos à nova disciplina uma posição excepcional no plano do conhecimento, e sobretudo para não lhe darmos um sentido ou um caráter misterioso.

Colocando as coisas em seu devido lugar, podemos dizer que a Parapsicologia é uma nova forma de desenvolvimento das pesquisas psicológicas. A ambição dos parapsicólogos, dos primeiros momentos até agora, tem sido uma só: conquistar para a Psicologia uma área de fenômenos psíquicos ainda desconhecidos. Não quiseram e não querem transformá-la numa ciência independente. O objeto da Parapsicologia são os fenômenos psíquicos não-habituais, mas apesar disso naturais, comuns a toda a espécie humana. E mais do que isso: comuns às demais espécies vivas, pois há também a Parapsicologia Animal.

Embora situada no campo científico da Psicologia, a Parapsicologia liga-se naturalmente a outras áreas das Ciências. Porque os fenômenos parapsicológicos são de ordem vital, psíquica e física. Sua complexidade é a mesma de todas as formas de manifestações vitais. Por isso, eles podem ser estudados e interpretados de várias maneiras, a partir de diferentes posições. Por exemplo: os parapsicólogos norte-americanos e europeus, da escola de Rhine, encaram os fenômenos como de natureza psicológica; e os parapsicólogos russos, da escola soviética, encaram os fenômenos como de natureza fisiológica. Os primeiros afirmam, atualmente, a natureza extrafísica, ou tipicamente psíquica, desses fenômenos, que nada teriam de material; os segundos sustentam a sua natureza fisiológica, e portanto material.

Essa e outras discrepâncias não invalidam nem prejudicam o desenvolvimento da Parapsicologia, que se processa com a mesma rapidez nos dois campos ideológicos em que se divide o nosso mundo. Porque, cientificamente, pouco importam as interpretações. O que interessa é o desenvolvimento da investigação, a descoberta progressiva, através de pesquisas científicas bem dirigidas, rigorosamente controladas e criteriosamente avaliadas nos seus resultados, da natureza dos fenômenos parapsicológicos. Somente isso poderá levar a Parapsicologia à conquista efetiva da área ou zona de fenômenos psíquicos e psicofísicos até há pouco inteiramente desconhecida, mas já agora bem demarcada nos mapas.

O livro do Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos: *O Novo Mundo da Mente*, apresenta-nos essa área na forma de um mapa bem delineado. Esse mundo, como diz o autor, só é novo para as Ciências. Porque, na realidade, é conhecido do homem há muitos milênios. Talvez desde que o homem existe. As Ciências atuais, que tratam de questões objetivas, deixaram de lado vastas zonas do conhecimento antigo cuja investigação objetiva era difícil, senão impossível. A zona dos fenômenos parapsicológicos foi uma delas. Mas agora, que as Ciências apresentam um grande desenvolvimento em todas as direções do conhecimento, já se torna naturalmente possível enfrentar o perigo e correr os riscos de investigações nessas zonas.



Não é justo, pois, acusarmos os parapsicólogos de medrosos por avançarem vagarosamente, nem os acusarmos de temerários quando arriscam interpretações como a extrafísica de Rhine ou a materialista de Vassíliev. Os que avançam por zonas desconhecidas devem ter a coragem das afirmações, quando se julgam suficientemente seguros nas suas conquistas. Mas os que ainda não obtiveram os mesmos êxitos têm o direito de duvidar e continuar avançando de maneira cautelosa. Isso acontece em todas as Ciências e em todas as disciplinas científicas e não somente na Parapsicologia. Os que alegam essas divergências como motivo para não tomarem conhecimento das novas descobertas são apenas comodistas. Encontram uma boa desculpa para não se darem ao incômodo de levantar-se de suas confortáveis poltronas, mas continuam cochilando enquanto o progresso caminha com os que andam.

Apesar disso é necessário estabelecer uma diferença entre a audácia dos exploradores legítimos e a impostura dos aventureiros. Estes aproveitam-se das confusões naturais e passageiras do desenvolvimento da nova disciplina científica para mais confundi-la no espírito público, em benefício de seus interesses pessoais ou sectários. É lícito ao investigador honesto, credenciado por seus conhecimentos e sua dedicação à ciência, tirar ilações audaciosas de suas conquistas, mesmo porque o fará dentro dos limites exigidos pelo bom-senso e a honestidade. Mas não é lícito ao aventureiro fazer afirmações infundadas e desonestas, torcendo e distorcendo as coisas para defender a sua opinião pessoal ou de grupo.

A Parapsicologia tem sido vítima desses aventureiros, que o povo não sabe distinguir dos investigadores e dos estudiosos honestos. Costumam dar espetáculos públicos em nome da nova disciplina científica, iludindo as pessoas desprevenidas, como se a Parapsicologia fosse uma nova forma de magia e ilusionismo. Arrastam as pessoas dotadas de sensibilidade especial às salas de espetáculo e as exibem às câmaras de televisão, sem o menor respeito pelo critério científico. Dão cursos de Parapsicologia sobre "comunicações com os mortos", e coisas semelhantes, como se problemas dessa natureza já estivessem resolvidos pela pesquisa parapsicológica, que mal os aflorou ainda, sem chegar a qualquer resultado definitivo. E tudo isso parece ter por finalidade o desprestígio da Parapsicologia, com objetivos obscurantistas.

O mesmo já sofreu a Psicologia, em passado recente. O mesmo sofreram outras Ciências e disciplinas científicas. Ninguém pode impedir que a ignorância, a má-fé interesseira, ou mesmo a ingenuidade promovam arruaças desta espécie em zonas pouco policiadas, como as da divulgação científica. Mas é evidente que as pessoas interessadas no conhecimento verdadeiro da Parapsicologia e do que se faz, nos grandes centros universitários do mundo, a seu respeito, não podem deixar-se embair por esses charlatães. Até mesmo nas instituições científicas, dedicadas exclusiva e rigorosamente ao tratamento científico da nova disciplina, eles têm conseguido infiltrar-se, defendendo teses absurdas, sustentando hipóteses duvidosas como verdades comprovadas ou fazendo exibições anticientíficas de *sujets* paranormais.

Os interessados em Parapsicologia devem compreender, antes de mais nada, que uma disciplina científica não comporta exibições de tipo teatral. O verdadeiro parapsicólogo, ou simplesmente o verdadeiro estudante de Parapsicologia, jamais se apresentará num programa de televisão ou num salão para dar espetáculos de ilusionismo e malabarismo ou para tentar as conhecidas "de-

monstrações" de telepatia pelo método de esquina de rua. A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento matemático para que possam ser legitimamente avaliados. Fora disso, o que temos é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade.

Os cursos populares de divulgação parapsicológica são benéficos, quando dados por instituições científicas idôneas com a finalidade de esclarecer o público e adverti-lo contra as mistificações. Seus certificados e diplomas têm apenas o valor de um atestado de boa-informação. Esses cursos não formam parapsicólogos. Apenas informam os seus freqüentadores quanto aos problemas e aos objetivos da nova disciplina. É assim, apenas assim, que devem ser encarados. Quando, pois, um pretense parapsicólogo se propõe a "ensinar" que a Parapsicologia nega a existência de espíritos, de comunicações espirituais, de princípios religiosos e filosóficos, como o da reencarnação e o da existência de Deus, os seus diplomas e certificados não têm sequer o valor de atestado de informação sobre o assunto.

Convém deixar bem claro que alguns parapsicólogos de renome mundial, sérios e altamente capacitados, chegaram a sustentar, com base nas ilações que tiraram de suas investigações, a supervivência da mente após a morte física. O Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, responsável pelas famosas experiências de telepatia com desenhos que forneceram as primeiras provas científicas da precognição, chegou a formular uma teoria parapsicológica da existência post-mortem. O Prof. Harry Price, catedrático de lógica da Universidade de Oxford, sustenta a mesma tese afirmando que a mente humana sobrevive à morte e tem o mesmo poder da mente do homem vivo, de influir sobre outras mentes e sobre o mundo material. O Prof. Soal, da Universidade de Londres, realizou com êxito experiências de "voz-direta", nas quais a voz do comunicante vibra no espaço independentemente do sensitivo ou médium. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, reconhece que nas experiências examinadas por sua esposa, a Profa. Louise Rhine, na Duke University, há casos que sugerem a participação de uma entidade extracorpórea.

Enquanto isso, Robert Amadou, na França, sustenta a posição católica segundo a qual os fenômenos paranormais são de ordem inferior, relacionados com o psiquismo animal, de maneira que não podem provar nada a respeito da alma e sua sobrevivência. "A rigor, escreve Amadou, podemos aceitar que alguns elementos inferiores do psiquismo conservem, depois da morte funcional do corpo, uma existência própria, e continuem, assim, não propriamente uma individualidade ilusória, que durante a vida era tomada pela verdadeira personalidade, mas aquilo que a tradição chinesa denomina de influências errantes. Tratar-se-ia de imagens e lembranças que não estariam ligadas a nenhuma consciência, de fatos psíquicos isolados, segundo a expressão do Prof. Broad, de fragmentos capazes de inspirar o médium" (*La Parapsychologie*, 4.a parte, cap. III, A questão da sobrevivência).

Essa posição de Amadou e Broad coincidem com a teoria teosófica de Helena Petrovna Blavatsky da existência dos "cascões astrais" ou corpos espirituais abandonados por almas ou espíritos. Teoria, aliás, considerada absurda por alguns teósofos, como se vê no livro de P. A. Sinnet: *Incidentes da Vida da Senhora Blavatsky*. Sinnet considera essa teoria como simples resultado de uma

precipitação de Blavatsky. E acrescenta: "Todos quantos, posteriormente, estudaram ocultismo, sabem hoje que o plano astral desempenha na vida de alémtúmulo um papel muitíssimo mais importante do que a errônea teoria dos "casões" nos fez inicialmente supor" (Cap. VIII: Residência nos Estados Unidos). Mas é evidente que tudo isto nos serve para mostrar que a Parapsicologia em si, como disciplina científica, não nega nem prova a realidade da sobrevivência espiritual e suas conseqüências. A controvérsia a respeito existe no campo parapsicológico como em qualquer outro.

Necessário, pois, dividir entre Parapsicologia e interpretações parapsicológicas. A Parapsicologia, como disciplina científica, trata objetivamente dos fenômenos paranormais, encontrando-se ainda na orla da praia desse vasto continente em que se estendem as planícies ou as regiões montanhosas das doutrinas religiosas e ocultistas. As interpretações religiosas e filosóficas dos resultados obtidos pela pesquisa parapsicológica podem ser, de acordo com a posição do analisador, favoráveis ou contrárias à sobrevivência espiritual do homem. Mas é evidente que mesmo nessas interpretações existem as que se orientam pelo bom-senso e a honestidade, e as que se desmandam em distorções dos fatos visando a objetivos sectários. Cabe às pessoas de bom discernimento fazerem a distinção necessária.

A Parapsicologia aparece no campo das investigações psicológicas como a conseqüência natural do desenvolvimento da chamada psicologia profunda, a partir de Freud, e da psicologia da forma ou Gestalt, a partir de Wertheimer. A Psicanálise iniciou a investigação do inconsciente, que a Parapsicologia aprofunda, e a Gestalt desenvolveu os estudos da percepção, que a Parapsicologia amplia.

Do encontro e da fusão dialética desses dois ramos da Psicologia surgem a teoria e a pesquisa da percepção extra-sensorial, considerada esta como captação direta da realidade pelo inconsciente, num processo gestáltico de percepção, ou seja, numa forma de percepção global que os sentidos físicos não abrangem. Os limites do psiquismo se ampliam muito além do sensorio comum. A Psicologia se liberta da sua sujeição ao físico e mesmo ao fisiológico, sem entretanto esquecer a realidade do condicionamento psicofisiológico. É o que examinaremos mais adiante.

\*

### **Mec - Mergulho no passado**

Tudo quanto escrevemos nos capítulos anteriores a respeito da progressão irresistível das pesquisas paranormais confirma-se neste capítulo. Fomos obrigados a acrescentá-lo a esta nova edição, não apenas para atualizá-la no campo da informação, mas também para sancionar as previsões formuladas no tocante ao avanço das pesquisas. Podemos dizer, ainda, que este capítulo prova a exatidão da segunda parte do volume, que tantos estudiosos demasiado sistemáticos, e sobretudo opiniáticos, haviam considerado como temerária. As perspectivas da Parapsicologia, que desdobramos ali, tornaram-se realidade, em grande parte, muito mais cedo do que esperávamos.

*Mec* é a sigla de memória extracerebral, o mais recente fenômeno a entrar no campo das pesquisas de *psi*. Com ele, esse campo de pesquisas se amplia de súbito, rompendo a aparente estagnação em que parecia haver caído. E assi-

nale-se a contradição: representando um mergulho no passado, *mec* é, na verdade, um salto no futuro. A colocação científica do problema de *mec*, simultaneamente na URSS e nos EUA, por cientistas de reconhecida capacidade e probidade, valeu por um rompimento inesperado das barreiras do preconceito que impediam o avanço das pesquisas e chegavam mesmo a ameaçar a Parapsicologia com a repetição da aparente derrota infligida pelos adversários à Metapsíquica. Podemos agora dizer que esse perigo foi afastado, exorcizado pela audácia dos pesquisadores modernos.

A expressão *memória extracerebral* surgiu simultaneamente com outras, como: *paramemórias* e *reencarnações sugestivas*. É evidente a superioridade teórica da primeira designação, que se emparelha perfeitamente com *pes* (*percepção extra-sensorial*) e ao mesmo tempo rejeita a suspeição de causas puramente sugestivas, que torna anticientífica a última designação. Por sinal que esta última surgiu na Rússia, onde é evidente o interesse ideológico de contestação do significado do fenômeno. Quanto à expressão *paramemórias*, que também se ajusta à nomenclatura parapsicológica, perde entretanto para *mec* no tocante às exigências de clareza e precisão.

*Memória extracerebral* é um tipo de memória que não pode estar no cérebro, pois este pertence à existência atual do indivíduo, surgiu com o seu corpo, *nesta vida*, como a *tábula rasa* dos empiristas — disco virgem para as primeiras gravações sensoriais — enquanto a referida memória corresponde a uma possível existência anterior. De onde vem ela? Esse o problema essencial a ser resolvido pelas pesquisas. Era muito fácil e cômodo, até há pouco tempo, resolvê-lo com um simples dar de ombros, negando a sua existência. Mas agora, com as provas científicas da sua realidade, só resta a evasiva simplória da sugestão ou a escapadela provisória pelas vias da *percepção extra-sensorial*. Essas duas vias de escape, entretanto, já se encontram bloqueadas pelas conseqüências teóricas e as evidências práticas das pesquisas.

Podemos dividir em três campos, no momento, a área de pesquisas de *mec*. De um lado temos o campo ocidental constituído pelos investigadores norte-americanos e europeus; de outro o campo oriental constituído pelos pesquisadores indianos e asiáticos; e por fim o campo soviético, onde se destaca a figura do Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou. As pesquisas realizadas no Brasil pelo Eng. Hernani Guimarães Andrade e outros pesquisadores, bem como as da Argentina, enquadram-se naturalmente no campo ocidental.

O pioneiro das investigações no meio universitário, ao que parece, foi o Prof. Dr. Hamendras Nat Barnejee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia. Desde 1954, segundo ele mesmo nos informou em entrevista pessoal, suas pesquisas vêm aprofundando a questão de maneira sistemática e rigorosa. Vários livros em que apresenta o resultado de seus trabalhos foram editados em inglês pela própria Universidade. Seu fichário de casos excede ao de qualquer outro pesquisador, indo além de um milheiro. Apesar disso, as suas conclusões não são tão positivas como as do Prof. Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, EUA, que parece agir com mais desenvoltura. O Dr. Barnejee dá-nos a impressão de um homem que sofre das restrições naturais determinadas pela sua condição de indiano. Sua posição científica é mais ou menos afetada pelo preconceito ocidental que sempre envolve as figuras da Índia numa auréola mística. Reagindo contra isso, Barnejee se mostra demasiado cauteloso,

embora nem sempre consiga manter essa cautela. Stevenson está livre dessa coação e age de maneira mais decisiva.

O pioneirismo de Barnejee, porém, restringe-se à atualidade. Antes dele temos de assinalar a presença vanguardista do Cel. e Prof. Albert De Rochas, Diretor do Instituto Politécnico de Paris, que em 1924 já lançava o seu livro *As Vidas Sucessivas*, pelos Editores Chacorcán Frères, e o Dr. J. Björkem, que em 1943 publicava em Estocolmo o seu livro *Hypnotiska Hallucinationerna*, pela Editora Litteraturforlaget. Na Inglaterra, embora não estritamente em plano universitário, o livro *This Egyptian Miracle*, do Dr. F. H. Wood, despertou grande interesse, relatando o caso de Rosemary, médium espontânea que falava o egípcio faraônico, revelando recordações de uma vida longínqua. Outro livro inglês, recente, e que enquadra o autor nas pesquisas atuais, é o do Dr. Alexander Cannon, médico da corte, intitulado *Reencarnação e Psiquiatria*.

Albert De Rochas foi o pioneiro das pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação. Sua técnica é hoje desenvolvida pelo Dr. Raikov, na Universidade de Moscou, favorecendo a posição do pesquisador em face do materialismo oficial da URSS. Daí a expressão *reencarnações sugestivas* por ele utilizada inicialmente. Mas Barnejee e Stevenson seguem outro método, preferindo o exame dos casos espontâneos de lembranças de vidas anteriores reveladas por crianças. Segundo esses dois cientistas, os casos espontâneos têm a vantagem da naturalidade, enquanto o processo de *regressão da memória* pela hipnose é artificial e o mais sujeito à suspeita de fabulações inconscientes pelo paciente. Os dois métodos, porém, vão se revelando aos poucos como processos complementares, servindo alternadamente para a comprovação científica da realidade das vidas sucessivas.

Em suas conferências e entrevistas em São Paulo o Dr. Barnejee colocou-se numa posição cautelosa, mas instado por um entrevistador de televisão, no Canal 4, chegou a sustentar a tese da prova da sobrevivência espiritual do homem através da pesquisa sobre a *memória extracerebral*. O Dr. Stevenson, em seu livro *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, no qual figuram dois casos observados no Brasil, admite que as pesquisas já romperam os limites da simples sugestão, atingindo a evidência. Isto mostra o quanto se avançou no campo da Parapsicologia nestes últimos anos. Mas como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica, e portanto irrefutável, de um caso de reencarnação através das manifestações espontâneas ou provocadas da *memória extracerebral*? É o que procuraremos esclarecer a seguir.

O método seguido por De Rochas é ainda o empregado pelos cientistas atuais, mas aperfeiçoado. Com exceção, naturalmente, de Raikov, que não se preocupa com a verificação da realidade da reencarnação, mas apenas com o problema em si, estritamente psicológico, da *memória extracerebral*. Raikov, na linha pavloviana da psicologia soviética, pretende explicar o fenômeno em termos biológicos. Mas tanto Barnejee como Stevenson, e os demais cientistas que os acompanham nesse campo de pesquisas, seguem as trilhas de De Rochas: verificação objetiva das lembranças nos locais e meios social e familiar em que teria vivido a personalidade anterior, que agora aparece como reencarnada. Essa verificação, dando resultados positivos, é tanto mais significativa quanto menos as pessoas atuais, em cujo meio vive o reencarnado, tiverem informações sobre os fatos lembrados. Ou seja: quanto mais estranhos sejam para os familiares atuais do reencarnado os locais, as pessoas e os costumes de sua existência anterior.

A esse método de verificação acrescentaram-se técnicas modernas de comparação tipológica, tanto de natureza psicológica como biofisiológica. Barnejee e Stevenson servem-se de fichas tipológicas comparativas. Isso é possível nos casos de reencarnações recentes, particularmente em meios sociais afins, por exemplo: no mesmo país, na mesma família ou em famílias interligadas por relações de amizade. É possível também no caso de personalidades que deixaram marcas na tradição local ou na História, tornando-se impossível em casos de reencarnações que implicam distâncias maiores de tempo entre a vida anterior e a atual, porque então escasseiam ou desaparecem totalmente os dados da tipologia anterior. De qualquer maneira, essa técnica de comparação tipológica, quando bem aplicada, proporciona elementos valiosos de evidência.

Stevenson, seguindo tentativas feitas no passado por Sir Oliver Lodge e atualmente por C. J. Ducasse, dá grande importância aos padrões culturais, que podem ser confrontados, entre as duas personalidades, mesmo quando colocada a segunda (a do reencarnado) em situação cultural e social diferente da situação do passado. Nos padrões de comportamento, Stevenson dá grande valor às manifestações claras, precisas, de habilidades que o reencarnado não pode ter obtido na vida presente e que o identificam com a personalidade anterior. Nos padrões físicos, corporais, destacam-se os sinais de nascimento e as deformações que podem identificar, ao menos em princípio, a personalidade atual com a personalidade anterior. Em vários casos há também um elemento ponderável a ser considerado: o aviso de reencarnação, que poderíamos chamar de *anúnciação* em virtude dos casos clássicos de anúnciações de nascimento nas várias religiões. Lembre-se a anúnciação do anjo a Maria, a anúnciação do nascimento de João e assim por diante. As anúnciações, naturalmente mais modestas, feitas no âmbito familiar, têm inegável significação quando o fato se realiza e as suas circunstâncias confirmam a previsão.

Todo esse processo de verificação dos casos de reencarnação não exclui a multiplicidade de teorias explicativas do fenômeno de *memória extracerebral*. Mas, como em todos os campos da Ciência, e particularmente no setor específico das Ciências Psicológicas, a verificação depende da capacidade e habilidade do investigador, pois o processo é complexo, implicando numerosos fatores sutis (porque psíquicos) e exigindo elevado grau de bom-senso, de conhecimento dos problemas em causa e de capacidade de discernimento. Como assinala Stevenson, é preciso discernir, por exemplo, entre casos de *possessão* e de reencarnação. Os casos de *possessão* pertencem ao capítulo da mediunidade. Uma criatura atual é *possuída* pelo espírito de outra, que se manifesta nela como personalidade alternante. O interessante neste caso é a aceitação científica, e já agora pacífica, dos casos de manifestações mediúnicas. A evidência dos casos de reencarnação supera a fase das discussões teóricas sobre a questão da sobrevivência espiritual e da comunicabilidade dos mortos. Stevenson confunde, em certos casos, a *possessão* mediúnica com a reencarnação propriamente dita, o que prova que ele não é espírita.

Façamos justiça a Allan Kardec e ao Espiritismo, reconhecendo sua prioridade no campo das investigações científicas sobre a reencarnação. A "Revista Espírita" (coleção do tempo de Kardec) hoje editada em português, é um valioso repositório de fatos e uma eloqüente demonstração do esforço de Kardec no campo da pesquisa psíquica, para provar a reencarnação. E os métodos hoje postos em prática pelos cientistas têm as suas raízes mais profundas no Espiritismo.

Ao contrário do que dizem as pessoas mal informadas ou mal intencionadas, Kardec não tirou o princípio da reencarnação das doutrinas da Índia. O princípio espírita da reencarnação originou-se das manifestações dos espíritos e confirmou-se nas pesquisas. O próprio Richet, no *Tratado de Metapsíquica*, reconhece que Kardec jamais aceitou um princípio que não fosse confirmado pela experiência, pela investigação de tipo científico. Até mesmo a questão das fichas tipológicas atuais já teve o seu precedente n'*O Livro dos Espíritos*. O meio ali indicado para saber-se o que se foi no passado é o exame das tendências atuais. Essas tendências, vocações e habilidades, revelam no presente as conquistas efetuadas no passado pelo espírito.

Kardec se considerava um druida reencarnado. O mesmo aconteceu com Léon Denis, continuador de Kardec, a quem Conan Doyle chamou *um druida da Lorena*, em cuja província ele havia nascido. Kardec publicou na Revista um curioso estudo sobre os celtas e sua religião, o Druidismo. Léon Denis desenvolveu esse estudo num livro dos mais belos e mais curiosos: *Le Genie Cèltique et le Monde Invisible*. Mas ambos, Kardec e Denis, não acreditavam apenas que eram druidas reencarnados na França, território da antiga Gália de Vercingetórix. Eles *sabiam* que o eram. E sabiam porque: porque haviam constatado as suas tendências, a orientação cultural (o problema dos padrões de cultura) que já traziam em seus espíritos ao nascer, a sua predisposição para o reerguimento dos princípios druídicos (reencarnação, comunicação mediúnicamente, existência dos vários planos espirituais, lei da causa e efeito, conceito de Deus e lei de evolução) através do Espiritismo.

As provas da reencarnação no Espiritismo abrangem todos os elementos considerados pelas pesquisas científicas atuais. São considerados elementos probantes os seguintes: lembranças de vidas passadas, sinais físicos reproduzidos no reencarnado, anúncio mediúnicamente de renascimento (comprovada por sinais ou semelhanças temperamentais e tipológicas), súbito reconhecimento pelo reencarnado de locais em que vivera e de pessoas com as quais convivera (sempre que seguidos de comprovações objetivas), simpatias ou antipatias acentuadas e sem motivos imediatos entre pessoas (excluídos os casos de simples atração ou repulsão fluídica por motivos de disposições temperamentais ou psíquicas). Como se vê, a posição espírita, rejeitada pelas Ciências, é a mesma por elas adotada na atualidade. Há profundas diferenças entre as leis da reencarnação no Espiritismo e nas antigas religiões da Índia e de outros povos, bem como na posição dos espíritas ante o problema e a posição dos indianos, por sinal bem ressaltada pelo Dr. Stevenson em seu livro acima citado. A concepção espírita da reencarnação se liga, de um lado, à do Cristianismo primitivo, e de outro lado à concepção druídica, segundo acentuaram Kardec e Denis.

A concepção cristã da reencarnação encontra-se nos próprios Evangelhos e alguns dos Pais da Igreja, como Orígenes, São Clemente de Alexandria e São Gregório de Nazianza. A concepção celta se encontra nas *tríades druídicas*, exposição da doutrina em estrofes de três versos, largamente estudadas pelos especialistas ingleses, franceses, escoceses e outros. Kardec apresenta essas duas concepções confluindo na Doutrina Espírita, e dialeticamente se fundindo na síntese superior da concepção espírita, o que as investigações científicas estão agora comprovando e referendando. Como se sabe, o princípio da reencarnação vem de épocas imemoriais. Desenvolveu-se amplamente nas civilizações antigas, como a do Egito, as da Mesopotâmia, da Índia e da China. As tradições re-

ligiosas de Israel a registram com o nome de *ressurreição* e os judeus atuais, estudiosos de sua religião, não podem negá-la. Mas o Cristianismo herdou essa tradição e aprimorou-a, apesar de tê-la suprimido (bem como à pneumatologia ou manifestação mediúnica) para vê-la renascer nos tempos modernos através do Espiritismo, que Kardec apresentou como uma forma de Renascimento Cristão.

As concepções da reencarnação variaram através dos tempos e dos povos, desde a forma retroativa da Metempsicose egípcia, que Pitágoras adotou, até às formas confusas da ressurreição judaica e cristã (João Batista era Elias, Jesus um dos profetas antigos e ensinava que *é preciso nascer de novo, da carne e do espírito* — ou da água e do espírito, o que dá na mesma, pois a água era símbolo do elemento material para os antigos). Essas variações não militam contra, mas a favor do princípio da reencarnação, como realidade interpretada diversamente por diversas culturas. O que a Ciência faz agora com *mec* (*memória extracerebral*) é o que já fez com vários outros problemas religiosos e terá de fazer com outros no futuro: racionaliza-os, integrando-os na cultura contemporânea através da pesquisa e da comprovação. O sobrenatural dá lugar ao natural. A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável) à semelhança das leis físicas e matemáticas. Assim, o estudo e a pesquisa de *mec* representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento, reintegrando esse campo na sua unidade perdida e reintegrando o espírito no quadro das realidades científicas do século.

A falta de pesquisas intensivas sobre a reencarnação no Brasil e em toda a América de língua castelhana decorre principalmente da falta de recursos financeiros e de pessoal habilitado. Nos Estados Unidos, como se vê pelos trabalhos ali publicados — e um dos atestados disso é o livro de Ian Stevenson — os pesquisadores são financiados por indivíduos ou instituições que lhes permitem a tranqüilidade, as condições e o tempo necessários. Por outro lado, as condições culturais e a preparação universitária dos pesquisadores facilita a habilitação para esse campo específico e difícil de estudos e investigações. Em nossos países latino-americanos escasseiam recursos, condições e preparação.

Stevenson observou em seu livro que as condições psicológicas no Brasil são mais favoráveis do que na própria Índia, onde uma tradição espiritualista de tipo arcaico, fundamentada em pressupostos místicos e eivada de superstições, dificulta o aparecimento dos casos e mais ainda a sua pesquisa. As condições psicológicas do Brasil decorrem de sua formação cultural, na qual Stevenson destaca duas correntes importantes de contribuição, provenientes de fontes e camadas estruturalmente diversas. A primeira é a corrente africana, folclórica, representada pelas religiões primitivas trazidas até nós pelo tráfico negreiro. É a corrente do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, da mistura de religiões e crenças do continente negro com o Catolicismo e as crenças indígenas de nossa terra. A segunda é a corrente filosófica francesa, que chegou bem mais tarde, somente em fins do século passado, com o Espiritismo e portanto com as obras de Allan Kardec. Entre esses dois extremos da estrutura cultural — o Folclore africano e a Filosofia francesa (esta particularmente em suas conseqüências religiosas) — há porém a vasta área de reação da cultura acadêmica européia, de tipo materialista, que levanta uma barreira de preconceitos contra as pesquisas parapsicológicas.



Há inegavelmente um complexo de inferioridade cultural em toda a América Latina, que não lhe permite o arejamento e a desenvoltura com que norte-americanos e europeus enfrentam o momento de transição em que nos encontramos no mundo. A evolução cultural do nosso tempo já superou, e com muita rapidez, a fase de materialismo defensivo que marcou fortemente a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. As próprias conquistas da Física abriram novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial. Mas os meios intelectuais — e particularmente os universitários — no Brasil e demais países do continente, não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais. Permanecem fechados na casca de tatu do materialismo superado, convencidos de encontrarem-se ainda na trincheira da verdade contra a superstição, sem perceberem que a guerra já acabou e a anistia ampla se faz em todo o mundo. Encastelado assim numa posição retrógrada, o nosso intelectualismo acadêmico se vê acuado, principalmente no Brasil, pelas avalanchas de *hordas bárbaras* que aumentam sem cessar, tanto no campo da corrente africana quanto no da corrente francesa. Essa teimosia o levará fatalmente a uma derrocada semelhante à do Império Romano, mas enquanto não se der a queda da orgulhosa Roma Imperial a pesquisa de *mec* entre nós prosseguirá em ritmo de catacumba, à luz de archotes. Esse aspecto trágico da situação cultural brasileira escapou naturalmente à observação de Stevenson.

Os casos de reencarnação no Brasil, conhecidos particularmente no meio espírita, são numerosos. Mas o interesse existente nesse e em outros meios culturais afins é esterilizado pela indiferença e pela reação dos meios universitários. Essa reação, num país de pouco desenvolvimento cultural, exerce poderosa influência, levando as próprias famílias em que ocorrem os casos de reencarnação a uma curiosa posição de ambivalência: de um lado, elas se orgulham da ocorrência, que as torna objeto de interesse especial dos meios espiritualistas; de outro lado elas se esquivam e disfarçam a situação, com o receio de serem consideradas pelos intelectuais como redutos de superstições, e também com o receio (por sinal muito humano e muito de acordo com o sentimentalismo brasileiro) de exporem os seus parentes reencarnados ao ridículo e lhes criarem situações embaraçosas no futuro. Isso particularmente nos casos de reencarnação com mudança de sexo. Mas apesar disso os ventos do mar largo, que sopram de todos os quadrantes do mundo, e o desenvolvimento cultural acelerado dos últimos anos nos levam a esperar, talvez para mais breve do que se pensa, uma mudança favorável dessa situação opaca para a transparência necessária.

Não é fácil fazer um levantamento geral dos pesquisadores atuais da reencarnação em todo o mundo. Por toda a parte eles se multiplicam sem cessar. Basta correr os olhos em algumas publicações especializadas da Europa e da América, particularmente o *Journal of Parapsychology*, para se ver a abundância de estudos publicados a respeito. Mas o livro de Ian Stevenson, *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, oferece-nos, já nos agradecimentos do autor aos que com ele colaboraram, uma lista impressionante de figuras exponenciais das Ciências contemporâneas. Na abertura de um ciclo de conferências na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, o Dr. Barnejee declarou que pôde verificar pessoalmente a existência, na Rússia, de duzentos cientistas empenhados na investigação da *memória extracerebral*. Barnejee tem estado com certa frequência nos Estados Unidos, na URSS e no Canadá, três países em que essas pesquisas se processam com mais intensidade.

Ian Stevenson é diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, EUA. Entre os cientistas atuais citados no seu livro podemos destacar os seguintes: Dr. Karlis Osis, eminente Parapsicólogo norte-americano; Dr. Robert Laid-law, Psicólogo e Diretor do Hospital Roosevelt, de New York; Prof. C. J. Ducasse, da American Society for Psychical Research; Prof. Gardner Murphy, famoso Psicólogo norte-americano; Dr. J. G. Pratt, do grupo de parapsicólogos da Universidade de Duke, EUA; Prof. P. Pal, do Itachuna College de Bengala Ocidental; Prof. B. L. Atreya, da Universidade Hindu de Benares; Dr. Jamuna Prasad, Diretor do Gabinete de Psicologia do Ministério da Educação da Índia; Dr. William A. Coates, da Universidade do Ceilão e atualmente na Universidade de Rochester, EUA; Dr. Ananda Maitreya, da Universidade de Vidalankara, Índia; Dra. Louise Rhine, esposa e companheira de pesquisas do Dr. Joseph Banks Rhine, Duke University, EUA.

*Mec* pertence ao campo de *psigama* no quadro de classificação dos fenômenos paranormais. Sua própria natureza o inclui nesse campo, pois tratando-se de *memória* não tem nenhuma forma de manifestação exterior. Não obstante, como todos os fenômenos parapsicológicos, suas provas são sempre objetivas. Só podemos saber se estamos diante de *mec* ou de uma fabulação inconsciente pelo confronto das lembranças do paciente com a realidade histórica e social.

#### **GI - Gravação do inaudível**

As gravações do inaudível ainda não tiveram a sua classificação parapsicológica nem receberam a sua sigla. Mas depois que o Dr. Konstantin Raudive apresentou ao III Congresso Internacional de Parapsicologia de Puchberg seu relatório sobre 30.000 das 80.000 gravações que havia obtido, fazendo-o na qualidade de psicólogo e parapsicólogo, o assunto passou ao campo parapsicológico e está sendo submetido a pesquisas intensivas. Não há mais dúvida quanto à realidade do fenômeno nem quanto à sua qualificação como paranormal. As vozes gravadas provêm de entidades espirituais, muitas delas identificáveis. Foi o que convenceu Raudive. A primeira voz que ouviu, dirigindo-se a ele e chamando-o pelo nome, foi de Margarete, moça que fora empregada de sua mãe por muitos anos e havia morrido há pouco tempo.

Na verdade, a única novidade desse fenômeno é o fato de se gravarem as vozes em fitas magnéticas de gravadores comuns. Para os cientistas esse fato é importante: dá-lhes maior segurança na pesquisa e reveste o seu trabalho de um aspecto novo, atualizado, segundo os moldes da era tecnológica. Mas para os espíritas a gravação de vozes tem seus antecedentes nos fenômenos de *voz-direta* e de *escrita-direta*. Kardec, servindo-se da mediunidade do jovem Didier, filho do seu editor, obteve vários fenômenos de *escrita-direta* e até mesmo de impressão tipográfica por esse processo. Essas experiências foram relatadas na "Revista Espírita" e hoje podem ser lidas na nossa língua, pois a coleção da Revista foi traduzida e editada em São Paulo. Vários cientistas obtiveram resultados semelhantes. São das mais famosas as experiências do Prof. Frederico Zöllner, da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Era Catedrático de Física e suas pesquisas foram relatadas no livro *Física Transcendental*. Há uma edição paulista com o título de *Provas Científicas da Sobrevivência*, lançada pela EDICEL.

Os fenômenos de *voz-direta* e de *escrita-direta* incluem-se na classificação espírita de efeitos físicos, que corresponde à classificação parapsicológica de *psikapa*. Decorrem do princípio de *ação da mente sobre a matéria*. E dependem naturalmente da mediunidade, ou seja, das *funções psi* de *sujeitos paranormais*. A fita magnética não exerce nenhuma influência especial no caso. Sua função é a mesma do papel ou da lousa: receber passivamente a influência da voz, que nela se grava como a de qualquer pessoa viva. A aparelhagem técnica moderna substituiu o papel e a lousa. Pode-se alegar que a voz gravada é inaudível. Ninguém a ouve no momento da gravação. Mas o mesmo se dá com a escrita-direta. Usa-se o papel ou a lousa sem necessidade de lápis ou caneta. Ninguém vê os elementos invisíveis que vão grafar as palavras. A tinta do lápis ou da pena só aparece no ato mesmo da escrita. No caso da impressão tipográfica isso é mais tocante. Ninguém vê os tipos, nem a máquina de impressão, nem a tinta usada, nem ouve o barulho da máquina, e não obstante a impressão sai tão perfeita que se pode notar o rebaixo dos tipos no papel. A mensagem impressa não é um texto formal, mas um bilhete, um aviso, uma carta. E o fenômeno pode ser repetido à vontade.

Assim, a gravação do inaudível confirma a tese de que as comunicações espirituais são intrinsecamente de natureza psíquica. Segundo Kardec elas não dispensam o médium, pois só este pode fornecer às entidades extra-corpóreas os elementos vitais necessários. Os gravadores registram as vozes inaudíveis quando o pesquisador é médium ou dispõe de médiuns ao seu serviço. O pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, neuropsiquiatra de Gênova, tem mediunidade e grava músicas e vozes com facilidade, mesmo quando não está realizando pesquisas. Outros pesquisadores nada conseguem se não dispuserem de médiuns ao lado. Isso parece liquidar o sonho das *máquinas-mediúnicas*, destinadas a substituir a mediunidade humana. Não há máquina que possa substituir o homem, porque o destino das máquinas é servir ao homem.

O descobridor do fenômeno de gravação do inaudível foi o pintor estoniano Friedrich Jürgenson, que durante a última guerra mundial se refugiara na Suécia. Morando numa casa de campo em Mölnbo, próximo a Estocolmo, tentava gravar o canto dos pássaros para fazer a trilha sonora de um filme. Precisamente às 16 horas e 5 minutos do dia 12 de junho de 1959 (contava então 50 anos de idade) instalou o seu gravador numa tenda armada no bosque e pôs o microfone para fora. Um pássaro cantava. Quando parou, Jürgenson quis ouvir a gravação. Estava perfeita, mas além do canto ouviam-se rumores estranhos de vozes humanas à distância e acordes musicais. Estava descoberto o novo fenômeno, embora Jürgenson, a princípio, não compreendesse do que se tratava.

Coube ao Dr. Raudive, alemão que também se refugiara na Suécia durante a guerra, esclarecer o problema de Jürgenson e colocar cientificamente a questão no campo da Parapsicologia. Jürgenson conta em seu livro *Sprechfunk Mit Westorbenen*, já editado em português com o título de *Telefone para o Além* (Editora Civilização Brasileira) a decepção que sofreu com alguns cientistas, entre os quais o Prof. Olander e elementos da Faculdade de Parapsicologia da Universidade de Estocolmo. Björkhem, famoso investigador sueco, professor universitário, foi o único a levar a questão a sério, mas já no fim da vida, sem tempo nem forças para se dedicar ao assunto. Jürgenson havia já desistido de contatos com os cientistas quando de surpresa foi bater-lhe à porta o Prof. Konstantin Raudive, formado em Psicologia e Filosofia pelas Universidades de Paris, Upsa-

la e Edimburgo. Um homem arejado, de profundos conhecimentos e com experiência parapsicológica. Foi ele o novo Zöllner da pesquisa psíquica alemã, que em breve se colocou em evidência mundial com suas pesquisas metódicas e suas irrefutáveis gravações do inaudível.

O famoso parapsicólogo alemão Hans Bender, de Friburgo, interessou-se também pelas gravações do inaudível. O médico alemão Felix Kersten, que durante a segunda guerra mundial exerceu grande influência sobre Himmler, também se interessou. O Rev. Leo Schmidt, da Igreja Católica da Suíça, formado em Ciências pela Universidade de Friburgo, destacou-se logo como um dos maiores interessados na pesquisa do fenômeno. O médico Felix Kersten, autor do livro *Conversas com Himmler*, comunicou-se com Jürgenson após a morte, revelando-lhe que morrera de um colapso cardíaco. O Dr. Kjell Stenson, Chefe da Técnica de Som da Radiodifusão Sueca, interessou-se pelas experiências e divulgou-as, sustentando sua legitimidade. A participação dos técnicos de rádio e TV no controle e aprimoramento das pesquisas tem sido intensa.

As pesquisas de Raudive em Bad Krozingen, Alemanha Ocidental, atraíram numerosos cientistas internacionais. Jürgenson, naturalmente entusiasmado com a sua descoberta, insiste em afirmar que as gravações do inaudível constituem "os primeiros fenômenos paranormais a serem pesquisados por meios fisio-técnicos na história da humanidade". Um perdoável exagero, pois as pesquisas de Crookes, Zöllner, Richet e outros no passado, e principalmente as pesquisas parapsicológicas atuais, na América e na Europa, bem como na Rússia, têm sido feitas com a utilização desses meios, com o emprego de aparelhagens especialmente construídas. Mas, como acentuamos, os aparelhos, por mais aprimorados que sejam, nunca dispensaram a presença do médium ou sujeito paranormal. São apenas instrumentos destinados a dar maior eficiência às pesquisas e garantir maior exatidão no controle dos resultados.

Maior razão teriam os físicos e biólogos soviéticos ao reclamar prioridade na obtenção de provas concretas da existência do espírito, o que evidentemente não fazem. Não por modéstia, mas porque não podem admitir que as suas provas se refiram ao espírito. Os dogmas fundamentais do Marxismo, que constituem a interpretação materialista do Universo — negando estranhamente a própria dialética em que pretendem firmar-se — excluíram o espírito da realidade cósmica. A dialética hegeliana estava em pé, encarando o futuro, e o Marxismo a virou de cabeça para baixo. Duro trabalho vão ter agora os soviéticos para reerguê-la de novo.

### **A Física Descobre A Fonte do Paranormal**

A descoberta progressiva da antimatéria, a partir dos idos de 1930 — justamente quando nascia a Parapsicologia na Universidade de Duke — levou os físicos de todo o mundo à descoberta do espírito. Foi precisamente para aprofundar o conhecimento da antimatéria que o casal Kirilian conseguiu inventar uma câmara fotográfica de alta frequência — ou melhor, que opera sobre um campo imantado de energia de alta frequência — para fotografar além da matéria. A câmara kirilian realizou prodígios. Dotada de aparelhagem ótica, permitiu aos fotógrafos observarem os aspectos surpreendentes de uma nova realidade. A surpresa maior foi a descoberta de que as coisas e os seres não possuem apenas a estrutura material que conhecemos, mas uma estrutura interna e inteiramente desconhecida, de natureza energética. Essa estrutura não é opaca e sem luz, co-

mo as da matéria, mas transparente e luminosa. A conclusão preliminar a que chegaram é a de que essa estrutura energética constitui o fundamento, o molde e a fonte vital dos organismos materiais.

"Trata-se — explicaram — de um verdadeiro organismo totalmente unificado, que age como unidade e produz o seu próprio campo eletromagnético, base dos campos biológicos." Bastaria isso para dar-nos a confirmação da intuição genial de Claude Bernard, o pai da Medicina moderna, quando sustentou a necessidade de um modelo energético para manter a estrutura orgânica do corpo humano, com a especificação estrutural das células ante as mutações e renovações constantes de todo o organismo no decorrer da existência.

Mas o casal Kirilian foi além, ao verificar, em suas experiências, que o brilho do corpo energético não é constante nos seres vivos, revelando maior ou menor intensidade, e que essas variações indicam modificações dos *estados interiores* dos seres, sejam eles vegetais, animais ou humanos. Chegaram mesmo a afirmar que as atividades psíquicas do homem são anotadas no corpo energético em forma de hieróglifos luminosos e coloridos. "Conseguimos inventar — dizem os Kirilian — um aparelho que pode grafar esses hieróglifos, mas precisamos de auxílio para a sua interpretação." Verificaram ainda que o estado emocional dos pesquisadores influi no objeto a ser fotografado, produzindo essas alterações. Essa descoberta, puramente ocasional, abre uma nova possibilidade no campo da comunicação, confirmam os resultados das pesquisas parapsicológicas no tocante às influências telepáticas reciprocamente exercidas entre os homens.

Não há mistérios na existência desses hieróglifos luminosos e coloridos, nem na possibilidade de grafá-los para interpretações posteriores. Esse processo corresponde de certa maneira à gravação das ondas eletromagnéticas do cérebro no eletroencefalograma. Teremos logo mais de construir aparelhos captadores das ondas luminosas do corpo energético para o estudo das condições de saúde. Por outro lado, essa bioluminescência não é de natureza elétrica ou eletromagnética, pertencendo a uma classe de energia ainda desconhecida. Esta última conclusão lembra a de Vassíliev quando afirmou que o pensamento é "uma energia física de tipo ainda não conhecido, produzida pela forma mais evoluída de matéria que constitui o córtex cerebral".

O relacionamento dessas descobertas com a Medicina se acentua quando as experiências soviéticas revelam que as doenças orgânicas podem ser previstas pelo exame da luminescência do corpo energético. Investigações com vegetais e animais demonstraram essa possibilidade. Alterações mórbidas das plantas começam nas modificações de brilho e coloração de sua estrutura energética, o mesmo se dando no tocante aos animais. Scheila Ostrander e Lyn Schroeder consideram em seu livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Edição Prentice-Hall, New York) que as conseqüências dessa descoberta do corpo energético atingirão quase todas, senão todas as áreas do nosso conhecimento atual. Podemos avançar um pouco mais, admitindo que se trata de uma verdadeira revolução copérnica. Essas duas pesquisadoras universitárias norte-americanas foram à Rússia e entrevistaram os cientistas soviéticos. As declarações dos cientistas equivalem a revelações proféticas, lembram as visões bíblicas do mundo espiritual e particularmente as referências do apóstolo Paulo ao corpo espiritual. Eufóricos, como que se libertando inesperadamente da asfixia materialista, os cientistas afirmam que *o homem não é apenas uma máquina orgânica*. Os tomés

do materialismo científico tocaram as chagas do Cristo e estão ao mesmo tempo surpresos e deslumbrados.

O pedido de ajuda do casal Kirilian foi atendido. Biólogos, físicos, biofísicos e bioquímicos soviéticos reuniram-se em Alma Ata, centro de pesquisas espaciais da URSS, e realizaram pesquisas intensivas com a câmara kirilian. Em 1968 uma comissão designada oficialmente para examinar o assunto, composta de elementos exponenciais das ciências, iniciou trabalhos de investigação planejada no mesmo local, chegando a conclusões definitivas sobre a realidade do corpo energético, a que deram o nome de corpo bioplasmático ou corpo bioplástico. Essa comissão era integrada pelos Profs. Grischenko, Gibadulin, Vorobev, Inyushin, Shouiski e Fedorova. A câmara kirilian teve a aprovação oficial da Academia de Ciências e passou a ser considerada como o mais avançado instrumento de pesquisas científicas da União Soviética. Mas, ao mesmo tempo, abriu-se uma nova frente de luta para o materialismo oficial do Estado. Os cientistas soviéticos estão convocados para a batalha impossível de demonstrar que o corpo bioplástico não passa de um organismo de plasma biológico, talvez de um plasma constituído de partículas ainda desconhecidas.

A propósito, os cientistas definiram inicialmente o corpo bioplástico com as seguintes palavras: "É uma espécie de constelação do tipo elementar, que se aproxima à natureza do plasma, constituída de elétrons ionizados e parece que excitados, de prótons e provavelmente de outras partículas atômicas". Essa tentativa de explicação lembra a teoria de Paul Dirac, físico inglês, que em 1932 anunciou a existência de um oceano de elétrons livres que constituiria a essência da realidade. Tudo o que conhecemos como real, dizia Dirac, não é mais do que uma película exterior, muito tênue, ocultando-nos o real verdadeiro. O Prof. Soinoyukovitch, da Universidade de Moscou, propõe a utilização da antimatéria como energia propulsora de naves espaciais. O elemento propulsor seria a luz ou essa luminescência do corpo bioplástico revelado pela câmara kirilian. E o Prof. Lev Landau, Prêmio Nobel de Física, também russo, propõe uma nova Física em face da descoberta da antimatéria. Como se vê, a revolução copérnica da Física está em marcha e o seu ponto culminante é a descoberta do corpo bioplástico.

No tocante à Parapsicologia, essa descoberta vem revelar a fonte dos fenômenos paranormais. O elemento extrafísico do homem, proposto pelo Prof. Rhine, está confirmado pelos físicos e biólogos soviéticos. Isso é tanto mais impressionante quanto foram os parapsicólogos russos, tendo à frente Vassíliev, os mais ardorosos impugnadores da teoria de Rhine. Convém lembrar, a bem da verdade, que Kardec foi o primeiro a sustentar a existência do corpo energético, dando-lhe a designação técnica de perispírito. Esse perispírito ou corpo espiritual do homem também existiria nos objetos e nos seres vegetais e animais. Kardec afirmou a natureza mista desse corpo, que seria formado pelo que ele chamou de fluido universal, uma espécie de plasma cósmico, substância de tudo quanto existe no Universo, constituído de partículas materiais e não-materiais ou espirituais. Todos os fenômenos mediúnicos — hoje chamados paranormais — procederiam desse organismo que, segundo o Espiritismo, liga o espírito ao corpo.

O avanço da Parapsicologia na descoberta de novas dimensões da realidade — como acentuamos desde a primeira edição deste livro — tem sido amparado pelo avanço da Física. Mais uma vez podemos afirmar que as perspectivas apontadas na segunda parte deste volume estão se confirmando mais rapi-

damente do que pensávamos. Já agora essas perspectivas, criticadas por alguns estudiosos do assunto como exageros de imaginação, recebem a inesperada sanção dos físicos. Nenhuma das áreas do conhecimento escapará ao impacto das descobertas parapsicológicas, como compreenderam Ostrander e Schroeder. Dentro em pouco veremos o problema do espírito voltar à sua antiga posição: será o problema central das Ciências. E com isso a unidade do Conhecimento estará restabelecida em torno do homem. Porque é ele, como Ser, o problema essencial da Filosofia e como alma o problema central da Religião. *Ser, espírito e alma*, o homem assim encarado, em seus três aspectos, pelas três formas dominadoras do campo do Conhecimento, será realmente a imagem de Deus na Terra.

Mas como, para ser a imagem digna de Deus, o homem deve também ser imortal, os cientistas soviéticos resolveram aplicar a câmara kirilian numa série de pesquisas sobre o fenômeno da morte. O materialismo estaria salvo se as experiências demonstrassem que o corpo bioplástico morre com o corpo biológico. Observando os momentos finais de moribundos e documentando essas observações com fotografias em seqüência verificaram que há uma dispersão progressiva de pontos luminosos, como se o corpo bioplástico se desprendesse do corpo físico num fluxo crescente de partículas. Isso tanto no homem como no animal. À proporção em que as partículas se perdem no ar o corpo material perde toda a luminescência, tornando-se opaco. Só então o corpo do animal e do homem se cadaverizam. Ao mesmo tempo, detectores de vibrações biológicas continuam a captar vibrações de campos de força vital à distância do cadáver.

Esse curioso processo de desprendimento das partículas bioplásticas coincide perfeitamente com numerosas observações espíritas, feitas por videntes, junto a leitos mortuários, e com explicações mediúnicas dadas por entidades espirituais. Léon Denis explica em seu livro *Depois da Morte*: "A separação é quase sempre lenta, o desprendimento da alma se opera gradualmente. Começa algumas vezes muito tempo antes da morte e se completa com a ruptura dos últimos laços fluídicos que unem o corpo ao espírito". Denis foi discípulo e continuador de Kardec. Em *O Livro dos Espíritos* Kardec explica: "A observação prova que no instante da morte o desprendimento do espírito não se completa subitamente; ele se realiza gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos". Nas descrições dos videntes é comum a referência a um desprendimento gradual de elementos do perispírito (ou corpo bioplástico) que vão se juntando aos poucos a certa distância do cadáver.

Conicionados pela concepção materialista, os cientistas soviéticos, ao verificarem esse desprendimento de partículas, perguntam se não é o corpo bioplástico que também está se desintegrando. Falta-lhes o conhecimento das pesquisas psíquicas intensivas sobre o momento do desenlace. Se tivessem esse conhecimento ficariam assombrados ao ver nas suas experiências a confirmação em minúcias de observações já feitas há mais de um século. A captação de campos de força vital à distância do cadáver é suficiente para confirmar o afastamento do corpo bioplástico, que em geral repousa em fase de refazimento.

Tudo quanto acabamos de expor justifica a designação de corpo bioplástico dada pelos físicos soviéticos ao perispírito. O episódio da morte mostra que a primeira parte da expressão, o prefixo *bio*, que quer dizer vida, corresponde precisamente à função vital desse corpo. O sufixo *plasmático*, ou sua simplificação *plasma*, refere-se à função plasmadora desse corpo energético. As experiên-

cias soviéticas justificaram amplamente essa parte. Uma delas, relatada no livro das pesquisadoras norte-americanas, refere-se ao enxerto de um braço embrionário no lugar destinado à perna de um animal em desenvolvimento. O braço desenvolveu-se como perna, demonstrando que a influência do campo organizador (ou plasmador) é capaz de adaptar a estrutura estranha às exigências do campo. É evidente que a designação de *corpo bioplasmático*, geralmente simplificada para *corpo bioplástico*, resultou precisamente das séries de experiências realizadas pelos cientistas para verificar as funções específicas do corpo energético. Essas funções fundamentais correspondem exatamente às do perispírito na teoria espírita.

\*

### **Parapsicologia amanhã**

#### **Palingenesia: síntese dialética**

Em livro há pouco publicado em Buenos Aires, pela Editorial Victor Hugo, Humberto Mariotti estuda o Materialismo Histórico à luz da Parapsicologia, concluindo pela evidente abertura de perspectivas ontológicas na Ciência contemporânea, graças às investigações da fenomenologia paranormal. Mariotti já teve um de seus livros traduzido para o português e publicado no Brasil. Trata-se de *Dialética e Metapsíquica*, resultante de um debate com o marxista Emílio Troise.

O que ressalta de mais importante neste novo estudo de Mariotti é a sua negação da validade da concepção materialista da História — sem negar a realidade do processo dialético — e a afirmação da importância da palingenesia como um conteúdo histórico que somente a investigação parapsicológica poderá revelar, através do método científico de investigação e experimentação.

Para os que conhecem a maneira cautelosa por que a Parapsicologia avança, passo a passo, nas suas investigações, pode parecer temerária a afirmação de Mariotti. Para os que, porém, sabem ligar historicamente a Parapsicologia à Metapsíquica — o que Mariotti faz com extraordinária lucidez — não há nenhuma temeridade no seu procedimento. Tanto mais que ele não se lança à formulação de qualquer hipótese, limitando-se a mostrar a possibilidade, já revelada pelas conquistas parapsicológicas, de um novo acesso à problemática ontológica no plano científico.

Esse acesso decorre naturalmente da constatação científica das faculdades paranormais. Aliás, o próprio Prof. Joseph Banks Rhine alude ao problema, em seu famoso livro *The New World of the Mind*, ao referir-se às pesquisas universitárias realizadas por sua esposa, a Profa. Louise Rhine. Bem antes, ainda no plano histórico da Metapsíquica, Ernesto Bozzano afirmara que a prova científica da percepção extra-sensorial implicava, de maneira logicamente irrevogável, a existência de estâncias ontológicas desconhecidas, capazes de sustentar a validade das teorias metafísicas do homem.

As provas científicas da Metapsíquica foram rejeitadas, não pela negação dos fatos observados ou da validade dos experimentos, mas pela *perplexidade que provocaram*. Entendeu-se que os fenômenos estudados por William Crookes, Charles Richet, Eugênio Osty, Gustavo Geley, Schrenck-Notzing, Alexandre Aksakof, Oliver Lodge e tantos outros eram *intrinsecamente impossíveis*. A objeção, como se vê, era filosófica e não científica. Robert Amadou, atualmente,



em seu livro *La Parapsychologie*, lembra que os metapsiquistas poderiam responder, à maneira de Galileu, que apesar da impossibilidade alegada os fatos existem. E tanto isso é certo que a Parapsicologia está hoje refazendo meticulosamente, no plano da investigação universitária, em âmbito mundial, os caminhos já feitos pela Metapsíquica. Através do método quantitativo de investigação o procedimento qualitativo da Metapsíquica se comprova. E como acentua Jan Erhenwald, exige mesmo a volta ao exame qualitativo.

Por falar em Erhenwald, é bom lembrar que esse psiquiatra propõe, no seu livro sobre a telepatia, a conjugação de três métodos para a investigação dos fenômenos telepáticos, em sua ocorrência no plano patológico. Entende Erhenwald que as estâncias psicanalíticas da personalidade podem revelar novos aspectos, à luz da investigação parapsicológica. E para tanto afirma a conveniência de se conjugar, nos casos possíveis, os métodos qualitativo e quantitativo e o método significativo da interpretação psicanalítica. Vê-se, assim, que as novas perspectivas ontológicas de Mariotti são uma realidade que se revela também na clínica psiquiátrica.

Mas o que importa, no tocante à palingenesia, é a negação da validade materialista da concepção dialética da História. Lembra Mariotti que a dialética hegeliana não se compadece com nenhuma forma de materialismo, sendo, pelo contrário, a própria lei da *negação da negação* aplicada ao materialismo. Quando se coloca a ênfase do processo histórico, não no seu aspecto material, considerado em si, mas na sua dinâmica, ou seja, no seu processo dialético, o problema se desloca, sob o ponto de vista lógico, para a Metafísica. Passamos a lidar com o abstrato e a reconhecer imediatamente os fundamentos imateriais do processo histórico.

Diante disso Mariotti releva a importância da investigação ontológica, nas perspectivas que se abrem através da Parapsicologia, para a reformulação da concepção dialética num sentido de volta às proposições hegelianas. De nossa parte entendemos que não cabe apenas à Parapsicologia, mas também à Física Nuclear um papel fundamental nesse terreno. Por mais que Bertrand Russel procure salvar a concepção materialista, sustentando que a negação científica da matéria não implica a negação das leis físicas, é evidente que o rótulo que se mantenha para essas leis nada importa e nada significa. A realidade científica atual é a da colocação do problema ontológico entre duas séries de perspectivas que se abrem, cada vez mais amplamente, nas Ciências da Natureza e nas Ciências do Homem, com a negação do *organocentrismo* e a possibilidade do reconhecimento de formas de vida além das que se manifestam nos organismos materiais.

Essa possibilidade abriria, por sua vez, perspectivas extrafísicas para a interpretação do processo histórico. E se a palingenesia puder comprovar-se, como supõe Mariotti, pelo prosseguimento da investigação parapsicológica, teríamos a possibilidade de encarar o problema dos ciclos históricos através do retorno de personagens e circunstâncias ao cenário existencial, uma vez que a precedência histórica da essência, negando também a validade da concepção sartreana, se afirmaria filosoficamente através da Ciência. Aliás, é bom lembrar que, para Sartre, a existência precede a essência apenas no tocante ao homem.

As novas perspectivas históricas reafirmariam os pressupostos hegelianos, oferecendo-nos estas dimensões dialéticas, inteiramente renovadoras das

nossas concepções do homem e do universo: o mitológico e o histórico se apresentariam como a tese e a antítese do processo do desenvolvimento humano, que resultaria na síntese da palingenesia. Eis os caminhos que o livro de Mariotti nos aponta e que parecem corresponder precisamente a esta fase de superação cultural que estamos vivendo. Por outro lado essa superação, por sua própria natureza de síntese dialética, não invalidaria o materialismo e o existencialismo, limitando-se a determinar os marcos de validade circunstancial em que os mesmos devem colocar-se, ou seja, dando a cada uma dessas concepções filosóficas o seu lugar no amplo contexto palingenésico.

Dessa maneira teríamos o materialismo histórico situado no plano existencial como a visão objetiva do processo metafísico que determina as transformações sociais. Uma espécie de visão fenomenológica, de natureza descritiva. O existencialismo sartreano (hoje considerado pelo próprio Sartre como um *enclave* do Marxismo) corresponderia a uma visão objetiva e circunstancial de cada avatar da essência, que se renova e se enriquece no *aqui* e no *agora* das etapas da evolução palingenésica.

Mariotti nos mostra o sentido filosófico da revolução parapsicológica nas Ciências. Podemos repetir com Sir Oliver Lodge que se trata de uma revolução copérnica, como veremos mais adiante. Não há motivo para nos admirarmos com a oposição de certos setores ao desenvolvimento da Parapsicologia. Todas as forças conservadoras do processo histórico reagem diante dessa ameaça de desintegração, embora parcial, da cultura atual, da estrutura do conhecimento, segundo a lei de equilíbrio que determina a existência do instinto de conservação nos organismos vivos e nos grupos sociais.

### **O processo palingenésico**

A propósito da tese de Mariotti escreve-nos erudito leitor: "Ao contrário de abrir novas perspectivas na concepção do mundo, a volta à palingenesia, proposta por Mariotti, representaria simples retrocesso histórico à metafísica estóica". Defendendo arduamente o Materialismo-Histórico, o leitor insiste no caráter retrógrado da posição idealista, que lhe parece "uma fuga romântica à realidade histórica", fuga essa que permite "a volta, em pleno século de conquista do espaço, a superstições soterradas nos escombros do mundo helenístico".

Não entendemos por que estranho motivo a volta à concepção palingenésica seria um retrocesso histórico, enquanto a volta ao atomismo de Leucipo e Demócrito representa evidente progresso que permitiu a investigação cósmica. O temor da volta às velhas superstições, ou mesmo às concepções ingênuas do passado, tem sempre marcado as fases de grande desenvolvimento intelectual. Mas apesar dele a volta sempre se afirmou como uma espécie de necessidade histórica. O próprio materialismo-dialético nada mais é que uma readaptação conceptual, não apenas da dialética hegeliana, mas das próprias concepções dos fisiólogos gregos. Nada demais que voltássemos aos estóicos, cuja metafísica se enraíza profundamente em Heráclito, tão querido e exaltado pelos materialistas dialéticos.

Os escombros do mundo helenístico são extraordinariamente fecundos e deles podem brotar, não apenas os cogumelos venenosos das explosões atômicas, mas também os que fornecem alimento e vida ao pensamento moderno. Neste caso, como demonstra Humberto Mariotti em seu livro *Parapsicologia y Materialismo Histórico* (e sopesamos o verbo demonstrar antes de usá-lo) en-

contra-se a concepção palingenésica do mundo, que constitui o centro da metafísica estóica. É evidente que não tratamos de uma simples volta, de um retrocesso puro e simples, mas de um retorno cíclico à maneira dos que verificamos, por exemplo, no caso atômico, na própria questão da dialética-materialista ou ainda no caso da concepção comunista da sociedade.

Pede-nos o leitor, por outro lado, "um maior esclarecimento do processo dialético da história em bases palingenésicas". Pareceu-lhe confusa a proposição de que o mitológico e o histórico podem apresentar-se como a forma de contradição da qual resultaria a síntese palingenésica: "mesmo porque — acentua — a palingenesia não seria uma síntese, mas apenas um momento de volta, de regresso ao estado anterior". Antes de mais nada devemos assinalar que não há, no processo dialético, um momento de volta puro e simples, pois toda volta só pode verificar-se como resultado do choque ou da fusão das proposições contraditórias. Não há "regresso ao estado anterior", mas avanço qualitativo ou enriquecimento histórico, segundo o velho símbolo hindu da "serpente que morde a ponta da cauda".

No plano do desenvolvimento histórico encontramos duas fases que se opõem, não apenas em sentido cronológico, mas também e principalmente em sentido qualitativo e portanto significativo. A primeira dessas fases é a mitológica, em que vemos a humanidade sair de uma espécie de "indiferenciação psíquica", correspondente aos períodos primitivos de sua evolução, para tentar a racionalização do mundo através do pensamento mítico, ainda densamente impregnado das emoções primárias. Huntersteiner realizou um belo trabalho, a que deu o título de *Fisiologia do Mito*, mostrando a natureza específica do mito, regido por uma lei fundamental que é a metamorfose. A esta lei, que parece antes imaginária que real, se opõe a concepção progressiva da história, estruturada numa seqüência racional de causa e efeito.

A oposição do mitológico ao histórico é o que poderíamos dizer: um fato evidente por si mesmo. Quando remontamos, por exemplo, à história chinesa antiga — história que não é história, mas apenas mitologia — e vemos o tumulto das dinastias partir da nebulosa divina e nela perder-se, compreendemos claramente a natureza indiferenciada da fase mitológica. Somente a partir da concepção histórica judaica, desenvolvida pelo Cristianismo, a seqüência dos eventos se define como um processo, e o que é mais importante, de natureza teleológica. Os acontecimentos se delineiam e se encadeiam com precisão cronológica, objetivando sempre um fim, e o processo antes confuso se esclarece e adquire significação. Impõe-se a analogia spenceriana entre o desenvolvimento coletivo e o desenvolvimento individual do homem, a partir da indiferenciação psíquica infantil para as fases de diferenciação progressiva e definição racional do amadurecimento orgânico e psíquico.

O mitológico, numa interpretação dialética, apresenta-se como a tese ou proposição inicial da qual se desdobrará fatalmente a antítese. E isso tanto mais se afirma quando analisamos a natureza sincrética do mitológico, onde não há fronteiras entre o humano e o divino, o temporal e o eterno, o cronológico e a duração. Podemos dizer que a duração ainda não foi segmentada, segundo a explicação bergsoniana. É por isso que a lei do mito é a metamorfose. Não há sucessão cronológica, mas apenas variações na duração. A tese contém em si mesma os germes do desenvolvimento futuro, os elementos que se definirão na

fase histórica sob o impacto do deus Marduc da razão, que partirá o caos em dois pedaços para produzir o cosmos.

O processo dialético, entretanto, não se interrompe. Uma vez colocada a oposição, a tese se desenvolve na antítese, mas terá fatalmente de resultar na síntese. A separação dos elementos fundamentais da tese, na produção natural e necessária da antítese, não foi casual, mas causal e por isso mesmo teleológica. Regida por uma causa, dirigia-se a um fim. E este fim, implícito na própria dialética, é o desenvolvimento ou a realização de um estado superior em que os elementos rejeitados pela antítese voltam a incorporar-se no processo, aparentemente interrompido.

Não há outra fase que possamos considerar como uma possibilidade pós-histórica senão a palingenésica. Somente nesta se torna possível a realização da síntese, nos termos da filosofia de Charles Bonnet e de Ballanche ou ainda do próprio Schopenhauer. Eis o momento em que a reencarnação, como um processo não apenas individual, mas coletivo, se impõe nas dimensões estóicas, aclarada pelas conquistas científicas da atualidade. Num mundo de renovações cíclicas, como vemos no desenvolvimento dos reinos naturais — aos quais pertencemos — seria estranho que apenas a Humanidade seguisse um sistema linear de evolução através da História. A constatação do processo palingenésico no plano social surge como um novo fator de reintegração do homem no complexo da evolução universal.

É evidente que ao considerar a sucessão das gerações vegetais e animais não se leva em conta apenas o elemento físico. Este é informado e impelido pelo *elã* vital de Bergson. Esse *elã*, por sua vez, não é apenas vital, mas também anímico e mental, como as primeiras experiências parapsicológicas já demonstraram, confirmando as anteriores pesquisas espíritas e metapsíquicas. A palingenesia não é, assim, apenas uma forma de conservação e renovação da matéria, mas um processo de desenvolvimento das potencialidades anímicas das coisas e dos seres — um avanço do inconsciente ao consciente — como Gustave Geley demonstrou em sua obra famosa.

\*

### **Imanência e transcendência**

Ao colocar o problema da transcendência do homem, ou melhor, da sua natureza transcendente, no capítulo anterior, colocamos conseqüentemente o problema da transcendência dos fenômenos psi. A ruptura das categorias de tempo e espaço, que verificamos nos fenômenos de precognição, apresenta certas semelhanças com a ruptura das leis físicas nos fenômenos de levitação de objetos à distância, ectoplasmia fantasmal ou ideoplástica, voz-direta ou ruídos sem causa aparente. As primeiras objeções formuladas, não ao estudo e à observação desses fenômenos objetivos, mas à sua própria possibilidade de existência, basearam-se no aspecto transcendente dos mesmos.

Posteriormente, as investigações de William Crookes, Charles Richet e particularmente as de Richet e Imoda, na Itália, e as de Crawford, na Irlanda, mostraram a natureza imanente desses fenômenos. A teoria da *alavanca psíquica*, de Crawford, comprovada por experiências e fotografias, revelou a existência de um liame material entre o sensitivo e o objeto levitado, de maneira que a

lei de gravidade não foi sequer arranhada. Restaram, entretanto, as questões de ordem fisiológica, até hoje não explicadas nem suficientemente investigadas.

Verifica-se nos dois casos, mais uma vez, aquilo que poderíamos chamar de condicionamento dialético. Tanto nos fenômenos subjetivos, quanto nos objetivos, podemos ver nitidamente a oposição dialética do imanente e do transcendente, que produz a síntese fenomênica. No caso da ectoplasmia, por exemplo, a ação direta do sensitivo através da emissão fisiológica da alavanca psíquica é puramente mecânica. Foi providencial que os estudos e as experiências a respeito tivessem sido feitas por um fisiologista como Richet e um catedrático de mecânica aplicada como o Prof. Crawford, da Universidade de Belfast. Mas como explicar a emissão ectoplásmica, e particularmente as causas psicofisiológicas desse processo? Gustavo Geley admitiu, o que fez também Crawford, a existência de *controladores espirituais*, ou seja, de agentes extrafísicos. Não aceitando essa explicação tínhamos de procurar outra, e de qualquer maneira chegaríamos, como aconteceu com Carl Jung, a uma conclusão transcendente.

No caso particular da precognição, de que tratamos no capítulo anterior, surgiu entre os parapsicólogos uma curiosa controvérsia. Não se tratava de negar o fenômeno, suficientemente demonstrado, mas de negar, através dele, a psicocinesia. Esta, como já vimos, é a ação da mente sobre a matéria. Assim, quando as experiências de Rhine provavam que a mente do sensitivo agia sobre os dados lançados à mesa por uma máquina especial, alguns parapsicólogos levantavam a hipótese, inicialmente formulada por Nash, de que o sensitivo antevira pela precognição o resultado do jogo. O curioso, neste caso, é a tentativa de negar o fenômeno objetivo para ressalva das leis físicas, embora se fosse obrigado a admitir o fato transcendente da precognição. Mais uma vez, como se vê, a transcendência se impõe.

A intervenção de Carl Jung — se assim podemos dizer — nos debates parapsicológicos, foi antes de natureza filosófica do que psicológica. Não quis ele negar a validade das pesquisas, mas a validade da interpretação. Jung entendeu que os fenômenos *psi*, não estando sujeitos aos limites de tempo e espaço, são de natureza transcendente, não comportando nenhum enquadramento nas categorias lógicas de causa e efeito. Sua proposição é a da existência de uma ordem não-causal no Universo, regida pela sincronicidade. Uma volta ao problema colocado por David Hume, mas agora em forma de transcendência, delimitando-se as áreas de causalidade de sincronicidade nos planos da dicotomia platônica de sensível e inteligível.

Todas essas discussões cabem apenas no campo científico, que se apresenta, como sabemos, dividido segundo o esquema platônico. As ciências se interessam pelo objetivo, mas reconhecem, embora como epifenômeno, a existência do subjetivo em forma psicológica e cultural. A própria natureza epifenomênica do subjetivo o condena perante a investigação científica. É natural, portanto, que ao encarar o problema da ação subjetiva nos fenômenos objetivos, apareça logo a reserva e a repulsa ao transcendente. No campo filosófico, entretanto, as perspectivas são outras.

Poderíamos começar por uma pergunta ingênua: qual a natureza da vida? Se admitirmos a vida como epifenômeno (posição típica do materialismo) ela nada mais será do que um efeito das ações e reações íntimas da matéria. Mas, nesse caso, restará o problema da causa dessas ações e reações. E se admitirmos

a vida como o resultado dialético da ação de um princípio não-físico sobre a matéria (espiritualismo) reconheceremos a natureza vital, e portanto normal, do paranormal. Quer dizer: a dualidade imanente-transcendente que caracteriza os fenômenos psi não é propriamente uma característica destes, mas de todos os fenômenos ou do universal. Tendemos assim para a aceitação do *númeno* kantiano e fazemos a eliminação espinosiana do sobrenatural para reconhecermos em tudo apenas a Natureza.

De uma maneira ou de outra, com o epifenômeno ou com o *númeno*, não conseguimos fugir ao transcendente. Porque o próprio epifenômeno, como o indica a etimologia do termo, é um processo de transcendência reconhecido na sociologia marxista como superestrutura. Assim, ao contrário do que pretende o próprio Prof. Joseph Banks Rhine em suas digressões filosóficas e políticas sobre as conseqüências da investigação parapsicológica, a prova científica da existência de *psi* não nega a validade do Materialismo Histórico, mas apenas delimita essa validade no plano do imanente. Não sendo possível, nem mesmo para o materialismo científico e filosófico, negar o transcendente, que sempre subsiste, será forçoso reconhecer a sua presença e a sua importância no processo histórico. Esse reconhecimento não invalida, mas amplia e enriquece as conclusões da observação e da experimentação na matéria (Ciências físicas).

Reafirma-se, portanto, através desse curioso problema do imanente e do transcendente nos fenômenos *psi*, a tese da dialética-palingenésica. Transcendente e imanente mostram-se de maneira clara, porque ainda não suficientemente fundidos, quando estudamos a fase pré-histórica do Mitológico. Posteriormente, na História, o imanente se sobrepõe ao transcendente na elaboração da síntese. Esta, entretanto, só se verifica no plano da Palingenesia, no momento em que o Mito e a História se fundem, para que imanente e transcendente de novo transpareçam na Natureza através da Vida. E então, só então, na realidade palingenésica, o *agora* existencial revela o seu verdadeiro sentido, ou seja, como quer o relativismo-crítico, *o presente como síntese do passado e do futuro*.

Cada vez que nos defrontamos com o *agora* no processo palingenésico, estamos ao mesmo tempo diante do ontem e do amanhã. No *agora* somos o resultado do que éramos no *ontem*, realizamos a essência que, segundo Sartre, lá se encontrava "em suspenso". Mas, por outro lado, temos novamente "em suspenso" a essência que realizaremos no *amanhã*. Isto está mais de acordo com a concepção existencial do homem como *projeto*, concepção que Sartre limitou ao transcurso de uma única existência, por isso mesmo frustrada.

Assim, a frustração sartreana do homem, "essa paixão inútil", não é uma realidade objetiva nem subjetiva, mas apenas uma limitação mental do filósofo. Numa perspectiva palingenésica Sartre poderia enxergar o futuro do homem dentro das próprias condições dialéticas do Marxismo, dessa Filosofia que ele considera a única do século, mas cujas raízes hegelianas autorizam a volta ao espírito.

\*

### **Razão da dialética palingenésica**

A proposição da tese da dialética-palingenésica pareceu precipitada a alguns estudiosos, que nos advertiram quanto aos resultados ainda precários da investigação parapsicológica. Podemos resumir assim os principais argumentos

contrários: se a Parapsicologia ainda não saiu da simples verificação de alguns fenômenos mentais, não superou o campo da mente, não podemos avançar, apoiados nos seus dados rudimentares e imprecisos, no campo das vastas ilações históricas. Outros, ironicamente, perguntaram-nos: "Pode o jogo de dados do Prof. Rhine mudar a nossa concepção do mundo?".

A resposta não nos parece difícil. Basta formularmos outras perguntas, como estas, por exemplo: o jogo de objetos de Galileu, na torre de Pisa, não mudou a antiga concepção? A dança das rãs, de Galvani, não abriu novas perspectivas às Ciências? A chaleira de Fulton não modificou a navegação mundial e os transportes terrestres? Porque não poderiam o jogo de dados e mesmo o baralho do Prof. Rhine produzir efeitos semelhantes? Tanto mais que essas duas formas de jogo, os dados e o baralho, têm o seu lugar de honra na história das grandes concepções humanas.

Mas não nos percamos em divagações e procuremos analisar essas objeções. O Prof. Rhine partiu das observações mais simples, utilizando-se de objetos comuns em respeito às exigências de objetividade e clareza da metodologia científica. Para verificar a existência ou não dos fenômenos de telepatia e submeter as ocorrências ao controle estatístico recorreu às cartas de baralho. No início as do baralho comum. Foi o seu colaborador, o Prof. Karl Zener, quem idealizou as cartas parapsicológicas que têm hoje o seu nome: cartas Zener.

Tratando-se de apenas cinco figuras, cada maço de baralho com 25 cartas, uma vez embaralhado, apresenta com absoluta segurança a margem de acaso ou azar na realização das experiências. O Prof. Soal, como já vimos, substituiu essas figuras por animais: o elefante, a girafa, o leão, o pelicano e a zebra. Cada uma dessas figuras tem a sua marca dramática e as letras iniciais dos nomes são diversas, não permitindo confusões ou ambigüidades na verificação experimental. Poderíamos também falar ironicamente no jogo do bicho do Prof. Soal. Mas esse jogo produziu os mais belos resultados, provando cientificamente a existência da telepatia.

Quanto aos dados do Prof. Rhine vimos que eram a princípio os dados comuns de jogo. Posteriormente foram aperfeiçoados com a finalidade de assegurar-se maior garantia na sua livre queda. Também a maneira de atirá-los sobre a mesa evoluiu, fabricando-se aparelhos especiais para evitar o contato das mãos. No caso dos dados as cautelas deviam ser as mais rigorosas, pois tratava-se de verificar a ação da mente sobre a matéria de maneira direta. Uma função mental considerada absurda, e até mesmo *intrinsecamente impossível*, não obstante a nossa própria existência nada mais seja do que essa mesma ação mental sobre a matéria.

Rhine teve de partir de coisas simples e concretas, seguindo as exigências de clareza e distinção do método cartesiano, ainda imperantes na metodologia científica. E se a Parapsicologia não conseguiu até o momento elevar-se das experiências humildes até às grandes investigações da antiga Ciência Psíquica inglesa ou da Metapsíquica francesa isso ainda se deve a esse mesmo respeito pelas exigências das Ciências. Mas apesar de todas essas limitações físicas impostas à investigação de fenômenos extrafísicos, a verdade é que a Parapsicologia já avançou o suficiente para provar a existência, como sustenta Rhine, de um universo não-físico. Embora obrigada a rastejar na mesa de jogo ela conseguiu arrancar a mente das limitações sensoriais. Não é isso admirável?

Hoje, nos grandes centros universitários da Europa, da Ásia e da América a Parapsicologia é uma ciência que tem o seu campo objetivo bem definido e permite o doutoramento na defesa de suas teses. A telepatia, a clarividência e a precognição estão provadas e comprovadas através de milhares de experiências e investigações. E a psicocinesia ou ação direta da mente sobre objetos do mundo exterior é também considerada como demonstrada, por cientistas da envergadura de Rhine, de Soal e de Price, além de outros cuja citação exigiria uma longa lista. E isso apesar de ser a psicocinesia o grupo fenomênico menos estudado e investigado, em virtude da intensidade dos preconceitos científicos referentes à possibilidade dos fenômenos incluídos na sua denominação.

Assim, embora a Parapsicologia esteja ainda na fase de descoberta de um novo mundo, as provas que já conseguiu efetivar são suficientes para abalar a rigidez da concepção física ou materialista que até agora imperou na Ciência moderna. Se juntarmos a essas provas do campo psicológico as que nos são oferecidas no próprio campo físico pelas descobertas da Física Nuclear — que assume dia a dia as proporções de uma verdadeira parafísica — veremos que Pitirim Sorokin, da Universidade de Harvard, tem razão ao acreditar que nos encontramos numa fase de transição para nova forma de cultura.

Se até agora a nossa cultura se limitou aos dados do campo sensorial — apesar das dúvidas de Descartes e das experiências psicofísicas de Webber e Fechner sobre os limites das sensações — é evidente que não podíamos conceber a dialética histórica senão nas suas possibilidades concretas. Mas no momento em que rompemos o arcabouço físico da nossa formação cultural, abrindo perspectivas novas dentro da própria investigação científica da Natureza, seja no plano subjetivo ou no objetivo, é evidente que a dialética histórica do Marxismo se projeta de volta no rejeitado espiritualismo hegeliano. Queiram ou não queiram os que, como Bertrand Russel, insistem na sustentação da concepção materialista, a verdade é que a natureza não-física do Universo se abre diante dos nossos sentidos atônitos como uma vasta perspectiva.

Dessa maneira, não há nenhuma precipitação na formulação de uma hipótese da dialética-palingenésica. Hipótese, aliás, que não se apóia apenas nas investigações parapsicológicas e no desenvolvimento extrafísico da própria Física, mas num poderoso, vasto e profundo substrato histórico que desde a era tribal vem marcando a presença do espírito nos acontecimentos humanos. Outra consequência natural da Parapsicologia é esse descondicional do pensamento que representa a reintegração do homem na realidade natural. Rompendo o condicionamento artificial da evolução científica, feita nos limites estreitos do raciocínio *fisicista*, a Parapsicologia nos liga novamente às raízes espirituais da espécie.

Dois fatos científicos de maior importância apóiam a tese da dialética palingenésica: a descoberta da antimatéria (que mostra a possibilidade de um anti-universo) e a teoria do Universo oscilante de Ernst Öpik, que restabelece a hipótese grega do desaparecimento periódico do Universo e sua reconstrução cada trinta milhões de anos. Hipótese, dirão. Sim, mas hipótese baseada em dados rigorosos da investigação científica e aceita pelo mundo científico. O Universo que se destrói e reconstrói é um Universo palingenésico.



### Carington e a Parassociologia

A nova forma de cultura a que alude Pitirim Sorokin não pode ser inteira ou absolutamente nova. Sua novidade está na reformulação das bases atuais da Teoria Geral do Conhecimento. Mas essa reformulação, por sua vez, será apoiada em elementos fundamentais da cultura atual. Elementos que, como a pedra rejeitada da parábola, vão agora servir para construção de um edifício amplo e mais arejado, de um novo templo do saber, para usarmos essa expressão mística bem adequada às fases de renovação.

Esses elementos são justamente aqueles que foram postos de lado pelo desenvolvimento do racionalismo iluminista como resíduos de um passado místico: os conceitos de uma realidade não-física e da sobrevivência espiritual do homem. Aos dados que apresentamos no capítulo anterior, justificando a tese da dialética-palingenésica, podemos acrescentar os da doutrina parapsicológica de Whately Carington, que realizou experiências de importância substancial no Laboratório de Psicologia da Universidade de Cambridge sobre a transmissão telepática de desenhos, como vimos anteriormente.

Carington era desses parapsicólogos que não têm medo de palavras. Para ele não havia palavras feias no dicionário. Por isso não teve dúvidas em aceitar a dicotomia espírito-matéria para tentar uma explicação dos fenômenos observados. E graças a essa coragem ofereceu à Parapsicologia uma contribuição das mais fecundas. Preocuparam-lhe sobretudo os desvios de percepção no processo extra-sensorial. E a investigação nesse sentido revelou-lhe coisas curiosas, induzindo-o a uma medida de economia de hipóteses: a redução de toda a ESP (percepção extra-sensorial) a uma forma única, a telepatia precognitiva.

O próprio Carington admitiu que "forçava a mão" para fazer essa temerária redução. Mas partindo do princípio de que é preferível trabalhar com firmeza em âmbito menor, atreveu-se a realizá-la. Ao mesmo tempo, porém, que economizava em hipótese, quanto às modalidades dos fenômenos, via-se obrigado a esbanjar no sentido interpretativo. Essa contradição é plenamente justificável, pois se a simples existência da telepatia já lhe acarretava tantas preocupações de ordem qualitativa, que dizer da multiplicidade de ESP, que o obrigaria a esforços muito maiores?

Carington verificou que o objeto telepático em si, e portanto o objeto material, "nada tinha a ver com o fenômeno". Quer isso dizer que a transmissão telepática se efetuava de mente a mente, sem qualquer relação com o mundo objetivo. Vejamos como isso aconteceu. Carington abria um dicionário, tomava a primeira palavra utilizável para o caso, fazia um desenho e o afixava em seu gabinete. O sensitivo captava, à distância, não aquele desenho, mas o que seria feito no dia seguinte. Entretanto, nem o próprio Carington sabia qual ia ser esse novo desenho que dependia da palavra a lhe ser novamente oferecida pelo dicionário. Era um caso típico de precognição.

A única maneira de explicar essa ocorrência, encontrada por Carington, foi a hipótese do associacionismo paranormal. Essa hipótese consistia na existência de um sistema de relações inconscientes que permitia o processo telepático, não como simples transmissão e recepção de mensagens, mas como uma forma de comunhão mental. Assim, quando o percipiente se dispunha a receber as mensagens de Carington, sua mente comungava com a do experimentador e

todas as ocorrências ligadas ou associadas à experimentação em marcha se lhe tornavam acessíveis.

A conseqüência lógica dessa hipótese era a admissão da existência de entidades psíquicas que Carington designou por *psícon* e *sensa*. A mente, e portanto o espírito humano, seriam uma estrutura de átomos extrafísicos: os *sensa* produzidos sensorialmente pelo contato com o mundo exterior; e os *psícon*, imagens sutis daqueles, de natureza puramente mental. O espírito voltava a ser o feixe de imagens de Berkeley. Nada mais justo que esse feixe, uma vez ocorrida a morte do indivíduo humano, subsistisse no plano extrafísico. Desapareciam os *sensa* mas sobreviviam os *psícon*.

Partindo daí Carington sustentou a hipótese da sobrevivência da estrutura *psicônica* após a morte do homem. E acrescentou que essa estrutura — o espírito liberto do corpo — poderia entrar em relação com outras estruturas da mesma natureza e conseqüentemente comunicar-se com os vivos através dos processos mediúnicos. Analisando, por exemplo, o livro *Raymond*, de Sir Oliver Lodge, declarou não haver nada de estranho em que o filho de Lodge, morto na guerra de 1918, revelasse ao pai a existência de um mundo extrafísico semelhante ao mundo físico. E isso porque os *psícon* de Raymond haviam sido formados pelos *sensa* da sua vida física.

A doutrina de Carington, mesmo que desprezemos as suas ilações metafísicas, contribuiu para abrir novas perspectivas à investigação dos fenômenos *psi*. A rigidez esquemática do processo de transmissão telepática, semelhante ao das transmissões telegráficas, foi substituída pelo dinamismo da *associação do conhecimento paranormal*. O processo de ESP se revelou mais complexo do que parecia até então. As novas experiências, que ainda agora se desenvolvem nessa orientação nova da hipótese de Carington, poderão decidir por uma reformulação fecunda de muitos aspectos da problemática parapsicológica.

Mas voltando à tese da dialética-palingenésica vemos que Carington contribuiu para a sua formulação abrindo as perspectivas para a elaboração de uma verdadeira Parassociologia. As entidades psíquicas de Carington, como *estruturas psicônicas*, em inter-relações fora do plano material e ao mesmo tempo com suas possibilidades de relações com as estruturas mergulhadas neste plano — caso de Raymond, por exemplo — ampliam o campo sociológico levando-nos de volta à cosmossociologia de que falava Durkheim a respeito das cidades gregas, onde homens e deuses conviviam naturalmente. Carington abriu, dessa maneira, na Parapsicologia, a possibilidade de uma Parassociologia que virá fortalecer a tese da dialética-palingenésica.

Na verdade essa Parassociologia já é, há muito tempo, uma realidade social desconhecida pelas Ciências. No mundo inteiro os homens vivem em permanente relação com criaturas espirituais. O próprio Positivismo não pôde escapar ao reconhecimento de que *os mortos governam os vivos*, embora apenas através da dinâmica cultural. Carington, à maneira de Rhine, nada mais faz que dar forma científica a uma realidade natural e universalmente reconhecida. Essa realidade só é nova para as Ciências.

Há alguns anos, o sociólogo Gilberto Freyre propunha, em artigo na revista *O Cruzeiro*, a criação de uma sociologia do sobrenatural para explicar relações extra-humanas. Alegava que mesmo admitindo-se apenas a existência imaginária de entidades espirituais não se podiam negar as suas relações com os

homens e a sua influência na vida social. Essa tese das *relações imaginárias* lembra a influência mitológica na dinâmica social. A teoria de Carington oferece a essas relações a possibilidade de uma efetivação no plano da realidade pesquisada e demonstrada pelas Ciências.

### VII - Implicações sociológicas

As proposições de Carington estabelecem teoricamente, no campo da Parapsicologia, o problema das relações metafísicas. Trata-se de um velho problema que nada tem de extraordinário, pois desde todos os tempos os homens se viram embaraçados com ele. Mas Carington tem a vantagem de colocar esse problema em termos de hipótese científica, tomando-se a palavra *hipótese* no seu verdadeiro sentido científico, ou seja, o de orientação de pesquisa. Parapsicologicamente dispomos, assim, de uma possibilidade de investigar as relações sociais paranormais, que se manifestam de maneira mais evidente no campo das manifestações espirituais e espiritoides. Por este último termo entendamos os fenômenos anímicos e fisiológicos que podem ser confundidos com manifestações *psicônicas*, segundo a proposição de Carington.

Mesmo, porém, que deixemos de lado esse problema das relações de entidades extrafísicas com as criaturas humanas, no sentido de uma parassociologia de natureza mediúnica, teríamos ainda pela frente o problema das implicações sociológicas das *funções psi*. Não podemos ignorar no contexto social a existência dessas funções e o papel que elas exercem. A Sociologia, portanto, vê-se obrigada a desbordar dos seus limites atuais ao impacto das comprovações efetuadas pela investigação parapsicológica. Imaginemos o que isso provocaria no espírito positivo de Comte ou Spencer e compreenderemos a reação dos sociólogos atuais a uma proposição dessa espécie. Não obstante, à semelhança da Física, que avança dia a dia e inelutavelmente nos rumos da Parafísica, a Sociologia já não mais poderá ignorar os problemas levantados pela constatação da existência das *funções psi*.

Na vida normal as manifestações *psi* ocorrem numa verdadeira gama que vai do simples pressentimento até os casos de telepatia, clarividência e precognição. No plano das ocorrências patológicas, como o demonstrou Ehrenwald, essas manifestações adquirem vigorosa significação, pois tanto podem ocasionar desequilíbrios quanto, devidamente estudadas, prevenir e corrigir os estados psíquicos anormais. Carl Wickland, da Faculdade de Medicina de Chicago, publicou há tempos um curioso livro sobre o assunto. Trata-se de um relato de suas experiências na clínica psiquiátrica. Experiências de ordem espiritual, mas que nem por isso deixam de contribuir para o esclarecimento das implicações sociológicas das *funções psi*. Seu livro tem o título, não raro considerado sensacionista, mas na verdade apenas explicativo de sua posição: *Trinta Anos entre os Mortos*.

No capítulo final desse livro diz Wickland: "É imprescindível que as investigações psíquicas sejam realizadas por homens de Ciência, que dela se encarreguem homens dispostos a pôr de lado todos os preconceitos, livres de qualquer prevenção, a fim de poderem sopesar todas as provas e classificar os descobrimentos que se venham a fazer". Esse trecho nos mostra que a posição de Wickland não é espiritual no sentido místico, mas na linha do esclarecimento científico do problema, por ele não apenas investigado mas sobretudo vivido.

Casos como este do psiquiatra Wickland e os de William Crookes, Charles Richet, Gustavo Geley, William Crawford e mais recentemente os de Rhine, Soal, Price, Björkheim e tantos outros mostram-nos que as *funções psi*, no presente como no passado, influem até mesmo nos problemas da Sociologia da Cultura. Poderíamos ainda evocar os casos clássicos de Sócrates, Plotino, Descartes, Joana D'Arc, para acentuar a importância dessa influência no processo cultural. Isso, sem contar as múltiplas ocorrências de intuições e revelações de tipo iluminista verificadas com cientistas, artistas, escritores, poetas e músicos por toda parte e em todas as épocas.

Quando falamos, pois, de uma Parassociologia podemos considerar a proposição em dois planos: no referente às implicações de *psi* na vida normal ou cotidiana e no referente às ocorrências paranormais, que tanto podem ser as manifestações ostensivas de faculdades extrafísicas quanto os problemas do misticismo e da psiquiatria. As investigações parapsicológicas modificam a posição desses problemas, obrigando-nos a encará-los com mais vasta compreensão. A complexidade do *aqui* e do *agora* existenciais se mostra mais profunda e mais exigente diante dos dados dessas investigações.

Por outro lado há a considerar todo o rol de conseqüências sociais das diversas formas de manifestação das *funções psi*. Declarou recentemente uma ilustre psiquiatra paulista, a Dra. Maria de Lourdes Pedroso, em entrevista à imprensa, que toda a civilização ocidental, como o demonstra a sua denominação específica de "civilização cristã", provém da ocorrência de manifestações metergéticas na Palestina. Abstraindo-nos do sentido espiritual do Cristianismo e encarando-o apenas na sua significação sociológica, principalmente nos quadros da Sociologia Cultural, teremos de dar razão à psiquiatria. As *funções psi*, não apenas do homem que produziu a revolução cristã, mas de todos os que foram partícipes desse movimento de importância fundamental para aquilo que o padre Chardin denomina *fenômeno humano*, foram realmente responsáveis pela transformação do mundo.

O *fenômeno humano*, portanto, implica aspectos fundamentais que foram até agora negligenciados na sua avaliação científica. A negligência decorria de fatores conhecidos: de um lado a posição retrógrada do misticismo religioso impedindo o acesso ao conhecimento do paranormal; de outro lado a barreira levantada pelo ceticismo dos que pretendiam reduzir a Ciência aos objetivos materiais. A investigação parapsicológica, como bem o afirmou o Prof. Rhine, vem arrancar o pensamento atual desse dilema desesperante ao provar-lhe cientificamente a existência de um Universo extrafísico. Liberto assim do peso do objetivo, que o próprio desenvolvimento das Ciências físicas já superou, o pensamento atual está em condições de alargar as suas perspectivas no plano do subjetivo. E é na amplitude dessas perspectivas que podemos falar das possibilidades evidentes da Parassociologia, decorrentes do avanço já realizado em todo o mundo pela investigação parapsicológica.

Alfred Still reconhece em seu livro *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia* que as provas científicas da materialização de Espíritos são realmente sérias, *embora não seja necessário admitirmos que se trata de Espíritos*. Se a questão de rótulo é assim tão importante chamemos a essas entidades de *estruturas psicônicas*. A teoria de Carington poderá servir de salvo-conduto aos *fantasmas* de Crookes e Richet para entrarem no mundo científico das interpre-

tações sociais. Tanto mais que na realidade social natural há muito eles já se acomodaram.

Os homens mais ilustres, dizia Kardec, são às vezes tão fúteis que se arreceiam de palavras. Não permitamos que as palavras sirvam de barreira aos que desejam tomar conhecimento das novas dimensões da Sociologia. A expressão criada por Carington agrada mais aos que se interessam pelas novidades da terminologia científica. Ao invés dos *fantasmas dos mortos*, que dão calafrios a muitos espíritos positivos, deixemos que as *estruturas psicônicas* passem livremente pelo mundo dos vivos, enriquecendo com seus *psícons* as nossas relações sociais.

### PSI e as transformações sociais

Procuremos examinar a dualidade sociológica das implicações de *psi* a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. À primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores conseqüências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os *arquétipos coletivos* de Jung, os *instintos do eu* de Freud; a *vontade de poder* de Nietzsche; a *compensação* de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de *psi* na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lênin há toda uma seqüência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que pressente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que *psi* foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual, quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de *psi* não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado *momento psicológico* nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de *psi*. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restringem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas *funções psi*. A percepção extra-sensorial, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em termos *gestálticos*, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fases culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, entidades *psicônicas* individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos *arquétipos coletivos* de Jung devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: "O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se assim explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem".

O reconhecimento da existência das *funções psi* em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicossociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar "no elo mais fraco da cadeia imperialista", enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condições econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta, nos momentos em que as *funções psi* atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de precognição coletiva.

Tudo isso, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre entidades *psicônicas* sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnic de relações passamos a outra série de conseqüências. As *funções psi* assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de entidades *psicônicas* proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejamos as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma percepção extra-sensorial e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das *funções psi* vem atacar essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As *estruturas psicônicas* vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e da mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingenésica admite a volta das *entidades psicônicas* à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O *agora* existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingenésica nos descortina.

O "princípio ainda obscuro" a que se refere Mannhein torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das *relações psi* e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. *Psi* pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese *gestáltica* de que não vivemos na realidade concreta mas numa realidade psíquica. O nosso mundo — o mundo humano das relações sociais — não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que em geral independem das leis físicas no processo da dinâmica social.

\*

### **PSI e o realismo**

O estudo que procuramos fazer, no capítulo anterior, das relações de *psi* com a crença, levou-nos naturalmente a outro tipo de relações: as de *psi* com o realismo. Não obstante a ambigüidade do termo, sua origem literária o tem definido ultimamente como uma posição existencial. O real aparece em nossa atitude diante do mundo como o *aqui* e o *agora*, o presente, e conseqüentemente o dado imediato ou o *amaterial* de Heidegger. Assim, realismo é a nossa integração no real, a nossa vivência das coisas como elas são dadas ao nosso *aqui* e ao nosso *agora*, no espaço e no tempo. Humberto Mariotti, que já citamos várias vezes, ao colocar o problema das relações entre a Parapsicologia e o Materialismo Histórico, indica a necessidade de um "realismo espiritual", que supere o "realismo marxista". Este é o problema fundamental do momento e não pode ser resolvido apenas no campo religioso ou filosófico: terá de sê-lo no campo científico.

O materialismo marxista não é outra coisa senão uma atitude realista. Mas qual a realidade encarada pelo Marxismo? A realidade do dado imediato,

mas um dado submetido à elaboração ideológica, um dado convertido em esquema. A realidade marxista é a da *coisa* no seu sentido existencial. A realidade linear de Zola ou o realismo do objeto, levado à tela pelo cinema italiano. A força desse realismo está precisamente no seu imediatismo. Contra ele ergue-se o idealismo religioso e filosófico — essa dupla forma de fuga para Passárgada — que só pode interessar aos que amam a ilusão e buscam a utopia, segundo afirmam os chamados espíritos positivos.

Mariotti encara de frente o problema e adverte: "Se o realismo marxista não for superado por um realismo espiritual que o supere em tudo, a consciência materialista continuará a se impor, e vão ser os protestos dos idealistas e religiosos. As realidades espirituais, se de fato existem, deverão ser expostas ao homem moderno com a mesma objetividade dos fenômenos físicos e sociais". A esta posição de Mariotti só temos a opor uma objeção: a de que não podemos dividir a realidade e criar outra forma de realismo esquemático, a título de espiritualismo. Elaborar um "realismo espiritual" seria opor um esquema a outro, pura e simplesmente.

Ao provar, como afirma Rhine, a existência de um universo extrafísico, a Parapsicologia não nos oferece uma nova realidade mutilada, mas, pelo contrário, propõe-nos o restabelecimento da realidade total. No campo da Física e da Biologia abrem-se novas perspectivas para esse restabelecimento, com os progressos da Física Nuclear, o desenvolvimento da Biônica e da Cibernética. Mas, enquanto essas novas direções mergulham no imediato, perfurando sem querer o poço do futuro, emaranhadas na velha concepção materialista, a Parapsicologia, pelo contrário, rasga deliberada e corajosamente o véu conceptual do organocentrismo para mostrar o reverso da medalha. Com isso nos coloca num *imediato* de duas faces, oferecendo-nos um novo tipo de realismo com a inevitável polaridade físico-psíquica. É uma felicidade que na própria União Soviética o Prof. Vassíliev, por exemplo, tenha preferido o estudo das *funções psi* ao exame das simples estruturas orgânicas da vida.

As relações de *psi* com o realismo foram evidenciadas quando tratamos do problema da origem das religiões. Do meio-realismo de Spencer vimos Bozzano partir para o realismo total de Lang e Freedom Long, distendendo as perspectivas teóricas do organicismo spenceriano na direção do extra-sensorial. Temos aí um exemplo claro do que *psi* pode oferecer-nos, no tocante à superação do realismo marxista. Embora essa superação esteja sendo feita, como já vimos, de maneira histórica e portanto irreversível, em todas as zonas ontológicas do objeto, pelas várias Ciências que alargam as suas possibilidades de investigação, somente a Parapsicologia realiza o avanço conceptual necessário.

Podemos dizer que de certa maneira a natureza analítica das Ciências continua fiel a si mesma nesta hora de transição cultural. As Ciências procedem por unidades, partindo da análise do átomo para a análise das moléculas e das células, nesse esmiuçamento típico da experimentação materialista, da investigação sensorial. A Física descobre o reverso do átomo; a Biologia, a contraparte da célula; a Química, a face oculta da molécula. Mas a Psicologia, ampliando-se nas áreas marginais da investigação parapsíquica, retorna inevitavelmente à sua natureza filosófica ao defrontar-se com a realidade de *psi* e constatar a impossibilidade de seccionar novamente o *imediato*. Essa exigência lógica de enfrentar o todo de maneira *gestáltica* faz da Parapsicologia uma espécie de Renascença Psicológica. Como acentua Rhine, a Psicologia volta ao seu objeto perdido — a



alma — e o faz da mesma maneira por que o *Quattrocento* italiano voltou à cultura clássica, ou seja, procurando compreendê-la de novo em maior profundidade.

O realismo de *psi* não é nem pode ser apenas *psi*. Felizmente isso parece bem compreendido pelos principais parapsicólogos que não pretendem fazer das suas investigações o *abre-te sésamo* do conhecimento total, mas pretendem apenas conquistar o terreno esquecido, a terra de ninguém que se estende aos lados do nosso saber científico. O simples fato de considerar-se a Parapsicologia como disciplina complementar, de natureza efêmera, destinada a sondar as áreas paralelas ao campo da Psicologia revela a sua humildade. A importância das pesquisas parapsíquicas não está na teoria ou no ato em si das pesquisas, mas nas conseqüências que delas advêm.

Opor, não ao realismo marxista, mas a este, ao positivismo, ao materialismo e ao existencialismo sartreano uma forma nova de realismo é a missão da Parapsicologia. Para tão grande feito não necessita ela de se transformar numa ciência autônoma, nem de gerar uma nova filosofia. Basta-lhe a glória humilde de provar, como o está fazendo, através dos próprios métodos de investigação do materialismo, a existência de outro componente da realidade, negligenciado pelo imediatismo. Quando essa tarefa estiver cumprida as pretensões atuais da Biónica e da Cibernética, que se desenvolvem nos rumos de uma concepção mecanicista da vida, tendente a fazer do homem uma espécie de robot cósmico, estarão frustradas naturalmente. Mas a contribuição de ambas para o esclarecimento dos problemas científicos será tão importante, na medida dos respectivos limites, quanto a da Parapsicologia.

Ao integrar o realismo ou a concepção realista do mundo na sua totalidade, com a junção do psíquico ao físico, como duas faces de um mesmo rosto, *psi* terá aberto as portas de um novo mundo. O real não será mais o simples imediato e o objeto apresentará, na sua perspectiva ontológica, a dupla realidade de que se constitui. *Psi* nos dará o realismo total da conjugação espírito-matéria, essa polaridade universal a que o realismo imediatista do século procura fugir.

Porque é em vão que o homem se esquiva à realidade ontológica do seu próprio existir. A *sua* realidade não está na existência, mas no *ser* que gera e determina o existir. Heidegger, que considera o problema do *ser* como o único problema realmente filosófico, só tratou da existência como um meio de atingir a realidade ontológica e mergulhar na verdade ôntica. A pesquisa parapsicológica tem um procedimento heideggeriano: *a finalidade do seu método quantitativo é a qualidade*. Os signos das cartas Zener e os números dos dados de Rhine são instrumentos de manifestação do poder do espírito no plano material da pesquisa científica. A captação quantitativa desse poder, fragmentariamente manifestado nos processos de investigação, conduz ao realismo ontológico em que o conhecimento se integra na plenitude da realidade vivencial, constituída pela polaridade espírito-matéria.

\*

## Cadeira de Ciência Espírita (segundo ano) – continuação

**A Mediunidade como faculdade humana normal: mediunidade generalizada e mediunidades específicas. Confirmações da teoria mediúmica pelas pesquisas psíquicas, metapsíquicas e parapsicológicas.**

**Questões iniciais; Cap. I: Conceito de Mediunidade; Cap. II: Mediunidade Estática; Cap. III: Mediunidade Dinâmica.**

**Livro: “*Mediunidade*”. J. Herculano Pires**

### QUESTÕES INICIAIS

A situação atual do problema mediúmico, nesta fase de acelerada transição da vida terrena, exige novos estudos e atualizadas reflexões sobre a Mediunidade. As descobertas científicas do nosso tempo, especialmente na Física, na Psicologia e na Biologia, confirmaram decisivamente a teoria espírita da Mediunidade, a ponto de interessarem os próprios cientistas soviéticos pela obra do *racionalista francês Allan Kardec*, segundo as informações procedentes da URSS. As teorias parapsicológicas, confirmadas pelas mais rigorosas experiências de laboratório, pareciam inicialmente contraditar os conceitos espíritas, firmados em meados do século passado e por isso mesmo suspeitos de insuficiência. Todos os fenômenos mediúnicos reduziam-se ao plano mental, a ponto de substituir-se as palavras *alma* e *espírito* pela palavra *mente*. Instituiu-se um mentalismo psicofisiológico que ameaçava todas as concepções espiritualistas do homem.

Durou pouco essa ameaça. Após dez anos de pesquisas repetitivas sobre os fenômenos mais simples, como clarividência e telepatia, outros fenômenos, mais complexos e profundos, impuseram-se à atenção dos cautelosos pesquisadores, que começaram a levantar, sem querer, as pontas do Véu de Ísis. Num instante a invasão das áreas universitárias da América e da Europa, com repercussões imediatas nos grandes centros culturais da Ásia, pelos fenômenos de aparições, vidência, manifestações tiptológicas e de levitação de objetos sem contato, bem como os de precognição e retrocognição, levaram o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke (EUA) a proclamar com dados experimentais de inegável significação, que o pensamento não é físico, o mesmo se aplicando à mente. Rhine se expunha ao temporal de críticas e ironias, expondo a Parapsicologia à excomunhão cultural. Vassiliev, da Universidade de Leningrado, propôs-se a provar o contrário, através de uma série de experiências, mas não o conseguiu. Desencadeou-se então, no mundo, o que a *Encyclopaedia Britannica* chamou de *psychic-boom*, uma explosão psíquica mundial. Os fenômenos mediúnicos conseguiram, afinal, a cidadania científica que as Academias lhe haviam negado. Parodiando uma expressão de Kardec sobre o hipnotismo, repudiado durante anos pela Academia Francesa, podemos dizer que a Mediunidade, não podendo entrar nas Academias pela porta da frente, entrou pela porta da cozinha, ou seja, dos laboratórios.

O reconhecimento científico da realidade dos fenômenos mediúnicos afetou beneficentemente o Espiritismo, mas trouxe-lhe também algumas desvantagens. Muitos espíritas se deslumbraram com o fato e julgaram-se capazes, embora sem o necessário preparo, de criticar e reformar Kardec, o vencedor, como se fosse um derrotado. Com isso pulularam as inovações teóricas e práticas no Es-

piritismo, aturdindo particularmente os iniciantes, que afluíram em massa às instituições doutrinárias. O que daí por diante se publicou, em jornais, revistas, folhetos e livros, a pretexto de ensinar Espiritismo e Mediunidade, foi uma avalanche de pretensões vaidosas e absurdos desmedidos. Por toda parte surgiram os profetas da nova era científico-espírita, além do charlatanismo interesseiro e ganancioso dos *professores* contrários à doutrina, que se julgavam mais capazes de refutar Rhine do que o veterano Vassiliev. Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da Mediunidade: é uma manifestação dos poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão dos resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica. Ninguém se lembra da explicação simples e clara de Kardec: *é uma faculdade humana*.

Procuramos demonstrar, neste livro, o que é em essência essa faculdade, como funciona em nosso corpo e em relação com o mundo, os homens e os espíritos. Analisamos o seu papel nos casos de obsessão e desobsessão, sua importância na vida diária e suas implicações psicológicas, sociológicas e antropológicas e assim por diante. A função decisiva da Mediunidade na evolução humana, desde a selva até a civilização, já estudamos no livro *O Espírito e o Tempo*, mas aqui a revemos na situação de conjunto do texto. Apoiamo-nos nas obras de Kardec, nas conquistas atuais da Parapsicologia, da Física, da Biologia e da Biofísica, sem outro objetivo que o de mostrar as relações dessas conquistas recentes com a estrutura geral da Doutrina Espírita. Apoiamo-nos também em nossas experiências pessoais de quase toda uma vida no trato dos problemas espíritas em geral e da mediunidade em particular, na observação e tratamento de casos de obsessão, no trato direto e vivencial de casos obsessivos na família e em nós mesmos, nas observações de tratamentos em hospitais espíritas e nas instituições doutrinárias. Não teorizamos sobre esses casos, procurando apenas expor o que vimos e sentimos, de maneira a dar o quadro funcional dos processos, segundo a nossa percepção íntima, nos termos da observação psicológica subjetiva e das experiências objetivas. Não fazemos doutrina, procuramos apenas esclarecer, na medida do possível, as questões mais difíceis da teoria e da prática espíritas, hoje conturbadas por verdadeiras aberrações de pessoas inconscientes, que, demasiado confiantes em si mesmas, tripudiam sobre os princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que todos têm o direito de ter suas idéias, suas opiniões, e até mesmo de expor seus possíveis sistemas. Mas ninguém tem o direito de fazer dessas *coisas*, dessas interpretações ou visões pessoais, elementos capazes de integrar-se numa doutrina rigorosamente científica. Agem com leviandade e imprudência os que desejam transformar as suas opiniões em novas leis da Ciência Espírita. A evolução desta, o seu desenvolvimento real — só podem ser realizados em termos de pesquisa científica e análise filosófica, por criaturas lúcidas, equilibradas, conscientes de suas possibilidades e seus limites, conhecedoras das exigências do processo científico. Fora dessas condições só poderemos desfigurar a doutrina e ridicularizá-la aos olhos das pessoas de bom-senso e culturalmente capacitadas.

Este livro não é nem pretende ser considerado como um tratado de mediunidade. Longe disso, é uma exposição dos problemas mediúnicos por alguém

que os viveu e vive, orientando-se nos seus meandros pela bússola de Kardec, a única realmente válida e aprovada pelo Espírito da Verdade, que simboliza a Sabedoria Espiritual junto à Sabedoria Humana. Os que não compreendem a necessidade dessa conjugação para o trato eficaz dos problemas espirituais não estão aptos a tratar de Espiritismo. Enganam-se a si mesmos ao se considerarem mestres do que não conhecem. O Espiritismo é uma doutrina que abrange todo o Conhecimento Humano, acrescentando-lhe as dimensões espirituais que lhe faltam para a visualização da realidade total. O Mundo é o seu objeto, a Razão é o seu método e a Mediunidade é o seu laboratório.

\*

**Livro *Mediunidade* - por J. Herculano Pires****CAPÍTULO I****CONCEITO DE MEDIUNIDADE**

Médium quer dizer mediano, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru. A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a Mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral. As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda. Nessa fase infantil as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes vêem e denunciavam a presença de espíritos e não raro transmitem avisos e recados dos espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta. Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condicionamento da vida terrena, desligando-se progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas. O espírito se ajusta no seu escafandro para enfrentar os problemas do mundo. Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico, para a seguir abrir-se o segundo. Considera-se então que a criança não tem mediunidade, a fase anterior é levada à conta da imaginação e da fabulação infantis.

É geralmente na adolescência, a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo. No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual. Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la com informações mais precisas sobre o problema mediúnico. Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas mesmo nesse caso é necessário cuidado para orientar o adolescente sem excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento. O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária. Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica. Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena. Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinamentos espíritos. Sua mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão mais ou menos nítidas em suas tendências e em seus anseios. Forçá-lo a seguir um rumo que repele é cometer uma violência de graves consequências futuras. Os exemplos dos familiares in-

fluem mais em suas opções do que os ensinamentos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão. No caso de manifestações espontâneas da mediunidade é conveniente reduzi-las ao círculo privado da família ou de um grupo de amigos nas instituições juvenis, até que sua mediunidade se defina, impondo-se por si mesma.

O terceiro ciclo ocorre geralmente na passagem da adolescência para a juventude, entre os dezoito e vinte e cinco anos. É o tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas. Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações. Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais. As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

Há ainda um quarto ciclo, correspondente a mediunidades que só aparecem após a maturidade, na velhice ou na sua aproximação. Trata-se de manifestações que se tornam possíveis devido às condições da idade: enfraquecimento físico, permitindo mais fácil expansão das energias perispiríticas; maior introversão da mente, com a diminuição de atividades da vida prática, estado de apatia neuropsíquica, provocado pelas mudanças orgânicas do envelhecimento. Esses fatores permitem maior desprendimento do espírito e seu relacionamento com entidades desencarnadas. Esse tipo de mediunidade tardia tem pouca duração, constituindo uma espécie de preparação mediúnica para a morte. Restringe-se a fenômenos de vidência, comunicação oral, intuição, percepção extra-sensorial e psicografia. Embora seja uma preparação, a morte pode demorar vários anos, durante os quais o espírito se adapta aos problemas espirituais com que não se preocupou no correr da vida. Esses fatos comprovam o conceito de mediunidade como simples modalidade do relacionamento homem-espírito. Kardec lembra que o fato de o espírito estar encarnado não o priva de relacionar-se com os espíritos libertos, da mesma maneira que um cidadão encarcerado pode conversar com um cidadão livre através das grades. Não se trata das conhecidas visões de moribundos no leito mortuário, mas de típico desenvolvimento tardio de mediunidade que, pela completa integração do indivíduo na vida carnal, imantado aos problemas do dia-a-dia, não conseguiu aflorar. A sua manifestação tardia lembra o adágio de que os extremos se tocam. A velhice nos devolve à proximidade do mundo espiritual, em posição semelhante à das crianças.

Na verdade, a potencialidade mediúnica nunca permanece letárgica. Pelo contrário, ela se atualiza com mais frequência do que supomos, passa de potência a ato em diversos momentos da vida, através de pressentimentos, previsões de acontecimentos simples, como o encontro de um amigo há muito ausente, percepções extra-sensoriais que atribuímos à imaginação ou à lembrança e assim por diante. Vivemos mediunicamente, entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais. Durante o sono, como Kardec provou através de pesquisas ao longo de mais de dez anos, desprendemo-nos do corpo que repousa e passamos ao plano espiritual. Nos momentos de ausência psíquica de distra-

ção, de cochilo, distanciamo-nos do corpo rapidamente e a ele retornamos como o pássaro que voa e volta ao ninho. A Psicologia procura explicar esses lapsos fisiologicamente, mas as reações orgânicas a que atribui o fato não são causa e sim efeito de um ato mediúnico de afastamento do espírito. Os estudos de Hipnotismo comprovam isso, mostrando que a hipnose interfere constantemente em nossa vigília, fazendo-nos dormir em pé e sonhar acordados, como geralmente se diz. A busca científica de uma essência orgânica da mediunidade nunca deu nem dará resultados. Porque a mediunidade tem sua essência na liberdade do espírito.

Chegando a este ponto podemos colocar o problema em termos mais precisos: *a mediunidade é a manifestação do espírito através do corpo*. No ato mediúnico tanto se manifesta o espírito do médium como um espírito ao qual ele atende e serve. Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações espírito-corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo. A dificuldade maior está em se fazer o médium compreender que, para tanto, não precisa tornar-se santo, mas apenas um homem de bem. Os objetivos de santidade perseguidos pelas religiões, através dos milênios, gerou no mundo uma expectativa incômoda para todos os que se dedicam aos problemas espirituais. Ninguém se torna santo através de sufocação dos poderes vitais do homem e adoção de um comportamento social de aparência piedosa. O resultado disso é o fingimento, a hipocrisia que Jesus condenou incessantemente nos fariseus, uma atitude permanente de condescendência e bondade que não corresponde às condições íntimas da criatura. O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros. Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma-íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem. As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e conscienciais que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida.

Essa colocação dos problemas mediúnicos sugere um conceito da mediunidade que nos leva às próprias raízes do Espiritismo. A Mediunidade nos aparece como o fundamento de toda a realidade. O momento do *fiat*, da Criação do Cosmos, é um ato mediúnico. Quando o espírito estrutura a matéria para se manifestar na Criação, constrói o elemento intermediário entre ele e a realidade sensível ou material. A matéria se torna o médium do espírito. Assim, a vida é uma permanente manifestação mediúnica do espírito que, por ela, se projeta e se manifesta no plano sensível ou material. O Inteligível, que é o espírito, o princípio inteligente do Universo, dá a sua mensagem inteligente através das infinitas formas da Natureza, desde os reinos mineral, vegetal e animal, até o reino hominial, onde a mediunidade se define em sua plenitude. A responsabilidade do Homem, da Criatura Humana, expressão mais elevada do Médium, adquire dimensões cósmicas. Ele é o produto multimilenar da evolução universal e carrega em sua mediunidade individual o pesado dever de contribuir para que a Humanida-

de realize o seu destino cósmico. A compreensão deste problema é indispensável para que os médiuns aprendam a zelar pelas suas faculdades.

\*



**Livro *Mediunidade* - por J. Herculano Pires**

CAPÍTULO II

**MEDIUNIDADE ESTÁTICA**

A Mediunidade é uma só, é um todo, mas pode ser encarada em seus vários aspectos funcionais, que são caracterizados como formas variadas de sua manifestação. Kardec a dividiu, para efeito metodológico, em duas grandes áreas bem diferenciadas: a mediunidade de efeitos inteligentes e a mediunidade de efeitos físicos. Essa divisão prevaleceu nas ciências derivadas do Espiritismo. Charles Richet, fundador da Metapsíquica, estabeleceu nessa ciência a divisão das duas áreas com os nomes de metapsíquica subjetiva e metapsíquica objetiva, correspondendo exatamente à divisão espírita. Na Parapsicologia atual, fundada por Rhine e McDougal, as duas áreas figuram com as denominações de: Psigma (de fenômenos subjetivos ou mentais) e Psicapa (de fenômenos objetivos ou de efeitos físicos). A chamada Ciência Psíquica Inglesa, como a antiga Parapsicologia Alemã, a Psicobiofísica de Schrenk-Notzing e outras várias escolas científicas mantiveram essa divisão, o que prova o acerto metodológico de Kardec. A expressão *médium* também prevaleceu, chegando até mesmo à Parapsicologia Soviética, materialista, que a conserva em suas publicações oficiais. Só alguns ramos científicos sofisticados, como a Metergia e a Psicorragia inventaram substitutivos para a cômoda e clara palavra *médium*, mas que não vulgarizaram. Na Metergia o médium se chama metérgico e na Psicorragia se chama psicorrágico. Palavrões científicos só usados por alguns médiuns pedantes que não querem dizer-se médiuns. As denominações dadas pela Parapsicologia atual não são pedantescas. São simples nomes de letras do alfabeto grego, tradicionalmente empregados nas Ciências para designação de fenômenos. Também não é verdade que a Parapsicologia atual tenha dado outros nomes aos fenômenos para se diferenciar do Espiritismo. O problema é outro: na pesquisa científica não se podem usar designações que impliquem interpretação antecipada do fenômeno. Escolhendo letras gregas para designar os fenômenos a ser investigados, os parapsicólogos usavam palavras neutras, como exige a metodologia científica. Uma questão de método. Apesar desse critério, a palavra *sensitivo*, por exemplo, escolhida para substituir *médium*, já foi abandonada por vários parapsicólogos, que voltaram à expressão *médium*, como vimos no caso soviético.

A terminologia espírita adotada por Kardec é simples e precisa. Mas no tocante às duas áreas fundamentais dos fenômenos de efeitos inteligentes e efeitos físicos, era necessário um acréscimo. Além dessa divisão fenomênica, havia o problema da divisão funcional. Kardec notou a generalização da mediunidade e os espíritos o socorreram, como se vê no *Livro dos Médiuns*, com uma especificação curiosa. Temos assim duas áreas de função mediúnica, designadas como *mediunidade generalizada* e *mediunato*. A primeira corresponde à mediunidade natural, que todos os seres humanos possuem, e a segunda corresponde à mediunidade de compromisso, ou seja, de médiuns investidos espiritualmente de poderes mediúnicos para finalidades específicas na encarnação. Como Kardec mencionou a existência de médiuns elétricos e várias vezes comparou a mediunidade com a eletricidade, surgiu mais tarde entre alguns estudiosos, entre os quais Crawford, a idéia de uma divisão mais explícita, com a designação de *mediunidade estática* e *mediunidade dinâmica*. A primeira corresponde à mediunidade natural que todos possuem e permanece geralmente em estase, com manifestações moderadas e quase imperceptíveis. A segunda corresponde à mediuni-

dade ativa, que exige desenvolvimento e aplicação durante toda a vida do médium.

A falta de conhecimento dessa divisão acarreta dificuldades e inconvenientes na prática mediúnic, particularmente nos trabalhos de Centros e Grupos. A mediunidade estática não é propriamente uma forma de energia que permanece no organismo corporal em estado letárgico. É simplesmente a disposição natural do espírito para expandir-se, projetar-se e entrar em relação com outros espíritos. A Parapsicologia atual confirmou a tese espírita das relações telepáticas permanentes na vida social. Nossa mente funciona, segundo acentua John Ehrenwald em seu estudo sobre relações interpessoais, como ativo centro emissor e receptor de pensamentos. Estamos sempre conversando sem o perceber. Muitos dos nossos monólogos são diálogos com outras pessoas ou com espíritos. Mensagens de Emmanuel e André Luiz, através de Chico Xavier, referem-se a inquirições mentais que certos espíritos nos fazem, seja para avaliar o nosso estado mental e ajudar-nos a corrigi-lo, seja para fins obsessivos. Um obsessor se aproxima de nós e sugere mentalmente o nome ou a figura de uma pessoa. Começamos a pensar nessa pessoa e a desfilar na mente os dados que possuímos sobre ela. O obsessor insiste e nós, sem percebermos, vamos lhe dando a ficha da pessoa ou as nossas opiniões sobre ela. Ajudamos o obsessor sem saber. De outras vezes ele pretende saber qual é a nossa posição em determinado caso de desentendimento a respeito de um seu amigo. Nós a revelamos e ele passa a envolver-nos num processo obsessivo. Por isso Jesus aconselhou: "Vigiai e orai". Devemos vigiar os nossos pensamentos e orar por aqueles que consideramos em erro. Se fizermos assim certamente nos livraremos de muitas perturbações e muitos aborrecimentos desnecessários. Os solilóquios do homem são sempre observados pelas testemunhas invisíveis, boas e más, que nos cercam. A mediunidade estática funciona como imanente em nosso psiquismo. Faz parte da nossa natureza, não é uma graça nem uma prova, é um elemento essencial da nossa constituição humana.

Recorrem às casas espíritas muitas pessoas perturbadas e até mesmo obediadas, que em geral são consideradas como médiuns em fase de desenvolvimento. Muitas delas são apenas vítimas de perseguição de espíritos inferiores, resultantes de inquirições mentais. Por esse ou outros motivos, essas criaturas estão realmente envolvidas num processo de obsessão, mas não são médiuns em desenvolvimento. Precisam de passes, de participação nas sessões, mas não de sentar-se à mesa mediúnic para desenvolver mediunidade. Essas pessoas, tratadas devidamente, livram-se da obsessão mas não revelam mais os sintomas mediúnicos decorrentes da obsessão. Essas pessoas não estão investidas de mediunato, não precisam e nem podem desenvolver a sua mediunidade estática. Esta lhe serve para guiar-se na vida através de intuições e percepções extrasensoriais. A obsessão ocasional, por sua vez, serviu para aproximá-la do Espiritismo, despertar-lhe ou reanimar-lhe o sentimento religioso, encaminhá-la num sentido mais elevado em sua maneira de viver, na busca de sintonias mentais benéficas e não prejudiciais.

As pessoas não dotadas de mediunato não estão desprovidas dos recursos mediúnicos. Pelo contrário, podem ser muito sensíveis e intuitivas, dispendo de percepções eficazes em todas as circunstâncias. Os dirigentes de sessões não podem esquecer esse problema, que lhes evitará muitos enganos no trato das manifestações mediúnicas. As obsessões não são produzidas apenas por espíri-

tos. Há muitos casos de obsessões telepáticas, provocadas por pessoas vivas. Kardec tratou desses casos referindo-se à telepatia como telegrafia humana. Sentimentos de aversão, de ódio, de vingança, acompanhados de pensamentos agressivos, podem dar a impressão de verdadeiros processos de obsessão por espíritos inferiores. Estes geralmente se envolvem em tais casos e manifestam-se nas sessões com suas costumeiras bravatas, passando como os responsáveis por perturbações em que apenas se intrometeram. Eliminando o processo telepático, esses espíritos se afastam, sentem-se impotentes para prosseguir na temerária empreitada. O Dr. Ehrenwald relata um caso da sua clínica psicanalítica, em que um rapaz era rejeitado pelos companheiros de pensão. A rejeição era oculta, pois todos fingiam apreciá-lo. Só a pesquisa do médico provou o que se passava. Afastando o paciente para outro meio, os sintomas obsessivos desapareceram gradualmente, na proporção em que os algozes o esqueciam. Esse famoso médico psicanalista, diante de casos dessa ordem, propôs a ampliação dos métodos de pesquisa parapsicológica com acréscimo dos métodos significativos da Psicologia dos métodos qualitativos da pesquisa espírita. Havia realmente chegado a hora em que a Parapsicologia atual devia superar o primarismo dos métodos de investigação puramente quantitativos, sob controle estatístico, para enfrentar o problema das conseqüências da ação telepática no meio social. Posteriormente a Profa. Louise Rhine, esposa e colaboradora do Prof. Rhine, publicava seu livro *Os Canais Ocultos da Mente*, relatando pesquisas de campo sobre os fenômenos paranormais. Alegava que as pesquisas de laboratório eram demasiadamente frias e despojavam os fenômenos de sua riqueza emocional seu significado. O livro da Senhora Rhine apresenta uma seqüência impressionante de casos essencialmente espíritas.

Todos os rios levam suas águas para o mar. Todas as ciências psíquicas desembocam fatalmente no delta do Espiritismo. Não podemos desprezar as suas pesquisas e as suas conclusões. Os parapsicólogos verdadeiros, que são cientistas universitários, não devem ser confundidos com sacerdotes inconscientes que apresentam ao público uma deformação sectária e intencional da Parapsicologia. Esses padres, frades e pastores que tripudiam sobre a ignorância e a ingenuidade do povo, são acionados por interesses materiais evidentes e por entidades espirituais inferiores, que servem da mediunidade estática deles mesmos para levá-los a campanhas inglórias e a explorações deploráveis da boa-fé dos fiéis. Mas a verdade é que estão nas malhas da mediunidade que negam e combatem. A mediunidade estática dorme nas suas próprias entranhas, à espera de que se tornem capazes de percebê-la e compreendê-la.

Na linha natural dos processos de percepção, a mediunidade estática afloresce, às vezes, dadas as circunstâncias favoráveis, numa eclosão semelhante ao desenvolvimento mediúnico. Há casos de premonição que surgem de perigo eventual, casos de vidência passageira, que parecem sintomas de mediunato em eclosão. É difícil saber-se de imediato, o que se passa, principalmente em virtude do estado emocional dos pacientes. Mas basta uma observação paciente, com a freqüência a sessões mediúnicas, para logo se verificar que se trata apenas de ocorrências isoladas e ocasionais. A mediunidade estática tende sempre a voltar à sua acomodação no psiquismo normal. O que às vezes complica essas ocorrências passageiras é a insistência no desenvolvimento mediúnico ou as aplicações terapêuticas de choques e dosagens excessivas de drogas nos receituários médicos.

\*

MEDIUNIDADE por J. Herculano Pires

### CAPÍTULO III

#### MEDIUNIDADE DINÂMICA

A mediunidade dinâmica não permanece em estase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada *mediunidade de serviço*, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores. O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois vê-se investido de uma missão mediúcnica a que os Espíritos deram o nome de mediunato. A situação do médium é bem diferente da comum. Ele é continuamente solicitado para atender a entidades desencarnadas carentes de auxílio e elucidação. Se rejeita o seu compromisso ou tenta protelá-lo fica sujeito a perturbações e finalmente à obsessão. O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas. Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as conseqüências da fuga ao dever.

O mediunato é também concedido em casos de pura assistência ao próximo e ajuda à Humanidade, como nos mostra o exemplo histórico das meninas Boudin, Julia e Carolina, em Paris, cuja mediunidade admirável garantiu o êxito da missão de Kardec. Mas o próprio Kardec não era médium, porque a sua missão era científica e não mediúcnica. Cabia-lhe estudar e pesquisar a mediunidade para desdobrar a incipiente cultura terrena, revelando aos cientistas a face oculta da Natureza, a realidade desconhecida do *outro mundo* que eles não percebiam e quando percebiam não aceitavam. As meninas Boudin, que estavam com apenas 14 e 16 anos, foram os instrumentos mediúnicos de que ele se serviu para a elaboração da Doutrina. Interrogava os espíritos através delas, aceitava ou rejeitava o que diziam, discutia livremente com eles e observava outros médiuns, como a Srta. Jafet, Didier Filho, Camille Flammarion, Victorien Sardou e muitos outros. Não era um profeta, nem um vidente ou Messias: era um pesquisador incansável e exigente. A volumosa, minuciosa e inabalável obra que deixou, formando um maciço de mais de vinte volumes de quatrocentas páginas em média, mostra porque ele não podia dispor de um mediunato. Tinha de dedicar-se inteiramente, como se dedicou até à exaustão, ao trabalho intelectual. É grandiosa a epopéia humilde desse homem, pesquisador solitário de uma ciência que todos combatiam e ridicularizavam. Se não estava investido de mediunato, dispunha da intuição em alto grau, de um bom-senso que lhe permitiu solidificar e estruturar a doutrina em bases seguras e vencer facilmente as mais sofisticadas investidas dos intelectuais, dos sábios, dos ateus e materialistas, das academias e instituições culturais, das igrejas e dos teólogos, mostrando-lhes com serenidade e clareza meridiana os erros temerários em que incidiam. A mediunidade estática lhe permitia, nos últimos anos de trabalho, ser advertido diretamente pelos espíritos de lapsos ocorridos em seus escritos, como se pode ver em suas anotações pu-

blicadas em *Obras Póstumas*. Se os homens não fossem tão estúpidos, como demonstrou Richet em *L'Homme Stupide*, teriam poupado Kardec dos muitos dissabores e das muitas lutas que teve de sustentar.

Para se compreender melhor a razão pela qual Kardec não teve um mediunato, basta lembrar o caso de Swedenborg na Suécia e de Andrew Jackson Davis nos Estados Unidos. O primeiro era um dos maiores sábios do século XVIII, amigo de Kant e foi um precursor do Espiritismo. Mas, dotado de extraordinária vidência, perdeu-se nas suas próprias visões, fascinado pela realidade invisível, e acabou criando uma seita eivada de absurdos. O segundo era também vidente e lançou uma série de livros em que o fantástico supera as possibilidades do real. Kardec pôde realizar seu trabalho com firmeza porque não quis ser mais do que homem, como dizia Descartes, permanecendo com os pés no chão e examinando todas as manifestações espirituais com o mais rigoroso critério científico. Os fenômenos mediúnicos são os mais difíceis de se examinar com frieza. O médium não escapa aos impactos emocionais dessas manifestações, como Kardec viu no próprio exemplo de Flammarion. Por outro lado, a condição de médium o tornaria suspeito aos olhos desconfiados dos homens de ciência. Sua posição firme no campo cultural e nas áreas de pesquisa, que lhe valeram o louvor de Richet e o respeito de Crookes, Zöllner e outros cientistas conscienciosos, e principalmente sua lógica poderosa o livraram dos perigos que ele mesmo apontava no tocante à complexa e fascinante problemática do Espiritismo. Tinha de falar aos homens como homem, e assim o fez, com a linguagem humana dos que buscam a verdade.

Mesmo no meio espírita o critério de Kardec ainda não foi suficientemente compreendido. Muitos censuram o seu comedimento em tratar de assuntos melindrosos da época. Não entendem o valor do *Livro dos Médiuns* e vivem à procura de novidades apresentadas em obras mediúnicas suspeitas. Não percebem que o problema mediúnico só agora pode ser tratado cientificamente com mais desembaraço, graças ao avanço das ciências nos últimos anos. Poucos entendem o critério modelar de uma obra difícil como *A Gênese* e de um livro como *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em que as questões explosivas da fé irracional e das influências mitológicas teriam de ser contornadas. Nas mãos de um vidente esses livros não poderiam ser escritos com a clareza racional em que o foram, porque as visões místicas influiriam na sua elaboração.

A vidência, como todas as formas de mediunidade, pode ocorrer ocasionalmente a qualquer pessoa, mas a sua ação permanente, nos casos de mediunato, pode bloquear a razão e excitar o misticismo. Nesses casos o místico está sujeito a enganos fatais. O espírito encarnado está condicionado à vida do plano material, não dispendo de segurança para lidar com os problemas do plano espiritual. Mas a vaidade humana leva os videntes a confiarem nas suas percepções, pois isso os coloca acima dos outros. No desdobramento, com fins de pesquisa no outro plano, esse problema se agrava, pois o deslocamento do espírito para um campo de ação que não é o seu, durante a encarnação, o coloca no plano espiritual como um estrangeiro que precisaria de tempo para ajustar-se a ele. Por isso Kardec preferiu o estudo e a investigação através das manifestações mediúnicas, onde é possível controlar-se a legitimidade das informações dadas pelos próprios habitantes do plano espiritual.

Richet levantou o problema do condicionamento da vidência à crença do vidente. Frederic Myers demonstrou que a nossa mente está condicionada para a

interpretação das percepções sensoriais. A consciência supraliminar, onde funciona a nossa mente de relação, está voltada para as condições do mundo em que vivemos. A consciência subliminar, que equivale ao inconsciente, destina-se a funcionar normalmente na vida futura, ou seja, no plano espiritual. Kardec observou tudo isso com rigor, através de pesquisas incessantes, nas comunicações mediúnicas de espíritos encarnados, como se pode ver nos relatos de suas pesquisas publicados na *Revista Espírita*. Os próprios espíritos recém-desencarnados referem-se sempre às dificuldades que enfrentam para adaptar-se às condições do mundo espiritual. É pois, uma temeridade confiar-se na vidência para estabelecer novos princípios ou sistemas de prática espírita. A vidência auxilia nas pesquisas, mas não pode ser o seu instrumento único. Os videntes que se colocam na posição de conhecedores absolutos do outro mundo, esquecendo-se de que o seu equipamento sensorial e mental pertence a este mundo, e se apresentam na condição de mestres e reformadores da doutrina enganam-se a si mesmos e enganam aos outros.

Pode-se alegar a existência do mediunato da vidência. Mas esse mediunato jamais é concedido para as aventuras de espíritos de vivos no plano espiritual, porque isso seria condenar o médium a uma situação de dualidade perigosa na vida terrena. O mediunato da vidência existe, mas para fins de auxílio às pesquisas ou para demonstrações da verdade espírita, mas nunca para a criação de condições anômalas no campo mediúnico. As próprias obras mediúnicas, psicografadas, que descrevem com excesso de minúcias a vida no plano espiritual devem ser encaradas com reserva pelos espíritas estudiosos. Emmanuel explica, prefaciando um livro de André Luiz, que o autor espiritual se serve de figuras analógicas para explicar fatos e coisas que não poderiam ser explicados de maneira fidedigna em nossa linguagem humana. São perigosas as duas posições extremadas: a dos que não aceitam essas obras como válidas e a dos que pretendem substituir por elas as obras de Kardec. Os princípios da Codificação não podem ser alterados pela obra de um espírito isolado. A Codificação não é obra de vidência, mas de pesquisa científica realizada por Kardec sob orientação e vigilância dos Espíritos Superiores.

Estamos numa fase de rápidas transformações de conceitos e valores, mas não devemos esquecer que os conceitos e os valores do Espiritismo não se restringem ao momento atual. São conceitos e valores destinados à nossa preparação para o futuro, de maneira que não estão peremptos.

De tudo isso resulta um acréscimo da responsabilidade espírita para todos os que se deixam levar pela fascinação das novidades. O Espiritismo é um campo de estudos difícil e melindroso, em que não podemos descuidar um só instante da bússola da razão. Ao tratar de assuntos espíritas estamos agindo num campo magnético em que se digladiam as forças do bem e do mal. Nem sempre sabemos distingui-las com segurança e podemos deixar-nos levar por correntes de pensamento desnorteantes. A vaidade, a pretensão, o orgulho humano sempre vazio e fácil de ser levado pelos ventos da mistificação, o desejo leviano de nos diferenciarmos da maioria, a ambição doentia e tola de nos fantasiarmos de mestres podem levar-nos à traição à verdade. A obra de Kardec é a bússola em que podemos confiar. Ela é a pedra de toque que podemos usar para aferir a legitimidade ou não das pedras aparentemente preciosas que os garimpeiros de novidades nos querem vender. Essa obra repousa na experiência de Kardec e na sabedoria do Espírito da Verdade. Se não confiamos nela é melhor abandonarmos

o Espiritismo. Não há mestres espirituais na Terra nesta hora de provas, que é semelhante à hora de exames numa escola do mundo. Jesus poderia nos responder, diante da nossa busca comodista de novos mestres, como Abraão respondeu ao rico da parábola: "Porque eu deveria mandar-vos novos mestres, se tendes convosco a Codificação e os Evangelhos?".

A mediunidade dinâmica do *mediunato* exige o nosso esforço contínuo na luta para sustentação da verdade espírita no mundo. Mas ninguém se esquivava sem graves conseqüências ao dever da vigilância. Os espíritos mistificadores contam apenas com dois pontos de apoio para nos envolverem: a vaidade e a in-vigilância. É mais fácil a eles se aproximarem de nós e conquistar a nossa atenção, do que aos espíritos esclarecidos nos socorrerem com suas intuições ponderadas. Estamos num mundo de provas e de expiações, somos espíritos em evolução, na maioria repetidores de encarnações fracassadas. Nosso livre-arbítrio não pode ser violado, mas quando aceitamos as mistificações de pretensos reformadores usamos o livre-arbítrio na escolha infeliz que então fazemos. Este é um ponto importante de doutrina em que devemos pensar incessantemente. Nossa responsabilidade no tocante ao *mediunato* não nos permite leviandade alguma que não tenha um preço a pagarmos no presente ou no futuro. Num ambiente mediúnico dominado pelo desejo de novidades e pela expectativa do maravilhoso, estamos sujeitos sempre a nos embriagar com o vinho das ilusões. O principal dever dos médiuns resume-se em duas palavras: fidelidade e vigilância. Se não formos fiéis à doutrina e não estivermos sempre vigilantes às ciladas das trevas, estaremos sujeitos a seguir o caminho dos falsos profetas da Terra e da erraticidade, que o cego da parábola levará ao barranco para cair com ele.

\*



**O Problema do Animismo. Fraudes Conscientes e Inconscientes: os motivos psicológicos das fraudes. A superestimação do problema da fraude pelos adversários do Espiritismo como meio de desmoralização da pesquisa psíquica.**

O LIVRO DOS MÉDIUNS  
(Editora LAKE. Trad. J. Herculano Pires. 23ª. Ed. 2004)

CAPÍTULO XXVII  
**CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES**  
DAS CONTRADIÇÕES

297. Os adversários do Espiritismo não se esquecem de objetar que os seus adeptos não concordam entre si. Que nem todos partilham das mesmas crenças. Numa palavra: que se contradizem. Se o ensinamento é dado pelos Espíritos, dizem eles, como pode não ser o mesmo? Somente um estudo sério e aprofundado da Ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor.

Digamos desde logo, para começar, que essas contradições, de que certas pessoas fazem grande alarde, são em geral mais aparentes do que reais, que se referem mais à superfície do que ao fundo dos problemas, e que por isso mesmo não têm importância. Essas contradições procedem de duas fontes: os homens e os Espíritos.

298. As contradições de origem humana foram suficientemente explicadas no capítulo *Dos Sistemas*, nº 36, ao qual nos reportamos. Compreende-se que no começo, quando as observações eram ainda incompletas, surgiram opiniões divergentes sobre as causas e as conseqüências dos fenômenos espíritas. Dessas opiniões, três quartas partes já caíram diante de um estudo mais sério e profundo. Com poucas exceções, e à parte as pessoas que não se livram facilmente das idéias que acariciaram ou engendraram, pode-se hoje dizer que há unidade da imensa maioria dos espíritas quanto aos princípios gerais, com exceção talvez de alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita temos de identificar-nos com a natureza do mundo invisível, tendo para isso estudado todos os seus aspectos. À primeira vista pode parecer estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem conhecer o número infinito de graus que eles devem percorrer para chegar ao alto da escala. Para querer uma visão única das coisas teríamos de supô-los a todos no mesmo nível; pensar que todos devem ver com justeza seria admitir que todos chegaram à perfeição, o que não acontece nem poderia acontecer, quando nos lembramos de que eles não são nada mais do que a humanidade desprovida do envoltório corporal. Como os espíritos de todos os graus podem manifestar-se, resulta que as suas comunicações trazem o cunho da sua ignorância ou do seu saber, da sua inferioridade ou da sua superioridade moral. E é justamente para distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, que devem servir as instruções que temos dado.

Não se deve esquecer que há entre os Espíritos, como entre os homens, falsos sábios e semi-sábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado tudo conhecer, para os demais, como para nós, há mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas idéias, e sobre os quais podem formar opiniões mais ou menos justas, que por seu amor-próprio

querem fazer prevalecer e gostam de repetir em suas comunicações. O erro está na atitude de alguns de seus intérpretes, esposando com muita precipitação opiniões contrárias ao bom senso e fazendo-se os seus divulgadores responsáveis. Assim, as contradições de origem espírita só têm por causa a diversidade natural das inteligências, dos conhecimentos, da capacidade de julgar e da moralidade de certos Espíritos que ainda não estão aptos a tudo conhecer e compreender. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, item XI-II, e na conclusão, item IX). (Como Kardec sempre acentuou, devemos considerar os Espíritos como criaturas humanas desencarnadas e não como entes divinos. Essa posição natural evitaria que aceitássemos grande parte das suas comunicações, evitando muitos enganos. - N. do T.)

300. De que serve o ensino dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se não nos oferece maior grau de certeza que a dos homens? A resposta é fácil. Não aceitamos com a mesma confiança o ensino de todos os homens, e entre duas doutrinas não preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos exposto às paixões? É necessário agir da mesma maneira com os Espíritos. Se entre eles há os que não se elevaram acima da humanidade, há também muitos que a ultrapassaram e podem nos dar instruções que em vão buscaríamos entre os homens mais instruídos. É a distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que devemos nos aplicar, se quisermos nos esclarecer, e é essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo. Mas essas mesmas instruções têm o seu limite. Se aos Espíritos não é dado saber tudo, com mais forte razão deve ser assim também com os homens. Há assuntos, portanto, sobre os quais os interrogaríamos em vão, seja porque não podem fazer revelações, seja por ignorarem os mesmos, só podendo nos dar a sua opinião pessoal. São essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos nos dão como verdades absolutas. É sobretudo a respeito do que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de darem a impressão de que conhecem os segredos de Deus. E é também sobre esses pontos que há mais contradições. (Ver o capítulo precedente.)

301. Eis as respostas dadas pelos Espíritos às perguntas que fizemos sobre o problema das contradições:

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois Centros diferente pode transmitir sobre o mesmo assunto opiniões contraditórias?

— Se os dois Centros diferem no tocante a idéias e opiniões a comunicação poderá lhes chegar modificada, porque estão sob a influência de diferentes falanges de Espíritos: então não é a comunicação que é contraditória, mas a maneira por que é transmitida.

2. Compreende-se que uma resposta possa ser alterada, mas quando as qualidades do médium excluem toda idéia de má influência, como podem Espíritos superiores usarem linguagem diversa e contraditória sobre o mesmo assunto, para pessoas inteiramente sérias?

— Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem. Sua linguagem é sempre a mesma *com as mesmas pessoas*. Mas pode variar segundo as pessoas e os lugares. Deve-se, porém, prestar atenção a isto: a contradição é muitas vezes aparente e refletindo-se respeito vê-se que a idéia fundamental é a mesma. Ademais, o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma questão, segundo o grau de perfeição dos que o evocam. Nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente

adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta: certamente responderias a cada um de maneira a se fazer compreender e a satisfazê-los. As respostas, embora diferentes, teriam sempre o mesmo sentido.

3. Com que fim os Espíritos sérios parecem aceitar junto a certas pessoas idéias e até mesmo preconceitos que combatem junto de outras?

— É necessário que nos façamos compreender. Se alguém tem uma convicção bem estabelecida sobre uma doutrina, mesmo que falsa, devemos afastá-lo dessa convicção, mas a pouco e pouco. É por isso que nos servimos muitas vezes dos seus termos e aparentamos estar integrados nas suas idéias, a fim de que não se assuste de repente e deixe de se instruir conosco.

Aliás, não é conveniente atacar muito bruscamente os preconceitos. Seria esse um bom meio de não sermos ouvidos. Eis porque os Espíritos falam frequentemente de acordo com a opinião dos que os escutam, procurando levá-los pouco a pouco à verdade. Apropriam a sua linguagem às pessoas, como tu mesmo o farás, se fores um orador um tanto hábil. É por isso que não falarão a um chinês ou a um muçulmano da mesma maneira que a um francês, a um cristão, pois estariam certos de ser repelidos.

Não se deve tomar por uma contradição o que geralmente é apenas uma fase da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa marcada por Deus. Cumprem-na segundo as condições que consideram convenientes para beneficiar os que recebem suas comunicações. (Estas explicações têm sido interpretadas maliciosamente por certos adversários do Espiritismo, que se fazem de desentendidos para acusar os Espíritos de hipócritas. Não se trata de impingir idéias a ninguém, o que os Espíritos superiores nunca fazem, mas de ajudar os que, iludidos por falsas idéias, necessitam de orientação no seu processo evolutivo. Todos os verdadeiros mestres usam esse sistema. - N. do T.)

4. As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas na mente de certas pessoas. De que método podemos servir-nos para conhecer a verdade?

— Para discernir o erro da verdade é necessário aprofundar no entendimento dessas respostas, meditando-as demorada e seriamente. É um verdadeiro estudo que se tem de fazer. Precisa-se de tempo para isso, como para todos os estudos.

Estudai, comparai, aprofundai-vos nas questões. Temos dito incessantemente: o conhecimento da verdade tem esse preço. Como quereis chegar à verdade interpretando tudo segundo as vossas idéias estreitas, que considerais grandes idéias? Mas não vem longe o dia em que o ensino dos Espíritos será um só para todos nos detalhes como nas linhas mestras. Sua missão é a de destruir o erro, mas isso só se consegue gradativamente.

5. Há pessoas que não têm o tempo nem a aptidão necessária a um estudo sério e aprofundado. Aceitam sem exame o que lhes ensinam. Mas não há nisso, para elas também, o inconveniente de acreditar em erros?

— Que pratiquem o bem e não façam o mal, isso é o essencial. Para isso não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer o façam em nome de Alá ou de Jeová, porque só há um mesmo Deus para o Universo.

6. Como podem os Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, ter idéias evidentemente falsas sobre certas coisas?

— Eles têm as suas doutrinas. Os que não são bastante adiantados, mas julgam que o são, tomam as suas idéias pela verdade. É como acontece entre vós. (As doutrinas humanas são geralmente fechadas e estáticas. Formam sistemas de idéias a que os homens se apegam. Por isso a Doutrina Espírita se apresenta aberta e dinâmica, baseada na pesquisa e formada pelas contribuições de numerosos Espíritos e homens superiores. O Espiritismo não se apresenta como *a verdade*, mas como a *busca incessante da verdade*, que se acentua e amplia na proporção em que os homens e o mundo evoluem. N. do T.)

7. Que pensar das doutrinas que só aceitam a comunicação de um Espírito, que seria Deus ou Jesus?

— O Espírito que a ensina deseja dominar e por isso quer impor-se como único. Mas o infeliz que ousa tomar o nome de Deus pagará bem caro o seu orgulho. Essas doutrinas se refutam a si mesmas porque estão em contradição com os fatos mais amplamente verificados. Não merecem exame sério, pois não têm fundamento. (Kardec formulou essa pergunta porque a doutrina do "Espírito único" havia sido lançada em Paris e, por mais absurdo que pareça, fazia adeptos. Também por isso o Espírito da Verdade se interessou em dar uma comunicação assinada sobre o assunto. Hoje, outras doutrinas continuam a surgir, sempre contraditórias e absurdas, através de médiuns ansiosos de projeção e renome. Basta analisá-las com atenção, como ensina o trecho acima, para percebermos em todas elas os traços da ignorância e da ambição dos seus criadores. N. do T.)

A razão vos diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má. Como quereis que uma árvore boa dê maus frutos. Já colhestes uvas na macieira? A diversidade das comunicações é prova patente da diversidade de sua origem. Aliás, os Espíritos que desejam ser os únicos a se comunicarem se esquecem de dizer por que motivo os outros não o poderiam fazer. Sua negação é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os entes que lhes são caros e que assim estariam perdidos para ele; sem retorno. São essas *relações que identificam o homem com o seu futuro, que o destacam do mundo material*. (Note-se a importância desse conceito sobre as relações mediúnicas. O grifo é nosso. N. do T.). Suprimir essas relações seria mergulhá-lo na dúvida que é o seu tormento, seria alimentar o seu egoísmo. Examinando com atenção a doutrina desses Espíritos; deparamos a cada passo com injustificáveis contradições, provas de sua ignorância a respeito das coisas mais evidentes, e por conseguinte com os sinais seguros de sua inferioridade. - O ESPÍRITO DE VERDADE.

8. De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais chocantes é a relativa à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como nem todos os Espíritos a ensinam?

— Não sabeis que existem Espíritos cujas idéias estão limitadas ao presente, como acontece com muitos homens na Terra? Pensam que a sua situação atual deve durar para sempre, não enxergam além de círculo de suas percepções imediatas e não se perguntam de onde vêm e para onde vão. Apesar disso, devem sujeitar-se à lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade em que não pensam enquanto ela não chega. Bem sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso é para eles um problema. Então, se lhes fazeis a pergunta, responderão com os sete céus superpostos como andares. Há mesmo os que responderão com a esfera de fogo, a de estrelas, a de flores e a dos eleitos.

9. Concebemos que Espíritos pouco adiantados não possam compreender essa questão. Mas como é que outros Espíritos de inferioridade moral e intelec-

tual notórias, falam espontaneamente de suas diferentes existências e de seu desejo de reencarnar para resgatar o passado?

— No mundo dos Espíritos se passam coisas que é difícil de compreenderdes. Não tendes entre vós pessoas que são ignorantes de certas coisas e esclarecidas sobre outras? Não sabeis que certos Espíritos gostam de manter os homens na ignorância e tomam para isso ares de instrutores, aproveitando-se da facilidade com que aceitam as suas palavras? Eles podem seduzir os que não examinam as coisas, mas quando os apertamos no círculo do raciocínio não sustentam o seu papel por muito tempo.

É necessário, por outro lado, levar em conta a prudência geral dos Espíritos na propagação da verdade: uma luz viva e súbita ofusca, não esclarece. Eles podem, pois, em certos casos, julgar conveniente expandi-la gradualmente, de acordo com a época, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinaria. E o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras. Falais da reencarnação e vos admirais de que esse princípio não tenha sido ensinado em certos países, lembrai-vos então de que num país dominado pelo preconceito de cor, com a escravidão enraizada nos costumes, o Espiritismo seria repellido pelo simples fato de proclamar a reencarnação. Porque a idéia de que o senhor possa tornar-se escravo e vice-versa teria parecido monstruosa. Não valeria a pena divulgar primeiro a idéia geral, deixando para tirar mais tarde as suas conseqüências? (Essa estratégia dos Espíritos superiores para a revelação da verdade prova a inferioridade do nosso mundo. Eles agiram de início, e continuam agindo ainda hoje, de maneira pedagógica, tratando os povos civilizados (e os mais adiantados da Terra) como os professores inteligentes tratam as crianças na escola primária. N. do T.)

Oh, homens! Como a vossa vista é curta para apreciar os desígnios de Deus! Sabei, então, que nada se faz sem a sua permissão e sem um objetivo que freqüentemente não conseguis penetrar. Já vos disse que será feita a unidade da crença espírita. Tende certeza de que ela se fará. E que as dissidências, já menos profundas, irão se apagando pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem, e desaparecerão por completo, porque essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer. - O ESPÍRITO DA VERDADE (Novas dissidências continuam a surgir, mas a sua própria fragilidade nos mostra; como serão passageiras. Espíritos e médiuns, levados pela vaidade e a imaginação, criam sistemas novos como castelos na areia. O tempo, as águas e o vento se incumbirão de destruí-los. A verdade é uma só e o mundo está sujeito à lei da evolução. N. do T.)

10. As doutrinas errôneas que certos Espíritos podem ensinar não retardam o progresso da verdadeira Ciência?

— Quereis obter tudo sem dificuldades. Mas lembrai-vos de que não há campo sem ervas daninhas que o lavrador deve arrancar. Essas doutrinas errôneas são uma conseqüência da inferioridade do vosso mundo. Se os homens fossem perfeitos só aceitariam a verdade. Os erros são como pedras falsas que só um olho experiente pode distinguir. Necessitais, portanto, de aprendizado para distinguir o verdadeiro do falso. Pois bem, as falsas doutrinas têm a utilidade de vos exercitar na separação da verdade e do erro.

— Os que aceitam o erro não retardam o seu progresso?

— Se aceitam o erro é porque não estão suficientemente adiantados para compreender a verdade.

302. Esperando que se faça a unidade, cada qual acredita possuir a verdade e sustenta que só ele está com a verdade. Ilusão que os Espíritos mistificadores não deixam de entreter. Sobre o que poderá se apoiar o homem imparcial e desinteressado para fazer o seu julgamento?

— A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem. O diamante sem jaça é o de maior valor. Julgai os Espíritos pela pureza dos seus ensinamentos. A unidade se fará onde o bem jamais se tenha misturado com o mal. É ali que os homens se ligarão pela própria força das circunstâncias, porque julgarão que ali se encontra a verdade.

Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e devem vos unir num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Seja qual for a via de progresso que se pretende para; as almas, o objetivo final é o mesmo, praticar o bem. Ora, não há duas maneiras de o fazer.

Se surgirem dissidências capitais, referentes ao próprio fundamento da doutrina, tendes uma regra segura para as apreciar. A regra é esta: a melhor doutrina é aquela que melhor satisfaz ao coração e à razão e que dispõe de mais recursos para conduzir os homens ao bem. Essa, eu vos dou a certeza, é a que prevalecerá. - O ESPÍRITO DA VERDADE.

#### DAS MISTIFICAÇÕES

303. Se enganar-se é desagradável, pior ainda é ser mistificado. Aliás, é esse um inconveniente de que mais facilmente podemos nos preservar. Os meios de desmanchar as armadilhas dos Espíritos mistificadores foram expostos nas instruções precedentes e por isso diremos pouco a respeito. Eis as respostas dadas pelos Espíritos sobre o assunto.

1. As mistificações são um dos escolhos mais desagradáveis da prática espírita. Haverá um meio de evitá-las?

— Parece-me que podeis encontrar a resposta revendo o que já vos foi ensinado. Sim, é claro, há para isso um meio muito simples, que é o de não pedir ao Espiritismo nada mais do que ele pode e deve dar-vos; seu objetivo é o aperfeiçoamento moral da Humanidade. Desde que não vos afasteis disso, jamais sereis mistificados, pois não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, mas somente aquela que todo homem de bom senso pode admitir.

Os Espíritos vêm instruir-vos e guiar-vos na rota do bem e não na das honrarias e da fortuna ou para atender às vossas pequeninas paixões. Se jamais lhe pedissem futilidades ou o que seja além de suas atribuições, ninguém daria acesso aos Espíritos mistificadores. Do que se conclui que só é mistificado aquele que o merece.

Os Espíritos não estão incumbidos de vos instruir nas coisas deste mundo, mas de vos guiar com segurança naquilo que vos possa ser útil para o outro. Quando vos falam das coisas daqui é por considerarem isso necessário, mas não porque o pedis. Se quiserdes ver nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então sereis mistificados.

Se bastasse aos homens dirigir-se aos Espíritos para tudo saberem, perderiam o livre-arbítrio e sairiam dos desígnios traçados por Deus para a Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os Espíritos para lhe aplainarem a rota da vida material, mas para lhe prepararem a do futuro.

— Mas há pessoas que nada pedem e são indignamente logradas por Espíritos que se manifestam espontaneamente, sem que os evoquem.

— Se nada pedem, aceitam o que dizem, o que dá na mesma. Se recebessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.

2. Porque Deus permite que pessoas sinceras, que aceitam de boa fé o Espiritismo, sejam mistificadas? Isso não poderia acarretar o inconveniente de lhes abalar a crença?

— Se isso lhes abalasse a crença, seria por não terem a fé bastante sólida. As pessoas que abandonassem o Espiritismo por um simples desapontamento provariam não o haver compreendido, não terem apegado ao seu aspecto sério. Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um simples meio de divertimento. - *O Espírito Verdade.*

**Observação** - *A malandragem dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo que se possa imaginar. A arte com que assestam as suas baterias e tramam os meios de persuadir seria uma coisa curiosa, caso se limitassem a brincadeiras inocentes. Mas as mistificações podem ter conseqüências desagradáveis para os que não se previnem. Somos muito felizes por termos podido abrir os olhos a tempo a muitas pessoas que nos pediram conselhos, livrando-as de situações ridículas e comprometedoras.*

*Entre os meios empregados por esses Espíritos devemos colocar em primeiro lugar, como os mais freqüentes, os que excitam a cupidez, como a revelação de pretensos tesouros ocultos, o anúncio de heranças e de outras fontes de riqueza. Devem também considerar-se desde logo suspeitas as predições com épocas marcadas e todas as indicações precisas referentes a interesses materiais. Toda cautela com as providências prescritas ou aconselhadas pelos Espíritos, quando os fins não forem claramente razoáveis.*

*Jamais se deixar ofuscar pelos nomes usados pelos Espíritos para darem validade às suas palavras. Desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados. Enfim, desconfiar de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Poderíamos escrever um volume dos mais curiosos com as estórias de todas as mistificações que têm chegado ao nosso conhecimento (a falta de observação dessas instruções tem permitido a divulgação e aceitação de numerosas teorias pseudocientíficas em nossos pais e em todo o mundo, que contribuem para o descrédito do Espiritismo. A vaidade pessoal de médiuns, de estudiosos da doutrina e até mesmo de intelectuais de valor inegável, estes sempre dispostos a criticar e a superai Kardec, tem levado essas pessoas ao ridículo, inutilizando-as para o verdadeiro trabalho de divulgação e orientação. Essas instruções devem ser lidas e meditadas pêlos que desejam realmente servir à causa espírita. N. do T.)*

## CAPÍTULO XXVIII

## CHARLATANISMO E PRESTIDIGITAÇÃO

## MÉDIUNS INTERESSEIROS - AS FRAUDES ESPÍRITAS

## MÉDIUNS INTERESSEIROS

304. Como tudo pode servir de exploração, nada de estranho que se quisesse também explorar os Espíritos. Resta saber como os Espíritos receberiam isso, caso tentassem especular com eles. Digamos de início que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e à prestidigitação. Assim como temos falsos médiuns e bastaria isso para termos fundados motivos de desconfiança. O desinteresse, pelo contrário, é a melhor resposta que podemos dar aos que só vêem nos fatos o produto de habilidades, porque não há charlatanismo desinteressado. Que motivo teriam as pessoas que praticassem a mistificação sem nenhuma vantagem, tanto mais quando a sua reconhecida honorabilidade as coloca acima de suspeições?

Se o fato de obter lucros com sua faculdade pode levantar suspeitas sobre o médium, entretanto não prova que as suspeitas sejam fundadas. Ele poderia ter uma faculdade real e agir de boa fé ao se fazer pagar. Vejamos se é possível esperar, nesse caso, algum resultado satisfatório.

305. Se ficou bem compreendido o que dissemos das condições necessárias a um intérprete dos Espíritos bons, como poderíamos supor que um Espírito, por pouco elevado que fosse, estivesse a todos os momentos à disposição de um empresário de sessões, sujeito às suas exigências para atender ao primeiro curioso? Devemos lembrar as numerosas causas que podem afastar os Espíritos bons, das circunstâncias independentes da sua vontade que os podem impedir de agir, enfim, de todas as condições de natureza moral que podem influir nas comunicações. Conhecemos a aversão dos Espíritos por tudo o que cheira a cupidez e egoísmo, a pouca importância que dão às coisas materiais, e apesar disso aceitaríamos que eles ajudassem os que pretendem negociar as suas manifestações? Isso repugna à razão e seria necessário quase nada conhecer do mundo espírita para admitir tal coisa.

Mas os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só buscam ocasiões de se divertirem à nossa custa. Disso resulta que se não formos enganados por um falso médium é bem possível que o sejamos por alguns desses Espíritos. Estas simples reflexões nos dão a medida da confiança que podemos ter em comunicações dessa espécie. Mas de que serviriam hoje os médiuns pagos, se podemos ter nós mesmos a faculdade ou encontrá-la entre os familiares, amigos e conhecidos? (Na Europa e nos Estados Unidos a regra é o pagamento do "trabalho" mediúnico. Mas isso por falta de conhecimento do Espiritismo e particularmente desse aspecto da mediunidade esclarecido por Kardec: todos somos médiuns e podemos contar entre os familiares e os amigos muitos bons médiuns, bastando para isso organizarmos trabalhos sérios e sistemáticos, sem intenções interesseiras de nenhuma espécie. A mediunidade é uma faculdade humana. N. do T.)

306. Médiuns interesseiros não são somente os que podem exigir um pagamento. O interesse nem sempre se manifesta pela ambição de um lucro material, mas também pelas pretensões de qualquer espécie em que se apóiam desejos pessoais. Essa é também uma fraqueza de que Espíritos brincalhões sabem servir-se muito bem, aproveitando-a com habilidade e astúcia notáveis, embalando em enganos e ilusões os que caem sob a sua dependência.



Em resumo: a faculdade mediúnica é concedida para a prática do bem e os Espíritos bons se afastam de quem pretender transformar em meio para alcançar qualquer coisa contrária aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade. Os Espíritos bons a combatem. Não se pode supor que queiram ajudá-la. Isso é tão racional que seria inútil insistir a respeito.

307. Os médiuns de efeitos físicos pertencem a outra categoria. Esses efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores, que são menos dotados de escrúpulos. Não quer dizer que, por isso, esses Espíritos sejam necessariamente maus. Um carregador pode ser muito bom. Um médium dessa categoria que desejasse explorar a sua faculdade poderia encontrar um Espírito que o assistisse sem muita repugnância. Mas ainda nesse caso há um inconveniente. O médium de efeitos físicos, como o de comunicações intelectuais, recebeu a faculdade para bem empregá-la e não para a sua satisfação pessoal. Se abusar dela poderá perdê-la ou torná-la prejudicial a si próprio, pois a verdade é que os Espíritos inferiores estão servindo sob as ordens dos Espíritos superiores. (No caso, portanto, os Espíritos superiores podem afastar os inferiores que estão sob suas ordens, ficando o médium entregue aos mistificadores ou privado da faculdade mediúnica, sendo esta última medida em seu benefício. N. do T.)

Os Espíritos inferiores gostam de mistificar, mas não gostam de ser mistificados.

Se espontaneamente se entregam a brincadeiras e aos caprichos da curiosidade, por gostarem de se divertir, não lhes agrada servir de passatempo aos outros nem de comparsas para ganhar dinheiro. Por outro lado, a todo instante provam que têm vontade própria, que agem como e quando bem lhes parece, o que torna os médiuns de efeitos físicos ainda menos seguros da regularidade das manifestações que os médiuns escreventes. Pretender produzi-las em dias e horas certos seria dar prova da mais profunda ignorância. O que fazer, então, para ganhar o dinheiro? Simular os fenômenos, fraudar. É o que podem fazer os que se entregassem declaradamente a esse mister, e mesmo as pessoas aparentemente simples que acham mais fácil ganhar a vida assim do que trabalhando. Se o Espírito nada produz, suprem a sua falta: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo o interesse um motivo legítimo de suspeita, concede por si mesmo o direito de exame rigoroso, com o qual ninguém poderia ofender-se sem justificar-se anulando-se as suspeitas. Mas essas suspeitas são tão legítimas nos casos de pagamento, quanto ofensivas em relação a pessoas honradas e desinteressadas. (No tocante às pessoas desinteressadas é preciso verificar-se bem o desinteresse e levar em conta o seu grau de bom senso. Os mistificadores se servem também da vaidade dos homens, às vezes a mais tola, e de outras fraquezas ocultas, para os fascinar. Não se devem esquecer essas advertências anteriores de Kardec e dos próprios Espíritos. As sessões de fenômenos físicos exigem a orientação de pessoas conhecedoras do assunto e experimentadas, sem o que não se deve realizá-las de maneira alguma, sob nenhum pretexto, muito menos a pedido dos Espíritos ou pelo desejo dos médiuns. (N. do T.)

308. A faculdade mediúnica, mesmo quando restrita aos limites das manifestações físicas, não foi concedida para exibições de feira. Quem pretender dispor de Espíritos às suas ordens para os exibir em público pode ser suspeito, com justiça, de Charlatanismo ou da prática mais ou menos hábil de prestidigitação. Que se lembre disso todas as vezes que surgirem anúncios de pretensas sessões de *Espiritismo* ou de *Espiritualismo* com entrada paga, e se lembre do direito que se adquire ao entrar.

De tudo o que foi dito concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o Charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a veracidade das comunicações inteligentes, retira aos Espíritos maus um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.

309. Restaria o que podemos chamar de prestidigitação de amadores, ou seja as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Poderiam ser praticadas como passatempo em reuniões improvisadas e frívolas, mas nunca em assembleias sérias em que só se admitem pessoas honestas. Pode alguém se dar ao prazer de uma mistificação momentânea, mas seria preciso ter uma estranha paciência para insistir nesse papel durante meses e anos, por horas seguidas de cada vez. Somente algum interesse poderia dar essa perseverança. E o interesse, repetimos, autoriza todas as suspeitas.

310. Talvez se argumente que um médium não pode gastar de graça o seu tempo com o público no interesse da causa, pois *precisa viver*. Mas é no interesse da causa ou do seu próprio que ele o gasta, e não será antes por ver nisso uma ocupação lucrativa? Sempre se encontrará gente dedicada por esse preço. E só haverá por acaso essa *indústria* ao seu dispor? Não esqueçamos que os Espíritos, qualquer que seja o seu grau de superioridade ou de inferioridade, são as almas dos mortos, e quando a moral e a religião nos obrigam a respeitar os seus restos, não é ainda maior a obrigação de respeitar os seus Espíritos?

Que se diria de alguém que tirasse um corpo do túmulo para exibi-lo por dinheiro, porque esse corpo era capaz de provocar a curiosidade? Seria menos desrespeitoso exibir o Espírito do que o corpo, a pretexto de ser curioso ver como age o Espírito? E note-se que o preço das cadeiras estará na razão dos truques que ele possa fazer e do atrativo do espetáculo. Mesmo que em vida tivesse sido um comediante, certamente não suspeitaria que após a morte encontrasse um diretor que o fizesse representar de graça em proveito próprio. Não se deve esquecer que as manifestações físicas, tanto quanto as inteligentes, só são permitidas por Deus para a nossa instrução.

311. Apesar destas considerações morais, absolutamente não contestamos a possibilidade de existirem médiuns interesseiros que sejam honestos e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as ocupações. Falamos apenas do abuso. Mas temos de convir, pelos motivos expostos, que há mais razão para o abuso entre os médiuns pagos do que entre os que, considerando a sua faculdade como uma graça, sé a empregam para servir.

O grau de confiança ou desconfiança que se pode conceder a um médium pago depende, antes de tudo, da consideração que o seu caráter e a sua moral inspirem, além das circunstâncias em que se encontra. O médium que, agindo com um fim sério e proveitoso, estivesse impedido de empregar o seu tempo em outra atividade e por isso mesmo *dispensado* de outras obrigações, não pode ser confundido com o médium *especulador* que premeditadamente fizesse da mediunidade um comércio. Segundo o *motivo* e o *fim* os Espíritos podem então condená-lo, absolvê-lo ou até mesmo favorecê-lo. Eles julgam mais a intenção do que o fato material (Passagens como estas revelam o equilíbrio e o bom senso de Kardec, sempre considerando os problemas em seus diferentes aspectos. A mediunidade paga é um mal, por todos os motivos expostos, mas há casos em que o médium pode se encontrar em situação difícil para exercê-la. São casos excepcionais; mas existem. Não podemos julgá-los, mas os Espíritos os julgam e agem de acordo com a justiça. Necessário é não se tomar a exceção como

justificativa para casos dessa natureza, lembrando que onde houver interesse o perigo sempre está presente. N. do T.)

312. Os sonâmbulos que utilizem sua faculdade de maneira lucrativa não se encontram no mesmo caso. Embora essa exploração esteja também sujeita a abusos e o desinteresse constitua a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente porque é o seu próprio Espírito que age, estando sempre à sua disposição. Na realidade exploram a si mesmos, mas têm a liberdade de dispor de si como quiserem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (Ver nº 172, *Médiuns sonâmbulos*). (Não esquecer que os sonâmbulos, como se vê pelo nº 172, contam também com o auxílio dos Espíritos e não apenas consigo mesmos. Por isso Kardec, apesar da ressalva, adverte que eles também estão sujeitos a abusos. Os sonâmbulos usam suas próprias faculdades espirituais, hoje conhecidas em Parapsicologia como paranormais. Mas, como todas as criaturas humanas, relacionam-se com os Espíritos. (N. do T.)

313. Não ignoramos que a nossa severidade com os médiuns interesseiros açula contra nós todos os que exploram ou pretendem explorar esse novo comércio, fazendo-os nossos inimigos encarniçados, bem como os seus amigos que tomam naturalmente o pião na unha. Consolamo-nos ao lembrar que os mercadores expulsos do templo por Jesus não deviam encará-lo com bons olhos. Temos também contra nós as pessoas que não consideram o assunto com a devida gravidade. Não obstante, julgamo-nos no direito de ter opinião e emití-la. Não forçamos ninguém a adotá-la. Se a maioria a adota é que aparentemente a considera justa. Mesmo porque não vemos como se poderia provar que há menos possibilidade de fraude e abuso na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos contribuíram para lançar o descrédito sobre a mediunidade interessada, em França e outros países, cremos não ser esse um dos menores serviços que eles prestaram ao Espiritismo sério.

#### FRAUDES ESPÍRITAS

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas atribuem geralmente à fraude os efeitos produzidos. Partem do princípio de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, quando não conhecemos os seus truques. Daí concluem que os médiuns são apenas escamoteadores. Já refutamos esse argumento, ou essa opinião, particularmente nos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista Espírita* de janeiro e fevereiro de 1858. Diremos, pois, somente algumas palavras antes de tratar de assunto mais sério.

Há uma consideração que não escapará a quem refletir um pouco. Existem sem dúvida prestidigitadores de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação teríamos de convir que essa arte fez em pouco tempo enorme progresso, tornando-se subitamente muito conhecida desde que se encontraria como que inata entre pessoas que dela nunca suspeitaram e até mesmo entre as crianças.

Do fato de haver charlatães que anunciam drogas nas praças públicas, e mesmo médicos que sem ir à praça pública abusam da confiança, não se segue que todos os médicos são charlatães e que a classe médica tenha perdido a consideração que desfruta. Do fato de haver pessoas, que vendem tintura por vinho não se segue que todos os vendedores de vinho sejam falsificadores e não exista vinho puro. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis e pode-se dizer que há também o gênio da fraude. Mas a fraude tem sempre uma finalidade, algum interesse material. Onde nada se tem a ganhar, não há nenhum interesse

em enganar. Por isso dissemos, a propósito dos médiuns mercenários, que melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os de efeitos físicos, por motivos que devemos considerar. Primeiro, porque se dirigem mais aos olhos do que à inteligência, são os que a prestidigitação mais facilmente pode imitar. Segundo, porque despertam curiosidade mais do que os outros e são mais apropriados a atrair multidão e conseqüentemente mais produtivos. Sob esse duplo ponto de vista os charlatães têm todo interesse em imitar essas manifestações. Os espectadores, na maior parte desconhecendo a ciência, procuram geralmente antes uma distração do que uma instrução séria, e sabe-se que o divertimento é sempre melhor pago que a instrução. Mas além disso há outro motivo mais decisivo. Se a prestidigitação pode imitar os efeitos materiais, para os quais só se precisa de destreza, até agora entretanto não conhecemos o dom de improvisação exigido por uma dose incomum de inteligência, nem para produzir esses belos e sublimes ditados que os Espíritos costumam dar nas suas comunicações, freqüentemente tão a propósito. Isso nos lembra o fato seguinte.

Um homem de letras veio certo dia nos ver e disse que era um bom médium escrevente *intuitivo* e que se punha à disposição da Sociedade Espírita. Segundo o nosso hábito de não admitir na Sociedade médium cujas faculdades não conhecemos, pedimos ao visitante que comparecesse primeiramente a uma reunião particular para fazer suas provas. Ele realmente compareceu. Muitos médiuns experimentados deram as suas dissertações, seja respondendo com notável precisão às perguntas feitas ou sobre questões tratadas e assuntos desconhecidos. Chegando a vez do visitante ele escreveu algumas palavras sem significação, disse estar mal disposto nesse dia e depois nunca mais o vimos. Achou sem dúvida que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de representar do que pensara.

316. Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de serem enganadas são as que não pertencem ao ofício. O mesmo acontece com o Espiritismo. Os que não o conhecem se deixam facilmente enganar pelas aparências, enquanto um estudo preliminar e atento, não só das causas dos fenômenos, mas também das condições normais em que eles podem ser produzidos, as inicia no assunto e lhes fornece assim os meios de reconhecer a fraude se ela existir.

317. Os médiuns mistificadores são estigmatizados como merecem na seguinte carta que reproduzimos na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1861.

*Paris, 21 de julho de 1861.*

*Senhor:*

*Pode-se estar em desacordo sobre alguns pontos e em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler á página 213 do último número de vossa revista, as reflexões sobre a fraude em questões de experiências espirituais (ou espíritas) às quais sou feliz de me associar com todo o meu empenho. Nesse momento toda dissidência em matéria de teorias e doutrinas desaparece por encanto.*

*Não sou talvez tão severo como o senhor a respeito dos médiuns que, de uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização do tempo consagrado às experiências, muitas vezes longas e fatigantes. Mas sou, tanto quanto o senhor — e não se poderia ser mais — a respeito dos que,*

*em semelhante caso, suprem pelo embuste e pela fraude a ausência ou insuficiência de resultados prometidos e esperados. (Ver n° 311)*

*Misturar o verdadeiro e o falso, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos espíritos, é simplesmente uma infâmia e haveria obliteração do senso moral do médium que acreditasse poder fazê-lo sem escrúpulo. E como fizestes perfeitamente observar, é lançar o descrédito sobre o assunto no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida. Acrescentarei que é comprometer da maneira mais deplorável os homens honrados que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes e que se tornam fiadores da sua boa fé, patrocinando-os de alguma forma. Isso é cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.*

*Todo o médium que fosse surpreendido em manobras fraudulentas, que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na botija, mereceria ser posto de lado por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constitui um dever rigoroso desmascará-lo e execrá-lo.*

*Se vos convier, senhor, inserir essas poucas linhas na vossa revista, elas estão à vossa disposição.*

Aceitai, etc - MATHIEU.

318. Os fenômenos espíritas não são igualmente fáceis de imitar. Há alguns que desafiam evidentemente toda a habilidade da prestidigitação: tais são particularmente o movimento de objetos sem contatos, a suspensão dos corpos pesados no espaço, os golpes desferidos de diferentes lados, as aparições etc., salvo o emprego de truques e do compadrio. Por isso dizemos que em tal caso é necessário observar atentamente as circunstâncias e sobretudo levar em conta o caráter e a posição das pessoas, bem como o objetivo e o interesse que elas pudessem ter em enganar. Esse é o melhor de todos os controles porque é de tais circunstâncias que decorrem todos os motivos de suspeitas. Pensamos pois que é necessário em princípio desconfiar de quem quer que faça desses fenômenos um espetáculo ou objeto de curiosidade e divertimento, ou que pretenda produzi-los à vontade, da maneira exigida, segundo já explicamos. Nunca repetiríamos demais que as inteligências ocultas que se manifestam têm as suas suscetibilidades e querem nos provar que têm seu livre-arbítrio, não se submetendo aos nossos caprichos (n° 38).

Basta-nos assinalar alguns subterfúgios empregados ou que se podem empregar em certos casos para premunir contra a fraude os observadores de boa fé. Quanto às pessoas que se obstinam em julgar sem aprofundar a observação, seria tempo perdido procurar dissuadi-las.

319. Um dos fenômenos comuns é o dos golpes interiores produzidos na própria substância da madeira, acompanhados ou não de movimentos da mesa ou de outros objetos empregados. Esse efeito é um dos mais fáceis de imitar, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalidos no móvel. Mas há uma pequena manobra especial que é útil prevenir. Basta colocar as mãos espalmadas sobre a mesa e aproximá-las para que as unhas dos polegares de apoiem fortemente uma na outra. Então por um movimento muscular inteiramente imperceptível provoca-se um atrito que produz um ruído seco, bastante semelhante aos da tiptologia interior. Esse ruído repercute na madeira e produz uma completa ilusão. Nada mais fácil do que fazer ouvir tantos golpes quantos sejam

pedidos, um toque de tambor etc., responder a certas perguntas por um sim ou por um não, por números ou mesmo por indicação de letras do alfabeto.

Uma vez prevenida é muito fácil reconhecer a fraude. Ela não é possível se as mãos estiverem distanciadas uma da outra e se se estiver assegurado de que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Os golpes reais apresentam, aliás, isto de característico: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode acontecer quando produzidos pelas causas que assinalamos ou outras semelhantes. Assim é que saltam da mesa para se produzir em outro móvel que ninguém toca, nas paredes no forro, etc., respondendo enfim a questões não previstas. (ver n° 41)

320. A escrita direta é ainda mais fácil de imitar. Sem falar dos agentes químicos bem conhecidos que fazem aparecer a escrita em dado tempo numa folha em branco, o que se pode evitar com as precauções mais vulgares, poderia acontecer que por uma hábil escamoteação se substituísse um papel por outro. Poderia dar-se também que o interessado na fraude soubesse desviar a atenção dos outros enquanto escrevesse rapidamente algumas palavras. Disseram-nos ainda que viram uma pessoa escrever assim, com um pedacinho de ponta de lápis escondido na unha.

321. O fenômeno do transporte também se presta à prestidigitação. Pode-se facilmente ser enganado por um escamoteador mais ou menos destro, mesmo que não seja profissional. No tópico especial que publicamos no n° 96 os Espíritos determinaram por si mesmos as condições excepcionais em que ele se pode produzir, sendo lícito concluir-se que a obtenção *facultativa* e *fácil* pode pelo menos ser considerada suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo sobre *Médiuns especiais* mencionamos, de acordo com os Espíritos, as aptidões mediúnicas comuns e as que são raras. É conveniente desconfiar dos médiuns que pretendem possuir estas últimas muito facilmente ou ambicionam dispor de múltiplas faculdades, pretensão muito raramente justificada.

323. As manifestações inteligentes são, segundo as circunstâncias, as que oferecem maior garantia, mas nem por isso estão ao abrigo da imitação, pelo menos no que respeita às comunicações banais e vulgares. Acredita-se haver mais segurança nos médiuns mecânicos, não somente no tocante à independência das idéias, mas também aos embustes. É por essa razão que certas pessoas preferem os intermediários materiais. Não obstante, trata-se de um engano. A fraude se infiltra por toda parte. Sabemos que com habilidade se pode dirigir à vontade uma cesta ou uma prancheta para escrever, dando-lhes todas as aparências de movimentos espontâneos. O que afasta todas as dúvidas são pensamentos expressos pelo médium, seja ele mecânico, intuitivo, auditivo, falante ou vidente. Há comunicações que de tal maneira extravasam das idéias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium que seria necessário abusar estranhamente das hipóteses para lhes atribuímos. Reconhecemos ao charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não lhe reconhecemos ainda o dom de transmitir saber ao ignorante nem espírito a quem não o possui.

Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade reconhecida dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio que pudessem estimular-lhes o exercício das faculdades mediúnicas, porque essas mesmas causas podem levá-los a simular aquelas que não possuem.

(Essas precauções de Kardec, que revelam a sua isenção de ânimo e a sua atitude científica no trato dos fenômenos, têm sido interpretadas de maneira negativa pelos adversários do Espiritismo. As pessoas sensatas e os cientistas legítimos (livres de prevenções e preconceitos) reconhecem nessas precauções a prova mais evidente da seriedade das suas pesquisas, como o fizeram Richet, Geley, Zöllner e outros no passado, e como o fazem agora os parapsicólogos citados nas notas desta edição. N. Do T.)

\*

## O LIVRO DOS MÉDIUNS

### CAPÍTULO XIX

#### PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES

##### INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO MÉDIUM

##### SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES APTIDÃO DE CERTOS MÉDIUNS PARA LÍNGUAS, MÚSICA, DESENHO, ETC. DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS.

223. 1. No momento em que exerce a sua faculdade o médium se acha em estado perfeitamente normal?

— Às vezes se acha num estado de crise mais ou menos definido. É isso que o fadiga e é por isso que necessita de repouso. Mas, na maioria das vezes, seu estado não difere muito do normal, sobretudo nos médiuns escreventes.

2. As comunicações escritas ou verbais podem ser também do próprio Espírito do médium?

— A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. Se ela goza de um certo grau de liberdade, recobra então as suas qualidades de Espírito. Tens a prova na visita das almas de pessoas vivas que se comunicam contigo, muitas vezes sem serem chamadas. Por que é bom saberes que entre os Espíritos que evocas há os que estão encarnados na Terra. *Nesses casos eles te falam como Espíritos e não como homens.* Por que o médium não poderia fazer o mesmo? (Ver as evocações de Espíritos de vivos na Revista Espírita, feitas por Kardec para pesquisas. Mas o Espírito aqui se refere a evocações de Espíritos já reencarnados, sem que Kardec o soubesse. (N. do T.)

2.a. Esta explicação não parece confirmar a opinião dos que acreditam que todas as comunicações são do Espírito do médium e não de outro Espírito?

— Eles só estão errados por entenderem que tudo é assim: porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si, mas isso não é razão para que outros Espíritos não pudessem agir também por seu intermédio. (Esse erro de exclusivismo é o mesmo que hoje praticam os parapsicólogos antiespíritas, que pensam haver descoberto a pólvora ao afirmar: "Não há Espíritos, pois tudo vem da mente do médium!" O Espiritismo, como se vê, conhece desde o seu início os dois fenômenos: *o anímico, de manifestação da alma do médium, e o espírita, de manifestação de um Espírito desencarnado.* Jamais o Espiritismo cometeu o erro do exclusivismo oposto, ou seja, de afirmar que as comunicações são apenas de Espíritos desencarnados. Veja-se a *Revista Espírita*, o livro de Aksakof *Animismo e Espiritismo* e os livros de Ernesto Bozzano *Animismo ou Espiritismo e Comunicações Mediúnicas Entre Vivos.* N. do T.)

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o médium ou se é outro Espírito?

— Pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás. É sobretudo no estado sonambúlico ou de êxtase que o Espí-

rito do médium se manifesta, pois então se acha mais livre. No estado normal é mais difícil. Há respostas, aliás, que não lhe podem ser atribuídas. Por isso é que te digo para observar e estudar.

**Observação** - *Quando uma pessoa nos fala, facilmente distinguimos o que é dela e o de que ela apenas se faz eco. Acontece o mesmo com os médiuns.*

4. Desde que o Espírito do médium pode adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu no seu corpo atual, mas dos quais se lembra como Espírito, não pode ele tirar do fundo de si mesmo as idéias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

— Isso acontece muitas vezes nos casos de crise sonambúlica ou extática, mas ainda assim existem circunstâncias que não permitem a dúvida: estuda longamente e medita.

5. As comunicações do Espírito do médium são sempre inferiores às que pudessem ser dadas por outros Espíritos?

— Sempre, não, pois o Espírito comunicante pode ser de uma ordem inferior à do médium e nesse caso falará com menos sensatez. Vê-se isso no sonambulismo, pois sendo o Espírito do sonâmbulo o que freqüentemente se manifesta, no entanto diz algumas vezes coisas muito boas.

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento ou tem como intermediário o Espírito do médium?

— O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para a comunicação e porque é necessária essa cadeia entre vós e os Espíritos comunicantes, como é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia à distância, e na ponta do fio uma pessoa inteligente que a receba e comunique. (O papel do médium nas comunicações é sempre ativo. Seja o médium *consciente* ou *inconsciente*, *intuitivo* ou *mecânico*, dele sempre depende a transmissão e sua pureza. Essa condição explicaria muitas dificuldades que os observadores apressados atribuem a intuições de mistificação, caso tivessem a prudência científica necessária para uma análise mais profunda do problema mediúnico. A mediunidade, como se vê, é mais complexa e sutil do que o supõem os críticos e negadores sistemáticos. N. do T.)

7. O Espírito do médium influi nas comunicações de outros Espíritos que ele deve transmitir?

— Sim, pois se não há afinidade entre eles, o Espírito do médium pode alterar as respostas, adaptando-as às suas próprias idéias e às suas tendências. Mas não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes. É apenas um mau intérprete.

8. É essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

— Não existe outro motivo. Procuram o intérprete que melhor simpatize com eles e transmita com maior exatidão o seu pensamento. Se não houver simpatia entre eles, o Espírito do médium será um antagonista que lhe oferecerá resistência, tornando-se um intérprete de má vontade e quase sempre infiel. Acontece o mesmo entre vós, quando as idéias de um sábio são transmitidas por um insensato ou uma pessoa de má fé.

9. Concebe-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas não quando se trata de médiuns mecânicos.



— Não compreendeste bem a função do médium. Há uma lei que ainda te escapa. Lembra-te de que, para produzir o movimento de um corpo inerte o Espírito necessita do fluido animalizado do médium, de que se serve, por exemplo, para animar momentaneamente a mesa, fazendo a obedecer à sua vontade. Pois bem, para uma comunicação inteligente ele necessita também de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.

9.a. Isto não parece aplicar-se às mesas falantes, pois quando estas e outros objetos inertes, como as pranchetas e as cestas, respondem de maneira inteligente, parece que o Espírito do médium não tem nenhuma participação.

— É um engano. O Espírito pode dar uma vida factícia momentânea a um corpo inerte, mas não a inteligência. Jamais um corpo inerte teve inteligência. É pois o Espírito do médium que recebe o pensamento sem o perceber e o transmite pouco a pouco, com a ajuda de diversos intermediários. (A expressão francesa *a son insu* tem sido traduzida nesta passagem por *a seu mau grado*, o que não está certo. O Espírito do médium recebe o pensamento e o transmite pelos diversos intermediários ou instrumentos (mesa, cesta etc.) sem perceber exatamente o que faz sob o impulso do comunicante, mas não contra a vontade. (N. Do T.)

10. Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium não é jamais completamente passivo?

— Ele é passivo quando não mistura suas próprias idéias com as do Espírito comunicante, mas nunca se anula por completo. Seu concurso é indispensável como intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos. (A passividade do médium é assim uma concordância, determinada pela sua própria vontade. Ele nunca se anula, mas serve de boa vontade ao Espírito comunicante. N. do T.)

11. Não há maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

— Sem dúvida, e para algumas comunicações é preferível o médium mecânico. Mas, quando conhecemos as faculdades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, segundo as circunstâncias. Quero dizer que certas comunicações exigem menos precisão.

12. Entre os diferentes sistemas propostos para explicar os fenômenos espíritas há um que pretende estar a verdadeira mediunidade nos corpos inertes, por exemplo, na cesta ou na caixa de papelão que servem de instrumento. O Espírito comunicante se identificaria com o objeto e o tornaria não somente vivo, mas também inteligente, do que resulta a designação de médiuns inertes para os objetos. Que pensas disso?

— Só se tem a dizer o seguinte: se o Espírito transmitisse inteligência à caixa e lhe desse vida, ela escreveria sozinha, sem o concurso do médium.

Seria estranho que o homem inteligente virasse máquina e um objeto inerte se tornasse inteligente. É um dos numerosos sistemas surgidos de idéias preconcebidas e que vão caindo diante da experiência e da observação.

13. Um fenômeno bem conhecido poderia tornar admissível a idéia de existir, nos corpos inertes assim animados, mais do que a vida e até mesmo do que a inteligência. É o das mesas, cestas, etc., que exprimem, nos seus movimentos, a cólera ou a afeição.

— Quando um homem colérico sacode uma bengala não é esta que se acha encolerizada, nem mesmo a mão que a segura, mas o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que a bengala. Não têm nenhum sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência. Numa palavra: não é o Espírito que se transforma em cesta, nem mesmo escolhe a cesta para nela se abrigar.

14. Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, pode-se considerá-los como uma variedade de médiuns, designando-os por *médiuns inertes*?

— É uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que vos entendais. Sois livres de chamar homem a um fantoche. (A insistência de Kardec nessas perguntas era motivada pela campanha que um inovador desenvolvia em Paris, acusando-o de não conhecer a existência dos *médiuns inertes*, que ele recusava. Ver o episódio na *Revista Espírita*. N. do T.)

15. Os Espíritos só têm a linguagem do pensamento, não a articulada, e portanto usam apenas uma língua. Assim, um Espírito poderia exprimir-se por via mediúnica numa língua que nunca falara quando vivo. Nesse caso, de onde tira as palavras que emprega?

— Já respondeste a pergunta por ti mesmo, ao dizer que os Espíritos só têm uma língua, que é a do pensamento. Todos compreendem essa língua, tanto os homens como os Espíritos. Ao dirigir-se ao Espírito encarnado do médium, o Espírito errante não fala em francês nem em inglês, mas na língua universal do pensamento. Para traduzir suas idéias numa linguagem articulada, transmissível, ele utiliza as palavras do vocabulário do médium.

16. Se for assim, o Espírito só deveria exprimir-se na língua médium, mas sabe-se que escreve em línguas que lhe são desconhecidas. Não há nisso uma contradição?

— Observe-se primeiro que nem todos os médiuns são igualmente aptos a esse gênero de exercício. Em seguida, que os Espíritos só se prestam a ele acidentalmente, quando julgam que isso pode ser útil. Para as comunicações usuais, de certa extensão, preferem servir-se de uma língua familiar ao médium, que lhes apresenta menos dificuldades materiais a superar.

17. A aptidão de certos médiuns para escreverem numa língua estranha não provém do fato de a terem usado noutra existência, conservando-a na atual em forma intuitiva?

— Certamente isso pode acontecer, mas não é uma regra. O Espírito pode, com algum esforço, superar momentaneamente a resistência material. É o que se verifica quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece. (O caso Chico Xavier é a mais eloqüente demonstração atual desse princípio. O médium tem recebido livros inteiros em linguagem técnica sobre Medicina, Sociologia, História e outros assuntos, sem nenhum conhecimento pessoal dessas matérias. Veja-se, como exemplos, Emmanuel e Evolução Em Dois Mundos. N. do T.)

18. Uma pessoa que não sabe escrever, poderia fazê-lo como médium?

— Sim, mas compreende-se que haverá grande dificuldade mecânica a vencer, pois a mão não está habituada aos movimentos necessários para formar as letras. Acontece o mesmo com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.

19. Um médium de inteligência bem reduzida poderia transmitir comunicações de ordem elevada?

— Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, como das qualidades morais. Na falta de melhor instrumento o Espírito pode servir-se do que tem à mão. Mas é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe oferece menos obstáculos materiais. E há ainda outra consideração: o idiota freqüentemente só é idiota pela imperfeição dos seus órgãos, pois o seu Espírito pode ser mais adiantado do que se pensa. Tens a prova disso por algumas evocações de idiotas mortos ou vivos. (As pesquisas parapsicológicas vêm confirmando plenamente essa tese espírita sobre os idiotas, como se constata nas experiências com débeis mentais, tão bem dotados, como os sensitivos normais, das chamadas funções psi. Vejam-se os estudos de Jean Ehrenwald, Eisenbud, Urban, Humphrey, Schmeidler e outros a respeito. N. do T.)

**Observação** *Este é um fato comprovado pela experiência. Numerosas vezes evocamos Espíritos de idiotas vivos, que deram provas patentes de sua identidade, respondendo-nos de maneira muito sensata e até mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se encontra. Um médium idiota pode oferecer, pois, algumas vezes, ao Espírito que deseja manifestar-se, maiores recursos do que se pensa. (Ver Revista Espírita de julho de 1860, artigo sobre Frenologia e Fisiognomonia.)*

20. Como se explica a aptidão de certos médiuns para escreverem versos, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

— A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em versos, como podem fazê-lo numa língua que desconhecem. Além disso, podem ter sido poetas em outra existência. Como já disse, os conhecimentos adquiridos nunca se perdem para o Espírito, que deve atingir a perfeição em todas as coisas. Assim, o que eles souberam no passado lhes dá, sem que o percebam, uma facilidade que não possuem no estado habitual.

21. É o mesmo caso dos que têm aptidão especial para o desenho e a música?

— Sim. O desenho e a música são também formas de expressão do pensamento. Os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidades.

22. A expressão do pensamento pela poesia, o desenho ou a música depende unicamente da aptidão do médium ou também do Espírito comunicante?

— Algumas vezes do médium, outras do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões, os Espíritos inferiores têm conhecimentos limitados.

23. Por que motivo um homem dotado de grande talento numa existência não o possui na seguinte?

— Não é sempre assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas pode acontecer que uma faculdade superior adormeça durante certo tempo para facilitar o desenvolvimento de outra. Será um germe latente que mais tarde germinará de novo, mas do qual sempre haverá alguns sinais ou pelo menos uma vaga intuição.

224. O Espírito comunicante compreende todas as línguas, sem dúvida, pois as línguas são formas de expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento. Mas, para transmitir esse pensamento, necessita do instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação do Espírito, só pode transmiti-la através dos órgãos corporais. Ora, esses órgãos não podem ter, para a transmissão de uma língua desconhecida, a flexibilidade que possuem para a língua familiar.

Um médium que só saiba falar o francês poderá, acidentalmente dar uma resposta em inglês, se o Espírito o quiser. Mas os Espíritos, que acham a linguagem humana já por si muito lenta, em relação à rapidez do pensamento, — pois procuram abreviá-la o quanto podem, — impacientam-se com a resistência mecânica da transmissão e por isso nem sempre o fazem. Essa também a razão porque um médium novato, que escreve penosa e lentamente na sua própria língua, em geral só obtém respostas breves, sem o necessário desenvolvimento. Por isso também os Espíritos recomendam que só perguntas simples sejam feitas por seu intermédio. Para as perguntas de maior alcance é necessário um médium desenvolvido, que não oferece nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito.

Não escolheríamos para ler um texto um aluno que apenas soletra. Um bom operário não gosta de servir-se de maus instrumentos. Acrescentemos outra consideração de grande importância no tocante às línguas estrangeiras. Os ensaios nesse sentido são sempre feitos por curiosidade com o objetivo de experimentação. Ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isso. Afastam-se quando se pretende entrar nesse caminho. Tanto gostam dos assuntos sérios e úteis, quanto lhes repugna ocupar-se de futilidades e simples curiosidade. Os incrédulos dirão que sendo para convencê-los trata-se de coisa séria, pois poderá resultar na conquista de adeptos para a causa dos Espíritos. A isso respondem os Espíritos: "Nossa causa não precisa dos que são bastante orgulhosos para se julgarem indispensáveis. Chamamos para nós aqueles que queremos, e que são sempre os mais humildes e pequenos. Jesus fez acaso os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quereis convencer-vos, tendes outros meios que não as exigências. Começai por sujeitar-vos aos fatos: não é normal que o aluno imponha sua vontade ao mestre".(Os incrédulos pensam sempre em termos de proselitismo, de acordo com os hábitos da vida terrena. Os Espíritos, entretanto, não se interessam pelo número de adeptos e sim pela qualidade moral destes. Se o incrédulo não tem condições de maturidade moral, só aceitando a realidade dos fatos segundo os seus caprichos pessoais, por mais inteligente, culto ou importante que seja, de nada valerá a sua adesão para os Espíritos, pois em nada poderá auxiliá-los no alevantamento moral da Humanidade. Esta é uma das questões mais difíceis de se compreender, no tocante às relações com o mundo invisível. O que vale muito para o homem apegado ao mundo terreno, para os Espíritos nada vale, e vice-versa. Essa diversidade de valores impede a compreensão do problema. N. do T.)

Disso resulta que, salvo algumas poucas exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos de que dispõe, e a expressão desse pensamento pode e deve, o mais frequentemente, ressentir-se da imperfeição desses meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os mais elevados pensamentos, os mais filosóficos, falando como camponês, pois, como se sabe, para os Espíritos o pensamento está acima de tudo.

Isto responde às objeções de certos críticos quanto às incorreções de linguagem e de ortografia que se podem atribuir aos Espíritos, e que tanto podem ser deles quanto dos médiuns. É uma futilidade apegar-se a essas coisas. E não é menos pueril querer reproduzir essas incorreções com minuciosa exatidão, como vimos fazerem algumas vezes. Podemos corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam características do Espírito, caso em que será útil conservá-las como prova de identidade. Assim, por exemplo, vimos um Espírito escrever constantemente Jule (sem o s) referindo-se ao neto, porque, quando vivo, escrevia assim, embora o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome. (Este problema de correção da escrita mediúnica provocou explicações de Kardec na *Revista Espírita*, onde se pode encontrar o assunto mais desenvolvido. A correção permitida se refere apenas à forma: ortografia, questões de concordância ou sintaxe, pontuação e assim por diante. No tocante ao pensamento nada pode ser alterado, sob nenhum pretexto, a menos que o próprio Espírito comunicante ou um Espírito provadamente superior o autorize, o que só acontece excepcionalmente. N. do T.)

225. A seguinte dissertação, dada espontaneamente por dois Espíritos superiores que se revelaram por comunicações bastante elevadas, resume da maneira mais clara e completa a questão do papel do médium:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns: escreventes, mecânicos, semi-mecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos processos de comunicação por meio deles não variam na essência”. Com efeito, nossas comunicações com os Espíritos encarnados, diretamente, ou com os Espíritos propriamente ditos, se realizam unicamente pela irradiação do nosso pensamento.

Nossos pensamentos não necessitam das vestes da palavra para que os Espíritos os compreendam. Todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos transmitir-lhes, pelo simples fato de o dirigirmos a eles, e isso na razão do grau de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que determinado pensamento pode ser compreendido por estes e aqueles, segundo o respectivo adiantamento, enquanto para outros o mesmo pensamento, não despertando nenhuma lembrança nenhum conhecimento no fundo do seu coração ou do seu cérebro, não é perceptível. Nesse caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apropriado para transmitir o nosso pensamento a outros encarnados, embora não o compreenda, o que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado não poderia fazer, se fôssemos obrigados à sua; mediação. Porque o ser terreno põe o seu corpo, como instrumento, à, nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos num médium o cérebro cheio de conhecimentos adquiridos na sua vida atual, e o seu Espírito rico de conhecimentos anteriores, latentes, próprios a facilitar as nossas comunicações, preferimos servir-nos dele, porque então o fenômeno da comunicação nos será muito mais fácil do que através de um médium de inteligência limitada, e cujos conhecimentos anteriores fossem insuficientes. Vamos nos fazer compreender por meio de algumas explicações claras e precisas.

Com um médium cuja inteligência atual ou anterior esteja desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de Espírito a Espírito, graças a uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados à roupagem de palavras correspondentes a esse pensamento, quer o médium seja intuitivo, semi-mecânico ou mecânico. É por isso que apesar de diversos Espíritos se comunicarem através

do médium, os ditados por eles recebidos trazem sempre o cunho pessoal do médium, quanto à forma e ao estilo. Porque embora o pensamento não seja absolutamente dele, o assunto não se enquadre em suas preocupações habituais, o que desejamos dizer não provenha dele de maneira alguma, ele não deixa de exercer sua influência na forma, dando-lhe as qualidades e propriedades características da sua individualidade. É precisamente como quando olhamos diversos lugares através de binóculos coloridos, de lentes brancas, verdes ou azuis, e embora os lugares e objetos vistos pertençam ao mesmo trecho mas tenham aspectos inteiramente diferentes, aparecem sempre com a coloração dada pelas lentes.

Melhor ainda: comparemos os médiuns a esses botijões de vidros com líquidos coloridos e transparentes que se vêem nos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como focos luminosos voltados para certos trechos de paisagens morais, filosóficas, psicológicas, iluminando-os através de médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de maneira que os nossos raios luminosos tomam essas colorações. Ou seja, obrigados a atravessar vidros mais ou menos bem lapidados, mais ou menos transparentes, o que vale dizer médiuns mais ou menos apropriados, esses raios só atingem os objetos que desejamos iluminar tomando a coloração ou a forma própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com mais uma comparação: nós, os Espíritos, somos como os compositores de música que tendo composto ou querendo improvisar uma ária só dispõem de um destes instrumentos; um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou um apito comum. Não há dúvida que com o piano, com a flauta ou com o violino executaremos a ária de maneira satisfatória. Embora os sons do piano, do fagote ou da flauta sejam essencialmente diferentes entre si, nossa composição será sempre a mesma nas diversas variações de sons. Mas se dispomos apenas de um apito comum, ou mesmo de um sifão de esguicho, ei-nos em dificuldade.

Quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados nosso trabalho se torna mais demorado e penoso, pois temos de recorrer a formas imperfeitas de expressão, o que é para nós um embaraço. Somos então forçados a decompor os nossos pensamentos e ditar palavra por palavra, letra por letra, o que nos é fatigante e aborrecido, constituindo verdadeiro entrave à presteza e ao bom desenvolvimento de nossas manifestações.

É por isso que nos sentimos felizes ao encontrar médiuns bem apropriados, suficientemente aparelhados, munidos de elementos mentais que podem ser prontamente utilizados, bons instrumentos, numa palavra, porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que mediunizamos, só tem de lhe impulsionar a mão que serve de porta-caneta ou porta-lápis. Com os médiuns mal aparelhados somos obrigados a realizar um trabalho semelhante ao que temos para comunicar-nos por meio de pancadas, ou seja, indicando letra por letra, palavra por palavra, para formar as frases que traduzem o pensamento a transmitir.

Essa a razão de nossa preferência pelas classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento da mediunidade escrevente, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais destituídos de moralidade. E é também por isso que, se hoje deixamos aos Espíritos brincalhões e pouco adiantados a transmissão das comunicações tangíveis por meios de pancadas e os fenômenos de transporte, também entre vós os homens pouco sérios preferem os fenômenos que lhes tocam os olhos e os ouvidos aos de natureza puramente espiritual, puramente psi-

cológica. Quando queremos ditar mensagens espontâneas agimos sobre o cérebro, nos arquivos do médium, e juntamos o nosso material com os elementos que ele nos fornece. E tudo isso sem que ele o perceba. É como se tirássemos da bolsa do médium o seu dinheiro e dispuséssemos a moedas, para somá-las. Na ordem que nos parecesse melhor. (Note-se a precisão deste exemplo: o médium possui os elementos materiais da comunicação, que no caso são as moedas; o Espírito os toma e utiliza segundo as suas idéias para exprimir o seu pensamento. Os exemplos anteriores são também de extrema clareza. Mas devemos ressaltar neste capítulo o perfeito esclarecimento das relações entre os Espíritos e os médiuns. Graças a esse esclarecimento, compreende-se a função mediúnica como de verdadeiro intérprete espiritual e os problemas tantas vezes levantados pela crítica, como o da marca pessoal do médium nas mensagens, o da trivialidade da maioria destas, o da dificuldade na obtenção de comunicações de teor elevado no campo das Ciências ou da Filosofia, e outros que tais ficam perfeitamente esclarecidos. Vê-se que os críticos do Espiritismo, em sua esmagadora maioria, nada conhecem de todos esses problemas, expostos de maneira precisa e didática há mais de um século. (N. Do T.)

Mas quando o próprio médium quer interrogar-nos, seja por que meio for, seria bom que refletisse seriamente a fim de nos fazer as perguntas de maneira metódica, facilitando-nos assim o trabalho de responder. Porque, segundo já foi dito em anterior instrução, vosso cérebro está freqüentemente numa desordem inextricável, sendo para nós tão difícil quanto penoso mover-nos no dédalo dos vossos pensamentos.

Quando as perguntas devem ser feitas por terceiro, é bom e conveniente que sejam antes comunicadas ao médium para que ele se identifique com o Espírito do interrogante, impregnando-se, por assim dizer, das suas intenções. Porque então nós mesmos teremos muito mais facilidades para responder, graças à afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete. (Observe-se aqui a origem de uma das maiores dificuldades encontradas pela pesquisa psíquica. A lei de afinidade fluídica é desconsiderada pelos pesquisadores, em nome da desconfiança "necessária" ao rigor científico. Felizmente, na atualidade, os estudos de Parapsicologia sobre as relações entre o experimentador e o sensitivo modificaram muito essa situação, dando razão à pesquisa espírita. Compreende-se, afinal, depois de muitas torturas físicas e morais impostas aos médiuns, que o problema exige condições psicológicas favoráveis. N. do T.)

Podemos, certamente, tratar de Matemáticas através de um médium que as desconheça por completo, mas quase sempre o Espírito do médium possui esse conhecimento em estado latente. Isso quer dizer que se trata de um conhecimento pessoal do ser fluídico e não do ser encarnado, porque o seu corpo atual é um instrumento inadequado ou rebelde a essa forma de conhecimento. O mesmo se dá com a Astronomia, a Poesia, a Medicina e as línguas diversas, e ainda com todos os demais conhecimentos peculiares à espécie humana. Por fim, temos ainda o meio penoso de elaboração, aplicado aos médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, que é o de reunião das letras e das palavras como se faz em tipografia. (Note-se a diferença entre ser fluídico e ser encarnado. O primeiro, como Espírito, possui conhecimentos e predicados que podem não se refletir no segundo. O ser encarnado é um condicionamento especial do ser fluídico para uma experiência terrena, com vistas aos objetivos dessa experiência. A personalidade total do homem está no Espírito e não na conjugação espírito corpo que constitui a sua forma de manifestação temporária e específica na Terra. N. do T.)

Como já dissemos, os Espíritos não têm necessidades de vestir os seus pensamentos com palavras. Eles os percebem e os transmitem naturalmente entre si. Os seres encarnados pelo contrário, só podem comunicar-se pelo pensamento traduzido em palavras. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, enfim, vos são necessários para percepção, mesmo mental, nenhuma

forma visível ou tangível é necessária para nós. ERASTO e TIMÓTEO". (A expressão vestir os pensamentos com palavras corresponde precisamente ao princípio espírita da encarnação e da materialização. O pensamento, segundo a Lógica, é uma entidade abstrata, que existe realmente, mas como objeto lógico. Essa entidade se manifesta no plano material através dos elementos convencionados para traduzir idéias: a palavra, a letra, os sinais da mímica, telegráficos e outros. É a esses signos convencionais que os Espíritos recorrem para nos transmitir, através dos médiuns, os seus pensamentos, que então se encarnam ou se materializam na palavra, na escrita, na tipologia. Esse problema lógico, até há pouco encarado como de simples abstração mental, passou para o plano da realidade científica através das pesquisas parapsicológicas sobre telepatia. O pensamento não é hoje apenas um objeto lógico, sem realidade própria, uma espécie de epifenômeno produzido pelo cérebro (segregado pelo cérebro como o fígado segrega a biliar, segundo a conhecida expressão materialista) mas um objeto dotado de realidade cientificamente constatada e cuja natureza extrafísica (segundo Rhine e sua escola) abre as portas da Ciência para um novo mundo, evidentemente o espiritual. Na Física moderna o problema é colocado em termos de antimatéria, mas também já foi atingido e o físico nuclear Arthur Compton chegou mesmo a afirmar que "por trás da energia", a que as pesquisas reduziram a própria matéria, existe algo mais, e que esse algo mais "parece ser pensamento". Vemos assim a importância dessas explicações dos espíritos de Erasto e Timóteo, dadas há mais de um século e sistematicamente desprezadas e ridicularizadas pelos que negam e combatem o Espiritismo. N. do T.)

**Observação.** *Esta análise do papel dos médiuns e dos processos, pelos quais se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre o princípio de que o Espírito não se serve das idéias do médium, mas dos materiais necessários para exprimir os seus próprios pensamentos, existentes no cérebro do médium, e de que, quanto mais rico for o cérebro, mais fácil se toma a comunicação.*

*Quando o Espírito se exprime numa língua familiar ao médium, encontra as palavras já formadas e prontas para traduzir a sua idéia. Se o faz numa língua estrangeira, não dispõe das palavras, mas apenas das letras. É então que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer escrever em alemão uma pessoa que nada soubesse dessa língua.*

*Se o médium não souber ler nem escrever, não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. É então necessário que o Espírito lhe conduza a mão, como se faria a uma criança. Nesse caso há uma dificuldade material ainda maior a ser vencida.*

*Esses fenômenos são possíveis. Temos deles numerosos exemplos. Mas compreende-se que essa maneira de proceder não corresponde à necessidade de extensão e rapidez das comunicações, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos mais rápidos, como eles mesmos dizem, os médiuns bem aparelhados, segundo entendem.*

*Se os que pedem esses fenômenos para se convencerem, tratassem antes de estudar a teoria, ficariam sabendo em que condições especiais eles se produzem. (Porque os Espíritos se referiram ao cérebro e não à mente, nessas explicações, e Kardec segue a mesma linha nas suas observações? Porque estão explicando o processo de manifestação, que implica a materialização do pensamento. E claro que os elementos ou materiais que aludem são abstratos, são conceitos, mas em forma de palavras. Atente-se para a explicação final de que as palavras nos são necessárias para a percepção do pensamento, mesmo mental, e será fácil compreender que eles tratam das funções mentais do cérebro, que é o instrumento material da mente. De fato, nas experiências telepáticas ficou demonstrado que a transmissão do pensamento se faz por meio de palavras, em virtude do nosso hábito de pensar em palavras. N. do T.)*



**Livro: Curso Dinâmico do Espiritismo****J. Herculano Pires****XVIII – O PROBLEMA DAS MISTIFICAÇÕES*****O Problema das Mistificações***

Durante um século tudo se fez para reduzir o Espiritismo a um caso de truques e malabarismos. A Igreja insistia na tese diabólica. E os cientistas que se atreviam a enfrentar a questão com seriedade eram ridicularizados, ameaçados e perseguidos. Criou-se o preconceito negativo da doutrina e uma imagem falsa de Kardec. Todos os grandes médiuns, inclusive Daniel Douglas Home, que nunca foi espírita, eram sistematicamente caluniados. Cientistas eminentes, como Charles Richet, William Crookes, Frederic Zöllner, Russel Wallace, Schrenk-Notzing e tantos outros, incontestáveis luminares da Ciência, foram submetidos a ataques ferozes. Em 1935 Richet morria e os inimigos da verdade, cevados nos proventos da mentira, proclamaram por toda parte que, com o grande fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina, morrera também a Metapsíquica, a goécia moderna, ciência monstruosa de profanação dos túmulos. Não sabiam os espertalhões que, antes de morrer, a Metapsíquica já se havia reencarnado na Universidade de Duke (EUA) em novo corpo e com o novo nome de Parapsicologia. Os Profs. Joseph Banks Rhine (americano) e William McDougal (inglês) eram os fundadores dessa nova escola científica de pesquisa dos fenômenos espíritas. Com recursos técnicos de pesquisa, aplicando o método quantitativo sob controle estatístico dos resultados, a Parapsicologia rompeu, em dez anos de lutas e trabalhos exaustivos, todas as barreiras do preconceito, da ignorância e dos interesses subalternos e impôs-se ao reconhecimento universitário mundial, conseguindo mesmo furar a cortina de ferro do materialismo soviético e despertar o mais vivo interesse da URSS e em toda a sua órbita de influência.

Diante dessa vitória esmagadora, os adversários mudaram de tática e passaram também a tratar do assunto para reduzi-lo aos mínimos efeitos possíveis. O problema das fraudes e mistificações morreu por si mesmo, ante as novas possibilidades de controle absoluto das pesquisas. Essa última filha do Espiritismo, a Parapsicologia, tornou-se disputada por todos como se não tivesse a menor ligação e o mínimo laço de família com a Astronáutica, que interessou-se pelos seus poderes e a transformou em sua valiosa auxiliar na conquista do Cosmos. A Física, ditadora das Ciências (segundo Rhine), confirmou a veracidade de suas proposições audaciosas, descobriu a antimatéria e com esta um novo espaço que se abria para o Outro Mundo. Os russos descobriram o corpo bioplásmico da sobrevivência do homem à morte e as investigações sobre a reencarnação tomaram conta do mundo científico. Não é mais possível negar a verdade espírita. Onde estão os trapaceiros que amarravam panos nas pernas das mesas e fotografavam essa ridicularia para explicar a famosa *dança das mesas* como o truque mais grosseiro e indigno que se possa imaginar? Para onde fugiram os teóricos e os fantasmas de papelão e das alucinações visuais? Tudo isso se tornou tão ridículo, ante as evidências científicas da verdade, que hoje somente os pregadores religiosos de arrabalde e os pastores-camelôs da salvação ainda se atrevem a gritar, perante assembléias de fanáticos, que o Espiritismo é um instrumento do Diabo.

Mas infelizmente os próprios espíritas inscientes se incumbiram (muitos deles travestidos de cientistas desconhecidos), de atizar o fogo morto de velhas mistificações, tentando criar um anti-espiritismo de orientação materialista-mecanicista, carregado de contradições internas e de todas as incongruências características de amadores sem preparo. Ao mesmo tempo, extrovertendo as contradições internas, surgiram de mistura com o cientificismo insolente – que considerava Kardec superado e suas teorias empoeiradas – brotavam do chão, como as heresias do tempo de Tertuliano, estranhas florações de concepções arcaicas, mais velhas que o Reino de Sabá, eivadas de alucinações, loucura varrida e cheiro de enxofre. O Espiritismo regredia, nas mãos dos falsários, uns ingênuos e outros vaidosos, às pretensões da alquimia medieval. Foi nessa fermentação espúria que explodiu a adulteração, elaborada em segredo e a portas fechadas, como os assassinatos a punhal nos templos de Veneza.

Procuramos dar a este episódio as cores necessárias, com as expressões e as comparações mais adequadas, porque ele é de grande importância na História do Espiritismo, o que vale dizer: na História da Evolução espiritual da Terra. O atentado a Kardec e a Jesus, à Doutrina Espírita e à Verdade Evangélica estava consumado. E nos trinta mil exemplares de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que a Federação do Estado vendeu à larga por todo o Brasil, sob o prestígio do seu nome e do seu passado saíram impressos, para que todos lessem e aplaudissem, os esquemas do vandalismo planejado e já iniciado, que abrangiam toda a obra gigantesca da Codificação. E não houve nenhuma erupção vulcânica no meio espírita, contra essa insolência sem limites, a não ser a de um grupo pequenino e pobre. No silêncio mortal que se fez, por todo o Brasil, o único rumor sinistro era o do Véu do Templo, que se rasgava sozinho de alto a baixo, no salão vazio da antiga dignidade espírita.

Tudo isso resulta das mistificações, não as ingênuas, tolas mistificações das sessões de materialização, a que se dava tanta importância no passado e que hoje só podem ocorrer entre criaturas desatualizadas e incapazes de tratar do assunto. As mistificações realmente perigosas são as doutrinárias, e essas procedem sempre de um conluio de homens e espíritos. Muitas Casas Espíritas começaram a deteriorar-se quando se entregaram à orientação de supostos mestres espirituais. Dali por diante, numa seqüência natural, encheram-se de doutrinas próprias, chegando algumas a retirar dos seus cursos as obras de Kardec, fundando escolas meio igrejeiras e meio esotéricas, instituindo-se uma ginástica de passes classificados e manobrados em estilo das antigas escolas magnéticas, criando ordens especiais no tipo de congregações marianas, chegando ao cúmulo de declarar em artigos de jornais que a sua linha doutrinária não era ortodoxa, mas heterodoxa. Isso quer, dizer que não seguiam a doutrina certa de Kardec, mas uma mistura de doutrinas espiritualistas. Todo o trabalho de Kardec, superando o espiritualismo infuso e confuso do passado para estabelecer uma linha racional de espiritualidade superior, ia por água abaixo. E ninguém percebia isso, aplaudindo aqueles que não conseguiram entender Kardec e por isso passando sobre ele afastavam a sua obra como empecilho, estorvo de velharia secular. Foi o teste inexorável da miséria cultural dos espíritas, do seu completo desconhecimento da doutrina e da sua falta de orientação histórica e filosófica. Nunca os espíritos mistificadores acharam campo mais vasto, fecundo e propício à deformação total da Doutrina Espírita, para

afastá-la da Terra justamente nesta hora grave e aguda de transição por que passamos.

O problema das mistificações é permanente nos mundos inferiores, como o nosso. As criaturas incultas e grosseiras formam a maioria da população desses mundos. É evidente que a população desencarnada, espiritual, que sobrevive nas esferas circundantes do planeta é da mesma natureza. Lá, como cá, enxameiam os espíritos vaidosos, sistemáticos (como advertiu Kardec), empenhados a transmitir suas idéias aos homens. As ligações por afinidade formam os complôs de homens e espíritos que se julgam capazes de ensinar verdades absolutas. Basta a arrogância visível, embora disfarçada, às vezes, em falsa humildade, para mostrar aos observadores sensatos a que ordem e grau da *escala espírita* pertencem essas criaturas em conluio. Dos descuidados nada se pode esperar. Deixam-se levar facilmente e servem de instrumentos dóceis a todos os mistificadores. É contra isso que precisamos lutar, sustentando firmemente a Obra de Kardec, que na verdade é o cumprimento da promessa do Consolador, a obra do Espírito da Verdade. Esse é um dos pontos-chave da doutrina. Quem não o compreender e não meditar sobre ele estará sempre sujeito a servir de instrumento aos mistificadores do além e do aquém. Restabelecer o ensino do Cristo em sua pureza é a função do Espiritismo. Só a Doutrina Espírita tem condições para isso. Porque a revelação espiritual, confirmada pelas pesquisas e os estudos de Kardec, nos mostram que o Cristo não veio fundar uma religião, mas estabelecer os fundamentos de uma nova civilização. Seu ensino apresenta em forma sintética as três coordenadas doutrinárias: Ciência, Filosofia e Religião, que Kardec desenvolveu, sob a assistência constante do Espírito da Verdade. Há uma tese do Dr. Canuto de Abreu que contraria essa verdade histórica, suficientemente provada nas comunicações inseridas em Obras Póstumas de Kardec e demonstrada ao longo de toda a sua obra. Os estudiosos precisam se prevenir contra essas ciladas da enorme e tumultuada bibliografia espírita. Por sinal que essa tese já vem marcada pelos seus absurdos e sua incongruência.

Vejamos bem a mecânica do processo histórico para podermos compreender a questão. Oliver Lodge e Léon Denis sustentaram veementemente a tese de Kardec, que nos apresenta o Espiritismo como uma síntese conceptual de toda a realidade. Isso quer dizer que a doutrina abrange em sua concepção toda a realidade acessível ao conhecimento humano. As conquistas atuais da Ciência e da Filosofia e as reformas em curso nas igrejas dão inteira razão a essa interpretação do Espiritismo. Coloquemos o problema num esquema esclarecedor, para tornar mais claro cada um dos seus aspectos:

a) O conhecimento da realidade se processa no contacto do homem com o mundo. Dos tempos primitivos à Civilização o homem luta sem cessar para dominar a Natureza. Esse domínio só é possível pela descoberta das leis naturais. Mas essa descoberta exige do homem a luta contra si mesmo. Porque o homem é um espírito condicionado pela encarnação num corpo de percepções animais. O homem está sujeito ao sensorio, ou seja, à rede dos seus sentidos físicos que sofre o impacto de uma realidade externa e estranha à sua natureza íntima. Os sentidos lhe dão a percepção das coisas, mas ele elabora essa percepção na sua mente, sob a influência de lembranças espirituais (a reminiscência platônica do mundo das idéias) e ao formar em seu espírito os conceitos da realidade, pelo processo de abstração, ele desenvolve o seu poder imaginativo.

Os conceitos são imagens mentais de coisas e seres concretos, mas a essas imagens misturam-se os elementos provenientes dos desejos e anseios do homem. A realidade do homem é diferente da realidade natural concreta, como Descartes demonstrou que a imaginação avança além da razão. Nesses avanços surgem as deformações do real e a falsificação do conhecimento. Todas as teologias sofreram desse mal e toda a cultura religiosa do mundo desligou-se da realidade. Igrejas, ordens espiritualistas, irmandades secretas impregnaram-se de elementos ilusórios, de pressupostos considerados como verdades fundamentais e assim por diante. A cultura mitológica do tempo de Jesus, que abrangia até mesmo o Judaísmo, aparentemente infenso ao mito, mas de fato envolvido numa mitologia grosseira, estava desligada da realidade, flutuando entre o mundo do espírito e o mundo da matéria. Iavé, o Deus de Israel, assemelhava-se ao Zeus grego e ao Júpiter Romano na sua ira, no protecionismo exclusivo de um povo, no gosto pelas homenagens e as reverências, no prazer de aspirar as carnes assadas e na volúpia pelo sangue de animais e dos homens.

b) Talvez a única vantagem de Israel sobre os povos da época fosse precisamente a desvantagem do seu excessivo sociocentrismo, o egoísmo racista que atravessou os milênios e se conservou até mesmo na diáspora com a dureza do lendário diamante-Schamil com que Moisés teria escrito na pedra as tábuas da lei. Porque foi dessa centralização do ego que nasceu a possibilidade do aparecimento da primeira nação monoteísta do mundo. Iavé não tinha condições, com o seu exclusivismo racista, para se transformar no Deus Único, mas o povo judeu o aceitou como tal porque isso agradava às suas pretensões de superioridade. O deusinho intrigante e até mesmo alcoviteiro das tribos hebraicas, raivoso, parcial e contraditório, que punia com a lepra os que censuravam o seu amado Moisés e que após o Decálogo autoriza o seu protegido a realizar a bárbara matança do Sinai e revelava um espírito rancoroso de chefe tribal e um exibicionismo arrogante no trato com os povos estranhos. Ao mesmo tempo, não dispunha de forças para impedir os assaltos de povos mais fortes e aguerridos aos seus pupilos que egípcios e babilônios, assírios e romanos conquistavam e submetiam à escravidão. Apesar disso, o povo judeu mostrou-se capaz de enfrentar todas as derrotas e decepções sem perder a confiança no seu Deus. Essa virtude estóica e essa fidelidade interesseira, aumentada por um protecionismo escandaloso, e a coragem e tenacidade que demonstrava em todas as circunstâncias, deram a Iavé uma posição excepcional. Não foi Deus, nesse caso, quem salvou o homem, mas o homem-judeu quem salvou o deusinho fanfarrão que lhe deu a Terra de Canaã, numa doação injusta, ilegal e bárbara, em que os beneficiados tiveram de conquistar o seu presente em batalhas alucinadas. Verdadeiro presente de grego, que custou sacrifícios e perdas irreparáveis aos judeus ludibriados. Na verdade, Iavé não deu nada, pois foram Moisés e Josué os conquistadores de uma nação tradicional, de estrutura feudal e cultura desenvolvida. Uma conquista militar longamente preparada nos quarenta anos de expectativa angustiada no pequeno deserto do Sinai, com assaltos e pilhagens dos povos vizinhos. A destruição de Canaã foi um dos mais bárbaros genocídios da História. E sobre a terra ensangüentada, juncada de cadáveres, o povo ludibriado construiu seus monumentos ao deus truculento, erguendo-lhe o Templo de Jerusalém com aras especiais para os sacrifícios de animais que Iavé não podia comer, mas de cuja fumaça se alimentava aspirando-a por suas narinas divinais.

Por dois milênios considerou-se o nascimento de Jesus em Israel como uma confirmação da grandeza de Iavé. Mas essa grandeza era apenas uma fantasia, pois nem do ponto de vista humano, à luz dos sentimentos de justiça e dos princípios éticos se poderia ressaltar um só gesto de grandeza na atitude brutal de Iavé. Hoje, à luz dos princípios espíritas, podemos compreender esta verdade assustadora, marcada a fogo nas páginas da própria Bíblia:

c) Iavé nada mais era do que o espírito orientador do clã arrogante e ganancioso de Abraão, Isaac e Jacó na velha cidade mesopotâmica de Ur. Um guia espiritual de inferioridade inegável, deus guerreiro como os de Atenas e Roma, que se serviu da mediunidade espantosa de Moisés e dos Anciãos no deserto para materializar-se entre aventureiros rudes e ignorantes, nas fumaredas de ectoplasma que envolviam em nuvens assustadoras a tenda do deserto. Nessas manifestações então inexplicáveis, Iavé *falava cara a cara* com seu servo Moisés, dando-lhe prestígio necessário para a consecução dos seus planos de conquista sanguinária. As pesquisas contemporâneas e atuais sobre esses fenômenos mediúnicos desvendaram o mistério. Os estudos de Max Freedom Long e André Lang, entre as tribos selvagens da Polinésia, revelaram o emprego de *mana* ou *orenda*, forças mágicas que Richet explicou racional e cientificamente como emanções orgânicas do corpo do médium e os russos provaram recentemente serem constituídas por um plasma físico formado de partículas atômicas livres. Iavé, o Deus Supremo e Único, servia-se apenas dos elementos mágicos empregados pelos povos primitivos nos seus contactos com os espíritos. Esse mesmo elemento, que na sua expansão manifesta cheiro de ozona, foi considerado nas manifestações diabólicas da Idade Média como explosões de enxofre. Frederic Zöllner demonstrou, na Universidade de Upsala (Alemanha) que esse elemento, o ectoplasma, pode produzir explosões violentas, raios e relâmpagos, causando destruições como o poder de dinamites. Essas provas científicas modernas podem também explicar as manifestações ígneas assustadoras do Monte Sinai, no momento em que Moisés falava com Iavé e este lhe aparecia em forma de sarça ardente, segundo o Gênese.

Diante dessas verificações, compreende-se a preferência de Jesus por Israel. E o maior milagre de Jesus se apresenta como sendo a utilização do povo judeu, acostumado a essas manifestações mediúnicas, para o desenvolvimento da sua missão mediúnica de implantação na Terra da concepção do Deus único no plano social, transformando Iavé numa imagem alegórica de Deus. A unicidade e universalidade dessa concepção foi obra exclusiva de Jesus, que viu a possibilidade de fazer de Israel o centro de expansão do Monoteísmo, que negou ao mesmo tempo o orgulho sociocêntrico de Israel e a multiplicidade dos deuses mitológicos. Daí as contradições profundas e insanáveis entre o Deus iracundo da Bíblia e o Deus ético, justo, providencial e universalmente paternal dos Evangelhos. A fusão absurda desses deuses antagônicos no Cristianismo explica-se pela incompreensão inicial e a deformação posterior dos ensinamentos de Jesus, através das lutas brutais e sanguinárias entre as seitas cristãs dos primeiros tempos. Os homens recebiam as palavras do Messias na medida das suas posições contraditórias. As condições do tempo eram propícias ao fanatismo e à História imparcial, escrita por pesquisadores universitários independentes, nos revela o panorama de paixões exacerbadas, em meio a interesses políticos e sociais os mais diversos, que levavam facções violentas aos mais hediondos crimes. O Cristianismo que chegou aos nossos dias, através das igrejas cristãs

do Ocidente e do Oriente, é a herança trágica das profanações. Os textos evangélicos falam por si mesmos, particularmente nas epístolas de Paulo e do *Livro de Atos dos Apóstolos*, do que foram as dissensões no próprio meio apostólico. Nem mesmo a Ressurreição de Cristo, que Paulo explicou de maneira clara e lapidar, chegou a ser compreendida. O culto pneumático, de manifestações de espíritos, foi suprimido; a simplicidade livre das assembleias cristãs foi injetada de elementos complexos dos cultos religiosos pagãos e judeus; a comunhão memorial do Cristo com os discípulos através do pão e do vinho – praticada nas ceias cristãs e bem antes nos cultos cananitas – foi transformada em sacramento sofisticado pela magia da transubstanciação; expressões evidentemente alegóricas tornaram-se dogmas indiscutíveis, motivando morticínios de estarrecer.

A comparação singela e tocante encerrada na expressão *Cordeiro de Deus*, referente a sacrifícios de cordeiros nos altares do Templo para purificação de pecados, foi transformada em mistério sagrado que acobertou muitos crimes nefandos; a ressurreição no corpo espiritual tornou-se ressurreição absurda no corpo carnal, de maneira que Tomé, o apóstolo dissidente, tocou as chagas de Cristo manifestado mediunicamente, acreditando tocar no corpo material já sepultado; Maria transformou-se numa das muitas virgens mães da Antigüidade de que trata Saint'Ives num livro excomungado; José passou de pai a padraсто numa posição equívoca e Deus perdeu novamente a sua unidade para se dividir no mistério de três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro. Só por milagre a definição de João: *Deus é Amor* sobreviveu a esse terremoto com a pureza ingênua de uma flor nos destroços. Nem se compreende que isso tenha sido possível em meio ao entrançado de garras e caudas peludas, cheirando a enxofre, que lutavam para escurecer o Céu e ensangüentar a terra. Os erros dos copistas, as adulterações conscientes dos intérpretes sectários, as substituições ingênuas de reformistas ignorantes passaram ao redor dessa definição de Deus sem atingi-la. O mais espantoso é que essas interferências criminosas não cessaram até hoje. As pretensas atualizações de linguagem dos velhos textos prosseguem em nossos dias, com as edições deformadas da Bíblia pelas instituições guardiãs de sua pureza. Criou-se o dogma da Palavra de Deus para o velho livro judaico, digno de respeito histórico, mas as vestais dos textos preferem as palavras dos homens, mutilando, distorcendo, aleijando o verbo divino em cada nova tiragem da Bíblia. Se Deus falou, os homens o corrigem, porque Deus ainda não aprendeu a sujeitar-se aos caprichos formalistas das igrejas. Pois mesmo com essa permanência inquietante da censura humana, a definição de João ainda não foi mascarada.

Os adulteradores espíritas de Kardec mostraram-se de uma grande ignorância. O que fizeram com *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é de estarrecer. Deformaram, cortaram, tornaram o texto lógico do mestre, incongruente e contraditório. Não pouparam sequer as mais belas e poderosas frases de Jesus, como: *Amai aos vossos inimigos*, que reduziram a esta vergonha lingüística: *Amai aos que não vos amam*. Das eloqüentes mensagens de Lázaro extraíram as figuras expressivas e viris como: *Nós vos faremos avançar com a dupla ação do freio e da espora*, talvez por já estarem sentindo as esporas nas virilhas. Emacularam os textos, como se fossem eunucos destinados a servir nos haréns de velhos e trêmulos sultões.

Todas essas formas de mistificações, geralmente a serviço de interesses humanos subalternos, estão presentes em todas as culturas e em todas as religiões, porque a mistificação é própria do homem, encarnado ou desencarnado. Na inferioridade visível e palpável do nosso mundo os mistificadores pululam no plano espiritual ligado à Terra e na crosta planetária. Nas escrituras sagradas de todas as correntes espiritualistas e de todas as religiões podemos encontrar e identificar diversos tipos de mistificação. Kardec foi o único a estabelecer um método seguro de prevenção das mistificações. Mas os mistificadores se servem da vaidade humana para infiltrar-se nas instituições doutrinárias, onde sempre encontramos criaturas ansiosas por novidades que superem a obra do mestre. O Espiritismo é uma questão de bom-senso, como escreveu Kardec, mas as criaturas insensatas estão por toda parte. Precisamos manter constante vigilância em nossos estudos para não cairmos nas mistificações que nos levam a deturpar e aviltar a doutrina. Bastaria um pouco de humildade para vermos, como ensina Kardec, a ponta de orelha do mistificador, que sempre aparece nos textos mentirosos ou ilusórios. A mistificação se alimenta de vaidade e pretensão, desse orgulho infantil a que não escapam nem mesmo pessoas ilustradas. Muitas vezes, pelo contrário, as pessoas ilustradas não passam de analfabetas ilustres, mais sujeitas, por sua vaidade pueril, à mistificação, do que as pessoas humildes mas dotadas de bom-senso. Kardec tem razão ao afirmar que o bom-senso e a humildade são preservativos da mistificação. Nenhum espírito nos mistifica se nós mesmos já não estivermos nos mistificando por vontade própria.

Os médiuns dispõem de vários recursos para evitar as mistificações: orar e vigiar, manter sua fé racional em Deus e nos Espíritos Superiores; confiar em seus protetores espirituais; ler todos os dias pelo menos um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, manter a mente arejada e serena, sem temores inúteis; alimentar pensamentos altruístas, ou seja, em favor dos outros, evitando idéias de grandeza; rejeitar os Espíritos que lhes prometem revelações e os que pretendem contar-lhes o que foram em outras encarnações; afastar de sua mente qualquer idéia de maldade contra os outros; afugentar ódios e ressentimentos; não querer tornar-se anjos de um momento para outro; viver como todas as criaturas pacíficas dignas, cumprindo os seus deveres sociais e morais, sem jamais se julgarem superiores aos outros; suportar as dificuldades da vida sem reclamações, dando mais atenção às necessidades dos outros do que às suas próprias; fazer todo o bem possível ao seu alcance, sem exageros e tendo sempre em vista que não devemos acocar-nos nem acocar os outros, pois todos temos de passar pelas experiências; evitar disputas sobre opiniões; não admitir interferências de dinheiro ou lucros de qualquer espécie em suas atividades mediúnicas. Tudo isso se resume, como vemos, em caridade, humildade e honestidade. O médium ou espírita que seguir esses princípios estará vacinado contra a mistificação, desde que não se convença que estará livre de ser mistificado. A simples idéia de ter esse privilégio pode ser a porta que esqueceu aberta e pela qual a mistificação entrará com facilidade.

O maior caso de mistificação, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação, é a obra *Os Quatro Evangelhos*, de Jean Baptiste Roustaing, que a Federação Espírita Brasileira tomou como fundamento da sua orientação doutrinária. A mistificação é tão evidente nessa obra que uma pessoa simples, mas de bom-senso, logo a percebe. Mas como se apóia nos resíduos mitológicos e místicos

da nossa formação religiosa tradicional, continua a fazer suas vítimas entre nós através dos anos. Nessa obra, Jesus é transformado num mistificador que fingiu nascer mas não nasceu, fingiu mamar mas não mamou, fingiu morrer na cruz mas não morreu; fingiu ressuscitar mas não ressuscitou, pois era um *agêneré*, uma criatura não gerada, uma simples *aparição tangível* que combinou no espaço encontrar-se na Terra com Maria Madalena. E isso é apenas um pedaço mínimo do imenso ridículo em que essa obra das trevas procura mergulhar a Doutrina dos Espíritos Superiores. As obras de Ramatis constituem o segundo caso de mistificação em nosso movimento espírita, divergindo daquela em alguns pontos e apresentando outras novidades absurdas. A obra *A Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo*, recebida na Alemanha e completada na Argentina, onde existe uma instituição espírita para mantê-la, divulgá-la e defendê-la, é outro caso típico de mistificação em grande estilo, que tem iludido multidões de pessoas. Nessa obra vemos Jesus, em *suas memórias*, prestar-nos um depoimento estranho sem começo e sem fim e com deformidade de um texto do Corão, de Maomé. Fala Jesus: “Meus irmãos, escutai o relato da minha vida terrestre como Messias.” A seguir o livro nos conta as primeiras peripécias de Jesus após a morte de José, seu pai, sua ida a Jerusalém e a entrega dos negócios da família em mãos estranhas. Jesus se diz o mais velho dos nove filhos de José e Maria. Descreve a vida tranqüila que levava em Nazaré, mas lamenta que as suas idéias messiânicas o tenham levado para o caminho perigoso. Refere-se aos fundamentos da Ciência Kabalística que aprendeu, conta que após a morte do pai envolveu-se em Jerusalém com grupos subversivos e tornou-se agitador político. Nesse ritmo de estória à Jock London, o livro atinge a fase messiânica de Jesus. O auto-memorialista proclama: “Minha obra era santa, porque era a Obra do Pai; minha missão não era de ódio, mas de amor.” Um livro mediúnico sem nenhuma base histórica, sem nada de novo quanto à interpretação da figura humana de Jesus, sem nenhuma marca da época, decalcado em situações atuais, desprovido da mínima verossimilhança, e que no entanto e apesar do seu volume de cerca de 400 páginas, não pesa em nada na balança da História. Mistificação evidente e sem defesa possível. Como podem espíritas ilustrados, inteligentes, perspicazes, aceitar esse relato de fraca imaginação como autobiografia do Cristo, do assombroso personagem histórico que transformou o mundo com as suas idéias, no vago registro das *loggia*, das anotações fragmentárias de seus ensinamentos morais, frases e expressões que balizaram o desenvolvimento humano a partir das suas prédicas? Essa é a glória da mistificação – fazer passar como verdadeiras as mais infundadas aberrações. Mas não se pense que o triunfo é da mistificação em si. Pelo contrário, é dos que se deixam mistificar, dos que desejam iludir-se e para isso alimentam o seu bom-senso nas bancas de câmbio da imaginação. Essas criaturas ansiosas pelo maravilhoso, não encontrando o que desejam nas pesquisas e nos estudos sérios, aceitam emocionados os maiores absurdos.

É um curioso mecanismo de compensação interior que leva os leitores dessas falsidades ingênuas a considerá-las como verdadeiras. O anseio de novidades maravilhosas é nelas mais poderoso do que a razão, que sabem aplicar nas coisas da vida diária, mas fracassam ao aplicá-las ao sonho, pois este exige a descoberta dos segredos a qualquer preço. É o mesmo caso das obsessões, em que o apego do obsedado ao obsessivo é que dá forças a este para agir sobre aquele. O mesmo caso dos viciados, que embora conhecendo as conseqüências do vício, não podem abandoná-lo, pois sem ele a vida perderia em gosto e sen-



tido. Uma face pouco ou nada conhecida dos processos esquizofrênicos. Uma área em que a Psicologia Espírita tem muito a trabalhar.

Mas não é só no Espiritismo que isso acontece. A natureza é uma só em toda parte. No Corão, de Maomé, a mistificação é tão transparente como no caso acima. O mistificador cobre as suas deficiências com o manto embriagador ou atordoante da fantasia. E serve-se de afirmações enfáticas, de frases altissonantes para melhor impressionar os que desejam ser enganados. Todo o gênese bíblico reveste-se desse mesmo aspecto. O episódio do nascimento de Jesus, no Corão, é ao mesmo tempo anedótico, pitoresco e impressionante. Maria recebe a anunciação do Anjo, que a manda fugir para o deserto. José foi inteiramente excluído dessa estória das *Mil e Uma Noites* em que um velho carpinteiro nada tinha a fazer. A jovem virgem foge da casa dos pais e dirige-se a tamareira solitária no meio do areal. Ali se deita e o Anjo lhe ensina como proceder. Ao mesmo tempo, faz correr um filete de água ao pé da tamareira. Quando tiver fome, basta-lhe sacudir a árvore e os frutos maduros caem. O menino nasce e o anjo a manda voltar para a casa. Lá, a família a repreende, mas ela tem o menino Jesus nos braços. Maria conta o que se passou e o menino recém-nascido o confirma. O espanto é geral e tudo se acomoda. A estória ingênua é simples ideação mistificadora, mas a palavra do Profeta é suficiente para transformá-la em realidade histórica. O Islã nasceu do tronco bíblico, é uma espécie de sombra judaica projetada sobre a Arábia. As figuras bíblicas de Abraão, Isaac e Jacó aparecem deformadas nessa projeção. Era natural que Maria e Jesus também aparecessem assim. Mas temos nessa projeção conceptual uma espécie de intuição profética animitológica. O nascimento de Jesus sob uma tamareira no deserto devolve o acontecimento real à sua singeleza verdadeira. Resta o mito do Anjo Gabriel, mas este corresponde à realidade subjetiva da inspiração de Maomé. O fato de o menino Jesus falar precocemente não é mitológico, pois pode ser considerado na pauta da precocidade natural. É importante lembrar que o Islamismo revela maior tendência para a realidade figurada do que para o mito. A exclusão de José e os cuidados do Anjo com Maria parecem indicar o Anjo como o pai do menino, em lugar do Espírito Santo. Uma análise profunda desse episódio do Corão, que estabelece uma ligação genésica entre o Islamismo e o Cristianismo, pode revelar maiores significações na perspectiva histórica. A mistificação religiosa decorre muitas vezes de exigências lógicas num processo histórico de ocorrências complexas e cujas linhas se tornaram indefinidas no tempo. Esse é um problema de Parahistória, nova área de interpretação histórica nascida das conquistas atuais da Parapsicologia, e que por isso mesmo interessa de perto aos espíritas.

Maomé foi geralmente considerado como um mistificador, mas na verdade era um médium, um paranormal que, segundo Emmanuel, tinha a missão, em que fracassou, de forçar o retorno da Igreja de Roma à realidade histórica. O fracasso do Profeta Árabe decorreu do seu excessivo apego à matéria, em virtude de sua forte vitalidade. Por isso Dante o colocou no Inferno com o ventre rasgado e os intestinos caindo fora do ventre, condenação típica dos excessos de sensualidade. Todos estes elementos são importantes para uma reinterpretação do conjunto religioso-histórico formado pelo triângulo bíblico Judaísmo-Cristianismo-Islamismo. Cabe às instituições culturais espíritas, no futuro, analisar estes problemas referentes ao processo da evolução da humanidade terrena. O alfanje (Sabre de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva.) islâ-

mico guarda ainda os segredos do Crescente Lunar, que podem ainda fazer mais luz do que o Sol sobre a condição humana.

\*

### **Livro: Curso Dinâmico do Espiritismo**

J. Herculano Pires

#### **Capítulo XX – Como Combater o Espiritismo**

O mito bíblico da matança das crianças por ordem de Herodes, o Grande, para livrar-se do Messias, passou para o Evangelho em forma de realidade histórica. Que é mito, não há dúvida, pois tem todas as características míticas e se apresenta ligado ao contexto mitológico, ingênuo e poético, do nascimento de Jesus em Belém de Judá. Mas todo mito é gerado na imaginação do povo a partir de fatos reais. Tanto a nobreza israelita quanto os dominadores romanos da Palestina temiam o aparecimento do Messias e até mesmo a idéia de que o Messias estivesse crescendo no meio do povo. Assim, era conveniente sacrificar as crianças entre as quais ele devia ocultar-se. O sangue inocente, principalmente de crianças, teve sempre significação mágica na Mitologia de todos os povos. A matança de crianças em Monte Santo, num ambiente de fanatismo delirante, descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, tem o mesmo cheiro nauseabundo do infanticídio herodiano. Mas o que nos importa neste caso é a tentativa de matar o Cristianismo no berço, que se repetiria no caso do Espiritismo. Se as forças dominantes na Judéia se conjugaram contra a ameaça que vinha da Galiléia, também no mundo moderno veríamos a reunião de todas as forças do sistema contra a ameaça do Espiritismo, que nascia ao mesmo tempo na América e no centro da civilização europeia, que era Paris. As meninas Fox em Hidesville foram impiedosamente trucidadas. E se as meninas Boudin não o foram em Paris, isso deveu-se à cautela de Kardec, que ocultou os seus nomes e simbolicamente as mandou, no mesmo burrinho que levou Maria e José ao Egito, para os confins das Gálias, escondendo-as entre os *dólmens* e os carvalhos dos druidas. Não obstante essa precaução, os asseclas herodianos, reencarnados em sacerdotes cristãos e cientistas europeus, esquartejaram cada criança que encontravam pelos caminhos da incipiente e arrogante cultura da época. Os tempos haviam mudado após as deslumbrantes conquistas técnicas da Ciência no Século XVIII, e Kardec não chegou a ser crucificado, mas o submeteram a todas as torturas refinadas e os retardatários inquisidores espanhóis o queimaram em Barcelona, na efígie simbólica das suas obras.

Como no caso cristão, tudo isso foi inútil. O Espiritismo impôs-se entre as novidades culturais da época, os Saulos da Ciência foram convertidos pela evidência dos fenômenos e o Cristo Ressuscitado reapareceu na Europa. Por sinal que essa transposição já tinha um precedente: a da fuga de Maria de Magdala para a França após a crucificação, segundo a lenda.

O paralelismo prossegue. Simão, o Mago, que queria obter os segredos da mágica de Paulo, reaparece na figura de Oudine, o mágico moderno que desejava descobrir os truques do médium escocês não espírita pertencente a uma linhagem nobre, Daniel Douglas Home, que produzia manifestações ectoplásmicas de mãos que materializavam-se e levitavam-se na presença de assistentes assustados. Richet, o maior fisiologista do século, à maneira de Tomé, não acreditava na ressurreição e tocou as chagas da verdade crucificada com a pon-

ta dos dedos. Crawford, professor de mecânica da Universidade de Belfast, descobria a alavanca de ectoplasma com que os fenômenos de levitação se produziam. Conan Doyle tornava-se o Apóstolo dos Gentios entre os povos africanos. Ochorowicz desdobrava, sem saber como nem por que, o corpo da médium Stanislava. Schrenck-Notzing descobria os processos de emissão e reabsorção do ectoplasma pelos médiuns e obtinha as primeiras análises de laboratório, em Berlim e Viena, sobre a constituição física dessa estranha matéria orgânica.

A luta contra o Cristianismo só se tornou eficaz quando os adeptos se deixaram fascinar pelo já agonizante Império Romano. Graças a essa fascinação o Império conseguiu submeter o Cristianismo ao seu serviço e o desfigurou em pouco tempo. No Espiritismo temos agora a técnica semelhante do Império das Trevas, organizado nas regiões inferiores do mundo espiritual, onde os espíritos apegados à matéria, revestidos de corpo espiritual em que os elementos materiais predominam, continuam a viver em condições terrenas. População maior do que a encarnada na crosta do planeta, essas entidades disputam as almas ignorantes e vaidosas das fileiras espíritas e as utilizam como instrumentos de confusão no meio doutrinário. As mistificações mais grosseiras são aceitas por esses adeptos vaidosos, que chegam à extrema audácia de aviltar os textos da Codificação Kardeciana e tentar substituí-los por obras eivadas de contradições e absurdos de toda a espécie. Ao invés de procurarem instruir-se melhor em seus conhecimentos, pretendem transformar-se em novos reveladores de mistérios assombrosos. Há várias correntes já formadas no meio espírita, contra as quais as pessoas sensatas precisam precaver-se. É claro que essas mistificações de homens fátuos e espíritos inconstantes serão varridas pela evolução, mas até que isso aconteça haverá tempo suficiente para que muitas criaturas ingênuas sejam envolvidas em processos obsessivos. Todo espírita consciente de suas responsabilidades humanas e doutrinárias está no dever intransferível de lutar contra essas ondas de poluição espiritual que pesam na atmosfera terrena. Ninguém tem o direito de cruzar os braços em nome de uma falsa tolerância que os levará à cumplicidade. Os próprios e infelizes corifeus e propagadores dessas teorias ridículas são os mais necessitados de socorro. É legítima caridade repelir todas essas fantasias em nome da verdade, mesmo que isso magoe os companheiros iludidos. A tolerância comodista dos que vêem o erro e se calam é crime que terá de ser pago no futuro. Quem pactua com o erro para não criar problemas está, sem o saber, enleando-se nas teias sombrias da mentira, comprometendo-se com os mentirosos. E esse compromisso é um desrespeito a todos os que se sacrificaram no passado e se sacrificam no presente para ajudar a Humanidade na defesa dos seus direitos evolutivos. Este é o momento grave da evolução terrena em que não podemos esquecer a advertência de Jesus: *Seja o teu falar sim, sim; não, não*. Multidões de criaturas foram sacrificadas no passado para que a Humanidade se libertasse de seus enganos e pudesse encontrar os caminhos limpos da verdade, ou seja, das coisas reais, verdadeiras, que nos conduzem ao saber e à liberdade. Se traírmos hoje, comodistamente, esses mártires inumeráveis, estaremos conspurcando a dignidade humana, cobrindo de lixo as sendas da verdade abertas pelo Cristo e agora reabertas pelo Espírito da Verdade através de Kardec.

Trocar o ensino puro do Mestre pelas bugigangas de camelôs vaidosos é fazer o papel dos porcos da parábola, que rejeitam as pérolas e avançam raivo-

sos contra quem as oferece. Palavras duras, sem dúvida, mas que foram usadas por Jesus para despertar as almas empedernidas. Não há mais lugar para comodismos, compadrismos, tolerâncias criminosas no meio espírita. Cada um será responsável pelas ervas daninhas que deixar crescer ao seu redor. É essa a maneira mais eficaz de se combater o Espiritismo na atualidade: cruzar os braços, sorrir amarelo, concordar para não contrariar, porque, nesse caso, o combate à doutrina não vem de fora, mas de dentro do movimento doutrinário.

A mais ridícula mistificação da doutrina, o Roustainguismo, continua a dominar a Federação Espírita Brasileira, que reedita e propaga, sustenta e defende a obra *Os Quatro Evangelhos*. Jean-Baptiste Roustaing, advogado em Bordeaux, na França, publicou essa obra no tempo de Kardec. O mestre a examinou e criticou com paciência cristã. Depois dele, muitos outros espíritas lúcidos e cultos denunciaram as incongruências dessa obra, decalque e deformação da obra Kardeciana. O próprio advogado explicou no prefácio da obra, com a ingenuidade típica dos fascinados, as condições precárias de saúde em que se encontrava quando a recebeu, depois de evocações temerárias. A mecânica da mistificação foi exposta ao público pela própria vítima. Roustaing é o anti-Kardec, mente confusa, misticismo beato e portanto vulgar, credence popularesca, falta absoluta de critério científico, desprezo pelos dados históricos, mitologia arcaica, raciocínio confessadamente avariado, aceitação pacífica de teses clericais obscurantistas, posições anedóticas na explicação dos fatos evangélicos (a falsa gravidez de Maria, Jesus-menino fingindo que sugava o seio da mãe e devolvendo-lhe magicamente o leite aos vasos sanguíneos em forma de sangue, espíritos superiores reencarnando em mundos inferiores como *criptógamos carnudos*, em forma de lesmas em carne humana e assim por diante). Um montão de ridicularias que se repetem nos cansativos volumes da obra num *ritornelo* desesperante. E homens de cultura regular (não pode ser superior) a vangloriar-se dessas tolices a ponto de considerarem a FEB como – pasmem as criaturas de mediano bom-senso – como a *Casa-Máter do Espiritismo*. Ignoram certamente a existência histórica da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e todo o trabalho exaustivo de Kardec. Várias Federações Estaduais atrelaram-se ao carro funerário dessa Mistificação.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo, considerada durante anos como instituição bem orientada, passou por períodos de aceitação e estudo das obras de Ramatis, eivadas de pretensões paranóicas e teorias absurdas sobre Jesus, sobre a mediunidade, sobre práticas mágicas, carregadas de afirmações ridículas sobre o passado da Terra, a existência da Atlântida, as relações de vidas anteriores de Jesus e Maria Madalena e assim por diante. Recentemente, depois do escândalo da adulteração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, depois de dez anos de ausência, *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da doutrina, reapareceu nos cursos de algumas casas, como novidade. Kardec havia sido cassado por estar superado. Onde a convicção, a fé, a certeza racional dos princípios doutrinários, hoje cientificamente comprovados, andaram nesse longo intervalo de vacilações e de apego a obras dessa espécie?

Bastam esses fatos para nos mostrar que o Espiritismo é o *Grande Desconhecido* dos próprios espíritas. E é por isso, por causa dessa negligência imperdoável no estudo da doutrina, que os próprios adeptos se transformaram em eficientes instrumentos de combate ao Espiritismo. As pessoas de bom-senso e cultura se afastam horrorizadas de um meio em que só poderiam permanecer

em ritmo de retrocesso ao condicionamento das crendices e do fanatismo. No campo científico o nada não existe nem pode existir. E como a base da doutrina é a Ciência, a sólida base dos fatos, a verdade incontestável é que o nosso movimento espírita não tem base. Se os espíritas conscientes não se dispuserem a uma tentativa de reconstrução, de reerguimento desse edifício em perigo, ficaremos na condição de nababos que desprezam as suas riquezas por incompetência para geri-las. Temos nas mãos a Ciência Admirável que o Espírito da Verdade propôs a Descartes e mais tarde confiou a Kardec. Mas do que vale a ciência e o poder, a fortuna e a glória, se não formos capazes de zelar por tudo isso e nem mesmo de compreender o que possuímos? Nós mesmos abrimos o portal da muralha e recolhemos, alegres e estultos, o Cavalo de Tróia em nossa fortaleza inexpugnável.

Os homens, em geral, não conhecem o ritmo de execução das programações divinas. Mas os espíritas, em particular, não podem desconhecê-lo. Sabem que a Terra não é um mundo perdido no espaço sideral, mas regido pelas leis naturais no âmbito de uma vasta programação para o desenvolvimento da galáxia em que se inclui. Podemos falhar na crosta terrena por nossa incúria e despreocupação, mas nos computadores cósmicos os Espíritos Superiores zelam pelo cumprimento dos desígnios de Deus. Desde meados do século passado fomos avisados, através de mensagens dirigidas a Kardec, de que a evolução terrena começara a se acelerar com a chamada Guerra da Itália e avançaria irresistivelmente através de guerras e convulsões sociais, revoluções científicas e morais, num ambiente de tensão em que os valores de uma civilização, coitada, feita de arrebiques, ruiriam aos impactos das grandes transformações. Kardec perguntou, preocupado, se haveria convulsões geológicas devastadoras. Os Espíritos responderam que não se tratava disso, mas de profundas convulsões morais que sacudiriam todas as nações. O estudo dessas mensagens mostrou-nos que o período anunciado abrangeria todo o século XX, numa espécie de revisão febril de toda a realidade planetária. Hoje vemos, próximo ao fim do século, que a programação se cumpriu e se acelera o seu ritmo cada vez mais, como devêssemos entrar no terceiro milênio da Era Cristã com a velocidade de um foguete espacial. Não temos motivos para duvidar daquilo que vemos com os nossos olhos e sentimos na nossa pele. Não podemos também duvidar da realidade da pequena parte da programação que nos foi revelada e realmente se cumpriu. Sabemos, portanto, com segurança, que estamos entrando na Era Cósmica, nessa era nova em que a Terra entrará no sistema cósmico de relações dos mundos. Mas se não tomarmos consciência disso e não procurarmos cumprir os nossos deveres, seremos substituídos e passaremos à condição de povos deserdados. Nosso apego doentio aos bens perecíveis nos farão incapazes de tratar dos bens do espírito, que temos negligenciado.

Sabemos claramente que estamos divididos, embora materialmente fundidos no plano material e semi-material, numa grande mistura de graus evolutivos. A lei das migrações cósmicas poderá lançar-nos, em grande parte, a mundos dolorosos de reajuste e recuperação, enquanto a parte evoluída de nossa humanidade continuará na Terra, auxiliada por contingentes de povos mais aptos e responsáveis.

Não se trata de uma ameaça nem de um castigo, mas apenas do que poderíamos chamar *medidas administrativas* em nosso próprio benefício. Temos exemplos constantes dessas medidas na colheita diária que a morte realiza sem

cessar ao nosso redor. Vemos, pelas comunicações dos espíritos em nossas sessões de doutrinação e desobsessão, onde a maioria dos mortos comparece em situação precária. Foram removidos, aqui mesmo, do âmbito da vida terrena, para regiões de provas a que se adaptam penosamente, sem se conformarem de não haver encontrado as regiões felizes com que sonhavam. Temos ainda o aviso das mensagens psicográficas, em que se destacam as recebidas por Chico Xavier, ora estimulando o nosso esforço na compreensão e no bem, ora advertindo-nos quanto às dificuldades encontradas pelos que perderam o seu tempo.

Os filósofos que pesquisaram o problema da consciência humana, e particularmente Wilhelm Dilthey, que tratou particularmente da transição da consciência pagã para a consciência cristã, ressaltaram a importância do conceito de Providência Divina, formulado pelo Judaísmo. Os deuses pagãos eram mitos copiados da própria psique humana. Tinham a leviandade e a displicência dos homens. Intervinham nas suas disputas, participavam das suas guerras, conquistavam as mulheres e as filhas dos homens, usavam de discriminações injustas e pouco se importavam com os problemas superiores. Iavé, o deus judeu, era também um deus pagão dotado de todos os defeitos dos demais. Mas interessou-se pelo destino do seu povo e assumiu o seu comando, pelo que foi chamado de Deus dos Exércitos. Jesus aproveitou-se dessa oportunidade, espécie de abertura na concepção inferior dos deuses, para dar ênfase à intervenção divina nas questões humanas. O conceito superior do Deus-Pai, vigilante e providencial, gerou e abriu possibilidades à compreensão da Providência Divina, pela qual Deus – Único e Absoluto – surgia como o orientador dos povos. Essa idéia da Providência, juntamente com o conceito grego do Logos ou Razão Divina e o conceito romano de Justiça, constituem, segundo Dilthey, os elementos naturais da consciência universal criada pelo Cristianismo. A preocupação com os mundos siderais, existente nas civilizações astrológicas, tomou aspecto mais positivo e racional no Cristianismo, dando nascimento à idéia da pluralidade dos mundos habitados. As referências de Jesus às muitas moradas da casa do Pai reforçou poderosamente essa visão cósmica, já bem assinalada na Filosofia de Pitágoras, com sua teoria da Música das Esferas no Infinito. A posição racional de Jesus, não obstante o clima místico e mitológico da época, repercutiu no Renascimento e definiu-se em plano científico com as contribuições de Galilei e Copérnico. No Espiritismo o problema tomou corpo e se impôs de maneira decisiva, com as numerosas comunicações mediúnicas referentes a outros mundos. Kardec incluiu em *O Livro dos Espíritos* a famosa *Escala dos Mundos* e o astrônomo Camille Flammarion, médium psicógrafo que trabalhava com Kardec, publicou o livro *Pluralidade dos Mundos Habitados*, que teve grande repercussão em todo o mundo. O teatrólogo Victorien Sardou recebeu, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, numerosos desenhos, assinados por Bernard Pallissy e Mozart, referentes a Júpiter, considerado como o mundo mais adiantado do nosso sistema solar. A teoria das migrações planetárias, dada mediunicamente por espíritos elevados, completou esse quadro do Universo habitado em todas as suas dimensões e da chamada *solidariedade dos mundos*, pela qual os mais adiantados auxiliam o progresso dos mundos inferiores. As migrações ocorrem nas fases de grandes e profundas transformações culturais nos mundos, com a providência administrativa da transferência de populações de um mundo para outro, facilitando o progresso de populações retardatárias.

O avanço atual das pesquisas cósmicas vem confirmando a teoria espírita a respeito, de maneira lenta, mas segura. Kardec declarou que o Espiritismo não é Astronomia, mas Ciência do Espírito, e que deve esperar dos astrônomos a solução positiva do problema. O desenvolvimento da Astronáutica reforçou em nossos dias essa posição Kardeciana. Flammarion observou que o princípio da reencarnação é corolário do princípio de pluralidade dos mundos habitados.

A posição de Kardec no século XIX foi a de intelectual europeu bem integrado na cultura da época, preocupado com a solução dos problemas do mundo através da Educação. Embora pertencesse a uma família tradicional de Lyon, formada de advogados e magistrados, sua vocação o levou para os estudos científicos e educacionais. Feitos os estudos iniciais em sua cidade natal, os pais o enviaram à Suíça para completar sua formação no Colégio de Yverdon, com Pestalozzi. Integrou-se na linha do pensamento pestalozziano, de um humanismo aberto e universalista que tinha suas raízes em Rousseau. Aprofundou-se no estudo das ciências médicas e clinicou em Paris, como atesta o seu amigo Henri Sausse, confirmado pelas pesquisas recentes de André Moreill, mas voltou-se em definitivo para a Pedagogia, dando continuidade aos trabalhos de Pestalozzi. Teve suas obras adotadas pela Universidade de França e exerceu nela o cargo de diretor de estudos. Viveu pobre e solitário num modesto apartamento da Rua dos Mártires, em Paris, tendo-se casado com a professora Amellie Boudet, da qual não teve filhos. Vida de trabalho, tranqüila e morigerada, bem conceituado nos meios culturais da França por sua cultura, seu bom-senso, sua seriedade e dedicação ao trabalho. Escritor de idéias amplas e mente arejada, possuía o estilo didático que se pode apreciar em suas obras. Nunca pretendeu ser um messias ou fundador de religião, segundo informam até hoje alguns dicionários enciclopédicos mundiais. Seu nome civil era Léon Hypolyte Denizard Rivail, com que assinou suas obras universitárias e o famoso estudo que fez para uma remodelação do Ensino na França. Ao entregar-se à pesquisa dos fenômenos espíritas e organizar *O Livro dos Espíritos*, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, para estabelecer a necessária distinção entre suas obras pedagógicas e seus livros espíritas. O pseudônimo lhe foi sugerido por seu espírito orientador, que lhe disse haver sido o seu nome na encarnação anterior, como druida, ou seja, sacerdote celta na Gália. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, para pesquisas, a *Revista Espírita* para divulgação e sustentação do Espiritismo, e no espaço de quinze anos codificou a Doutrina Espírita e universalizou o movimento doutrinário. Começou as investigações espíritas em 1854 e faleceu subitamente em 1869, deixando concluídas suas obras fundamentais da doutrina, que exerceram a função de uma introdução geral a toda a problemática do Século XX.

Kardec teve contra ele e suas idéias as forças conjugadas da segunda metade do século passado. A coleção da *Revista Espírita*, traduzida integralmente em São Paulo pelo engenheiro Júlio Abreu Filho, foi lançada pela Editora Cultural Espírita (EDICEL) em doze volumes de 400 páginas em média cada um. O tradutor concluiu o seu trabalho exaustivo em condições precárias de saúde, falecendo pouco depois. Dedicou-se extremamente a esse trabalho, mas seu estado de saúde não lhe permitiu atingir a perfeição desejada. A EDICEL convocou uma comissão de estudiosos do assunto para revisar todo o trabalho, constituída pelos Professores J. Herculano Pires, J. A. Chaves, Miguel Mairt e Anne Marie Marcier. Essa comissão não chegou a concluir toda a revisão. O pri-

meiro incumbiu-se de traduzir em versos as numerosas poesias do texto, que Júlio traduzira em prosa. As poesias traduzidas foram publicadas na *Revista* em seu texto original francês e na tradução portuguesa em disposição paralela, para verificação e comparação dos leitores. São poemas de notável beleza, psicografados por diversos médiuns, e poemas de poetas espíritas, entre os quais uma série curiosa de um leitor da *Revista*, Sr. Dombe, que se tornou o fabulista espírita clássico de Esopo. Kardec estabeleceu a linha epistemológica da doutrina na seqüência lógica: Ciência, Filosofia e Religião, admitindo esta última como *Moralidade*, segundo a concepção de Pestalozzi, rejeitando a sua comparação com as religiões formalistas e dogmáticas. A Religião Espírita é livre e aberta, sem sacerdócio nem sacramentos, apoiada nas conquistas científicas e nos desenvolvimentos da Filosofia, buscando a verdade que só pode ser obtida pela adequação do pensamento à realidade comprovada pelos fatos cientificamente provados.

\*



**SEGUNDO ANO**  
**QUARTA PARTE**  
**CADEIRA DE RELIGIÃO ESPÍRITA**

O Problema da legitimidade e do valor dos textos bíblicos e evangélicos

**LIVRO: “VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA” J. Herculano Pires. Edições  
Correio Fraternal. 1ª. edição. 1989.**

NOTA DA EDITORA

O presente livro é a reunião de crônicas escritas por J. Herculano Pires e publicadas, em sua maioria, no extinto jornal "Diário de São Paulo". Como os leitores poderão ver, a atualidade destas páginas é indiscutível. Herculano Pires foi um dos mais felizes intérpretes do pensamento espírita dentre os que reencontraram e já retornaram ávida espiritual. Por isso, seus escritos constituem páginas de grande importância para os estudiosos do Espiritismo. Ao reuni-las em livro e apresentá-las ao público, Edições Correio Fraternal presta homenagem a José Herculano Pires, no décimo ano de seu desencarne.

S. Bernardo do Campo. Março de 1989.

BÍBLIA E EVANGELHO

A Bíblia (que o nome quer dizer simplesmente: O Livro) é na verdade uma biblioteca, reunindo os livros diversos da religião hebraica. Representa a codificação da primeira revelação do ciclo do Cristianismo. Livros escritos por vários autores estão nela colecionados, em número de 42. Foram todos escritos em hebraico e aramaico e traduzidos mais tarde para o latim, por São Jerônimo, na conhecida Vulgata Latina, no século quinto da nossa era. As igrejas católicas e protestantes reuniram a esse livro os Evangelhos de Jesus, dando a estes o nome geral de Novo Testamento.

O Evangelho, como se costuma designar o Novo Testamento, não pertence de fato à Bíblia. É outro livro, escrito muito mais tarde, com a reunião dos vários escritos sobre Jesus e seus ensinamentos. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã. Traz uma nova mensagem, substituindo o deus-guerreiro da Bíblia pelo deus-amor do Sermão da Montanha. No Espiritismo não devemos confundir esses dois livros, mas devemos reconhecer a linha histórica e profética, a linhagem espiritual que os liga. São, portanto, dois livros distintos.

*O Espiritismo*

A antiga religião hebraica é geralmente conhecida como Mosaísmo, porque surgiu e se desenvolveu com Moisés. A nova religião dos Evangelhos é designada como Cristianismo, porque vem do ensino do Cristo. Mas, assim como nas páginas da Bíblia está anunciado o advento do Cristo, também nas páginas do Evangelho está anunciado o advento do Espírito de Verdade. Este advento se deu no século passado, com a terceira e última revelação cristã, chamada revelação espírita. Cinco novos livros aparecem, então, escritos por Kardec, mas ditados, inspirados e Orientados pelo Espírito de Verdade e outros Espíritos Superiores. Os cinco livros fundamentais do Espiritismo, que têm como base *O Livro dos Espíritos*, representam a codificação da terceira revelação. Essa revelação se chama Espiritismo porque foi dada pelos Espíritos. Sua finalidade é esclarecer os ensinamentos anteriores, de acordo com a mentalidade moderna, já suficientemente

arejada e evoluída para entender as alegorias e símbolos contidos na Bíblia e no Evangelho. Mas enganam-se os que pensam que a Codificação do Espiritismo contraria ou reforma o Evangelho.

#### SENTIDO HISTÓRICO DA BÍBLIA E A SUA NATUREZA PROFÉTICA (MEDIÚNICA)

Qual a posição do Espiritismo diante do problema bíblico? Os recentes debates na televisão entre espíritas, pastores protestantes e sacerdotes católicos, deram motivo a algumas incompreensões, de que se aproveitaram adversários pouco escrupulosos da Doutrina Espírita, para lhe desfecharem novos e injustos ataques. Vamos procurar esclarecer, por estas colunas, a posição espírita, como já havíamos prometido.

Kardec define essa posição, desde *O Livro dos Espíritos*, como a de estudo e esclarecimento do texto, à luz da História e na perspectiva da evolução espiritual da Humanidade. No cap. III deste livro, final do item 59, depois de analisar as contradições entre a Bíblia e as Ciências, no tocante à criação do mundo, ele declara: "Devemos concluir que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação".

Essas palavras de Kardec, sustentadas através de toda a Codificação, esclarecem a posição espírita. Devemos reconhecer na Bíblia a sua natureza profética (ou seja: mediúnica), encerrando a I Revelação, no ciclo histórico das revelações cristãs. Esse ciclo começa com Moisés (I Revelação), define-se com Jesus (II Revelação) e encerra-se com o Espiritismo (III Revelação). Os leitores encontrarão explicações detalhadas a respeito em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que é um manual de moral evangélica. O conceito espírita de Revelação, porém, não é o mesmo das religiões em geral. Revelar é ensinar, e isso tanto pode ser feito pelos Espíritos (revelação divina) quanto pelos homens (revelação humana), mas não por Deus "em pessoa", porque Deus age através de suas leis e dos Espíritos. A revelação bíblica, portanto, não pode ser chamada de "palavra de Deus". Ela é, apenas, a palavra dos Espíritos-Reveladores, e essa palavra é sempre adequada ao tempo em que foi proferida. Isto é confirmado pela própria Bíblia, como veremos no decorrer deste estudo.

A expressão "a palavra de Deus" é de origem judaica. Foi naturalmente herdada pelo Cristianismo, que a empregou para o mesmo fim dos judeus: dar autoridade à Igreja. A Bíblia, considerada "a palavra de Deus", reveste-se de um poder mágico: a sua simples leitura, ou simplesmente a audiência dessa leitura, pode espantar o Demônio de uma pessoa e convertê-la a Deus. Claro que o Espiritismo não aceita nem prega essa velha credence, mas não a condena. A cada um, segundo suas convicções, desde que haja boa intenção.

#### COISAS TERRÍVEIS E INGÊNUAS FIGURAM NOS LIVROS BÍBLICOS

A palavra de Deus não está na Bíblia, mas na natureza, traduzida em suas leis. A Bíblia é simplesmente uma coletânea de livros hebraicos, que nos dão um panorama histórico do judaísmo primitivo. Os cinco livros iniciais da Bíblia, que constituem o Pentateuco mosaico, referem-se à formação e organização do povo judeu, após a libertação do Egito e a conquista de Canaã. Atribuídos a Moisés, esses livros não foram escritos por ele, pois relatam, inclusive, a sua própria morte.

As pesquisas históricas revelam que os livros da Bíblia têm origem na literatura oral do povo judeu. Só depois do exílio na Babilônia foi que Esdras conseguiu reunir e compilar os livros orais (guardados na memória) e proclamá-los em praça pública como a lei do judaísmo, ditada por Deus.

Os relatos históricos da Bíblia são ao mesmo tempo ingênuos e terríveis. Leia o estudante, por exemplo, o Deuteronômio, especialmente os capítulos 23 e 28 desse livro, e veja se Deus podia ditar aquelas regras de higiene simplória, aquelas impiedosas leis de guerra total, aquelas maldições horríveis contra os que não crêem na "sua palavra". Essas maldições, até hoje, apavoram as criaturas simples que têm medo de duvidar da Bíblia. Muitos espertalhões se servem disso e do prestígio da Bíblia como "palavra de Deus", para arregimentar e tosquiar gostosamente vastos rebanhos.

As leis morais da Bíblia podem ser resumidas nos Dez Mandamentos. Mas esses mandamentos nada têm de transcendentais. São regras normais de vida para um povo de pastores e agricultores, com pormenores que fazem rir o homem de hoje. Por isso, os mandamentos são hoje apresentados em resumo. O Espírito que ditou essas leis a Moisés, no Sinai, era o guia espiritual da família de Abrão, Isaac e Jacob, mais tarde transformado no Deus de Israel. Desempenhando uma elevada missão, esse Espírito preparava o povo judeu para o monoteísmo, a crença num só Deus, pois os deuses da antiguidade eram muitos.

O Espiritismo reconhece a ação de Deus na Bíblia, mas não pode admiti-la como a "palavra de Deus". Na verdade, como ensinou o apóstolo Paulo, foram os mensageiros de Deus, os Espíritos, que guiaram o povo de Israel, através dos médiuns, então chamados profetas. O próprio Moisés era um médium, em constante ligação com Iavé ou Jeová, o deus bíblico, violento e irascível, tão diferente do deus-pai do Evangelho. Devemos respeitar a Bíblia no seu exato valor, mas nunca fazer dela um novo bezerro de ouro, Deus não ditou nem dita livros aos homens.

#### COMO A PALAVRA DE DEUS FICOU SUJEITA AO HOMEM

Os estudos bíblicos se processam no mundo em duas direções diversas: há o estudo normativo dos institutos religiosos, ligados às várias igrejas, que seguem as regras de hermenêutica e a orientação de pesquisas destas igrejas; e há o estudo livre dos institutos universitários independentes, que seguem os princípios da pesquisa científica e da interpretação histórica. O Espiritismo não se prende a nenhum dos dois sistemas, pois sua posição é intermediária. Reconhecendo o conteúdo espiritual da Bíblia, o Espiritismo estuda à luz dos seus princípios, em harmonia com os métodos da antropologia cultural e dos estudos históricos.

Somente às religiões dogmáticas, que se apresentam como vias exclusivas de salvação, interessa o velho conceito da Bíblia como palavra de Deus. Primeiro, porque esse conceito impede a investigação livre. Considerada como palavra de Deus, a Bíblia é indiscutível, deve ser aceita literalmente ou de acordo com a "interpretação autorizada da igreja". Por isso, as igrejas sempre se apresentam como "autoridade única na interpretação da Bíblia". Segundo, porque essa posição corresponde aos tempos mitológicos, ao pensamento mágico, e não à era de razão em que vivemos.

Vimos rapidamente as contradições insanáveis em que se afundam os hermeneutas religiosos. Vêem-se eles obrigados a perigosas ginásticas do raciocínio, apoiadas em fórmulas pré-fabricadas, para se safarem das contradições do texto. Mas não escapam jamais à contradição fundamental, que é esta: consideram a Bíblia como a palavra de Deus, mas estabelecem, para sua interpretação, regras humanas. Dessa maneira, é o homem que faz Deus dizer o que lhe interessa.

Há no meio espírita alguns críticos agressivos da Bíblia. São confrades ilustres e estudiosos, que tomam essa posição em face das agressões religiosas à Doutrina, com base nos textos bíblicos. A posição da Doutrina, porém, não é essa, como já vimos em Kardec. As supostas condenações do Espiritismo pela Bíblia decorrem das interpretações sacerdotais. A Bíblia é um dos maiores repositórios de fatos espíritas de toda bibliografia religiosa. E os textos bíblicos estão eivados de passagens tipicamente espíritas, como veremos.

### TODA A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

O Espiritismo é apresentado por Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, como uma seqüência natural do Cristianismo. É o cumprimento da promessa evangélica de Jesus, de enviar à Terra o Consolador, que completaria o seu ensino, esclarecendo os homens a respeito daquilo que ele só pudera ensinar através de alegorias, no seu tempo. Os homens de então não estavam em condições de compreender o fenômeno natural da comunicação espírita, que misturavam com sistemas de magia e interpretações supersticiosas. Em A Gênese, Kardec esclarece, no primeiro capítulo, que era necessária a evolução das ciências, o progresso dos conhecimentos, o desenvolvimento intelectual, para que o Espiritismo fizesse seu aparecimento, como doutrina, em nosso mundo.

Assim sendo, o Espiritismo tem como base as Escrituras, tem seus fundamentos na Bíblia. Mas é claro que o conceito espírita da Bíblia não pode ser igual ao das religiões que ficaram no passado, apegadas às formas sacramentais de magia, aos ritos materiais e aos cultos exteriores do próprio paganismo. A Bíblia não pode ser, para o espírita esclarecido, a "palavra de Deus", pois é um livro escrito pelos homens, como todos os outros livros, e é, principalmente, um conjunto de livros em que encontramos de tudo, desde as regras simplórias de higiene dos judeus primitivos até as lendas e tradições do povo hebreu, misturadas às heranças dos egípcios e babilônios. O Espiritismo ensina a encarar a Bíblia como um marco da evolução religiosa na Terra, mas não faz dela um novo bezerro de ouro.

É difícil falarmos da Bíblia a pessoas apegadas ao processo de fanatismo religioso de algumas seitas obscurantistas, que chegam, em pleno século vinte, ao cúmulo de renegarem a cultura, para só aceitarem os escritos judeus da época das civilizações agrárias. São pessoas simples e crentes, que merecem o nosso respeito, mas inteiramente incapazes de compreender o problema bíblico. Isso, entretanto, não deve impedir-nos de esclarecer esse problema à luz dos princípios espíritas. A Bíblia não condena o Espiritismo. Pelo contrário, a Bíblia confirma o Espiritismo, como demonstraremos. Basta lembrar o caso de Samuel, atormentado pelo espírito mau, aliviado pela mediunidade de Davi, que usava a música para afastá-lo. Caso típico de mediunidade curadora, constante de Samuel 16: 14-23. E o colégio de médiuns que acompanhava Moisés no deserto? E

assim por diante, da primeira à última página da Bíblia. Mas o pior cego é aquele que não quer enxergar.

## O LIVRO DOS ESPÍRITOS COMO SEQUÊNCIA NATURAL DA BÍBLIA

Este ano assinala o centésimo-décimo aniversário da publicação de *O Livro dos Espíritos* (1967), de Allan Kardec, obra básica do Espiritismo. Porque foi precisamente a 18 de abril de 1857, portanto há 110 anos exatos, que *O Livro dos Espíritos* apareceu em Paris, dando início positivo à III Revelação do Cristianismo.

Por mais que os bíblicos literalistas contestem e que as religiões cristãs dogmáticas protestem, há uma verdade que não se pode esconder: o Livro dos Espíritos é seqüência histórica e desenvolvimento natural da Bíblia. Mesmo alguns espíritas não concordam com isto. Mas, se atentassem melhor para a sua doutrina e examinassem o assunto à luz das obras básicas da doutrina, compreenderiam a verdade. Kardec afirmou e demonstrou que o Espiritismo é a continuação do Cristianismo. Veja-se o que ele escreveu a respeito da introdução e no primeiro capítulo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Veja-se a sua teoria da Revelação no primeiro capítulo de *A Gênese*. E consulte-se o livro básico nos pontos referentes ao problema.

A I Revelação do Cristianismo foi feita através de Moisés e dos Profetas e codificada na Bíblia. Esta codificação anunciava a vinda do Messias e, portanto, outra revelação. Cumprindo a profecia, a II Revelação veio com o Cristo e foi codificada nos Evangelhos. Mas esta codificação anunciava outra vinda, a do Espírito da Verdade, que se manifestou a Kardec e deu-lhe os ensinamentos codificados em *O Livro dos Espíritos*. Esta codificação é a da III Revelação, que não anuncia mais nenhuma, porque nela a Revelação Cristã se completa, abrindo definitivamente as portas da mediunidade para o diálogo do Visível com o Invisível. Estando as portas abertas, a Revelação Cristã flui naturalmente daqui para diante, sem necessidade das divisões históricas do início. Por isso e para isso é que o Espiritismo não se fecha numa estrutura dogmática e eclesiástica.

Kardec afirmou que o Espiritismo é a chave da Bíblia e dos Evangelhos. Todos os que estudam este problema sem sujeição a dogmatismos e seitas, sabem que não se pode compreender as duas codificações anteriores sem o auxílio da posterior. Porque a seqüência histórica é também uma seqüência lógica. A Bíblia é a premissa maior do Cristianismo; os Evangelhos são a premissa menor; *O Livro dos Espíritos* a conclusão. Essa a razão porque Jesus prometeu que o Espírito da Verdade viria completar e restabelecer os seus ensinamentos. Negar isto é negar o que ele mesmo disse, como vemos no Cap. XIV do Evangelho de Lucas.

## O QUE FOI E O QUE É

*O Espírito da Verdade esclarece o passado em função do presente, e este em função do futuro -A compreensão espírita em face dos textos antigos e suas dificuldades.*

A insistência de alguns confrades no combate ao "biblismo" no meio espírita tem o seu lado louvável. Também é louvável a insistência dos que combatem o "evangelismo" de tipo protestante, que parece invadir numerosos Centros. Todo apego aos velhos textos não se justifica, diante dos novos, que nos foram legados por Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade. O Espiritismo que

se enfeita de exageros bíblicos ou evangélicos está nas condições do remendo de pano novo, que se quer aplicar ao pano velho. Mas isso não quer dizer, evidentemente, que se deva atirar ao lixo o pano velho.

Todo exagero é condenável, por conduzir infalivelmente ao erro. Consideramos, portanto, errados em sua posição doutrinária, tanto os que condenam a Bíblia como pano velho e imprestável, quanto os que a consideram como "a palavra de Deus". Kardec é o primeiro a nos dar exemplo da atitude que devemos tomar em face da Bíblia. Basta-nos a leitura dos seus livros, para compreendermos que ele não ia tanto ao mar, nem tanto à terra. Nisso, como em tudo, sua atitude era sensata, equilibrada, serena, compreensiva e, sobretudo, natural.

O espírita está de posse de uma doutrina que esclarece todos os problemas humanos, que lança uma luz bastante clara sobre a história, e que exatamente por isso não lhe permite atitudes extremadas. Ali onde os outros não vêem senão um aspecto, um lado da coisa analisada, o espírita tem obrigação de ver mais, de enxergar mais fundo. No caso da Bíblia e do Evangelho essa obrigação se torna ainda maior, pois essas duas codificações referentes a duas revelações que antecederam a espírita, representam fases fundamentais da preparação do Espiritismo. Temos o direito, e até mesmo dever, de analisar os textos antigos. Mas não temos o direito de procurar destruí-los ou negá-los.

#### *Pedra de Alicerce*

Nada mais fácil do que encontrar erros históricos e contradições nos textos antigos. Muita tinta e muito papel já se gastou com isso, principalmente no caso da Bíblia. Mas nem a Bíblia, nem outros textos submetidos a esse processo de análise agressiva, tiveram o seu prestígio diminuído, ou sequer arranhado. A força de livros como a Bíblia não está no seu conteúdo racional, na sua coerência histórica ou na sua coerência moral e religiosa. Está na tradição e no sopro espiritual que lhes impregnam as páginas.

O leitor da Bíblia repele as análises modernas como heréticas, e mais fundamente se apegua ao seu livro. O mesmo se dá com os textos evangélicos: quanto mais combatidos, mais se impuseram no mundo. Porque todos esses textos foram feitos para falar mais ao coração do que à razão, para despertar antes a alma do que a mente. E cumpriram e cumprem a sua missão na terra, apesar de toda a incompreensão dos que os combatem.

Alguns intelectuais espíritas, e entre eles os meus prezados amigos Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo (ambos já desencarnados), representantes da "Escola de Niterói", que é uma escola voltaireana de Espiritismo, entendem que precisamos acabar com o "biblismo" e o "evangelismo" no meio espírita. Outros entendem, por outro lado que precisamos de mais Bíblia e mais Evangelho.

Parece-me que são duas posições extremas, e por isso mesmo contrárias ao espírito de compreensão da doutrina.

O Espiritismo nasceu cristão, fundamentado nos Evangelhos, como vemos desde *O Livro dos Espíritos*, e tendo a Bíblia como o seu mais profundo fundamento, como a pedra mais funda do seu alicerce. Está claro que a pedra do alicerce deve ficar ali, como base. Mas, que podemos esperar, se começarmos a cavar a terra e ferir a pedra, com a intenção de destruí-la?

### *Violência Anti-Bíblica*

Diz o confrade Cavalcanti de Mello, em seu livro *Da Bíblia aos nossos dias*, página 311: "Pode ser que este livro, a Bíblia, servisse a um povo ignorante e inculto; mas, para nós, em pleno século XX, está enquadrado entre os muitos contos infantis, como a estória da Carochinha. E aqui ficamos, leitores, não querendo tocar mais nas imoralidades consignadas no Velho Testamento e tão injustamente atribuídas a Jeová e a Moisés, numa infâmia multimilenar, mantida pelos ignorantes".

Já se viu maior violência? A Bíblia é considerada como uma "infâmia multimilenar", e o que é pior, "mantida pelos ignorantes". Todo leitor da Bíblia, portanto, é ignorante, a menos que a leia para combater e negar. E todos os que contribuíram para que se realizasse, há milênios, a codificação bíblica, nada mais foram do que infames e infamantes.

A aceitarmos isso, teríamos de considerar ignorante o próprio Kardec, que se deu ao trabalho de citar a Bíblia como a I Revelação. Além do mais, estaríamos negando o poder de esclarecimento da doutrina espírita, cuja função não é somente aclarar o futuro, mas também o passado e o presente.

No capítulo VIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, "Instruções dos Espíritos", item 18, diz o espírito de João Evangelista: "Meus bem-amados, já estamos naqueles tempos em que os erros explicados se transformam em verdade. Nós mostraremos a correlação poderosa que une o que foi e o que é. Em verdade vos digo: a manifestação espírita alarga os horizontes, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como um sol por cima dos montes".

#### *A correlação poderosa*

Essa é a atitude espírita em face dos textos antigos, especialmente da Bíblia e dos evangelhos. Sabemos que são textos de um passado longínquo, e não podemos sensatamente interpretá-los ou criticá-los como se tivessem sido escritos em nossos dias. A manifestação espírita alarga os horizontes e nos faz enxergar além dos limites estreitos do presente. Os Espíritos do Senhor se manifestaram e se manifestam para nos ajudarem a transformar os erros em verdades, estabelecendo a correlação poderosa entre o que foi e o que é. Querer negar o que foi, sustentar apenas o que é, parece-nos absurdo. É como querer cortar uma árvore pelas raízes e esperar que ela continue a nos alimentar com seus frutos.

A Bíblia, como os Evangelhos e como outros textos religiosos da antiguidade, são os marcos da evolução espiritual da Terra. É claro que não podemos encontrar num marco praticamente inicial, como a Bíblia, a mesma pureza que vamos encontrar nos Evangelhos ou na codificação espírita. Mas não é justo que condenemos aquilo que não compreendemos hoje, e que representou um impulso e um valor no seu tempo, muito distante de nós. Todos os espíritas conhecem a lei de evolução. Como, então, não colocarmos a Bíblia em seu exato lugar, na evolução espiritual da Terra, e preferirmos acusá-la de infâmias e imoralidades que só existem aos nossos olhos? Procuremos, antes, como o fazia Kardec, estabelecer a "correlação poderosa" a que aludiu o espírito de João Evangelista.

## A BIBLIA E O ESPIRITISMO

Há tempos, apareceu em São Paulo um livro intitulado *Contradições Bíblicas*, que provocou certos rebuliços nos meios espíritas. Houve mesmo quem temesse pelos efeitos deletérios da obra. Fui dos que não lhe atribuíram nenhum valor, entendendo que nada se podia temer de um ataque a esse livro que representa um monumento milenar da história humana e um marco indelével na evolução espiritual da terra: a Bíblia. O tempo se incumbiu, logo mais, de provar que eu estava com a razão. O livrinho acusatório passou rapidamente ao esquecimento, e a Bíblia continuou a ser o que sempre foi.

Agora, aparece um livro melhor, escrito com mais cuidado, em bom português, analisando o problema bíblico com um pouco mais de atenção. Mas a sua posição é a mesma do anterior, sua finalidade é ainda apontar contradições no velho texto. *Da Bíblia aos nossos dias*, do confrade Mário Cavalcanti de Mello, está provocando, também, agitações no meio espírita. E não faltam os que lhe batam palmas, certos de que o livro demolidor tem uma grande missão a cumprir. Não obstante, aparecem os que se opõem a essa atitude antibíblica do confrade Cavalcanti de Mello, impedindo que a crítica ao livro se generalize entre os nossos confrades pouco informados do assunto.

Sinto-me feliz de ter sido um dos primeiros a levantar a pena contra o livro do confrade Cavalcanti de Mello, e de vir mantendo com ele uma polêmica serena e fraterna em torno do problema, no jornal "Mundo Espírita". Penso que me cabe o dever de dar alguma contribuição para o esclarecimento de um assunto de tamanha importância doutrinária. E mais feliz ainda me senti, quando, ao abrir o último número da "Revista Internacional de Espiritismo", encontrei o artigo do confrade Arnaldo S. Thiago, quem não conheço pessoalmente, mas cujos trabalhos admiro há tempos, refutando as asserções um tanto quentes do confrade Victor Magaldi, que em artigo anterior elogiara a obra.

Penso que nós, espíritas, temos o dever de analisar as coisas de maneira serena e compreensiva, pois foi a lição de Kardec e esse é o espírito da nossa doutrina. Sim, porque o Espiritismo não é uma doutrina dogmática, de postulados rígidos, mas uma doutrina evolutiva e amplamente compreensiva, que procura entender a vida em todas as suas manifestações, entendendo, portanto, o processo geral da evolução humana. Há espíritas que condenam a Psicanálise, o Darwinismo, o Existencialismo, e outras doutrinas científicas e filosóficas, numa atitude fechada de fanáticos religiosos, sem procurarem compreender a razão de ser dessas doutrinas e o que elas representam no imenso esforço do homem para interpretar o mundo e a vida. Há outros que condenam a Bíblia, como há os que condenam os próprios Evangelhos, e ainda os que condenam o Cristianismo, afirmando que o Espiritismo nada tem a ver com ele. Todas essas atitudes dogmáticas discordam daquilo que chamamos o espírito da doutrina. O Espiritismo não condena: explica. E, explicando, justifica os erros humanos, procurando corrigi-los pela compreensão e não pela coação.

No tocante à Bíblia, é o que podemos ver em Kardec. A Bíblia é para ele um livro de grande importância histórica, pois representa a codificação da I Revelação. A seguir, vêm os Evangelhos, que são a codificação da II Revelação. E depois, como sabemos, *O Livro dos Espíritos* e as obras que o completam, formando a codificação do Espiritismo. Todo um processo histórico está representado nessa trilogia. Se o confrade Mário Cavalcanti de Mello tivesse compreen-



dido isso, em vez de escrever um livro demolidor, aproveitaria o sugestivo título que usou, *Da Bíblia aos nossos dias*, para mostrar a beleza, a harmonia e a grandeza dessa extraordinária seqüência das fases evolutivas da humanidade terrena.

Citemos um trecho esclarecedor de Kardec em *A Gênese*. Trata-se do número 6 do capítulo quatro: "A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria ocupa, ali, considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo desaparece o absurdo".

Nada se pode querer de mais claro, mais preciso e mais belo. Kardec revela a mais serena e elevada compreensão da Bíblia, e essa deve ser a nossa compreensão de espíritas em face do grande livro. O confrade Cavalcanti de Mello, que conheço e admiro, partiu de uma premissa falsa, ao escrever a sua obra de crítica bíblica. Sua intenção, cuja pureza reconheço e louvo, foi a de defender o Espiritismo contra o fanatismo bíblico. Mas mesmo nesse terreno a posição de ataque não pode surtir efeito, pois os que se apegam à Bíblia só poderão revoltar-se com a crítica ferina e impiedosa do grande livro. Partisse da idéia de que a Bíblia é a codificação da 1 Revelação, o livro que encerra, na sua linguagem dramática e alegórica, milenares experiências do homem na procura da Verdade e do Bem, e chegaria facilmente à conclusão de que é um livro do passado, que os Evangelhos e o Espiritismo superaram.

Não se entenda, porém, que falando de superação, - do ponto de vista histórico, esteja eu endossando a afirmação de que a Bíblia é objeto de museu. Não. A Bíblia, como todos os grandes textos que encerram verdades reveladas, é um monumento imperecível. Como bem disse Kardec, os que souberem levantar os véus da alegoria encontrarão na Bíblia os mesmos e eternos princípios esclarecidos mais tarde por Jesus e pelo Espírito da Verdade. As matanças, os horrores, as imoralidades que o confrade Cavalcanti de Mello aponta na Bíblia, não são mais do que decorrências lógicas e naturais da época a que o livro se refere. É um pouco de exagero, queremos condenar hoje os costumes de tempos tão distantes.

Tenho dito e repetido, em meus artigos de polêmica doutrinária com os confrades da Escola de Niterói, - Imbassahy e Cavalcanti de Mello -, que lhes falta perspectiva histórica no exame dos problemas religiosos do Espiritismo. E a prova disso está aí, bem clara, no livro *Da Bíblia aos nossos dias*. Um pouco de perspectiva histórica teria modificado radicalmente a posição do confrade Mário Cavalcanti de Mello em face da Bíblia. Queira Deus que, no meio espírita, já tão cheio de incompreensões e confusões, este livro, fundamentalmente errado, não venha criar uma nova escola, absolutamente contrária ao espírito da nossa doutrina.

#### ARGUMENTOS VERSUS CITAÇÕES

*Duas posições numa polêmica sobre a Bíblia - Das "palavras vazias" à avalanche de versículos -A posição de Kardec: a Bíblia não é um erro, os homens é que se equivocam ao interpretá-la -Do pingue-pongue das citações ao esclarecimento do problema.*

Quem leu o artigo do prezado confrade Mário Cavalcanti de Mello, "Esclarecimentos Necessários", publicado na última edição de "Mundo Espírita", sem ter lido os meus artigos anteriores, a que aquele se refere, há de ter pensado que andei fazendo demonstrações retóricas neste jornal, ao tratar do problema bíblico em face do Espiritismo. O meu caro antagonista chegou a declarar, com todas as letras, que eu somente escrevi: "até hoje, coisas vazias e sem consistência". Louva-se o confrade Cavalcanti no seu sistema de citações do texto bíblico, e entendo que o meu dever é refutá-lo "com a Bíblia na mão".

Desde o meu primeiro artigo, entretanto, deixei claro que não me interessava, como não pode interessar-me, um simples bate-boca no estilo de "a Bíblia disse" e "a Bíblia não disse". Por que isto seria a coisa mais estéril do mundo. Afinal de contas, nem eu, nem o meu caro confrade, somos teólogos ou discutidores de sacristia. O que me interessa, e o que penso que deve interessar aos confrades que se derem ao trabalho de acompanhar esta polêmica, é apenas saber se a Bíblia é um livro falso e sem sentido, ou se realmente é, como Kardec no-la apresentou, o monumento imperecível da I Revelação.

É claro que não custa ao confrade Cavalcanti, como não custaria a mim ou qualquer outro, tomar um volume da Bíblia, folheá-lo numa hora de calma e copiar de suas páginas os trechos que mais interessassem aos nossos pontos de vista, para com eles bombardearmos a boa fé dos leitores. A Bíblia está aí, por toda parte, ao alcance de todos. Quando o confrade Cavalcanti diz que em tal passagem bíblica existe tal coisa, me parece que ninguém porá em dúvida a sua afirmação. Nem eu pretendi, a qualquer momento, negar os morticínios de que a Bíblia está cheia. Bem vazio seria, ou bem louco, se o pretendesse, pois qualquer cidadão poderia pegar na estante o seu volume da Bíblia e ver com os próprios olhos que eu estava fraudando ou desconhecendo por completo o assunto em causa.

Não se trata, pois, de alinhar textos. Esse alinhavo o confrade já fez, até em excesso, no seu livro *Da Bíblia aos nossos dias* e nos artigos publicados neste jornal. Quando dei a minha primeira opinião sobre o livro do confrade, - uma simples e pequenina resposta a um leitor, na minha seção do "Diário de S. Paulo", - não tive a intenção de fazer polêmica. Fui breve e incisivo. Disse o que pensava do livro, cumprindo um dever a que não podia fugir: o de responder ao leitor. O confrade Cavalcanti aborreceu-se com a minha franqueza e despejou sobre a minha cabeça atônita uma avalanche de citações bíblicas e de opiniões eruditas sobre a Bíblia. Respondi, tentando colocar as coisas nos seus devidos lugares. E depois, quando nos encontramos em Niterói, pessoalmente procurei, de novo, colocar o problema. Foi então que o confrade me fez aquela promessa que eu cobre num dos meus últimos artigos: o de não fugir da arena. Mas como, logo em seguida, voltou a se embaraçar pelo labirinto das citações bíblicas, senti-me no direito de lhe pedir que não saísse do terreno escolhido. Vejo, agora, que havia um equívoco em tudo isso. Enquanto eu pensava que o confrade queria discutir o problema bíblico em seu aspecto global e doutrinário, o confrade pensava que eu o desafiava para um pingue-pongue de citações bíblicas.

Esclarecendo o equívoco, só tenho a declarar que para isso não me presto. Nunca fui bom nessas competições. Não conheço os golpes e contragolpes que dão a palma da vitória aos jogadores inveterados de bolinhas e raquetes. Mas, se o confrade quiser continuar discutindo o assunto em seus aspectos es-

senciais, então estarei às suas ordens. Vamos, entretanto, para que as coisas fiquem suficientemente claras, procurar situar o problema.

### *Significação e importância da Bíblia*

O que refuto, no livro do confrade Cavalcanti de Mello, não são as citações bíblicas, mas a sua concepção da Bíblia. Como se pode ver até mesmo pelo seu último artigo, o confrade quer provar que a Bíblia é um livro falso, forjado por espertalhões. Essa concepção é antiespírita, como já o demonstrei, em meus artigos anteriores, com citações textuais de Kardec. O codificador jamais pensou semelhante coisa da Bíblia. Desde *O Livro dos Espíritos*, o codificador sustentou a necessidade de uma interpretação compreensiva da Bíblia. Lá encontramos, por exemplo, no capítulo terceiro da I Parte, número 59, em "Considerações e concordâncias bíblicas relativas à criação", uma excelente lição de interpretação bíblica, e esta advertência sempre oportuna: "Deve-se concluir que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se equivocaram ao interpretá-la". Para que não haja dúvidas a respeito, verifiquemos o texto original, na edição francesa do "Griffon D'Or", de 1947, à página 88: "Faut-il en conclure que la Bible est une erreur? Nun; mais que les hommes se sent trompés em l'interprétant".

Esta foi sempre a posição de Kardec. Sabemos todos que o codificador não gostava de se contradizer, nem de fazer afirmativas levianas. O confrade Cavalcanti de Mello respondeu-me que Kardec havia usado de diplomacia, ao que lhe retruquei, lembrando a seriedade do codificador, que nunca usou de artimanhas, diplomáticas ou não, em assuntos de tão grande importância. Nos livros subsequentes da codificação, essa posição de Kardec não somente se reafirma, como se esclarece. Foi o que demonstrei, por exemplo, citando o trecho de *A Gênese* em que Kardec fala da necessidade de descermos "ao âmago do pensamento", para compreendermos os absurdos aparentes do texto bíblico. Mas o confrade Cavalcanti de Mello não pensa assim. E apanha frases de Kardec, que lhe parecem contradizer aquela posição sensata e firme do codificador, para querer convencer-nos de que a razão está do seu lado.

Não digo aqui, nem o disse jamais, que o confrade Cavalcanti tivesse feito tal coisa de má fé. Longe de mim semelhante propósito. Acho apenas que o confrade está demasiadamente empolgado pelas idéias que esposou, a ponto de não ver o conjunto da opinião de Kardec, vendo apenas as partes da mesma que lhe interessam. E disso dei um exemplo, quando mostrei que o confrade, à página 31 do seu livro, transcreveu todo um trecho do *A Gênese* e o interpretou a seu modo, sem ver uma pequena ressalva feita no meio da frase pelo codificador. Kardec diz ali que a ciência demonstrou "inquestionavelmente os erros da gênese mosaica", o que agradou muito ao confrade. Mas Kardec acrescenta: "tomada ao pé da letra", e o confrade não viu nem ouviu isso. Contentou-se tanto com a primeira parte, que nem sequer ligou à segunda, de fundamental importância. Além disso, como todos sabem, Kardec apresenta o Espiritismo como o Consolador prometido por Jesus, dando-lhe a expressiva e justa designação de Terceira Revelação. Terceira por quê? Porque houve uma Primeira Revelação, feita a Moisés, e representada pela Bíblia, e uma Segunda Revelação, feita por Jesus e representada pelos Evangelhos e a do Espiritismo. Como admitir-se que Kardec pusesse uma pedra falsa como fundamento do edifício das Três Revelações? Como admitir que ele pudesse usar de "diplomacia", ou seja, de artimanhas diplomáticas, para impingir ao mundo o Espiritismo? Que nos perdoe o confrade Cavalcanti de Mello, mas a sua posição, nesse problema, é simplesmente insus-

tentável. Por mais citações bíblicas que o confrade pretenda fazer, jamais conseguirá provar, aos estudiosos desapaixonados, que Kardec pensava da Bíblia o que está escrito no seu livro por nós contestado. A Bíblia significa, para o Espiritismo, segundo a opinião de Kardec, de Léon Denis, e de tantos outros espíritas do Brasil e do mundo, um livro básico, cheio de verdades sublimes, de que até mesmo Jesus se serviu para a sua pregação do Reino. Verdadeiro monumento literário de um passado longínquo, representa um marco indelével da evolução espiritual do homem. Pouco nos importa que o Pentateuco tenha sido escrito por Moisés ou Hilquias, ou que os vários livros da Bíblia estejam repletos de episódios sangrentos e mesmo de relatos de coisas imorais. Esses episódios e esses relatos se referem a um passado de milhares de anos, e são, por si mesmos, testemunhos escritos da evolução humana. Muitos deles são alegóricos, como advertiu Kardec, e se hoje nos causam espanto, ontem serviam para despertar consciências. O confrade Cavalcanti de Mello analisa a Bíblia como se analisasse um livro dos nossos dias, esquecido, como já afirmei numerosas vezes aqui, de que se trata de um velho monumento, de um marco representativo de outras eras e de outra maneira de ver, de pensar e de dizer as coisas. Kardec chama a atenção dos leitores da Bíblia para a necessidade de se ter em conta "a forma alegórica peculiar ao estilo oriental". Entretanto, vem o confrade Cavalcanti e me diz que posso "resolver as tradições obscuras de todos os povos", que não encontrarei "coisas tão tristes, tão degradantes e tão profundamente desmoralizantes", como as que se encontram na Bíblia. Ora, parece-nos que, nesse caso, quem está sendo desmentido não sou eu, mas Kardec. E não somente ele, mas todos os orientalistas. Porque coisas tristes, degradantes e desmoralizadoras, segundo o nosso conceito, encontram-se também nos livros bramânicos, nos textos persas, nos islâmicos e outros. Mas o que importa, como acentua Kardec, é "descer ao âmago do pensamento", é não nos deixarmos prender pelas aparências.

Que diria o confrade, se soubesse, por exemplo, que os famosos "Rubaiyat", de Ornar Khayyam, geralmente interpretados entre nós como céticos e libertinos, são considerados no Oriente, segundo o testemunho de B. Nicolas, que viveu muitos anos na Pérsia, como versos místicos-alegóricos? Khayyam, que nunca fora, aliás, um libertino, mas um homem de pensamento, um astrônomo e um místico, aparece ali como uma espécie de profeta, ensinando a mais alta moral. Almansur Haddad afirma, ainda agora, em recente edição dos Rubaiyat, que: "A significação ascético-mística da poesia de Ornar Khayyam é a habitualmente aceita na Pérsia". E essa edição, da Bolsa do Livro, de São Paulo, traz um prefácio do sr. Yadollah Azodi, ministro do Ira no Brasil, que declara o seguinte: "Temos nos "Rubaiyat" um livro de profecias, um catecismo filosófico, um invólucro de sabedoria".

Veja o confrade Cavalcanti de Mello como Kardec tinha razão, ao advertir que precisamos ler a Bíblia com "olhos de ver". Os cânticos de Salomão, como as matanças e as imoralidades que o confrade não se cansa de ver e citar, no texto bíblico, não têm sentido absurdo que a nossa malícia lhes atribui. Os tempos são outros. Os costumes mudaram. A maneira de ver e de exprimir as coisas transformou-se profundamente. Não podemos acusar de embusteiros, e espertalhões, e malandros, os homens que, inspirados pelos melhores propósitos, realizaram, há milhares de anos, a codificação bíblica. Devemos um pouco mais de respeito a essa gente e às suas intenções. E nós, espíritas, mais do que quaisquer

outros, estamos no dever de compreender essas coisas, porque conhecemos o processo complexo da evolução humana, em todos os seus aspectos.

### *O erro dos homens*

A diferença fundamental entre a posição do confrade Cavalcanti e a posição de Kardec é a seguinte: este condena o erro da interpretação da Bíblia pelos homens, enquanto aquele condena a própria Bíblia como um erro. É isso que eu discordo no livro do confrade Cavalcanti. A frase de Kardec, no *Livro dos Espíritos*, que acima transcrevemos, é suficiente para mostrar o que dissemos. Kardec afirma, de maneira incisiva, que a Bíblia não é um erro, mas que o erro está na interpretação da Bíblia pelos homens. O confrade Cavalcanti, pelo contrário, quer provar que a Bíblia é um livro falso, escrito por farsantes. E pensa, mesmo, que já o provou!

Curioso verificar-se como o confrade repisa textos de Kardec sem os compreender, tirando do mesmo apenas o que convém à sua tese. Ainda neste último artigo vem a reprodução textual daquele belo trecho de *A Gênese*, em que Kardec aconselhou: "Não rejeitemos, pois, a gênese bíblica; pelo contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos. É ela uma espécie rica de alegorias, cujo sentido oculto é preciso procurar, comentar e explicar, por meio das luzes da razão e da ciência". A transcrição prossegue, para depois o confrade afirmar que está de acordo com ela ao combater "os erros da gênese bíblica". Faltou, ainda uma vez, a ressalva de Kardec: "interpretado ao pé da letra". Porque o confrade só está de acordo com Kardec, nesse terreno, quando põe de lado essa ressalva. E no entanto, sou eu o acusado de malabarismo intelectual! Mas não se pense que desejo devolver a acusação. Pelo contrário. Não ponho em dúvida a sinceridade do confrade. O que penso é que ele se encontra demasiado empolgado pelas suas idéias, a ponto de não enxergar em Kardec tudo quanto as contradiz.

Compreendo que o confrade queira combater o apego de certas religiões ao texto bíblico, à letra que mata. Mas não compreendo como, para fazer isso, ache necessário colocar o Espiritismo numa posição tão incômoda diante da Bíblia. Todo espírita suficientemente conhecedor da sua doutrina sabe que não deve emaranhar-se nos velhos textos. Mas sabe, também, que não pode aceitar as tentativas materialistas desses textos, em que tanto se apóia o confrade Cavalcanti de Mello.

Há um abismo entre a aceitação dogmática da Bíblia e a sua rejeição erudita, baseada em pesquisas e interpretações formais do texto, realizadas por homens sem a devida formação espiritual. Mas no meio desse abismo existe um caminho seguro, que é o traçado por Kardec: o caminho da interpretação compreensiva, da interpretação sem apego e sem prevenção. Esse é o único caminho verdadeiramente espírita, e pesa-me que o confrade Cavalcanti não o tenha trilhado.

Não era minha intenção estender-me tanto no presente artigo. Mas o confrade me fez tais acusações, que me vi obrigado a repisar alguns assuntos, e a demorar-me demasiado em outros. Que os leitores de *Mundo Espírita* me perdoem este excesso. Às avalanchas de citações bíblicas do meu prezado opositor, vi-me obrigado a opor uma avalanche de argumentos. Peço a Deus que o confrade Cavalcanti não considere todos estes argumentos como palavras vazias, pois estou convencido de que eles contêm alguma coisa. Não contêm, em verda-

de, desmentidos às citações do confrade, pois jamais pretendi duvidar das mesmas. Com boa vontade, porém, é possível que o confrade vislumbre, nestas linhas, o desejo de colocar o problema bíblico em termos de compreensão geral, e não de estéril e infundável discussão das misérias do texto. Emmanuel, nesse belo livro que é *O Consolador*, reafirma, em poucas linhas, de uma clareza admirável, a posição de Kardec, ou seja, a posição do Espiritismo em face da Bíblia. É pena que o confrade Cavalcanti não tenha lido as respostas de Emmanuel a respeito do assunto, antes de se abalar à difícil tarefa de mostrar que os espíritas devem encarar a Bíblia como uma simples manobra de espertalhões judeus. Por mais teimosos que sejamos, um raio de luz das esferas mais altas sempre nos faz bem.

### POSFÁCIO

Você, amigo leitor, acabou de ler uma obra, que sem dúvida, enobrece a Literatura Espírita. Queremos crer que gostou do que leu e admirou a maneira como o professor J. Herculano Pires conduziu sua argumentação a favor da Bíblia. Além de tudo, ele deu uma preciosa aula de como se deve fazer uma crítica literária. Em momento algum foi grosseiro, ou agressivo. Tratou o opositor com respeito e dignidade, buscando convencê-lo de que os espíritas, se não devem cultuar a Bíblia, também não devem enxovalhá-la como fez o opositor em seu livro *Da Bíblia aos nossos Dias*, dizendo que a Bíblia é uma farsa. Ora, como afirma o professor, não foi isso que Kardec nos ensinou. Kardec vê o assunto por outro prisma e diz que o que está errado é a interpretação que os homens dão a ela e aconselha: não combatamos a Bíblia, estudemo-la, porque a sua força não está nos detalhes que podem não nos convencer, mas no fato dela ser a primeira Revelação dada a Moisés. A Segunda Revelação foi trazida por Jesus e é representada pelos Evangelhos. A Terceira chegou até nós, conforme promessa do próprio Jesus, através do Espírito da Verdade. Por conseguinte, vemos que tudo se encadeia e cada coisa deve ser observada dentro do seu tempo e espaço. É o caso da Bíblia e de outros escritos da Antiguidade. São textos históricos, mas não isentos de incongruências aos olhos do homem hoje já burilado pela ciência. Nós espíritas devemos ficar com Kardec que disse: "os que souberem levantar o véu da alegoria encontrarão na Bíblia os mesmos e eternos princípios esclarecidos mais tarde por Jesus e pelo Espírito da Verdade. O professor como sempre o fez, primou pela fidelidade a Allan Kardec. É por isso que dizem que ele foi o melhor metro que mediu o mestre de Lion. Que falta faz hoje um líder dessa envergadura. Que me perdoem os expoentes do movimento espírita, mas não vejo ninguém na atual idade com a vocação kardequiana e a garra do professor Herculano Pires. E aproveito a ocasião para dizer que a Bibliografia desse autêntico líder é composta de 88 obras. Entre as quais, Edições Correio Fraterno teve a felicidade de publicar as seguintes: "O Homem Novo", uma coletânea de crônicas que Herculano Pires publicou, primeiramente, no extinto jornal "Diário de São Paulo", com o pseudônimo de Irmão Saulo. A tônica dessas crônicas é esclarecer sobre o que é e o que não é correio dentro do movimento espírita preocupação sempre constante nesse autor; "Infinito e o Finito", em que o filósofo Herculano Pires brinca com as palavras e vai construindo com elas magnas lições como essas: "Deus é infinito. Nós somos finitos"; "Deus é o Ser dos seres..." "O homem é o ser entre os seres, pequenina criatura apegada à crosta..."; "O Mistério do Bem e do Mal", 45 crônicas que a pena do professor Herculano Pires vasou com o propósito de esclarecer o seu leitor como é vista essa dicotomia à luz

da Doutrina dos Espíritos; "Educação para a Morte", um verdadeiro manual de vida, pois o professor Herculano pouco fala de morte, pelo contrário, ele nos ensina nesta obra a viver com sabedoria para vencermos a morte e possamos dizer, no futuro, como fez Paulo de Tarso: "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?".

*Um marco parisiense.*

Nos momentos mais importantes e mais difíceis para o Espiritismo no Brasil, o nobre professor sempre esteve presente. Foi ele, por exemplo, que sustentou a luta contra a tradução para a língua portuguesa do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, feita por Paulo Alves de Godoy, publicada pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, tendo mesmo solicitado o recolhimento da edição em virtude de enxertos indevidos. A FEESP ouvindo-o, até hoje não publicou a segunda edição. Obrigado professor!

Cirso Santiago.

**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**  
**VI – CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS**  
**BÍBLICAS REFERENTES À CRIAÇÃO**

59. Os povos fizeram idéias bastante divergentes sobre a Criação, segundo o grau de seus conhecimentos. A razão apoiada na Ciência reconheceu a inverossimilhança de algumas teorias. A que os Espíritos nos oferecem confirma a opinião há muito admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é a de estar em contradição com os textos dos livros sagrados. Mas um exame sério nos leva a reconhecer que essa contradição é mais aparente que real, resultante da interpretação dada a passagens que, em geral, só possuíam sentido alegórico.

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como único tronco da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas têm de modificar-se. O movimento da Terra parecia, em determinada época, tão contrário aos textos sagrados, que não há formas de perseguição a que essa teoria não tenha dado pretexto. Não obstante, a Terra gira, malgrado os anátemas, e ninguém hoje em dia poderia contestá-lo, sem ofender a sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa a época da Criação em cerca de quatro mil anos antes da Era Cristã. Antes disso, a Terra não existia; ela foi tirada do nada. O texto é formal. E eis que a Ciência positiva, a Ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está gravada em caracteres indeléveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, cada um deles, talvez, de muitas centenas de milhares de anos. E não se trata de um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, mas de um fato tão constante como o do movimento da Terra, e que a Teologia não pode deixar de admitir, prova evidente do erro em que se pode cair, quando se tornam ao pé da letra as expressões de uma linguagem freqüentemente figurada. (As recentes declarações do Papa Pio XII, admitindo os cálculos da Ciência para a formação da Terra, confirmam o acerto de Kardec nesta nota. (N. do T.). Devemos concluir, então, que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação. (Advertência aos que condenam a Bíblia sem levar em conta os fatores históricos e a linguagem figurada do texto. (N. do T.).

A Ciência, escavando os arquivos da Terra, descobriu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram na sua superfície, e essa ordem concorda com a indicada no Gênesis, com a diferença de que essa obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus, em apenas algumas horas, realizou-se, sempre pela sua vontade, mas segundo a lei das forças naturais, em alguns milhões de anos. Deus seria, por isso, menor e menos poderoso? Sua obra se tornaria menos sublime, por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não. É preciso fazer da Divindade, uma idéia bem mesquinha, para não reconhecer a sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos. A Ciência, longe de diminuir a obra divina, no-la mostra sob um aspecto mais grandioso e mais conforme com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pelo fato mesmo de ter ela se realizado sem derrogar as leis da Natureza.

A Ciência, de acordo neste ponto com Moisés, coloca o homem por último na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, coloca o dilúvio universal no ano 1654 da formação do mundo, enquanto a Geologia nos mostra o



grande cataclismo como anterior à aparição do homem, tendo em vista que, até agora, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço da sua presença, nem da presença dos animais que, sob o ponto de vista físico, são da sua mesma categoria. Mas nada prova que isso seja impossível; várias descobertas já lançaram dúvidas a respeito, podendo acontecer, portanto, que de um momento para outro se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana. E então se reconhecerá que, nesse ponto, como em outros, o texto bíblico é figurado.

A questão está em saber se o cataclismo é o mesmo de Noé. Ora, a duração necessária à formação das camadas fósseis não dá lugar a confusões, e no momento em que se encontrarem os traços da existência do homem, anteriores à grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis, e será necessário aceitar o fato, como se aceitou o do movimento da Terra e o dos seis períodos da Criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico é, não há dúvida, ainda hipotética, mas eis como nos parece menos. Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra há quatro mil anos antes de Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção apenas de uma família, conclui-se que o povoamento da Terra data de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país bastante povoado e já bem avançado em civilização. A História prova que, nessa época, a Índia e outros países eram igualmente florescentes, mesmo sem levarmos em conta a cronologia de certos povos, que remonta a uma época mais recuada. Teria sido então necessário que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, num espaço de seiscentos anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não estivessem povoadas, mas também que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças humanas vem ainda em apoio desta opinião. O clima e os hábitos produzem, sem dúvida, modificações das características físicas, mas sabe-se até onde pode chegar a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova a existência, entre algumas raças, de diferenças constitucionais mais profundas que as produzidas pelo clima. O cruzamento de raças produz os tipos intermediários; tende a superar os caracteres extremos, mas não cria estes, produzindo apenas as variedades. Ora, para que tivesse havido cruzamento de raças, era necessário que houvesse raças distintas, e como explicarmos a sua existência, dando-lhes um tronco comum, e sobretudo tão próximo? Como admitir-se que, em alguns séculos, certos descendentes de Noé se tivessem transformado, a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível que a hipótese de um tronco comum para o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, a ave e o peixe. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, pelo contrário, admitindo-se a existência do homem antes da época que lhe é vulgarmente assinalada; a diversidade das origens; Adão, que viveu há seis mil anos, como tendo povoado uma região ainda inabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, que se tomou pelo cataclismo geo-

lógico (As escavações arqueológicas realizadas por "sir" Charles Leonard Woolley, em 1929, ao norte de Basora, próximo ao Golfo Pérsico, para a descoberta de Ur, revelaram os restos de uma catástrofe diluviana ocorrida exatamente quatro mil anos antes de Cristo. Ao encontrar a camada de lodo que cobria as ruínas da Ur primitiva, Woolley transmitiu a notícia ao mundo nos seguintes termos: "Encontramos os sinais do dilúvio universal. Trabalhos posteriores comprovaram o fato, mostrando que houve um dilúvio local no delta do Tigre e do Eufrates, exatamente na data assinalada pela Bíblia. Este fato vem confirmar a previsão de Kardec. (N. do T.); e tendo-se em conta, por fim, a forma alegórica peculiar ao estilo oriental, que se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Eis porque é prudente não se acusar muito ligeiramente de falsas as doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, oferecer um desmentido aos que as combatem. As idéias religiosas, longe de perder, se engrandecem, ao marchar com a Ciência; esse o único meio de não apresentarem ao ceticismo um lado vulnerável.

\*

**A GÊNESE**  
**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**  
**19ª. Edição. Trad. Guillon Ribeiro**  
**CAPÍTULO XII - GÊNESE MOISAICA**

**Os seis dias. - Perda do paraíso**

**Os seis dias**

1. - **CAPÍTULO I.** - 1. *No começo criou Deus o Céu e a Terra.* - 2. *A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas.* - 3. *Ora, Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.* - 4. *Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.* - 5. *Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.*

6. *Disse Deus também: Faça-se o Firmamento no meio das águas e que ele separe das águas as águas.* - 7. *E Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam acima do Firmamento. E assim se fez.* - 8. *E Deus deu ao Firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.*

9. *Disse Deus ainda: Reúnam-se num só lugar as águas que estão sob o céu e apareça o elemento árido. E assim se fez.* - 10. *Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou mar a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bem.* - 11. *Disse mais Produza a terra a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que dêem frutos cada um de uma espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra. E assim se fez.* - 12. *A terra então produziu a erva verde que trazia consigo a sua semente, conforme a espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada uma de acordo com a sua espécie. E Deus viu que estava bom.* - 13. *E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.*

14. - *Deus disse também: Façam-se corpos de luz no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos.* - 15. *Brilhem eles no firmamento do céu e iluminem a Terra. E assim se fez.* - 16. *Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir ao dia, o outro, menor, para presidir a noite; fez também as estrelas.* - 17. *E os pôs no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra.* - 18. *Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que estava bom.* - 19. *E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.*

20. *Disse Deus ainda: Produzam as águas animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu.* - 21. *Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um de uma espécie, e criou também todos os pássaros, cada um de uma espécie. Viu que estava bom.* - 22. *E os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra.* - 23. *E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.*

24. *Também disse Deus: Produza a Terra animais vivos, cada um de sua espécie, os animais domésticos e os animais selvagens, em suas diferentes espécies. E assim se fez.* - 25. *Deus fez, pois, os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os réptis, cada um de sua espécie. E Deus viu que estava bom.*

26. *Disse, em seguida: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os réptis que se movem na terra.* - 27. *Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea.* - 28. *Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra.* - 29. *Disse Deus ainda: Dei-vos todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma de uma espécie, a fim de que vos sirvam de alimento.* - 30. *E dei-as a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez.* - 31. *Deus viu todas as coisas que havia feito; eram todas muito boas.* - 23. *E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.*

**CAPÍTULO II.** - 1. *O Céu e a Terra ficaram, pois, acabados assim com todos os seus ornamentos.* - 2. *Deus terminou no sétimo dia toda a obra que fizera e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras.* - 3. *Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara.* - 4. *Tal a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro.* - 5. *E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque, o Senhor Deus ainda não tinha feito que chovesse sobre a terra e não havia homem para lavrá-la.* - 6. *Mas da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.*

7. *O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.*

2. - Depois das explanações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conformemente aos dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. - Sobre alguns pontos, há, sem dúvida, notável concordância entre a Gênese moisaica e a doutrina científica; mas, fora erro acreditar que basta se substituam os seis dias de 24 horas da criação por seis períodos indeterminados, para se tornar completa a analogia. Não menor erro seria o acreditar-se que, afora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência caminham lado a lado, sendo uma, como se vê, simples paráfrase da outra.

4. - Notemos, em primeiro lugar, que, como já se disse (cap. VII, nº. 14), é inteiramente arbitrário o número de seis períodos geológicos, pois que se eleva a mais de vinte e cinco o das formações bem caracterizadas, número que, ao demais, apenas determina as grandes fases gerais. Ele só foi adotado, em começo, para encaixar as coisas, o mais possível, no texto bíblico, numa época, aliás, pouco distante, em que se entendia que a Ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, tendo em vista facilitar-lhe a aceitação, se esforçaram por pôr-se de acordo com o texto sagrado. Logo que se apoiou no método experimental, a Ciência sentiu-se mais forte e se emancipou. Hoje, é ela que controla a Bíblia.

Doutro lado, a Geologia, tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no cômputo de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, assuntos esses que pertencem à Astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, cumpre se acrescentar um primeiro período, que abarque essa ordem de fenômenos e ao qual se poderia chamar - período astronômico.

Além disso, nem todos os geólogos consideram o diluviano como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram, assim antes, como depois do dilúvio. Pode-se, pois, abstrair desse período, sem menosprezo da verdade.

5. - O quadro comparativo aqui abaixo, em o qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite se considere o

conjunto e se notem as relações e as diferenças que existem entre os referidos períodos e a Gênese bíblica.

### **CIÊNCIA**

I. PERÍODO ASTRONÔMICO - Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, em nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas.

Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. - Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.

### **GÊNESE**

1º DIA - O Céu e a Terra. - A luz

### **CIÊNCIA**

II. PERÍODO PRIMÁRIO. - Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. - Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. - Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. - Ausência completa de vida orgânica.

### **GÊNESE**

2º DIA - O Firmamento - Separação das águas que estão acima do Firmamento das que lhe estão debaixo.

### **CIÊNCIA**

III. - PERÍODO DE TRANSIÇÃO. - As águas cobrem toda a superfície do globo. - Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. - Calor úmido. - O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. - Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. - Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. - Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. - Depósitos de hulha.

### **GÊNESE**

3º DIA - As águas que estão debaixo do Firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. - A terra e os mares. - As plantas.

### **CIÊNCIA**

IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. - Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e paludosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. - Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. - Peixes; cetáceos; animais aquáticos e anfíbios.

### **GÊNESE**

4º. DIA - O Sol, a Luz e as estrelas.

### **CIÊNCIA**

V. PERÍODO TERCIÁRIO. - Grandes intumescimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. - Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. - Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.

### **GÊNESE**

5º DIA - Os peixes e os pássaros.

### **CIÊNCIA**

#### **DILÚVIO UNIVERSAL**

VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO. - Terrenos de aluvião. - Vegetais e animais da atualidade. - O homem.

## GÊNESE

6º DIA - Os animais terrestres. - O homem.

\*

6. - Desse quadro comparativo, o primeiro fato que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como o supõem muitos, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável se verifica na sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem, por último. É esse um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que se lê que, ao terceiro dia, «as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e apareceu o elemento árido». É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas, que foram formar os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. - Dizendo que a criação foi feita em seis dias, terá Moisés querido falar de dias de 24 horas, ou terá empregado essa palavra no sentido de período, de duração? É mais provável a primeira hipótese, se nos ativermos ao texto acima, primeiramente, porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por dia. Depois, a referência à tarde e à manhã, como limitações de cada um dos seis dias, dá lugar a que se suponha haja ele querido falar de dias comuns. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, estando dito, no versículo 5: «Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.» Isto, evidentemente, só se pode aplicar ao dia de 24 horas, constituído de períodos de luz e de trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido, quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: «Colocou-as no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia. »

Aliás, tudo, na criação, era miraculoso e, desde que se envereda pela senda dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença, até ao momento em que a Geologia surgiu a lhe demonstrar a impossibilidade.

8. - Um dos pontos que mais criticados têm sido na Gênesis é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, com o auxílio mesmo dos dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, por se achar carregada de vapores densos e opacos, a atmosfera terrestre não permitia se visse o Sol que, assim, efetivamente não existia para a Terra. Semelhante explicação seria, porventura, admissível se, naquela época, já houvesse na Terra habitantes que verificassem a presença ou a ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, então, somente plantas havia, as quais, contudo, não teriam podido crescer e multiplicar-se sem o calor solar.

Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal; é uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, por outra, do fluido que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de preceder ao Sol, que é apenas um efeito. O Sol é *causa*, relativamente à luz que dele se irradia; é efeito, com relação à que recebeu.

Numa câmara escura, uma vela acesa é um pequeno sol. Que é que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se num ponto esse fluido. A vela é a causa da luz que se difunde pela câmara; mas, se não existira o princípio luminoso antes da vela, esta não pudera ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da idéia falsa, alimentada por longo tempo, de que o Universo inteiro começou com a Terra. Daí o não compreenderem que o Sol pudesse ser criado depois da luz. Em princípio, pois, a asserção de Moisés é perfeitamente exata: é falsa no fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol. Estando, pelo seu movimento de translação, sujeita a esse último, a Terra houve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei de gravitação.

Com a mesma idéia se depara na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuz, narrando a origem do mundo, diz: «Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.» (Dicionário de Mitologia Universal.) A forma, aqui, é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés e não reclama comentários.

9. - Moisés, evidentemente, partilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa idéia se acha expressa sem alegoria, nem ambigüidade, neste passo (versículos 6 e seguintes) : «Deus disse: Faça-se o Firmamento no meio das águas para separar das águas as águas. Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento. » (Veja-se: cap. V, Antigos e modernos sistemas do mundo, nos. 3, 4 e 5)

Segundo uma crença antiga, a água era tida como o princípio primitivo, elemento gerador, pelo que Moisés não fala da criação das águas, parecendo que já elas existiam. «As trevas cobriam o abismo», isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação imprecisamente figurava ocupada pelas águas e em trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: «O Espírito de Deus era levado (ou boiava) sobre as águas. » Tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso insulá-la. Imaginou-se então que Deus fizera o Firmamento, uma abóbada sólida, para separar as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, faz-se indispensável que nos coloquemos no ponto de vista das idéias cosmogônicas da época que ela reflete.

10. - Em face dos progressos da Física e da Astronomia, é insustentável semelhante doutrina. (Embora muito grosseiro o erro de tal crença, com ela ainda se embalam presentemente as crianças, como se se tratara de uma verdade sagrada. Só a tremer ousam os educadores aventurar-se a uma tímida interpretação. Como quererem que isso não venha mais tarde a fazer incrédulos?). Entretanto, Moisés atribui ao próprio Deus aquelas palavras. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, uma de duas: ou Deus se enganou em a narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é de

origem divina. Não sendo admissível a primeira hipótese, forçoso é concluir que Moisés apenas exprimiu suas próprias idéias. (Cap. I, nº 3.)

11. - Ele se houve com mais acerto, dizendo que Deus formou o homem do limo da Terra. (O termo hebreu **haadam**, homem, do qual se compõem **Adão** e o termo **ha-adama**, terra, têm a mesma raiz). A Ciência, com efeito, mostra (cap. X) que o corpo do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é, por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilita. Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

12. - Para espíritos incultos, sem nenhuma idéia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era, para tais espíritos, o sinal mais evidente do poder de Deus. Que configuração, com efeito, mais sublime e mais poética desse poder, do que a que estas palavras traçam: «Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!» Deus, a criar o Universo pela ação lenta e gradual das leis da Natureza, lhes houvera parecido menor e menos poderoso. Fazia-se-lhes indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário teriam dito que Deus não era mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; ao contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo sentido oculto se deve pesquisar; que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência. Fazendo, porém, ressaltar as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados pela forma imaginosa, cumpre-se-lhe apontem expressamente os erros, no próprio interesse da religião. Esta será muito mais respeitada, quando esses erros deixarem de ser impostos à fé, como verdade, e Deus parecerá maior e mais poderoso, quando não lhe envolverem o nome em fatos de pura invenção.

### Perda do paraíso

(Em seguida a alguns versículos se acha a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente).

**13. - CAPÍTULO II. - 9.** *Ora, o Senhor Deus plantara desde o começo um jardim de delícias, no qual pôs o homem que ele formara. - O Senhor Deus também fizera sair da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar e, no meio do paraíso ("Paraíso", do latim **paradisus**, derivado do grego: **paradeisos**, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é **hagan**, que tem a mesma significação), a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal. (Ele fez sair, Jeová Eloim, da terra (min haadama) toda árvore bela de ver-se e boa para comer-se e a árvore da vida (vehetz ha-chayim) no meio do jardim e a árvore da ciência do bem e do mal.)*

15. - *O Senhor tomou, pois, do homem e o colocou em o paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e guardasse. - 16. Deu-lhe também esta ordem e lhe disse: Come de todas as*



árvores do paraíso. (Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (hal haadam) dizendo: De toda árvore do jardim podes comer.) - 17. Mas, não comas absolutamente o fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porquanto, logo que o comeres, morrerás com toda a certeza. (E da árvore do bem e do mal (oumehetz hadaat tob vara) não comerás, pois que no dia em que dela comeres morrerás.)

**14. - CAPÍTULO III. - 1.** Ora, a serpente era o mais fino de todos os animais que o Senhor Deus formara na Terra. E ela disse à mulher: Por que vos ordenou Deus que não comêsseis os frutos de todas as árvores do paraíso? (E a serpente (nâhâsch) era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher (el haïscha): Terá dito Eloim: Não comereis de nenhuma árvore do jardim?) - 2. A mulher respondeu: Comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (Disse ela, a mulher, à serpente, do fruto (miperi) das árvores do jardim podemos comer.) - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele e que não lhe tocássemos, para que não corramos o perigo de morrer. - 4. A serpente replicou à mulher: Certamente não morreréis. - Mas, é que Deus sabe que, assim houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

6. A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, o comeu e o deu a seu marido, que também comeu. (Ela viu, a mulher, que ela era boa, a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para compreender (léaskil), e tomou de seu fruto, etc.)

8. E como ouvissem a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo jardim, quando sopra um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem de diante da sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvei a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, essa a razão por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E como soubeste que estavas nu, senão porque comeste o fruto da árvore da qual eu vos proibi que comêsseis? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deste por companheira me apresentou o fruto dessa árvore e eu dele comi. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Por teres feito isso, serás maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rojar-te-ás sobre o ventre e comerás a terra por todos os dias de tua vida. - 15. Porei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a sua raça e a tua. Ela te esmagará a cabeça e tu tentarás morder-lhe o calcanhar.

16. Deus disse também à mulher: Afugir-te-ei com muitos males durante a tua gravidez; parirás com dor; estarás sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

17. Disse em seguida a Adão: Por haveres escutado a voz de tua mulher e haveres comido do fruto da árvore de que te proibi que comesses, a terra te será maldita por causa do que fizeste e só com muito trabalho tirarás dela com que te alimentes, durante toda a tua vida. - 18. Ela te produzirá espinhos e sarças e te alimentarás com a erva da terra. - 19. E comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra donde foste tirado, porque és pó e em pó te tornarás.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher vestiduras de peles com que os cobriu. - 22. E disse: Eis aí Adão feito um de nós, sabendo o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, que ele deite a mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida (veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim); comerá dela e viverá eternamente.)

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delicias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra donde ele fora tirado. - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins (Do hebreu **cherub**, **keroub**, boi, **charab**, lavrar; anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.) diante do jardim de delicias, os quais faziam luzir uma espada de fogo, para guardarem o caminho que levava à árvore da vida.

15. - Sob uma imagem pueril e às vezes ridícula, se nos ativermos à forma, a alegoria oculta freqüentemente as maiores verdades. Haverá fábula mais absurda, à primeira vista, do que a de Saturno, o deus que devorava pedras, tomando-as por seus filhos? Todavia, que de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa figura, se lhe procuramos o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe; mas, também, tudo se destrói com o tempo. Saturno a devorar pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos, seus filhos, visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa a semelhante destruição? Somente Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. É mesmo tão natural essa imagem, que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, se diz, de uma coisa que afinal se deteriorou, ter sido devorada pelo tempo, carcomida, devastada pelo tempo.

Toda a mitologia pagã, aliás, nada mais é, em realidade, do que um vasto quadro alegórico das diversas faces, boas e más, da Humanidade. Para quem lhe busca o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as modernas fábulas. O absurdo estava em tomarem a forma pelo fundo.

16. - Outro tanto se dá com a Gênese, onde se tem que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão personifica a Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais a que ele não sabe resistir. (Está hoje perfeitamente reconhecido que a palavra hebréia **haadam** não é um nome próprio, mas significa: o homem em geral, a Humanidade, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão).

A árvore, como árvore de vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da Ciência, é o da consciência, que o homem adquire, do bem e do mal, pelo desenvolvimento da sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre um e outro. Assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; concretiza, numa figura única, os motivos de arrastamento ao mal. O comer é sucumbir à tentação. A árvore se ergue no meio do jardim de delícias, para mostrar que a sedução está no seio mesmo dos prazeres e para lembrar que, se dá preponderância aos gozos materiais, o homem se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual. (Em nenhum texto o fruto é especializado na maçã, palavra que só se encontra nas versões infantis. O termo do texto hebreu é **peri**, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os Israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo **peri** foi traduzido em latim por **malum**, que se aplica tanto à maçã, como a qualquer espécie de frutos. Deriva do grego **melon**, particípio do verbo **melo**, interessar, cuidar, atrair).

A morte de que ele é ameaçado, caso infrinja a proibição que se lhe faz, é um aviso das conseqüências inevitáveis, físicas e morais, decorrentes da violação das leis divinas que Deus lhe gravou na consciência. É por demais evidente

que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de cometida a falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, ou, por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda figurada pela sua expulsão do jardim de delícias.

17. - A serpente está longe hoje de ser tida como tipo da astúcia. Ela, pois, entra aqui mais pela sua forma do que pelo seu carácter, como alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinuam como a serpente e da qual, por essa razão, o homem, muitas vezes, não desconfia. Ao demais, se a serpente, por haver enganado a mulher, é que foi condenada a andar de rojo sobre o ventre, dever-se-á deduzir que antes esse animal tinha pernas; mas, neste caso, não era serpente. Por que, então, se há de impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, tão evidentes alegorias, com o que, falseando-se-lhes o juízo, se faz que mais tarde venham a considerar a Bíblia um tecido de fábulas absurdas?

Deve-se, além disso, notar que o termo hebreu *nâhâsch*, traduzido por serpente, vem da raiz *nâhâsch*, que significa: fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas, podendo, pois, significar: encantador, adivinho. Com esta acepção, ele é encontrado na própria Gênese, cap. XLIV, vv. 5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de Benjamim: «A taça que roubaste é a em que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar(*nâhâsch*) (Deste fato se poderá inferir que os egípcios conheciam a mediunidade pelo **copo d'água?** (*Revue Spirite*, de junho do 1868, pág. 161.). - Ignoras que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (*nâhâsch*)?» - No livro *Números*, cap. XXIII, v. 23: «Não há encantamentos (*nâhâsch*) em Jacob, nem adivinhos em Israel.» Daí o haver a palavra *nâhâsch* tomado também a significação de serpente, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que se serviam em seus encantamentos.

A palavra *nâhâsch* só foi traduzida por *serpente* na versão dos *Setenta* - os quais, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares - versão essa escrita em grego no segundo século da era cristã. As suas inexactidões resultaram, sem dúvida, das modificações que a língua hebraica sofrera no intervalo transcorrido, porquanto o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu vulgar, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos. (O termo **nâhâsch** existia na língua egípcia, com a significação de negro, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges, de origem assíria, eram representadas por uma figura de negro).

É, pois, provável que Moisés tenha apresentado como sedutor da mulher o desejo de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo Espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*, adivinhar, e, por outro lado, com estas palavras: «Deus sabe que, logo que houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses. - Ela, a mulher, viu que era cobiçável a árvore para compreender (*léaskil*) e tomou do seu fruto. » Não se deve esquecer que Moisés queria proscrever de entre os hebreus a arte da adivinhação praticada pelos egípcios, como o prova o haver proibido que aqueles interrogassem os mortos e o Espírito Píton. (*O Céu e o Inferno* segundo o Espiritismo, cap. XII.)

18. - A passagem que diz: «O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta vento brando», é uma imagem ingênua e um tanto pueril, que a crítica não deixou de assinalar; mas, nada tem que surpreenda, se nos reportamos à idéia que os hebreus dos tempos primitivos faziam de Deus. Para aquelas

inteligências frustas, incapazes de conceber abstrações, Deus havia de ter uma forma concreta e eles tudo referiam à Humanidade, como único ponto que conheciam. Moisés, por isso, lhes falava como a crianças, por meio de imagens sensíveis. No caso de que se trata, tem-se personificada a Potência soberana, como os pagãos personificavam, em figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as idéias abstratas. Mais tarde, os homens despojaram da forma a idéia, do mesmo modo que a criança, tornada adulta, procura o sentido moral dos contos com que a acalentaram. Deve-se, portanto, considerar essa passagem como uma alegoria, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: «Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim, do lado donde vem o dia. »

19. - Se a falta de Adão consistiu literalmente em ter comido um fruto, ela não poderia, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi punida. Não se poderia tampouco admitir, racionalmente, que o fato seja qual geralmente o supõem; se o fosse, teríamos Deus, considerando-o irremissível crime, a condenar a sua própria obra, pois que ele criara o homem para a propagação. Se Adão houvesse entendido assim a proibição de tocar no fruto da árvore e com ela se houvesse conformado escrupulosamente, onde estaria a Humanidade e que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não criara Adão e Eva para ficarem sós na Terra; a prova disso está nas próprias palavras que lhes dirige logo depois de os ter formado, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: «Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, *enchei a Terra* e submetei-a ao vosso domínio.» (*Gênese*, cap. 1, v. 28.) Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terrenal, a expulsão deles dali não pode ter tido como causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se ocultarem. Mas, essa própria vergonha é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado experimenta em presença de quem foi por ele ofendido.

20. - Qual, então, em definitiva, a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir logicamente, porque todos, apegados à letra, giraram dentro de um círculo vicioso.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado, pessoal, de um indivíduo, mas que compreende, sob um único fato alegórico, o conjunto das prevaricações de que a Humanidade da Terra, ainda imperfeita, pode tornar-se culpada e que se resumem nisto: *infração da lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem, simbolizando este a Humanidade, tem por símbolo um ato de desobediência.

21. - Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas, por que fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (*Gênese*, cap. II, vv. 5 e 7): «O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. O Senhor formou então, do limo da terra, o homem. » Essas palavras, aproximadas destas

outras: *Enchei a Terra*, provam que o homem, desde a sua origem, estava destinado a ocupar *toda a Terra e a cultivá-la*, assim como, ao demais, que o paraíso não era um lugar circunscrito, a um canto do globo. Se a cultura da terra houvesse de ser uma conseqüência da falta de Adão, seguir-se-ia que, se Adão não tivesse pecado, a Terra permaneceria inculta e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que disse ele à mulher que, em conseqüência de haver cometido a falta, pariria com dor? Como pode a dor do parto ser um castigo, quando é um efeito do organismo e quando está provado, fisiologicamente que é uma necessidade? Como pode ser punição uma coisa que se produz segundo as leis da Natureza? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram. Entretanto, podem justificar-se aquelas palavras que parecem tão contraditórias.

22. - Notemos, antes de tudo, que se, no momento de serem criados os dois, as almas de Adão e Eva tivessem vindo do nada, como ainda se ensina, eles haviam de ser bisonhos em todas as coisas; haviam, pois, de ignorar o que é morrer. Estando sós na Terra, como estavam, enquanto viveram no paraíso, não tinham assistido à morte de ninguém. Como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como teria Eva podido compreender que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Nenhum sentido, portanto, deviam ter, para Adão e Eva, as palavras de Deus. Mal surgidos do nada, eles não podiam saber como nem por que haviam surgido dali; não podiam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhes era feita. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que ainda mais incompreensível torna a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a Humanidade inteira.

23. - Entretanto, o que constitui para a Teologia um beco sem saída, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriormente realizadas. Admitamos, ao demais, que hajam vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constringido a um trabalho corporal e reconheceremos que a Deus assistia razão para lhes dizer: «No mundo onde, daqui em diante, ides viver, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento, com o suor da vossa frente»; e, à mulher: «Parirás com dor», porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, nos 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o

momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão. O anjo que, empunhando uma espada flamejante, veda a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração. (Veja-se, adiante, o cap. XIV, nos 8 e seguintes.)

24. - *Caim, depois do assassinio de Abel, responde ao Senhor: A minha iniquidade é extremamente grande, para que me possa ser perdoada. - Vós me expulsais hoje de cima da Terra e eu me irei ocultar da vossa face. Irei fugitivo e vagabundo pela Terra e qualquer um então que me encontre matar-me-á. - O Senhor lhe respondeu: "Não, isto não se dará, porquanto severamente punido será quem matar Caim." E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que não o matassem os que viessem a encontrá-lo.*

*Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim ficou vagabundo pela Terra e habitou a região oriental do Éden. - Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henoch. Ele construiu (vaïehi bôné; literalmente: estava construindo) uma cidade a que chamou Henoch (Enoquia) do nome de seu filho. (Gênese, cap. IV, vv. 13 a 16.)*

25. - Se nos apegarmos à letra da Gênese, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo-se Caim retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Seth, depois de cujo nascimento, ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando, pois, Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, *sozinho*, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde pudera ele desposá-la? O texto hebreu diz: Ele estava construindo cidade e não: *ele construiu*, o que indica ação presente e não ulterior. Mas, uma cidade pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Dessa própria narrativa, portanto, se tem de inferir que a região era povoada. Ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim.

Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: «Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre matar-me-á», e da resposta que Deus lhe deu. Quem poderia ele temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo de ser morto, uma vez que ele a ninguém iria encontrar? Ora, se havia na Terra outros homens afora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, donde se deduz esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênese: Adão não é nem o primeiro, nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, nº 34.) (Não é nova esta idéia. La Peyrère, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro **Preadamitas**, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia, adulterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão e essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos).

26. - Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo ministrou acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, acerca da natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da

sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro como prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para que se fizesse luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe doravante donde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que tem nas mãos o seu futuro e que a duração do seu cativeiro neste mundo unicamente dele depende. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênese se lhe apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a incredulidade e triunfará.

\*

**A GÊNESE**  
**Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**

**Tradução de Guillon Ribeiro**

**Editora FEB. 19ª. Edição. 1977.**

**INTRODUÇÃO**  
**À PRIMEIRA EDIÇÃO PUBLICADA EM**  
**JANEIRO DE 1868**

Esta nova obra é mais um passo dado ao terreno das conseqüências e das aplicações do Espiritismo. Conforme seu título o indica, tem ela por objeto o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: **a Gênese, os milagres e as predições**, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritos.

Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios nascem fenômenos especiais, que se tornam naturalmente inexplicáveis, desde que se abstraia de um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável, se se abstraísse de um dos seus elementos constituintes: o oxigênio e o hidrogênio.

Demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e considerados, em virtude mesmo dessa circunstância, inadmissíveis, por parte de uma certa classe de pensadores. Abundam nas Escrituras esses fatos e, por desconhecerem a lei que os rege, é que os comentadores, nos dois campos opostos, girando sempre dentro do mesmo círculo de idéias, fazendo, uns, abstração dos dados positivos da ciência, desprezando, outros, o princípio espiritual, não conseguiram chegar a uma solução racional.

Essa solução se encontra na ação recíproca do Espírito e da matéria. É exato que ela tira à maioria de tais fatos o caráter de sobrenaturais. Porém, que é o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza, ou repeli-los? A rejeição pura e simples acarreta a da base mesma do edifício, ao passo que, admitidos a esse título, a admissão, apenas suprimindo os acessórios, deixa intacta a base. Tal a razão por que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença em verdades que elas antes consideravam meras utopias.

Esta obra é, pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos, elaborados desde longo tempo; mas, ainda não chegara o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as idéias destinadas a lhes servirem de base houvessem atingido a maturidade e, além disso, também se fazia mister levar em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não encerra mistérios, nem teorias secretas; tudo nele tem que estar patente, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa. Cada coisa, entretanto, tem que vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, primeiro que a elucidação completa da questão, seria antes



causa de atraso do que de avanço. Na de que aqui se trata, a importância do assunto nos impunha o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda idéia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

**O Livro dos Espíritos** só teve consolidado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais, cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: **segundo o Espiritismo**, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas. (**Nota da Editora:** Ao leitor cabe, pois, durante a leitura desta obra, distinguir a parte apresentada como complementar da Doutrina, daquela que o próprio Autor considera hipotética e pessoalmente dele).

Aliás, os leitores assíduos da **Revue** não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços, a maioria das idéias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A **Revue**, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

\*

**A GÊNESE E O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. O problema da Revelação: as três Revelações fundamentais que marcaram momentos decisivos da evolução terrena. A dupla natureza da III Revelação e sua continuidade indefinida, em virtude do reconhecimento universal da mediunidade. A moral evangélica e seu desenvolvimento à luz da Revelação Espírita. A moral espírita: implicações morais da teoria da evolução espiritual, da reencarnação e da lei de ação e reação.**

**A GÊNESE  
SEGUNDO O ESPIRITISMO  
CAPÍTULO I  
CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA**

1. - Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a doutrina espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto?

É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar-se-á o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida? Tais as questões sobre que importa nos fixemos.

2. - Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*. Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente sair de sob o véu - e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer idéia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. - A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseqüência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. - Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tem-

po, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre.

5. - Mas, o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6. - Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para

as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

7. - No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.

8. - Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental - *Deus e a imortalidade* da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.

A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de **O Evangelho segundo o Espiritismo**; "Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas".

9. - Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado

de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da divindade ou dos seus mensageiros.

10. - Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: «Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.» (*Epíst. 1ª, cap. IV, v. 4.*)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.* É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis moisaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. - Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhe o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. - O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. - Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a

doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*

14. - Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.

15. - Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que se não consideram mortos. Pois bem, os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antecipadamente: «Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos.» Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. - Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. - Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas idéias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância, até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. - A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. *Ao elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis. (A palavra **elemento** não é empregada aqui no sentido de **corpo simples, elementar, de moléculas primitivas**, mas no de **parte constitutiva do um todo**. Neste sentido, pode dizer-se que o **elemento espiritual** tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o **elemento civil** e o **elemento militar** figuram no cálculo de uma população; que o **elemento religioso** entra na educação; ou que na Argélia existem o **elemento árabe** e o **elemento europeu**).

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. - Acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o gérmen das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas ridículas fórmulas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o



moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina.

20. - O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele não de voltar todos os homens, sem exceção.

O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas idéias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. - Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. - O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, *acrescentou a revelação da vida futura*, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte. (Vede: **Revue Spirite**, 1861, páginas 90 e 280.)

23. - A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: «A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados. » Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia,

que diz: «Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis vos façam. » Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. - Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

25. - Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei*. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas conseqüências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é também o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. - Entretanto, o Cristo acrescenta: «Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*» (S. João, caps. XIV, XVI; S. Mat., cap. XVII.)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. - Por que chama ele *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambigüidade, encerra toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. - Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e *desenvolver*, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.

29. - Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro, a Ciência, que a ninguém pede permissão para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais, necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não o eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátema à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma idéia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por muito instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Mas, quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à teologia, essa não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. - O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é conseqüência direta da sua doutrina. À idéia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e

que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa-vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

31. - Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. - Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desdita, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, se persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. - Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. - A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a

desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (n.º 5).

35. - Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se a cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carniais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal conseqüências inevitáveis.

36. - Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. - Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e *própria a ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas idéias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que o não transformam.

38. - Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contra-senso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, *ao renascer*, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas conseqüências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente eqüitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz idéias inatas;

identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o saber original, e o *pecado* ou, antes, o *vício original*.

39. - O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a antigüidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do *ser humano*, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.

40. - O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege - fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. - O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. - Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, por-

que, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*. (Muitos pais deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda. À luz do Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam morrer seus filhos, porque sabem que se estes não a aproveitam na vida presente, essa educação servira, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual; e, mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos.

Tais essas crianças que trazem, ao nascer, idéias inatas que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender.

Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, gozá-la-ão certamente mais tarde, quer como espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência. (**O Evangelho segundo o Espiritismo**, cap. V, nº. 21; "Mortes prematuras".)

43. - Se a estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má-vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da idéia, prova que ele corresponde a uma necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

44. - São em grande número os aflitos; não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o medico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.

45. - A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por conseqüência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos." (*Atos*, cap. II, vv. 17, 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação. (O nosso papel pessoal, no grande movimento de idéias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as conseqüências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instru-

ções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas idéias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas idéias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal).

46. - As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um pólo a outro.

47. - Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe embarcem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte donde ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre um fato que está na Natureza e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (**Revue Spirite**, fev. 1865, pág. 38: «Perpetuidade do Espiritismo».)

48. - Entretanto, disseminados os centros, poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países longínquos. Faltava entre eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de idéias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia algures. Esse traço de união, que na antigüidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas. (**Nota da Editora:** Assim compreendendo, a Federação Espírita Brasileira passou a publicar obras espíritas na língua internacional - o Esperanto).

49. - As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concor-



rerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. - A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. *Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra (n.º 15).

51 - Tendo sido os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as conseqüências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de firmar-se as idéias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não vendo as mais das vezes senão uma ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente provindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teriam surgido tantas teorias e sistemas, quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual se teria imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. - Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem

tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a Doutrina Espírita.

Era, pois, necessário agrupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo.

Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de qualquer idéia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*. (**O Livro dos Espíritos**, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das conseqüências morais dos fatos; que considerou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Decerto não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a idéia, que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?...) )

53. - De todas essas coisas, originou-se dupla corrente de idéias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras encaminhando-se do centro para a circunferência. Desse modo, a doutrina caminhou rapidamente para a unidade, mau grado à diversidade das fontes donde promanou; os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, em a qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de idéias se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Sentiram-se assim mais fortes os espíritas, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram insulados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Não mais lhes pareceram singulares, anormais, nem contraditórios os fenômenos que presenciavam, desde que puderam conjugá-los a leis gerais e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto. (Significativo testemunho, tão notá-

vel quão tocante, dessa comunhão de idéias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

Digno de nota é que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma idéia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, rejeitavam princípios da doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíam a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo singular, no tocante aos caracteres essenciais da doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Veja-se: **Revue Spirite**, abril de 1866, págs. 106 e 111: "O Espiritismo sem os Espíritos: o Espiritismo independente".)

Mas, como se há de saber se um princípio é ensinado por toda parte, ou se apenas exprime uma opinião pessoal? Não estando os grupos independentes em condições de saber o que se diz alhures, necessário se fazia que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apuro das vozes e transmitir a todos a opinião da maioria. (Esse o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuro. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis por que não preconizamos levianamente nenhuma teoria e é nisso exatamente que a doutrina, decorrendo do ensino geral, não representa produto de um sistema preconcebido. É também donde tira a sua força e o que lhe garante o futuro).

54. - Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências; a de que estas não atingiram o ponto que alcançaram, senão após longos intervalos, ao passo que alguns anos bastaram ao Espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma doutrina. Decorre esse fato de ser inumerável a multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Quis Deus fosse assim, primeiro, para que o edifício mais rapidamente chegasse ao ápice; em seguida, para que se pudesse, por meio da comparação, conseguir uma verificação, a bem dizer imediata e permanente, da universalidade do ensino, nenhuma de suas partes tendo valor, nem *autoridade*, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos harmonizar-se, colocado cada um no devido lugar e vindo cada um na hora oportuna.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, quis Deus, também, que, assim o mais pequenino, como o maior, tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de um tronco único.

Por outro lado, dispondo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam eles aptos, individualmente, a tratar *ex-professo* das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. Essa ainda uma razão por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, não podia a doutrina ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que emergir da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros. (Veja-se, em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, "Introdução", item II, e **Revue Spirite**, de abril de 1864, pág. 99: "Autoridade da Doutrina Espírita; comprovação universal do ensino dos Espíritos").

55. - Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. *As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus.*

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.* (Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; temo-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador).

56. - Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, uma vez que não difere da do Cristo? Precisa o homem de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que lhe é necessário para conduzir-se?

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: «Não faças a outrem o que não quererias te fizessem.» A moral natural está positivamente inscrita no coração

dos homens; porém, sabem todos lê-la nesse livro? Nunca lhes desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam mesmo aqueles que a ensinam? Reprovareis que um pai repita a seus filhos dez vezes, cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que haveria Deus de fazer menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam; para abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Somente quando praticarem a moral do Cristo, poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhes enviará.

57. - Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e não infalíveis?

A objeção seria ponderosa, se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber e houvéssemos de aceitá-la de olhos fechados. Perde, porém, todo valor, desde que o homem concorra para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério; desde que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inumeráveis modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, de tal modo, são mais *colaboradores* seus do que *reveladores*, no sentido usual do termo. Ele lhes submete os dizeres ao cadinho da lógica e do bom-senso: desta maneira se beneficia dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, sem abdicar o uso da própria razão.

Sendo os Espíritos unicamente as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fochos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Dado que os Espíritos podem

comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

58. - Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. - Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. - Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitirem, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos, pois, que, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. *Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele.* Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo,

fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. - Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstém de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas, que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e *só eles o podiam fazer*. Suas manifestações, conseqüentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos.

Se fordes a um país que ainda não conheceis, recusareis as informações que vos dê o mais humilde campônio que encontrardes? Deixareis de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperareis obter, por seu intermédio, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá, sobre alguns pontos, informar-vos melhor do que um sábio, que não conheça o país. Tirareis das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às vossas observações, embora apenas servisse para vos informar acerca dos costumes dos camponeses. Outro tanto se dá no que concerne às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. - Uma comparação vulgar tornará ainda melhor compreensível a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a equipagem inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora,

um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os naufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: «Não estão perdidos os nossos amigos!» E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e dizer-lhe:

«Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada véis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: Cada um por si. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: Um por todos e todos por um. Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno a deus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: Até breve!»

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo. (A anteposição do artigo à palavra **Cristo** (do grego **Cristos**, ungido), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era **Cristo**; era o **Cristo**; era o **Cristo** anunciado; a morte **do Cristo** e não **de Cristo**, ao passo que se diz: a morte **de Jesus** e não **do Jesus**. Em **Jesus-Cristo**, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: **o Buda**; Gautama conquistou a dignidade **de Buda** por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida **do Buda**, do mesmo modo que: o exército **do Faraó** e não **de Faraó**; Henrique IV era **rei**; o título de **rei**; a morte **do rei** e não **de rei**).



\*

O Evangelho Segundo o Espiritismo: método seletivo de elaboração da obra e significação doutrinária desse método. A moral evangélica e seu desenvolvimento à luz da Revelação Espírita. As três Revelações fundamentais

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Tradução de J. Herculano Pires. Ed. LAKE, 61ª Edição, 2006

### EXPLICAÇÃO

Este livro foi publicado, inicialmente, com o título de **Imitação do Evangelho**. Kardec explica o seguinte: "*Mais tarde, por força das observações reiteradas do Sr. Didier e de outras pessoas, mudei-o para "O Evangelho Segundo o Espiritismo"*". Trata-se do desenvolvimento dos tópicos religiosos de **O Livro dos Espíritos**, e representa um manual de aplicação moral do Espiritismo.

A 9 de agosto de 1863, Kardec recebeu uma comunicação dos seus Guias, sobre a elaboração deste livro. A comunicação assinalava o seguinte: "Esse livro de doutrina terá influência considerável, porque explana questões de interesse capital. Não somente o mundo religioso encontrará nele as máximas de que necessita, como as nações, em sua vida prática, dele haurirão instruções excelentes. Fizeste bem ao enfrentar as questões de elevada moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos".

Em comunicação posterior, a 14 de setembro de 1863, declaravam os Guias de Kardec: "Nossa ação, principalmente a do Espírito da Verdade, é constante ao teu redor, e de tal maneira, que não a podes negar. Assim, não entrarei em detalhes desnecessários, sobre plano da tua obra, que, segundo os meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente". E logo adiante acentuavam: "Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes, e já podemos ver-lhe a cúpula a desenhar-se no horizonte".

Estas comunicações, cuja leitura completa pode ser feita em **Obras Póstumas**, revelam-nos a importância fundamental de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, na Codificação Kardeciana. Enquanto **O Livro dos Espíritos** nos apresenta a Filosofia Espírita em sua inteireza e **O Livro dos Médiuns** a Ciência Espírita em seu desenvolvimento, este livro nos oferece a base e o roteiro da Religião Espírita.

Livro de cabeceira, de leitura diária obrigatória, de leitura preparatória de reuniões doutrinárias, deve ser encarado também como livro de estudo, para melhor compreensão da Doutrina. A comunicação do Espírito da Verdade, colocada como prefácio, deve ser lida atentamente pelos estudiosos, pois cada uma de suas frases tem um sentido mais profundo do que parece à primeira leitura.

A Introdução e o Capítulo I constituem verdadeiro estudo sobre a natureza, o sentido e a finalidade do Espiritismo. Devem ser estudados atenciosamente, e não apenas lidos. Formam uma peça de grande valor para a verdadeira compreensão da Doutrina.

*J. Herculano Pires*

## PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta, ao receber a ordem de comando, espalham-se sobre toda a face da Terra. Semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam como o toque da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto: que vossas mãos tomem a lira, que vossas vozes se unam e, num hino sagrado, se estendam e vibrem, de um extremo do Universo ao outro.

Homens, irmãos amados, estamos juntos de vós. Amai-vos também uns aos outros e dizei, do fundo de vosso coração, fazendo a vontade do Pai que está no Céu: "Senhor! Senhor!" e podereis entrar no Reino dos Céus.

*O Espírito da Verdade*

**Nota - A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra. Por isso, foi aqui colocada como prefácio.**

\*

## INTRODUÇÃO

### I - OBJETIVO DESTA OBRA

Podemos dividir as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: 1) *Os atos comuns da vida do Cristo*: 2) *Os milagres*: 3) *As profecias*: 4) *As palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja*: 5) *O ensino moral*. Se as quatro primeiras parte têm sido objeto de discussões, a ultima permanece inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É o terreno em que todos os cultos podem encontrar-se, a bandeira sob a qual todos podem abrigar-se, por mais diferentes que sejam as suas crenças. Porque nunca foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda a parte provocadas pelos dogmas. Se o discutissem, as seitas teriam, aliás, encontrado nele a sua própria condenação, porque a maioria delas se apegaram mais a parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de cada um. Para os homens, em particular, é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida privada e publica, o princípio de todas as relações sociais fundadas na mais rigorosa justiça. É, por fim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade a conquistar, uma ponta do véu erguida sobre a vida futura. É essa parte que constitui o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica; todos proclamam a sua sublimidade e a sua necessidade, mas muitos o fazem confiando naquilo que ouviram, ou apoiados em algumas máximas que se tornaram proverbiais, pois poucos a conhecem a fundo, e menos ainda a compreendem e sabem tirar-lhes as conseqüências. A razão disso está em grande parte, nas dificuldades apresentadas pela leitura do Evangelho, ininteligível para a maioria. A forma alegórica, o misticismo intencional da linguagem, fazem que a maioria o leiam por desengano de consciência e por obrigação, como lêem as preces sem as compreender,

o que vale dizer sem proveito. Os preceitos de moral, espalhados no texto, misturados com as narrativas, passam despercebidos. Torna-se impossível apreender o conjunto e fazê-los objeto de leitura e meditação separadas.

Fizeram-se, é verdade, tratados de moral evangélica, mas a adaptação ao estilo literário moderno tira-lhe a ingenuidade primitiva, que lhe dá, ao mesmo tempo, encanto e autenticidade. Acontece o mesmo com as máximas destacadas, reduzidas à mais simples expressão proverbial, que não passam então de aforismos, perdendo uma parte de seu valor e de seu interesse, pela falta dos acessórios e das circunstâncias em que foram dadas.

Para evitar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os trechos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral Universal, sem distinção de cultos. Nas citações, conservamos tudo o que era de utilidade ao desenvolvimento do pensamento, suprimindo apenas as coisas estranhas ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão por versículos. Mas, em vez de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível, e sem vantagem real em semelhante assunto, as máximas foram agrupadas e distribuídas metodicamente segundo a sua natureza, de maneira a que umas se deduzam das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação comum, caso se julgue conveniente.

Esse seria apenas um trabalho material, que por si só não teria mais do que uma utilidade secundária. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens obscuras e o desenvolvimento de todas as suas consequências, com vistas à aplicação às diferentes situações da vida. Foi o que procuramos fazer, com ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitas passagens do Evangelho, da Bíblia, e dos autores sagrados em geral são ininteligíveis, e muitas mesmo parecem absurdas por falta de uma chave que nos dê o seu verdadeiro sentido. Essa chave está inteirinha no Espiritismo, como já se convenceram os que estudaram seriamente a doutrina, e como ainda melhor se reconhecerá mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte, na Antigüidade, e em todas as épocas da humanidade. Em tudo encontramos seus traços, nos escritos, nas crenças e nos monumentos, e é por isso que, se ele abre novos horizontes para o futuro, lança também uma viva luz sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, damos algumas instruções, escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países, através de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem surgido de uma fonte única, poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão os seus ensinamentos por toda parte, e que não há ninguém privilegiado a esse respeito (Poderíamos dar, sem dúvida, sobre cada assunto, maior número de comunicações obtidas numa multidão de outras cidades e centros espíritas, além dos que citamos. Mas quisemos, antes de tudo, evitar a monotonia das repetições inúteis, e limitar a nossa escolha às que, por seu fundo e por sua forma, cabem mais especialmente no quadro desta obra, reservando para publicações posteriores as que não entraram aqui. Quanto aos médiuns, deixamos de citá-los. Na maioria, em virtude de seus próprios pedidos, e depois, porque não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns não acrescentariam, aliás, nenhum valor à obra dos Espíritos. Sua citação seria apenas uma satisfação do amor-próprio, pela qual os médiuns verdadeiramente sérios não se interessam. Eles compreendem que, sendo puramente passivo seu papel, o valor das comunicações não aumenta em nada o seu mérito pessoal, e que

seria pueril envaidecerem-se de um trabalho intelectual a que prestam apenas o seu concurso mecânico).

Esta obra é para o uso de todos; cada qual pode dela tirar os meios de conformar sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas nela encontrarão, além disso, as aplicações que lhes concernem mais especialmente. Graças às comunicações estabelecidas, de agora em diante, de maneira permanente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios espíritos, não será mais letra morta, porque cada qual a compreenderá, e será incessantemente solicitado a pô-la em prática, pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as *vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática* do *Evangelho*.

\*

## II - AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA

### Controle Universal do Ensino dos Espíritos

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana não teria como garantia senão as luzes daquele que a tivesse recebido. Ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão de possuir, sozinho, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a apenas um homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria necessário crer sob palavra no que dissesse haver recebido os seus ensinamentos. Admitindo-se absoluta sinceridade de sua parte, poderia no máximo convencer as pessoas do seu meio, poderia fazer sectários, mas não chegaria nunca a reunir a todos.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por meio mais rápido e mais autêntico. Eis porque encarregou os Espíritos de a levarem de um pólo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado e pode enganar-se a si mesmo, mas não aconteceria assim, quando milhões vêem e ouvem a mesma coisa: isto é uma garantia para cada um e para todos. Demais, pode fazer-se desaparecer um homem, mas não se faz desaparecerem massas; podem-se queimar livros, mas não se podem queimar Espíritos. Ora, queimem-se todos os livros, e a fonte da doutrina não será menos inesgotável, porque não se encontra na terra, surge de toda parte e cada um pode captá-la. Se faltarem homens para a propagar, haverá sempre os Espíritos, que atingem a todos e que ninguém pode atingir.

São realmente os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda de inumeráveis médiuns, que eles despertam por toda parte. Se houvesse um intérprete único, por mais favorecido que esse fosse, o Espiritismo estaria apenas conhecido. Esse intérprete, por sua vez, qualquer que fosse a sua categoria, provocaria a prevenção de muitos; não seria aceito por todas as nações. Os Espíritos, entretanto, comunicando-se por toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, independe de todos os cultos particulares, não é imposto por nenhuma classe social, visto que cada um pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era necessário que assim fosse, para que ele pudesse congregar todos os homens à fraternidade, pois se não se colocasse em terreno neutro teria mantido as dissensões, em lugar de apaziguá-las.

Esta universalidade do ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo, e é ao mesmo tempo a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a voz de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, necessitaria de séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e os transmitir aos mais ignorantes e aos mais sábios. a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem de que não pôde gozar nenhuma das doutrinas aparecidas até hoje. Se, portanto, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as transformações físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas não é esta a única vantagem que resulta dessa posição excepcional. O Espiritismo ainda encontra nela uma poderosa garantia contra os cismas que poderiam ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas contradições de certos Espíritos. Essas contradições são certamente um escolho, mas carregam em si mesmas o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência das suas diferenças de capacidades, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que o seu saber é proporcional à sua depuração, que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens; que há, entre eles, como entre estes, presunçosos e falsos sábios, que crêem saber aquilo que não sabem; sistemáticos; que tomam suas próprias idéias pela verdade, enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada, que são completamente desmaterializados, são os únicos libertos das idéias e das preocupações terrenas. Mas sabe-se também que os Espíritos embusteiros não têm escrúpulos para esconder-se atrás de nomes emprestados, a fim de fazerem aceitar as utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que alguém possa obter são de caráter individual, sem autenticidade, e devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, sendo imprudente aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, com os dados positivos que possuímos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto para muitos casos, em virtude da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas, e da tendência de muitos, de tomarem seu próprio juízo por único árbitro da verdade. Em tais casos, que fazem os homens que não confiam absolutamente em si mesmos? Aconselham-se com os outros, e a opinião da maioria lhes serve de guia. Assim deve ser no tocante ao ensino dos Espíritos, que nos fornecem por si mesmos os meios de controle.

A concordância no ensino dos Espíritos é portanto o seu melhor controle, mas é ainda necessário que ela se verifique em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga por si mesmo numerosos Espíritos sobre uma questão duvidosa. É claro que, se ele está sob o império de uma obsessão, ou se tem relações com um Espírito embusteiro, este Espírito pode dizer-lhe a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há garantia suficiente, da mesma maneira, na concordância que se possa obter pelos médiuns de um mesmo centro, porque eles podem sofrer a mesma influência.

*A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.*

Compreende-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se referem aos próprios princípios da doutrina. A experiência prova que, quando um novo princípio deve ser revelado, ele é ensinado *espontaneamente*, ao mesmo tempo, em diferentes lugares, e de maneira idêntica, senão na forma, pelo menos quanto ao fundo. Se, portanto, apraz a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado em suas próprias idéias e fora da verdade, pode-se estar certo de que esse sistema ficará *circunscrito*, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por toda parte, como já mostraram inúmeros exemplos. É esta unanimidade que tem posto abaixo todos os sistemas parciais surgidos na origem do Espiritismo, quando cada qual explicava os fenômenos a seu modo, antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível.

Esta é a base em que nos apoiamos, para formular um princípio da doutrina. Não é por concordar ele com as nossas idéias, que damos como verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: "Crede em tal coisa, porque nós vo-la dizemos". Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, mais do que uma opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que os outros. E não é também porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque ele recebeu a sanção da concordância.

Na nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo, estamos em condições de ver quais os princípios sobre que essa concordância se estabelece. É esta observação que nos tem guiado até hoje, e é igualmente ela que nos guiará, através dos novos campos que o Espiritismo está convocado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações recebidas de diversos lugares, tanto da França como do exterior, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que há uma tendência para entrar numa nova via, e que chegou o momento de se dar um passo à frente. Essas revelações, formuladas às vezes com palavras veladas, passaram quase sempre despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram, e muitos outros acreditaram tê-las recebido sozinhos. Tomadas isoladamente, elas seriam para nós sem valor; somente a coincidência lhes confere gravidade. Depois, quando chega o momento de publicá-las, cada um se lembrará de haver recebido instruções no mesmo sentido. É esse o movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a avaliar a oportunidade de fazermos uma coisa ou de nos abstermos.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se procurará o *criterium* da verdade. O que determinou o sucesso da doutrina formulada no *O Livro dos Espíritos* e no *O Livro dos Médiuns*, foi que, por toda parte, cada qual pode receber, diretamente dos Espíritos, a confirmação do que eles afirmavam. Se, de todas as partes, os Espíritos os contradissem, esses livros teriam, após tão longo tempo, sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. O apoio mesmo da imprensa não os teria salvo do naufrágio, enquanto que, privados desse apoio, não deixaram de fazer rapidamente o seu caminho, porque tive-

ram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, com vantagem, a má vontade dos homens. Assim acontecerá com todas as idéias emanadas dos Espíritos ou dos homens, que puderem suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

Suponhamos, portanto, que alguns Espíritos queiram ditar, com qualquer título, um livro de sentido contrário; suponhamos mesmo que com intenção hostil, e com o fim de desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas. Que influência poderiam ter esses escritos, se eles são desmentidos de todos os lados pelos Espíritos? É da adesão desses últimos que se precisa assegurar, antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só, ao sistema de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem, mesmo, todos os argumentos dos detratores contra a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, vindas do espaço, chegam de todas as partes do Universo, e no seio de cada família os repelem vivamente? A experiência já não confirmou a teoria, no tocante a este assunto? Que foi feito de todas essas publicações que deviam, segundo afirmavam, destruir o Espiritismo? Qual delas conseguiu, pelo menos, deter-lhe a marcha? Até hoje não se havia considerado a questão desse ponto de vista, sem dúvida um dos mais graves. Cada um contou consigo mesmo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua maneira. Quem quer que tentasse fazê-lo desviar de seu fim providencial fracassaria, pela bem simples razão de que os Espíritos, através da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

Resulta de tudo isto uma verdade capital: é que quem desejasse atravessar-se na corrente de idéias estabelecidas e sancionadas, poderia provocar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, quanto menos no futuro.

E resulta mais, que as instruções dadas pelos Espíritos, sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos, não teriam força de lei, enquanto permanecessem isoladas, só devendo, por conseguinte, ser aceita sob todas as reservas, a título de informações.

Daí a necessidade da maior prudência na sua publicação, e no caso de julgar-se que devem ser publicadas, só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas tendo, em todo o caso, necessidade de confirmação. É esta confirmação que se deve esperar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos Superiores procedem, nas suas revelações, com extrema prudência. Só abordam as grandes questões da doutrina de maneira gradual, à medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova. Eis porque, desde o começo, eles não disseram tudo, e nem o disseram até agora, não cedendo jamais à impaciência de pessoas muito apressadas, que desejam colher os frutos antes de amadurecerem. Seria, pois, inútil, querer antecipar o tempo marcado pela Providência para cada coisa, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam-se positivamente a ajudar. Os Espíri-



tos levianos, porém, pouco se incomodando com a verdade, a tudo respondem. É por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a forçosa conseqüência das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões dizem o contrário por toda parte, a presunção de verdade não pode estar com aquele que ficou só, e nem aproximar-se da sua opinião, pois pretender que um só tenha razão, contra todos, seria tão ilógico de parte de um Espírito como de parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não a resolvem jamais de maneira absoluta. Declaram tratar do assunto de acordo com a sua opinião pessoal, e aconselham esperar-se a confirmação.

Por maior, mais bela e justa que seja uma idéia, é impossível que reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a conseqüência inevitável do movimento que se processa, e são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade. É também útil que eles surjam no começo, para que as idéias falsas sejam mais rapidamente desgastadas. Os espíritas que revelam alguns temores devem ficar tranqüilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso *criterium* do controle universal.

*Não será pela opinião de um homem que se produzirá a união, mas pela unanimidade da voz dos Espíritos. Não será um homem, e muito menos nós que qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita. Nem será tampouco um Espírito, vindo impor-se a quem quer que seja. É a universalidade dos Espíritos, comunicando-se sobre toda a Terra, por ordem de Deus. Este é o caráter essencial da doutrina espírita, nisto está a sua força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, e foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só.*

É diante desse poderoso areópago, que nem conhece o conluio, nem as rivalidades ciumentas, nem o sectarismo, nem as divisões nacionais, que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual, *que nós quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir esses decretos soberanos por nossas próprias idéias.* Será ele somente que resolverá todas as questões litigiosas, que fará calar as dissidências e dará falta ou razão a quem de direito. Diante desse grandioso acordo de todas as *vozes do céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que uma gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis portanto o juiz supremo, aquele que pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma delas é verdadeira, tem na balança o seu peso relativo; se uma é falsa, não pode sobrepujar as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades desaparecem, e eis aí um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se esboça; portanto, este século não passará antes que ele brilhe em todo o seu esplendor, de maneira a resolver todas as incertezas; porque daqui para diante vozes poderosas terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para reunir os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o

campo esteja suficientemente preparado. Enquanto isso, aquele que flutuar entre dois sistemas opostos poderá observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício seguro do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, dos diversos pontos sobre os quais se comunicam; é um sinal não menos seguro de qual dos dois sistemas predominará.

\*

## CAPÍTULO I

### NÃO VIM DESTRUIR A LEI

AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS, CRISTO. O ESPIRITISMO –

ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO –

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A NOVA ERA

**1. Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para dar-lhes cumprimento. Porque em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, até que não se cumpra tudo quanto está na lei, até o último jota e o último ponto. (SÃO MATEUS, V: 17-18).**

### MOISÉS

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra é apropriada aos costumes e ao caráter do povo, e se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

*I - Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas debaixo da terra. Não adorarás nem lhes darás culto.*

*II - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.*

*III - Lembra-te de santificar o dia de sábado.*

*IV - Honrarás a teu pai e a tua mãe para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar.*

*V - Não matarás.*

*VI - Não cometerás adultério.*

*VII - Não furtarás.*

*VIII - Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.*

*IX - Não desejarás a mulher do próximo.*

*X - Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra coisa alguma que lhe pertença.*

Esta lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso: mesmo, um caráter divino. Todas as demais são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter pelo temor um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha de combater alguns abusos arraigados e preconceitos adquiridos du-

rante a servidão no Egito. Para dar autoridade às suas leis, ele teve de lhes atribuir uma origem divina, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem devia apoiar-se sobre a autoridade de Deus. Mas só a idéia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, em que o senso moral e o sentimento de uma estranha justiça estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que aquele que havia estabelecido em seus mandamentos: "não matarás" e "não farás mal ao teu próximo", não poderia contradizer-se, ao fazer do extermínio um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, portanto, um caráter essencialmente transitório.

### **CRISTO**

3. Jesus não veio destruir a lei, o que quer dizer: a lei de Deus. Ele veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens. Eis porque encontramos nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base de sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ele, pelo contrário, as modificou profundamente, no fundo e na forma. Combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical do que reduzindo-as a estas palavras: "Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo", e ao acrescentar: "Esta é toda a lei e os profetas".

Por estas palavras: "O céu e a terra não passarão, enquanto não se cumprir até o último jota", Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, ou seja, que fosse praticada sobre a terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas conseqüências. Pois de que serviria estabelecer essa lei, se ela tivesse de ficar como privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Todos os homens, sendo filhos de Deus, são, sem distinções, objetos da mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da natureza divina da sua missão. Ele veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na terra, mas no Reino dos Céus; ensinar-lhes o caminho que os conduz até lá, os meios de se reconciliarem com Deus, e os advertir sobre a marcha das coisas futuras, para o cumprimento dos destinos humanos. Não obstante, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que ele mesmo declarou não poderem ser então compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos claros, de maneira que, para entender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-nos a chave. Essas idéias não podiam surgir antes de um certo grau de amadurecimento do espírito humano. A ciência devia contribuir poderosamente para o aparecimento e o desenvolvimento dessas idéias. Era preciso, pois, dar tempo à ciência para progredir.

### **O ESPIRITISMO**

5. O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material. Ele nos mostra esse mundo, não mais como sobrenatural, mas, pelo contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes na natureza, como a fonte de uma infinidade de fenômenos até então in-

compreendidos, e por essa razão rejeitados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo se refere em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse ficaram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave que nos ajuda a tudo explicar com facilidade.

6. A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, em Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus. Mas não está personificado em ninguém, porque ele é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, em todas as partes da terra e por inumerável multidão de intermediários. Trata-se, de qualquer maneira, de um ser coletivo, compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, cada qual trazendo aos homens o tributo de suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera.

7. Da mesma maneira que disse o Cristo: "Eu não venho destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento", também diz o Espiritismo: "Eu não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento". Ele nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas o desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito sob forma alegórica. Ele vem cumprir, na época predita, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside, assim como preside ao que igualmente anunciou: a regeneração que se opera e que prepara o Reino de Deus sobre a terra.

### ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. *Mas aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.* Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de idéias, provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando juntas, sirvam uma de apoio para a outra. Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até agora, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliavam-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência dessas relações, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, esta nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Mas nisto, como em tudo, há os que ficam retardados, até que sejam arastados pelo movimento geral, que os esmagará, se quiserem resistir em vez de se entregarem. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento, sob a ação dos Espíritos. Depois de elaborada durante mais de dezoito séculos, ela chega ao momento de eclosão, e marcará uma nova era da humanidade. São fáceis de prever as suas conseqüências: ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

\*

## INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

### A NOVA ERA

#### • Um Espírito Israelita •

Mulhouse, 1861

9. Deus é único, e Moisés o Espírito que Deus enviou com a missão de fazê-lo conhecer, não somente pelos hebreus, mas também pelos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para fazer sua revelação, através de Moisés e dos Profetas, e as vicissitudes da vida desse povo foram feitas para chocar os homens e arrancar-lhes dos olhos o véu que lhes ocultava a divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, trazem o germe da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia reduziam-lhes: o sentido, porque, postos em ação em toda a sua pureza, não seriam então compreendidos. Mas os Dez Mandamentos de Deus nem por isso deixaram de ser o brilhante frontispício da obra, como um farol que devia iluminar para a humanidade o caminho a percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos chamados à regeneração. E esses povos, semi-selvagens quanto ao aperfeiçoamento espiritual, não teriam compreendido a adoração de Deus sem os holocaustos ou sacrifícios, nem que se pudesse perdoar a um inimigo. Sua inteligência, notável no tocante às coisas materiais, e mesmo em relação às artes e às ciências, estava muito atrasada em moralidade, e eles não se submetiam ao domínio de uma religião inteiramente espiritual. Necessitavam de uma representação semi-material, como a que então lhes oferecia a religião hebraica. Os sacrifícios, pois, lhes falavam aos sentidos, enquanto a idéia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura moral, a mais sublime: a moral evangélica, cristã, que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los fraternos; que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade comum. Uma moral, enfim, que deve transformar a terra, fazê-la morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a natureza está sujeita, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se serve para elevar a humanidade.

São chegados os tempos em que suas idéias morais devem desenvolver-se, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Elas devem seguir o mesmo roteiro que as idéias de liberdade seguiram, como suas pre-

cursoras. Mas não se pense que esse desenvolvimento se fará sem lutas. Não, porque elas necessitam, para chegar ao amadurecimento, de agitações e discussões, a fim de atraírem a atenção das massas.

Uma vez despertada a atenção, a beleza e a santidade da moral tocarão os Espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que lhes traz a chave da vida futura e lhe abre a porta da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

• Fénelon •

Poitiers, 1861

**10.** Um dia, Deus em sua inesgotável caridade, permitiu ao homem ver a verdade através das trevas. Esse dia foi o do advento de Cristo. Depois do vivo clarão, porém, as trevas se fecharam de novo. O mundo, após alternativas de verdade e obscuridade, novamente se perdia. Então, semelhantes aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos começaram a falar e a vos advertir. O mundo foi abalado nas suas bases: o trovão ribombará; sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois repousa sobre as próprias leis da natureza. E crede que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo elevado e útil. Vosso mundo se perdia. A ciência, desenvolvida com o sacrifício dos interesses morais, vos conduzia unicamente ao bem-estar material, revertendo-se em proveito do espírito das trevas. Vós o sabeis, cristãos: o coração e o amor devem marchar unidos à ciência. O Reino do Cristo, ai de nós! Após dezoito séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, voltai para o Mestre que vos quer salvar. Tudo é fácil para aquele que crê e que ama: o amor o enche de gozo inefável. Sim, meus filhos, o mundo está abalado. Os bons Espíritos vo-lo dizem sempre. Curvai-vos sob o sopro precursor da tempestade, para não serdes derrubados. Quero dizer: preparai-vos e não vos assemelheis às virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se prepara é mais moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, insuflam a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardentes, façais ouvir vossa humilde voz. Porque vós sois o grão de areia, mas sem os grãos de areia não haveria montanhas. Assim, portanto, que estas palavras: "Nós somos pequenos", não tenha sentido para vós. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o seu formigueiro, e animaizinhos insignificantes não formam continentes? A nova cruzada começou: apóstolos da paz universal, e não da guerra, modernos São-Bernardos, olhai para a frente e marchai! A lei dos mundos é a lei do progresso.

• Erasto, Discípulo de São Paulo •

Paris, 1863

**11.** Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo. Ele se manifesta por quase toda parte, e a razão disso a encontramos na vida desse grande filósofo cristão. Pertence a essa vigorosa falange dos Pais da Igreja, a que a Cristandade deve as suas mais sólidas bases. Como muitos, ele foi arrancado ao paganismo, ou melhor diremos, à mais profunda impiedade, pelo clarão da verdade. Quando, em meio de seus desregramentos, ele sentiu na própria alma a estranha vibração que o chamava para si mesmo e lhe fez compreender que a felicidade não estava nos prazeres enervantes e fugidios; quando, enfim, na

sua Estrada de Damasco, ele também ouviu a santa voz que lhe clamava: "Saulo, Saulo, por que me persegues?"

Exclamou: "Meu Deus! Meu Deus, perdoa-me, eu creio, sou cristão!" E desde então se tornou um dos mais firmes pilares do Evangelho. Podemos ler, nas notáveis confissões desse eminente Espírito, as palavras características e proféticas, ao mesmo tempo, que ele pronunciou ao ter perdido Santa Mônica: "Estou certo de que minha mãe virá visitar-me e dar-me os seus conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura". Que lição nestas palavras, e que brilhante previsão da futura doutrina! É por isso que hoje, vendo chegada a hora de divulgação da verdade, que ele já havia pressentido, faz-se o seu ardente propagador, e se multiplica, por assim dizer para atender a todos os que o chamam.

**NOTA** - Santo Agostinho vem, por acaso, modificar aquilo que ensinou? Não, seguramente, mas como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não podia ver como homem. Sua alma liberta percebe claridades novas, e compreende-o que antes não compreendia. Novas idéias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras. Quando na terra, julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía; mas, quando uma nova luz se fez para ele, pode julgá-las com maior clareza. É assim que ele deve revisar sua crença referente aos espíritos incubos súcubos, bem como o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora, que o Cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, ele pode, sobre certos pontos, pensar de maneira diversa de quando vivia, sem deixar de ser o apóstolo cristão. Pode, sem renegar a sua fé, fazer-se o propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento das predições. Ao proclamá-lo, hoje, nada mais faz do que conduzir-nos a uma interpretação mais sã e mais lógica dos textos. Assim também acontece com outros Espíritos, que se encontram numa posição semelhante.

\*

## LIVRO: “OS TRÊS CAMINHOS DE HÉCATE”

**J. HERCULANO PIRES**

**Editora Paidéia. 9ª edição, 2004.**

### **MORAL E RELIGIÃO**

Numerosas vezes temos assinalado o sentido profundamente religioso de “O Livro dos Espíritos”. Há estudiosos, entretanto, que não percebem esse sentido, preferindo encarar a obra fundamental da doutrina como simplesmente filosófica. Por isso, fazendo coro com os adversários do Espiritismo, inadvertidamente, chegam a negar o seu aspecto religioso. Dessa falsa posição resultam lamentáveis confusões, tanto entre adeptos pouco inteirados do assunto, quanto entre leigos que se interessam pela doutrina.

Emmanuel definiu o Espiritismo, na obra “O Consolador”, como sendo “um triângulo de forças espirituais”. A base desse triângulo, que se assenta na Terra, tem como ângulos a Ciência e a Filosofia. O vértice, que se volta para o céu, é a Religião. Essa imagem corresponde exatamente à definição de Kardec, em “O que é o Espiritismo”, quando o codificador afirma que o Espiritismo é ao mesmo tempo Ciência e Filosofia, de conseqüências morais.

O fato de Kardec não haver mencionado a palavra “religião” faz com que alguns estudiosos rejeitem a semelhança que apontamos. Convém lembrar, porém, que Kardec era discípulo de Pestalozzi, cuja doutrina pedagógica só admitia a religião como moral. Para o grande mestre de Yverdun, a religião se manifestava através de três fases. Havia a religião animal, a religião social e a religião moral. Somente esta última, depurada de todos os convencionalismos sociais, e por isso mesmo traduzindo-se por moralidade pura, no mais alto sentido da palavra, era digna de figurar em sua doutrina pedagógica.

Além disso, é preciso convir que Kardec, ao formular a sua definição, já havia recebido as instruções do Espírito da Verdade, que lhe anunciava o restabelecimento do Cristianismo primitivo. Ora, esse Cristianismo puro havia sido deturpado pelas influências daquilo que Pestalozzi chamava “religião social”, e que Bergson definiria, em nossos dias, como “religião estática”. Mas a “religião social” era a única forma de religião admitida na época. Fiel aos princípios da filosofia pedagógica em que formara o seu espírito, fiel aos ensinamentos espirituais recebidos e fiel, ainda, ao ensino de Jesus nos Evangelhos (veja-se a passagem da mulher samaritana), Kardec substituiu a palavra “religião”, que poderia provocar confusões, pela palavra “moral”, que livrava o Espiritismo de qualquer interpretação dogmática e infiltração ritual.

Se estas razões de ordem histórica e, portanto, concretas não bastassem, teríamos ainda a própria declaração de Kardec a respeito, no seu derradeiro discurso, e teríamos também a sua definição religiosa em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Mas não se precisa de tanto, para compreender o sentido religioso do Espiritismo. Basta a análise do próprio texto de “O Livro dos Espíritos”, que começa pela definição de Deus, aponta Jesus como o modelo humano e termina tratando das leis morais, da lei religiosa de adoração e das penas e gozos futuros. Negar que tudo isto seja religião é a mesma coisa que negar a existência da luz solar.



Por tudo isso, alegra-nos a publicação do livro de Emmanuel, “Religião dos Espíritos”, psicografado por Chico Xavier. O luminoso guia espiritual não vem apresentar-nos, nesse pequeno grande livro, nenhuma doutrina pessoal, mas apenas uma tentativa de aprofundamento espiritual do aspecto religioso de “O Livro dos Espíritos”. À maneira do que fez com os Evangelhos, em tantas mensagens esclarecedoras, Emmanuel comenta questões da obra básica da doutrina, penetrando-lhes o sentido espiritual.

Este pequeno-grande livro é, portanto, um convite, como o diz o autor, no prefácio, ao estudo mais aprofundado da religião “em espírito e verdade” que a obra básica nos oferece. Emmanuel declara esperar a colaboração dos “companheiros de tarefa”. Essa colaboração só pode ser dada por aqueles que forem capazes de se dedicar ao estudo da obra básica, penetrando-lhe “a essência redentora”. Kardec acentuava que o Espiritismo “não é uma questão de forma, mas de fundo”. O problema da religião espírita insere-se exatamente nessa definição do codificador.

Tratando-se de uma religião em espírito e verdade, segundo a definição de Jesus, no episódio da mulher samaritana; de uma religião moral, segundo Pestalozzi; de uma religião dinâmica, liberta de formalismo, de acordo com a definição bergsoniana; ou de moralidade pura, segundo o próprio Kardec; a religião espírita não pode ser encarada de maneira formal, mas substancial. Quando colocamos de lado a letra que mata, para penetrar o espírito que vivifica, tudo se esclarece.

\*

### SINCRETISMO RELIGIOSO

O surto, realmente notável, de propagação da Umbanda em nosso país, nos últimos anos, provocou numerosas confusões a respeito do Espiritismo. Os adversários da doutrina aproveitaram a oportunidade para acentuar e ampliar essas confusões. Por outro lado, nos próprios meios espíritas, muitos confrades deixaram-se envolver. Houve mesmo um momento em que instituições doutrinárias respeitáveis não foram capazes de resistir à onda confusionista. De tudo isso, resultou que ainda agora, nos meios doutrinários, há quem pergunte se Umbanda é ou não é Espiritismo.

Desde o início das confusões tratamos do assunto, procurando esclarecê-lo à luz dos princípios doutrinários, dos estudos sociológicos e dos dados históricos. Entendemos haver demonstrado, sobejamente e rigorosamente, que não há possibilidade de confusões a respeito e que estas decorrem, fatalmente, de ausência de conhecimento. Somente os que não conhecem o Espiritismo, não sabem o que é a doutrina espírita e não possuem noções dos trabalhos de investigação sociológica realizados no país e no estrangeiro, a respeito dos sincretismos religiosos afro-católicos, podem ficar confusos ante o fenômeno de propagação da Umbanda entre nós.

Que nos perdoem as pessoas ilustres, algumas de projeção no meio espírita, levadas na onda de confusões. O simples fato de se terem deixado envolver demonstra que, indiscutivelmente, não estavam seguras no terreno doutrinário. Um sólido conhecimento espírita não permite a mais leve discrepância nesse sentido. Porque o Espiritismo é uma doutrina espiritual de bases científicas, de estrutura filosófica bem definida e de conseqüências morais ou religiosas en-

quadradas nas exigências da razão. Uma doutrina, portanto, que não comporta superstições, resíduos do irracionalismo primitivo ou apegos místicos a fórmulas rituais e sacramentais.

Do ponto de vista doutrinário, é simples absurdo, verdadeira aberração, dizer que Umbanda é Espiritismo. Se, por outro lado, encaramos o problema do ponto de vista histórico, a confusão se torna impossível, pois os dados históricos nos mostram que o Espiritismo é uma doutrina recente, formulada na França em meados do século XIX, que só se transplantou para o Brasil nos fins daquele século, enquanto a Umbanda é uma forma de religião primitiva dos negros africanos, que veio ao Brasil com o tráfico negreiro. Nada menos de três séculos separaram as primeiras manifestações de Umbanda em nosso país, do aparecimento dos primeiros núcleos espíritas. Do ponto de vista sociológico, os estudos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre e outros, documentam poderosamente a origem afro-católica da Umbanda.

Recentemente, a Cia. Editora Nacional publicou, como volume 280 da 5ª série de sua famosa coleção Brasileira, um estudo atualizado do professor Waldemar Valente, catedrático de antropologia e etnologia na Universidade do Recife e na Universidade Católica de Pernambuco, intitulado “Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro”, com prefácio do professor Amaro Quintas. Trata-se de volume relativamente pequeno, de 164 páginas de texto, seguido de bibliografia valiosa e numerosas ilustrações. Apesar de fazer ainda certa confusão entre Espiritismo e formas fetichistas de religiões africanas e indígenas, confusão muito comum entre os eruditos que não conhecem Espiritismo, o livrinho do professor Waldemar Valente, escrito em linguagem popular, esclarece bem o problema da origem e natureza da Umbanda.

Na bibliografia espírita temos o importante trabalho de Alfredo d’Alcântara, “Umbanda em Julgamento”, e o de Deolindo Amorim, “Africanismo e Espiritismo”, que são bastante elucidativos. Há pouco, a Federação Espírita do Paraná lançou um opúsculo de Deolindo Amorim, “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, em que aparece um confronto esclarecedor entre Umbanda e Espiritismo. Nesses livros, de orientação doutrinária, o leitor encontra maiores elucidações quanto às diferenças de uma e outra doutrina. Aliás, a doutrina umbandista está ainda em fase de elaboração e reproduz em nossos dias o esforço medieval de construção das doutrinas cristãs tradicionais: a luta para racionalizar o dogma ou adaptar sistemas racionais ao misticismo primitivo.

Há, pois, um aspecto curioso na Umbanda, que ainda não foi estudado. Ela aparece como uma fase de medievalismo psíquico, um período de passagem de largas camadas populares do animismo e do fetichismo para as formas racionalizadas do sentimento religioso. O Espiritismo, pelo contrário, oferece-nos a última fase do desenvolvimento desse sentimento, que aparece despido de formas imaginárias, de resíduos supersticiosos ou fetichistas, de sistemas rituais, litúrgicos, sacramentais e até mesmo de organização sacerdotal. O Espiritismo supera o medieval e o moderno, abrindo perspectivas para o futuro. A religião que dele resulta nada tem a ver com os rituais de Umbanda e muito menos com a assimilação de todo o formalismo católico pelo fetichismo africano.

Quanto ao fato de haver médiuns na Umbanda, é preciso compreender que a mediunidade não é uma invenção espírita. Médiuns sempre existiram, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos,

as pitonisas, os profetas, como o são os xamãs e os pajés dos povos selvagens ou semi-selvagens atuais. Espiritismo não é mediunismo. A mediunidade é uma condição da natureza humana, que permite o intercâmbio de vivos e mortos, ou de encarnados e desencarnados, ou ainda dos homens com os espíritos. O Espiritismo estuda essa condição e procura discipliná-la, para esclarecer, dentro da razão e através de métodos experimentais, o problema da sobrevivência humana e do destino do homem após a morte.

\*

### MEDIUNIDADE BÍBLICA

Espiritismo não é evocação de mortos. Não é magia. Não é macumba nem umbanda. As pessoas que conhecem a história do pensamento moderno sabem que o Espiritismo é uma doutrina religiosa, de bases científicas e filosóficas, elaborada em Paris, em meados do século XIX, por um ilustre pedagogo francês. Encontra-se nas livrarias o livrinho “O Espiritismo”, de Yvonne Castellan, tradução da coleção “Que sais-je?”, publicada pela Difusão Européia do Livro em sua coleção “Saber Atual”. Pequeno volume de vulgarização cultural, que poderá esclarecer os que ainda confundem esse problema.

Note-se que Yvonne Castellan não é espírita. O tradutor brasileiro do livro é católico. A editora também não é espírita. Não se trata de obra de propaganda doutrinária, mas de simples divulgação cultural, como toda a coleção “Que sais-je?” na França e sua similar no Brasil, a “Saber Atual”. Os católicos, portanto, não devem estar proibidos de ler esse livro. Justamente por não ser espírita, a autora comete vários enganos, mas, no geral, faz um trabalho sincero, procurando acertar. Pelo menos confirma o que estamos dizendo: que o Espiritismo é uma doutrina moderna, apoiada em fatos, em investigações científicas e estruturada com precisão lógica.

Encontra-se também nas livrarias o grande livro de Conan Doyle: “História do Espiritismo”, traduzido por Julio Abreu Filho e publicado pela Editora Pensamento. Conan Doyle era espírita, mas sua imparcialidade foi louvada por toda a imprensa inglesa. E o livro de Kardec, do próprio codificador da doutrina, intitulado “O que é o Espiritismo”, também é facilmente encontrado nas livrarias, em boas traduções portuguesas. Além disso, toda a coleção das obras fundamentais do Espiritismo está traduzida e editada em nossa língua. Só desconhecem, pois, o Espiritismo os que não querem conhecê-lo ou os que fingem confundir-lo com outras coisas.

Por outro lado, o Espiritismo não é condenado pela Bíblia. Muito pelo contrário, encontra vigoroso apoio nos textos bíblicos. Ainda há pouco, a Editorial Victor Hugo, de Buenos Aires, publicou uma tradução castelhana do livro de Stecki: “O Espiritismo na Bíblia”. Entre os vários trabalhos brasileiros a respeito, podemos citar o livro do professor Romeu Amaral Camargo, “De Cá e de Lá”, que apresenta o Espiritismo no Velho e no Novo Testamento. Repetir, pois, que essa doutrina é condenada na Bíblia, é simplesmente fechar os olhos às demonstrações contrárias, que são vigorosas, como veremos a seguir.

Os espíritos não evocam os mortos. O que fazem é apenas atender aos Espíritos, através de médiuns. Uma e outra coisa, Espíritos e Médiuns, sempre existiram no mundo. Não foi o Espiritismo que os criou. Limitou-se apenas a constatar a existência de ambos, a tirar desse fato as conclusões necessárias e a

utilizá-lo para o engrandecimento espiritual e moral da humanidade. Aquilo que era mistério na antiguidade, e que ainda hoje o é, para os antiespíritas, tornou-se claro no Espiritismo. A ciência espírita tirou à mediunidade o seu aspecto de bruxedo, de magia, que a ignorância lhe dava, como a ciência física tirou aos fenômenos atmosféricos o sentido fantástico que a ignorância lhe atribuía. Demonstrado, cientificamente, que os chamados mortos estão mais vivos do que nós e podem comunicar-se conosco – o que todas as religiões admitem e praticam –, o Espiritismo estabeleceu as normas necessárias para essas comunicações.

Contra isso, alega-se a proibição bíblica. E chega-se a citar até mesmo aquele trecho do Êxodo: “Não deixarás viver os feiticeiros”, que serviu de base para terríveis matanças de médiuns no passado. Mas o principal texto citado é o capítulo 18 do Deuteronomio. Nesse capítulo, porém, o que está proibido é exatamente o que o Espiritismo proíbe. Nada do que ali se encontra é praticado pelos espíritas. E se consultarmos o livro de Números, capítulo 11, versículos 26 e 29, veremos Moisés aplaudir a mediunidade e desejar mesmo que ela se propague a todas as criaturas. Para os que entendem a proibição anterior como absoluta, a Bíblia se contradiz. Mas para os que compreendem que Moisés proibia os abusos e as imposturas, como o Espiritismo os proíbe, a Bíblia se mostra coerente e concorda plenamente com o ensino espírita.

Em provérbios, 31:1-9, o espírito da mãe de Lamuel aparece-lhe para lhe transmitir conselhos. Em Juízes, 13, um espírito aparece a Manué e sua mulher. Os profetas, em seus livros, falam de muitas formas de comunicações de espíritos. O apóstolo Paulo, na sua primeira epístola aos coríntios, descreve as reuniões mediúnicas dos apóstolos. João recomenda que verifiquemos se os espíritos comunicantes são de Deus ou não, da mesma maneira que o Espiritismo recomenda analisarmos as comunicações. Como diz o grande pensador italiano Ernesto Bozzano: as bases da religião estão na mediunidade. Mas encerremos esta rápida exposição com o magnífico episódio da “magia” e da “necromancia” na própria Bíblia.

Conta-nos o texto sagrado (Números, 18) que Moisés recebia a comunicação do Senhor, tendo ao seu redor os setenta anciãos. O Senhor, “tirando do espírito que havia em Moisés”, deu-o aos anciãos, que também passaram a profetizar. Mas nos versículos 24 e 29 vemos o ministro Josué contar a Moisés que dois jovens, Eldad e Medad, recebiam espíritos no campo. Josué pede a Moisés que os proíba de fazerem isso. E Moisés lhe responde: “Que zelos são esses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse e que o Senhor lhe desse o seu Espírito!” Como vemos, Moisés era médium e desejava a mediunidade para todo o povo. Mas queria que os médiuns recebessem os espíritos dentro de normas morais e com elevada espiritualidade, como o quer o Espiritismo. Que Deus abra os olhos e os ouvidos daqueles que insistem em dizer o contrário!

\*

### FANATISMO SECTÁRIO

As campanhas religiosas contra o Espiritismo recrudescem de quando em quando, nesta ou naquela cidade. E apresentam sempre as mesmas características anti-religiosas das lutas sangrentas de outros tempos. Começam às vezes de maneira piedosa, anunciando a intenção fraterna de salvar as almas transviadas,

através de orações. Mas em breve recaem na prática da violência verbal, da deturpação grosseira da verdade e até mesmo do sectarismo desumano, que aconselha a inimizade e alimenta o ódio entre as criaturas.

Quando Jesus veio ao mundo, as religiões, em sua esmagadora maioria, eram sistemas exclusivistas de crença, baseados em fortes resíduos da vida tribal; sistemas fechados, que isolavam os seus adeptos de qualquer contato com os adeptos de outros sistemas, sustentando-se por meio de prescrições violentas, com maldições e anátemas. A endogamia era um dos princípios básicos dessas religiões primárias. Nem mesmo o judaísmo, que já havia superado a idolatria e o politeísmo, conseguira romper essa estrutura antiquada.

Diante de um mundo dividido em religiões de violência, de separatismo e de ódio, Jesus pregou o amor e a fraternidade. Sua atitude perante o cisma judaico dos samaritanos tornou-se um exemplo vivo dos seus ensinamentos. O odiado samaritano foi por ele apontado como bom, em contraste com o fariseu formalista, vaidoso, que se julgava eleito de Deus e único intérprete do Céu diante dos homens. Os “goyn”, ou estrangeiros, considerados impuros pelos judeus, foram convidados para o banquete da vida eterna.

No seu encontro com a mulher samaritana, o Divino Mestre deixou o mais belo exemplo da verdadeira compreensão religiosa. Longe de condenar a mulher e querer convertê-la para a seita em que Ele havia nascido, limitou-se a dizer-lhe palavras de amor e ensinar-lhe que: “os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e verdade”. Ensinou-lhe claramente, como o registram os textos evangélicos, que a verdadeira religião não se praticava no Templo de Jerusalém, nem no Monte Garizim, dos samaritanos, mas no coração do homem.

Jesus quebrou, assim, o arcabouço tribal das religiões exclusivistas, para ensinar o verdadeiro sentido da religião, que é o amor. Pois o que é religião? Alguma coisa que une ou que desune? Política sectária, acirrando ódios e fomentando divisionismos, ou prática da caridade, segundo a límpida interpretação do apóstolo Paulo, e conforme o ensino de Jesus, que nos manda amar aos próprios inimigos?

Vemos assim que combater o Espiritismo, em nome da religião, com pregações de ódio, de inimizades, com insinuações maldosas e com deturpações grosseiras da doutrina e da prática espíritas, não é mais do que retroceder a conceitos antiquados sobre religião e sobre salvação. É simplesmente voltar, no tempo e no espaço, àquele mundo de fanatismo sectário que levou o Divino Mestre ao suplício da cruz, em nome de convenções humanas e de interesses imediatistas. Por outro lado, essas campanhas são a verdadeira negação da religião. No passado, como todos sabem, campanhas dessa espécie produziram manufaturas horríveis, como a da Noite de São Bartolomeu, em Paris, ou as fogueiras inquisitoriais.

Foi por esse motivo que Kardec evitou apresentar o Espiritismo como uma nova religião. Mostrando o seu sentido profundamente religioso, apresentando-o como restabelecimento do Cristianismo verdadeiro na Terra, Kardec recusou-se, entretanto, a fazer dele um sistema de crença formalista. Os que discordarem dessa posição de Kardec, que foi, aliás, a mesma de Jesus – do Mestre Divino que Kardec aponta como modelo para a evolução do homem a Terra –,

que combatam o Espiritismo no plano da razão, com argumentos e não com as ameaças do ódio sectário.

Kardec costumava dizer: “Se alguém quer nos tirar o Espiritismo, que nos ofereça coisa melhor.” Os espíritas estão sempre prontos a examinar todas as coisas, como ensinava o apóstolo Paulo. Nenhum espírita está proibido de ler os livros, os jornais, as revistas, os boletins, ou de ouvir os sermões e as palestras referentes a outras religiões. Nenhum espírita é impedido, sob qualquer espécie de ameaça, de entrar num templo de outra religião, de ter amizade com pessoas não espíritas ou de casar-se com ateus, materialistas, católicos, protestantes, budistas ou o que quer que seja.

Por quê? Porque o Espiritismo não pretende escravizar ninguém aos seus princípios, mas deseja que todos o aceitem livremente, por imperativo da própria consciência de cada qual. Assim, a única maneira eficiente de combater o Espiritismo seria provar os seus erros, mostrar aos adeptos, ou àqueles que se interessam por ele, que esta ou aquela religião pode oferecer mais e melhor do que ele. Essa, aliás, seria uma maneira religiosa de combatê-lo.

Mas quem a pratica? Quem já se lançou contra o Espiritismo dessa maneira religiosa, despertando a alma para maior compreensão da espiritualidade? O que temos visto, e o que vemos constantemente, é justamente o contrário. É a agressão contra a doutrina e os adeptos, a deturpação da verdade, a falta de conhecimento ou de sinceridade na análise do Espiritismo, o esforço, consciente ou inconsciente, para apresentá-lo como instrumento do diabo.

Que Deus nos auxilie, a todos nós, que vivemos iluminados pelos princípios do Cristianismo redivivo, no conhecimento verdadeiro da Doutrina Espírita, para não aceitarmos a provocação dessas lutas anti-fraternas. Que saibamos preservar, diante dos adversários agressivos, a serenidade e o amor que o Cristo pregou ao mundo de violência seu tempo.

\*

## RELIGIÃO ESPIRITUAL

A difusão do Espiritismo é feita através da boa-vontade humana, assistida pelos Espíritos. Quando o historiador do futuro quiser fazer o levantamento histórico do fenômeno espírita, defrontar-se-á com este dado espantoso: o Espiritismo difundiu-se sem apoio e contra a vontade de todas as instituições sociais dos séculos XIX e XX. E nem sequer o movimento espírita constituiu-se numa instituição capaz de amparar sua propagação. Pelo contrário, em todo o mundo, o movimento espírita desenvolveu-se no plano da mais pura democracia, da mais ampla liberdade, num processo que, no bom sentido do termo, podemos chamar anárquico.

O próprio Cristianismo primitivo apoiou-se, inicialmente, na poderosa instituição do judaísmo. Depois, ao se destacar das sinagogas, erigiu-se imediatamente em nova instituição, organizada em forma de igreja. A Reforma Protestante amparou-se no poder temporal dos principados alemães, convertendo-se imediatamente, logo no nascedouro, em poderosa organização eclesiástica. As sociedades ocultas seguiram sempre o modelo institucional dos antigos mistérios orientais. Mas o Espiritismo não seguiu nenhum desses caminhos. Nasceu como um movimento livre, impulsionado apenas, como dizia Kardec, “pela força das

coisas”, e, embora tremendamente combatido por todos os lados, propagou-se por todo o mundo.

Compreendemos a natureza desse fenômeno curioso ao nos lembrarmos da maneira espontânea e autônoma por que foram sempre criadas as sociedades espíritas, a partir da célula máter da Sociedade Espírita de Paris, organizada pelo próprio Kardec. Não se tratava de uma organização de tipo eclesiástico, mas puramente civil. Associação de estudos, com personalidade jurídica, amparada exclusivamente no direito comum que a lei assegura a todos. Kardec não se arrojou jamais um título qualquer de chefe e ninguém lhe conferiu jamais semelhante título. Sua posição decorria do trabalho por ele desenvolvido. Foi um chefe natural.

Depois dele, as organizações nacionais e internacionais de Espiritismo, na Europa e na América, não seguiram outros sistemas. Agora mesmo, quando se desenvolve em nosso país um amplo trabalho de unificação do movimento espírita, essa unificação não se processa de maneira coercitiva, com base no princípio de autoridade institucional, mas no plano da mais pura democracia. O movimento unificador é antes de tudo um processo de aglutinação fraterna das associações doutrinárias, sob autoridade única da própria doutrina. Não há chefes, nem organismos autoritários. O espírito da unificação é a fraternidade cristã, ensinada por Jesus.

Nada exprime melhor a natureza espiritual da religião espírita, do que o processo mesmo do seu desenvolvimento. As religiões, em geral, incorporam-se em grandes organismos sociais. Transformam-se, por isso mesmo, em instituições rigidamente estruturadas. Seu espírito, o sopro que as anima, enquadra-se numa forma eclesiástica. Essa forma, à semelhança do corpo humano, restringe e muitas vezes asfixia o dinamismo interior que gerou as religiões. Henri Bergson estudou esse processo, considerando as religiões institucionais como “estáticas”, mas reconheceu a existência de uma religião dinâmica, que não se sujeita às formas de rígida estruturação social.

As conclusões de Bergson nos lembram o ensino de Jesus à mulher samaritana: “Tempo virá, em que os verdadeiros adoradores de Deus o adorarão em espírito e verdade”. Libertar o espírito religioso das formas institucionais, libertá-lo das formas literais, como ensinava Paulo, em sua referência à letra que mata, e permitir à religião a sua plena realização espiritual, eis a finalidade do Cristianismo, que o Espiritismo vem objetivar em nosso tempo. “O sacerdócio organizado é o cadáver da religião”, diz Emmanuel. O Espiritismo, no seu aspecto de Consolador prometido pelo Cristo, procura atingir o plano da religião espiritual. Conan Doyle, o grande escritor inglês, o chamou de “religião psíquica”.

As pessoas que realmente se interessam pelos valores religiosos – não pelos valores sociais incorporados às instituições religiosas, mas pelos valores espirituais que constituem a essência da religião – encontrarão no Espiritismo a fonte pura que procuram. O movimento espírita é um sopro espiritual que percorre o nosso tempo, levantando as almas do velho apego ao formalismo e ao autoritarismo, para lhes conferir o direito à liberdade e o senso de responsabilidade que decorre desse direito. Não importa que poucos adeptos compreendam isso. Não importa que em muitos núcleos doutrinários encontremos ainda o ranço de um misticismo superado pela doutrina. Os erros pertencem aos homens,

decorrem de suas imperfeições, do próprio processo evolutivo em que se encontram. Mas a mensagem pura da doutrina eleva-se acima dos homens e dos erros, convidando-nos a todos, sem exceção, para uma compreensão mais ampla e mais bela do mundo e da vida.

\*

FINAL DO SEGUNDO ANO



## BIBLIOGRAFIA